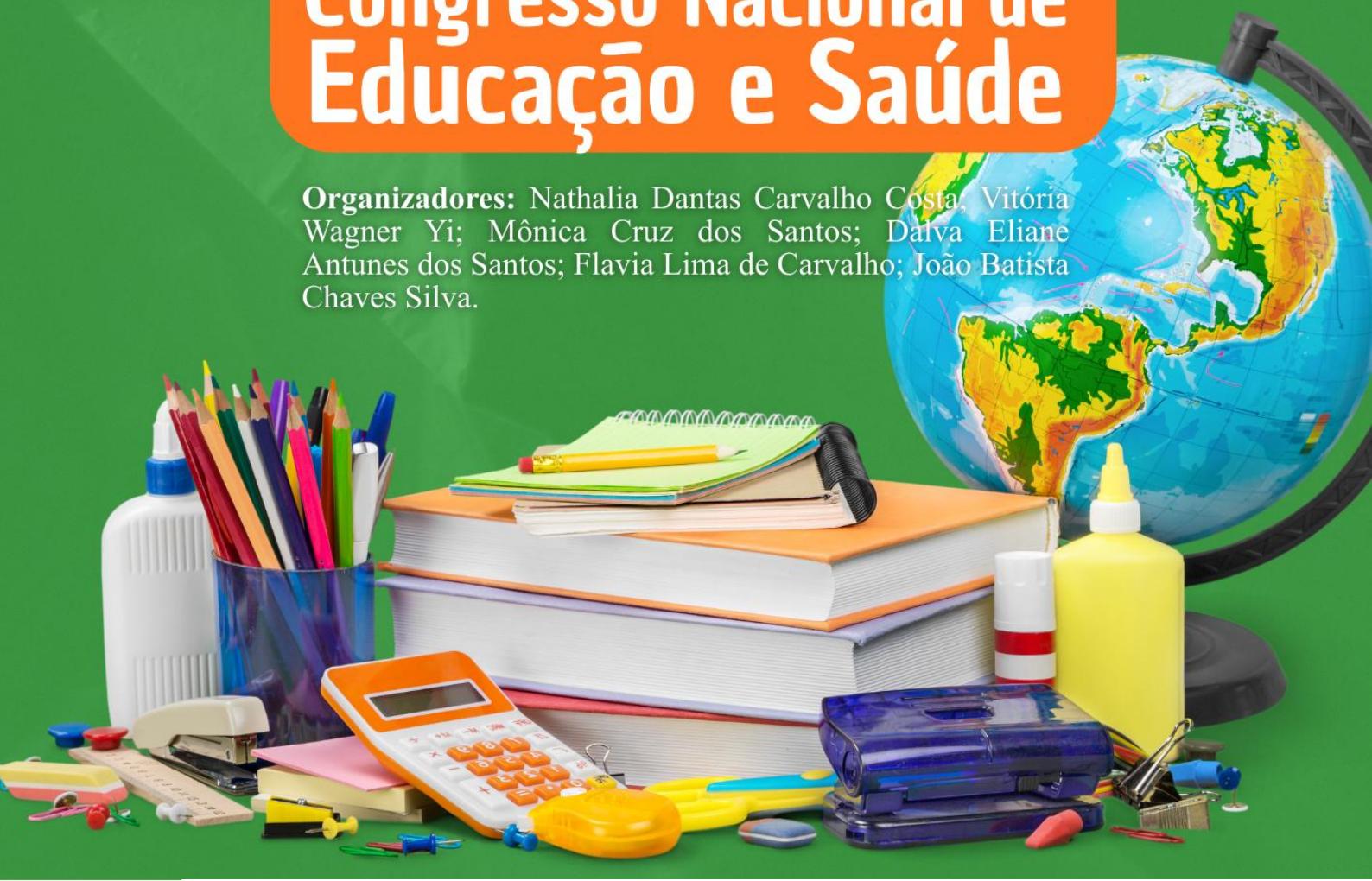




ANAIIS IV CONAEDUS

**Congresso Nacional de
Educação e Saúde**

Organizadores: Nathalia Dantas Carvalho Costa; Vitória Wagner Yi; Mônica Cruz dos Santos; Dalva Eliane Antunes dos Santos; Flavia Lima de Carvalho; João Batista Chaves Silva.



Anais do IV Congresso Nacional de Educação e Saúde

IV EDIÇÃO

Organizadores

Vitória Wagner Yi
Mônica Cruz dos Santos
Dalva Eliane Antunes dos Santos
Flavia Lima de Carvalho
Nathalia Dantas Carvalho Costa
João Batista Chaves Silva

ANAIS DO IV CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO E SAÚDE



Copyright © Editora Humanize
Todos os direitos reservados

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação do copyright (Lei 5.988/73 e Lei 9.61/98)

Organizadores

Vitória Wagner Yi
Mônica Cruz dos Santos
Dalva Eliane Antunes dos Santos
Flavia Lima de Carvalho
Nathalia Dantas Carvalho Costa
João Batista Chaves Silva

Diagramação e Editoração

Luis Filipe Oliveira Duran
Caroline Taiane Santos da Silva

Publicação

Editora Humanize

Corpo Editorial

Aline Da Silva Pereira
Amilton de Lima Barbosa
Angelina Germana Jones
Beatriz Augusta Silva
Dalva Eliane Antunes dos Santos
Estela dos Santos Lima
Joseana Moreira Assis Ribeiro
João B C Silva
Karen Cristiane Pereira de Moraes
Kelvyanne Fonseca Cordeiro Leandro Maia Leão
Luís Paulo Souza e Souza
Maraysa Costa Vieira Cardoso
Maria Juliana Nobre da Silva Batista
Najla Gergi Krouchane
Regina Célia da Silva
Sara Priscilla Silva dos Santos
Tiago Araújo Monteiro

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(Editora Humanize, BA, Salvador)**

V89as IV Congresso Nacional de Educação e Saúde - CONAEDUS (08: 2025 : online)
AS16456 Anais do IV Congresso Nacional de Educação e Saúde - CONAEDUS [livro eletrônico] /
(organizadores) Ana Claudia Vieira Flexa, Ingrid D' Oliveira da Luz Barata, Milena Silva dos Santos
Magalhães, Natasha Cristina Oliveira Andrade, et al.
- - 4. ed. - - Salvador, BA : Editora Humanize, 2026
PDF

Vários autores

Modo de acesso: Internet

ISBN: 978-65-5255-159-7
DOI: 10.5281/zenodo.18275830

1. Saúde 2. Educação 3. Interdisciplinaridade
I. Título

CDU 610

Índice para catálogo sistemático

1. Educação	45
2. Saúde	01
3. Interdisciplinar	03

CRONOGRAMA

1º DIA – 08 de Outubro 2025			
Horário	Atividade	Palestrante	Título
14:10	Mesa-redonda	Linconl Agudo Oliveira Benito, Roberta Raiane Rubens Coutinho	Entre a Sala de Aula e o Hospital: Desafios e Inovações para o Futuro da Educação em Saúde.
16:10	Palestra	Elter Alves Faria	Formar para Transformar: O Papel Estratégico da Educação na Qualidade da Assistência em Saúde.
17:10	Palestra	Geicile Santos Barreto da Paixão	Tecnologia, Educação e Tradição: integrando práticas educativas em saúde com saberes da população Afro-brasileira.
18:10	Palestra	Valdiana Gomes Rolim Albuquerque	Educação em Saúde e Interdisciplinaridade: Conectando Saberes, Transformando Vidas.
19:10	Minicurso	Regina Célia da Silva	Estratégias Educacionais para o Cuidado Integral da Mulher.
20:10	Minicurso	Thiago Aguiar Carvalho	Urgência e emergência no Futebol.
2º DIA – 09 de Outubro 2025			
Horário	Atividade	Palestrante	Título
14:10	Palestra	Ayla de Jesus Moura	Educação, saúde e estilo de vida: desafios e estratégias para promover qualidade de vida na rotina acadêmica.
15:10	Palestra	Rafaella Fernanda Roesler	Desafios diários na Atenção Primária à Saúde: reconhecendo e tratando as condições mais frequentes.
16:10	Palestra	Carlos Eduardo Rodrigues Toledo	Educação e Saúde em Rede: Direitos Humanos e Cuidado Integral em Contextos de Vulnerabilidade.
17:10	Palestra	Andressa Carine Kretschmer	Aleitamento materno e alimentação complementar.
18:10	Palestra	Luís Paulo Souza e Souza	EPAs (entrustable professional activities) Nacionais em Medicina de Família e Comunidade.
19:10	Minicurso	Izabelle Máximo Mageski	Humanização e Formação Profissional: O Papel das Tecnologias Leves na Atenção Primária.
20:10	Minicurso	Anaiana Aguiar Azevedo	Integração da Psicologia com equipes multiprofissionais: fortalecimento do trabalho em rede.
3º DIA - 10 de Outubro 2025			
Horário	Atividade	Palestrante	Título
14:10	Palestra	Brenda Alves Matos Amaral Sampaio	Economia Verde na Estética: Redução de Resíduos e Reuso de Materiais.
15:10	Palestra	Cynthia Rosa Sales	Gestão Ativa do Envelhecimento: Ambiente, Escuta ativa e Reavaliação constante.
16:10	Palestra	Juliana Cristina do Nascimento Machado	Atualização e Cuidado: Educação Continuada em Biossegurança.

18:10	Palestra	Sara da Silva Siqueira Fonseca	Metodologias Ativas no Ensino da Enfermagem: Transformando o Saber em Cuidado.
19:10	Minicurso	Jucielly Ferreira da Fonseca	Como utilizar a Inteligência Artificial no processo de aprendizagem.
20:10	Palestra	Leandro Maia Leão	Imunoterapia CAR: Uma revolução na saúde que exigirá uma revolução na educação.

MENÇÃO HONROSA

RESUMO SIMPLES		AUTOR
1º Lugar	Desafios Das Pessoas Transexuais No Contexto Educacional Público	Mateus de Souza Costa
2º Lugar	Desafios Da Educação Em Saúde Em Pacientes Com Feridas Crônicas: Relato De Experiência Na Atenção Primária À Saúde	Betânia Huppes
3º Lugar	Práticas Colaborativas Em Saúde Mental Escolar: Da Escuta Ao Fortalecimento Da Rede De Apoio	Adriano Santos de Farias

RESUMO EXPANDIDO		AUTOR
1º Lugar	Sensibilização Comunitária Para O Manejo Da Parada Cardiorrespiratória: Relato De Experiência	Ana Carolina Guadalupe de Melo
2º Lugar	Ferramentas Inovadoras Em Educação Em Saúde: Uma Revisão Das Tecnologias Digitais E Relacionais	Cleiton Charles da Silva
3º Lugar	Efeitos Da Educação A Distância Na Formação De Trabalhadores Da Saúde: Revisão Narrativa	Cleiton Charles da Silva

APRESENTAÇÃO

É com grande satisfação que apresentamos os Anais do IV Congresso Nacional de Educação e Saúde – CONAEDUS, realizado sob o tema central “Educação e Saúde em Rede: Transformações, Tecnologias e Práticas Colaborativas para o Cuidado com Equidade”. Esta edição reafirma o compromisso com a integração entre os campos da educação e da saúde como estratégia fundamental para a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e comprometida com a promoção da vida.

O CONAEDUS consolidou-se como um espaço de diálogo interdisciplinar, reunindo profissionais, pesquisadores, docentes, discentes e gestores em torno de reflexões sobre os desafios e as possibilidades que emergem das redes de saberes, das inovações tecnológicas e das práticas colaborativas. As discussões evidenciaram o papel transformador da educação na qualificação do cuidado em saúde e na promoção da equidade como princípio essencial das políticas públicas.

Os trabalhos científicos que compõem esta publicação expressam a diversidade de experiências, pesquisas e práticas apresentadas durante o congresso, revelando o compromisso coletivo com a produção do conhecimento, a formação crítica e a transformação social. Cada contribuição fortalece o entendimento de que educar e cuidar são ações indissociáveis na construção de um sistema de saúde mais humano, acessível e resolutivo.

A publicação destes anais simboliza o registro e a continuidade de um movimento que aposta na força das redes, da colaboração e da inovação como caminhos para o cuidado com equidade. Que estas páginas inspirem novas práticas, pesquisas e políticas comprometidas com a transformação social por meio da educação e da saúde.

SUMÁRIO

1.	A IMPORTÂNCIA DA ENFERMAGEM NA REALIZAÇÃO DE TESTE RÁPIDO EM UMA UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE.....	12
2.	A RELEVÂNCIA DA ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM NO CUIDADO ÀS DOENÇAS CRÔNICAS NÃO TRANSMISSÍVEIS	13
3.	A RELEVÂNCIA DA ENFERMAGEM NOS CUIDADOS PALIATIVOS: PERSPECTIVAS PARA UMA ASSISTÊNCIA INTEGRAL E HUMANIZADA	14
4.	A TERAPÉUTICA OCUPACIONAL COMO INOVAÇÃO NA EDUCAÇÃO EM SAÚDE: O ATELIÊ DE NISE DA SILVEIRA	16
5.	ABORDAGENS INTERPROFISSIONAIS PARA PREVENÇÃO DE TRANSTORNOS MENTAIS EM PRATICANTES DE EXERCÍCIO: REVISÃO DE MODELOS E RESULTADOS.....	17
6.	APLICATIVOS MÓVEIS E JOGOS DIGITAIS NO ENSINO DE NUTRIÇÃO E PREVENÇÃO DE DOENÇAS	19
7.	AS VANTAGENS DA CIRURGIA TORÁCICA VIDEOASSISTIDA (VATS) E DA CIRURGIA TORÁCICA ROBÓTICA (RATS) NA QUALIDADE DE VIDA DE PACIENTES ONCOLÓGICOS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA.....	21
8.	AVANÇOS NA PRÁTICA DA ENFERMAGEM ONCOLÓGICA: CONTRIBUIÇÕES PARA A QUALIDADE DA ASSISTÊNCIA: UMA REVISÃO NARRATIVA.....	23
9.	CAFÉ COM LETRAS E A PATRULHA MARIA DA PENHA: DIÁLOGO ENTRE SABERES E CONHECER PARA SE PROTEGER	25
10.	CONTRIBUIÇÕES DA ENFERMAGEM NA DETECÇÃO PRECOCE E ACOMPANHAMENTO DE PACIENTES COM HANSENÍASE	27
11.	CULTURA POPULAR COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA: O CASO DA JUNINA EXPLOSÃO ESTRELAR.....	28
12.	DESAFIOS DA EDUCAÇÃO EM SAÚDE EM PACIENTES COM FERIDAS CRÔNICAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE	29
13.	DESAFIOS DA ENFERMAGEM NO ACOMPANHAMENTO DE PACIENTES COM TUBERCULOSE NA ATENÇÃO BÁSICA: UMA REVISÃO NARRATIVA	31
14.	DESAFIOS DAS PESSOAS TRANSEXUAIS NO CONTEXTO EDUCACIONAL PÚBLICO.....	33
15.	DESAFIOS E PRÁTICAS PARA INCLUSÃO DE POPULAÇÕES EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE NO CONTEXTO EDUCACIONAL	35
16.	DESCONSTRUINDO O MURO DO MANICÔMIO: O LEGADO DE FOUCAULT E SILVEIRA PARA AS PRÁTICAS COLABORATIVAS EM SAÚDE MENTAL	37
17.	DO ISOLAMENTO À REDE: O PAPEL DAS INSTITUIÇÕES DE TRANSIÇÃO NO CUIDADO INTEGRAL AO PACIENTE COM ESQUIZOFRENIA	38
18.	DO SABER AO FAZER: EDUCAÇÃO NUTRICIONAL INOVADORA PARA COMUNIDADES EM VULNERABILIDADE SOCIAL	39
19.	EDUCAÇÃO EM SAÚDE SOBRE HIPERTENSÃO E DIABETES COM ALUNOS DA EJA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	41

20. EDUCAÇÃO INTERPROFISSIONAL COMO ESTRATÉGIA PARA A CONSOLIDAÇÃO DA SAÚDE EM REDE: DESAFIOS E PERSPECTIVAS NA FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS	43
21. EDUCAÇÃO PROFISSIONAL, INTERPROFISSIONALIDADE E TECNOLOGIA NO FORTALECIMENTO DAS EMULTI: DESAFIOS E ESTRATÉGIAS PARA A INTEGRALIDADE EM REDE.....	44
22. ESCOLA TE ABRAÇA: CONSTRUINDO SABERES SOBRE O NAMORO NA ADOLESCÊNCIA	46
23. ESCUTA, CUIDADO E CONEXÃO: A ARTICULAÇÃO ENTRE PSICANÁLISE E TECNOLOGIA NA PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL	48
24. ESTRATÉGIAS BASEADAS EM TECNOLOGIA PARA PROMOÇÃO DO SONO ENTRE ATLETAS E PRATICANTES DE ATIVIDADE FÍSICA: REVISÃO SISTEMATIZADA DA LITERATURA CIENTÍFICA	49
25. IMPACTO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL EM PROGRAMAS DE PRESCRIÇÃO DE EXERCÍCIO: ÉTICA, ACURÁCIA E ACEITAÇÃO DO USUÁRIO – REVISÃO SISTEMÁTICA E SÍNTESE CRÍTICA	51
26. IMPACTO DAS AÇÕES EM SAÚDE EM ESPAÇOS PÚBLICOS NA QUALIDADE DE VIDA DA COMUNIDADE.....	53
27. IMPLEMENTAÇÃO DE CUIDADOS PALIATIVOS NA UTIN: ABORDAGEM EDUCATIVA PARA A ENFERMAGEM	54
28. INOVAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA PREVENÇÃO DA FEBRE MACULOSA BRASILEIRA: UMA REVISÃO DE LITERATURA	55
29. INTEGRAÇÃO DO FARMACÊUTICO EM GRUPOS DE IDOSOS: FORTALECENDO A QUALIDADE DE VIDA NA TERCEIRA IDADE	57
30. INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E EDUCAÇÃO MÉDICA: ENTRE O AVANÇO TECNOLÓGICO E OS DESAFIOS ÉTICOS	58
31. INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA NUTRIÇÃO: UMA REVISÃO NARRATIVA DOS DESAFIOS E OPORTUNIDADES NA ERA DA SAÚDE DIGITAL	60
32. INTERVENÇÕES DA FISIOTERAPIA RESPIRATÓRIA NA CONSERVAÇÃO DA FUNÇÃO PULMONAR EM PACIENTES COM DISTROFIA MUSCULAR DE DUCHENNE: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA	61
33. INTERVENÇÕES ESCOLARES DE PROMOÇÃO DA SAÚDE INTEGRANDO EDUCADORES FÍSICOS E PSICÓLOGOS: REVISÃO DE MODELOS COLABORATIVOS.....	64
34. O AFETO COMO TECNOLOGIA DO CUIDADO: LIÇÕES DE NISE DA SILVEIRA PARA A SAÚDE EM REDE	66
35. O GLAUCOMA NO BRASIL: UMA ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DE 2023 A 2024.....	67
36. PALETA DA SAÚDE: AÇÕES DE CONSCIENTIZAÇÃO POR CORES NOS MESES DO ANO	68
37. PARA ALÉM DOS SINTOMAS: A ESCUTA DA SUBJETIVIDADE (TEMPO, ESPAÇO, AFETO) COMO FERRAMENTA PARA UM CUIDADO COM EQUIDADE	69
38. PARTICIPATIVAS DE SAÚDE MENTAL E BEM ESTAR EM BAIRROS PERIFÉRICOS: ESTRATÉGIAS INOVADORAS DE EDUCAÇÃO COMUNITÁRIA.....	70

39. PRÁTICAS COLABORATIVAS EM SAÚDE MENTAL ESCOLAR: DA ESCUTA AO FORTALECIMENTO DA REDE DE APOIO	72
40. PROGRAMAS DE PROMOÇÃO DA REDUÇÃO DO COMPORTAMENTO SEDENTÁRIO EM POPULAÇÕES VULNERÁVEIS: EVIDÊNCIAS, DESIGUALDADES E IMPLICAÇÕES PARA TELESSAÚDE.....	74
41. REALIDADE VIRTUAL COMO RECURSO EDUCATIVO PARA PREVENÇÃO DE QUEDAS EM IDOSOS.....	76
42. REPENSANDO A FORMAÇÃO EM SAÚDE MENTAL: A NECESSIDADE DE UM OLHAR INTERDISCIPLINAR A PARTIR DE NISE DA SILVEIRA.....	78
43. SAÚDE MENTAL E BEM-ESTAR DIGITAL: INTERFACES ENTRE PSICOLOGIA E MEDICINA VETERINÁRIA.....	79
44. SÍFILIS CONGÊNITA: REVISÃO INTEGRATIVA SOBRE PREVENÇÃO, DIAGNÓSTICO E DESAFIOS ASSISTENCIAIS.....	80
45. TELERREabilitação NA FISIOTERAPIA: AVANÇOS TECNOLÓGICOS NO TRATAMENTO	82
46. TRANSFERÊNCIA DE PROGRAMAS DE ATIVIDADE FÍSICA PARA PLATAFORMAS DE TELESSAÚDE: EFICÁCIA, ADESÃO E DESIGUALDADES – REVISÃO SISTEMÁTICA NARRATIVA	84
47. ABORDAGENS TERAPÉUTICAS E PERSPECTIVAS FUTURAS DA IMUNOTERAPIA CAR-NK PARA A ÁREA ONCOLÓGICA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DE SÍNTese SEM METANÁLISE (SWIM).....	86
48. ANÁLISE COMPARATIVA DA PRODUÇÃO DE IMUNOTERAPIAS CAR PARA CÉLULAS T, NK E MACRÓFAGOS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA.....	93
49. DISBIOSE INTESTINAL E PRÁTICAS DE ENFERMAGEM: A INTERVENÇÃO DO PROFISSIONAL NO RESTABELECIMENTO DA MICROBIOTA E PREVENÇÃO DE INFECÇÕES POR CLOSTRIDIODES DIFFICILE	98
50. EFEITOS DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NA FORMAÇÃO DE TRABALHADORES DA SAÚDE: REVISÃO NARRATIVA.....	103
51. EFEITO DOS EXERCÍCIOS PROPRIOCEPTIVOS NA PREVENÇÃO E REabilitação DA INSTABILIDADE CRÔNICA DE TORNOZELO: REVISÃO DE LITERATURA	109
52. FERRAMENTAS INOVADORAS EM EDUCAÇÃO EM SAÚDE: UMA REVISÃO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS E RELACIONAIS	112
53. GAMIFICAÇÃO COMO FERRAMENTA DE EDUCAÇÃO COMUNITÁRIA PARA A PREVENÇÃO DO CÂNCER NA ATENÇÃO PRIMÁRIA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA	118
54. GAMIFICAÇÃO COMO FERRAMENTA DE ENSINO PARA JOVENS APRENDIZES EM DIREITOS HUMANOS	123
55. LIBRAS COMO FERRAMENTA DE CUIDADO: DESAFIOS NA FORMAÇÃO E NA PRÁTICA DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE.....	127
56. METODOLOGIAS ATIVAS NA FORMAÇÃO EM SAÚDE: UMA ANÁLISE DOS FATORES FACILITADORES E DAS BARREIRAS À IMPLEMENTAÇÃO	133
57. NUTRIÇÃO E SAÚDE MENTAL NO REMO OLÍMPICO: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UMA AÇÃO EDUCATIVA.....	139

58. PARA ALÉM DA TRANSMISSÃO: REVISÃO SOBRE O IMPACTO DAS METODOLOGIAS ATIVAS NO DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS EM SAÚDE	142
59. PROCEDIMENTOS DE ENFERMAGEM PERANTE PACIENTES APRESENTANDO TOXICIDADES ADVINDAS DA IMUNOTERAPIA CAR-T: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DE SÍNTESE SEM METANÁLISE (SWIM)	148
60. RESIDÊNCIA MULTIPROFISSIONAL EM SAÚDE: EFEITOS NO DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS COLABORATIVAS E NO TRABALHO EM EQUIPE NO SUS .	155
61. SENSIBILIZAÇÃO COMUNITÁRIA PARA O MANEJO DA PARADA CARDIORRESPIRATÓRIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	161

A IMPORTÂNCIA DA ENFERMAGEM NA REALIZAÇÃO DE TESTE RÁPIDO EM UMA UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE

Eixo: Inovação e Tecnologia na Educação para a Saúde Preventiva

Sara Priscilla Silva dos Santos

Graduada em Enfermagem pela Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas – UNCISAL, Maceió - AL.

Estela dos Santos Lima

Graduanda em Enfermagem pela Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas – UNCISAL, Maceió - AL.

Introdução: Os testes rápidos são ferramentas essenciais na Atenção Primária, permitindo diagnóstico precoce de agravos como HIV, sífilis e hepatites virais, possibilitando condutas imediatas que contribuem para prevenção de complicações e promoção da saúde; a atuação do enfermeiro na execução desses testes amplia o acesso da população ao diagnóstico, fortalece o vínculo com a equipe de saúde e promove educação em saúde; além disso, envolve coleta, interpretação de resultados, aconselhamento e encaminhamento adequado, consolidando a Enfermagem como elemento estratégico na detecção precoce e prevenção de agravos.

Objetivo: Analisar, por meio de revisão de literatura, a relevância da Enfermagem na realização de testes rápidos em Unidades Básicas de Saúde (UBS). **Metodologia:** Revisão de literatura quantitativa, de caráter descritivo, realizada em bases SciELO, LILACS e PubMed, considerando publicações de 2015 a 2024, com os descriptores “Testes Rápidos”, “Atenção Primária”, “Diagnóstico Precoce” e “Enfermagem”, incluindo artigos que abordassem a atuação do enfermeiro na realização de testes rápidos e ações educativas associadas, e excluindo estudos duplicados ou não pertinentes ao tema. **Resultados/Discussão:** A revisão evidenciou que a Enfermagem é fundamental na execução e interpretação de testes rápidos, garantindo acolhimento, orientação adequada, detecção precoce de doenças transmissíveis e redução de complicações; observou-se que visitas educativas, aconselhamento individual e ações coletivas ampliam o conhecimento da comunidade, fortalecem a prevenção e promovem maior confiança no sistema de saúde; desafios incluem infraestrutura insuficiente, falta de recursos e necessidade de capacitação contínua para manter qualidade e segurança do serviço prestado. **Conclusão:** A atuação da Enfermagem na execução e aconselhamento dos testes rápidos é essencial para promoção da saúde e prevenção de agravos na comunidade; o fortalecimento das competências técnicas, investimento em capacitação e recursos adequados potencializam os resultados, garantindo acesso, diagnóstico precoce e vínculo positivo entre equipe e usuários.

Palavras-chave: Testes rápidos; Atenção primária; Diagnóstico precoce; Enfermagem.

Referências:

BRASIL. Ministério da Saúde. Manual técnico para o diagnóstico da infecção pelo HIV em adultos e crianças. Brasília: Ministério da Saúde, 2022.

COSTA, R. B. et al. Atuação da Enfermagem na realização de testes rápidos em unidades de saúde. **Revista Enfermagem em Foco**, v. 12, n. 4, p. 910-917, 2021.

SANTOS, A. P.; OLIVEIRA, J. S. Aconselhamento e diagnóstico precoce: o papel do enfermeiro na realização de testes rápidos. **Revista de Atenção à Saúde**, v. 19, n. 67, p. 120-129, 2021.

A RELEVÂNCIA DA ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM NO CUIDADO ÀS DOENÇAS CRÔNICAS NÃO TRANSMISSÍVEIS

Eixo: Inovação em Saúde Pública e Educação Comunitária

Sara Priscilla Silva dos Santos

Graduada em Enfermagem pela Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas – UNCISAL, Maceió - AL.

Estela dos Santos Lima

Graduanda em Enfermagem pela Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas – UNCISAL, Maceió - AL.

Introdução: As doenças crônicas não transmissíveis (DCNTs) são responsáveis por grande parte da morbimortalidade mundial, gerando impacto social e econômico significativo, sendo a hipertensão arterial, diabetes mellitus, doenças cardiovasculares e neoplasias as mais prevalentes, exigindo acompanhamento contínuo, prevenção e promoção da saúde, e considerando o contexto brasileiro, onde as DCNTs representam mais de 70% das mortes anuais, torna-se evidente a necessidade de estratégias eficazes de cuidado e educação em saúde, sendo a Enfermagem um agente central no fortalecimento do autocuidado, na promoção de hábitos saudáveis, no acompanhamento terapêutico e na melhoria da qualidade de vida dos pacientes. **Objetivo:** Analisar, por meio de revisão de literatura, a importância da Enfermagem na prevenção e manejo das doenças crônicas não transmissíveis. **Metodologia:** Trata-se de revisão de literatura qualitativa, descritiva e transitória, utilizando análise de conteúdo de Bardin, com pesquisa nas bases SciELO, LILACS e PubMed entre 2015 e 2024, com descritores “Doenças crônicas”, “Prevenção”, “Atenção Primária” e “Enfermagem”, incluindo artigos que abordassem estratégias de prevenção, acompanhamento e educação em saúde conduzidas por enfermeiros e excluindo estudos duplicados ou não pertinentes. **Resultados/Discussão:** A revisão evidenciou que a Enfermagem desempenha papel estratégico na prevenção, monitoramento de fatores de risco e acompanhamento contínuo de pacientes com DCNTs, sendo eficazes intervenções como consultas de enfermagem, grupos educativos, visitas domiciliares e programas de autocuidado, que promovem adesão ao tratamento e manutenção de hábitos saudáveis; observou-se ainda o uso crescente de tecnologias digitais para monitoramento remoto e adesão terapêutica; desafios persistem como sobrecarga de trabalho, desigualdade de acesso e necessidade de capacitação contínua; destaca-se também a importância da integração intersetorial e das políticas públicas para reduzir os determinantes sociais que influenciam as DCNTs. **Conclusão:** A atuação da Enfermagem é essencial no enfrentamento das DCNTs, sendo fundamental na promoção da saúde, prevenção de agravos e acompanhamento terapêutico; políticas públicas que valorizem o enfermeiro e ampliem o acesso equitativo aos serviços de saúde são imprescindíveis para reduzir a morbimortalidade e melhorar a qualidade de vida.

Palavras-chave: Doenças crônicas; Prevenção; Qualidade de vida; Enfermagem.

Referências:

BRASIL. **Ministério da Saúde.** Plano de Ações Estratégicas para o Enfrentamento das Doenças Crônicas e Agravos Não Transmissíveis no Brasil, 2021-2030 (Plano de Dant). Brasília Ministério da Saúde, 2021.

MALTA, D. C. et al. Doenças crônicas não transmissíveis e fatores de risco e proteção em adultos: Pesquisa Nacional de Saúde. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 25, supl. 2, p. 1-16, 2022.

OLIVEIRA, C. C.; SOUZA, L. M. O papel da Enfermagem na prevenção das doenças crônicas não transmissíveis. **Revista de Enfermagem e Saúde**, v. 12, n. 3, p. 45-52, 2021.

A RELEVÂNCIA DA ENFERMAGEM NOS CUIDADOS PALIATIVOS: PERSPECTIVAS PARA UMA ASSISTÊNCIA INTEGRAL E HUMANIZADA

Eixo: Transversal

Sara Priscilla Silva dos Santos

Graduada em Enfermagem pela Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas – UNCISAL, Maceió - AL.

Estela dos Santos Lima

Graduanda em Enfermagem pela Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas – UNCISAL, Maceió - AL.

Introdução: Os cuidados paliativos representam uma abordagem essencial na assistência em saúde, voltada para pacientes com doenças ameaçadoras da vida, como o câncer, buscando promover qualidade de vida, alívio do sofrimento e apoio integral ao paciente e seus familiares. Nessa perspectiva, a enfermagem exerce papel central, pois acompanha diretamente o processo de adoecimento, oferecendo intervenções humanizadas que integram dimensões físicas, emocionais, sociais e espirituais do cuidado. **Objetivo:** Analisar como a Enfermagem contribui para garantir qualidade de vida e dignidade no contexto dos cuidados paliativos, apontando perspectivas para fortalecer essa prática. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão narrativa, de caráter descritivo e qualitativo. A pesquisa foi conduzida nas bases SciELO e LILACS, seguindo as orientações de Mark A. Chaney. Foram utilizados os seguintes descritores em português: “Cuidados Paliativos”, “Enfermagem”, “Assistência Integral” e “Humanização da Assistência”. Foram incluídos estudos que abordassem a relevância da atuação do enfermeiro nos cuidados paliativos, enfatizando as perspectivas para uma assistência integral e humanizada. Como critérios de inclusão, consideraram-se artigos disponíveis em texto completo, publicados em português, relacionados à temática da enfermagem e cuidados paliativos. Foram excluídos trabalhos duplicados, revisões não pertinentes ao tema, editoriais e resumos de eventos científicos. A seleção final contemplou os artigos que mais dialogavam com os objetivos do estudo. **Resultados:** A análise demonstrou que os cuidados paliativos possibilitam uma assistência integral que vai além do controle de sintomas físicos, abrangendo suporte emocional, espiritual e social, tanto para pacientes quanto para suas famílias. A enfermagem destaca-se nesse processo pela proximidade com o paciente, pelo manejo de sintomas como dor, fadiga, náuseas, ansiedade e alterações no sono. Também foi evidenciada a relevância do enfermeiro na educação em saúde, na orientação sobre o uso correto de medicamentos, na prevenção de complicações e no fortalecimento da autonomia do paciente. Os estudos evidenciam ainda a importância da comunicação terapêutica, da escuta qualificada, da empatia e da sensibilidade cultural como estratégias que favorecem vínculos de confiança e possibilitam um cuidado centrado na pessoa. Entretanto, persistem desafios como a escassez de serviços especializados, a falta de recursos estruturais e humanos, a necessidade de capacitação profissional contínua, além da dificuldade em integrar os cuidados paliativos precocemente no curso da doença. Outro ponto crítico identificado foi o preconceito e a desinformação acerca do conceito de cuidados paliativos, muitas vezes confundidos apenas com o cuidado de fim de vida, o que limita sua implementação em fases mais iniciais da doença. **Conclusão:** Os cuidados paliativos representam uma estratégia indispensável para assegurar conforto e qualidade de vida a pacientes em condições crônicas e avançadas. A enfermagem, nesse contexto, é protagonista, contribuindo para a humanização da assistência e para a construção de práticas baseadas em evidências que valorizam a integralidade do cuidado. Investimentos em formação especializada, ampliação de serviços e políticas públicas que reconheçam a relevância dos cuidados paliativos são fundamentais para fortalecer essa área. Além disso, torna-se imprescindível a promoção de debates e ações educativas que desmistifiquem os cuidados paliativos, favorecendo sua integração precoce e garantindo assistência integral, e humanizada aos pacientes e suas famílias.

Palavras-chave: Cuidados paliativos, Enfermagem, Assistência integral, Humanização da Assistência

Referências:

NASCIMENTO, L. M.; ALVES, A. S.; FIGUEIREDO, M. A. Avaliação da qualidade de vida em pacientes com doenças avançadas em cuidados paliativos: revisão sistemática. *Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences*, v. 7, n. 3, p. 152–170, 2025.

PASQUAL, L. G. S. Cuidados paliativos: uma análise literária sobre a qualidade de vida do paciente oncológico adulto. **Revista de Enfermagem da UNIFIA**, v. 6, n. 2, p. 950–971, 2023.

SILVESTRE, L. C. Cuidados paliativos em oncologia: a atuação do enfermeiro. **Revista Brasileira de Enfermagem Oncológica**, v. 10, n. 1, p. 45–52, 2025.

TAVARES, A. G. S. Cuidados paliativos e melhoria da qualidade de vida: a contribuição da enfermagem. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 29, n. 3, p. 465–472, 2015.

CHANAY, M. A. So you want to write a narrative review article? **Journal of Cardiothoracic and Vascular Anesthesia**, v. 35, n. 12, p. 3045–3049, 2021.

A TERAPÊUTICA OCUPACIONAL COMO INOVAÇÃO NA EDUCAÇÃO EM SAÚDE: O ATELIÊ DE NISE DA SILVEIRA

Eixo: Inovação em Saúde Pública e Educação Comunitária

Anizia Lino de Messias

Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Maceió AL

Enos Erick Batista Lima

Mestrando em Educação Física pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Maceió AL

Elizabeth Maria da Silva Batista Lima

Especialista em Neuropsicologia pela Faculdade Venda Nova do Imigrante – FAVENI, Venda Nova do Imigrante ES

Introdução: A busca por inovações em saúde que promovam um cuidado mais humano e eficaz passa pela revalorização de práticas que integram terapia e educação. No campo da saúde mental, o ateliê da Seção de Terapêutica Ocupacional, reestruturado por Nise da Silveira no Centro Psiquiátrico Nacional, representa um marco histórico dessa inovação. Rejeitando um modelo de terapia ocupacional meramente funcionalista, Silveira transformou o ateliê em um espaço de livre expressão, pesquisa e, fundamentalmente, de educação mútua entre terapeutas e pacientes. Este estudo resgata a relevância dessa prática, argumentando que o ateliê funcionou como uma tecnologia social que educava o sujeito sobre seu próprio mundo interno, ao mesmo tempo que educava os profissionais sobre a riqueza da subjetividade. **Objetivo:** Analisar o ateliê de Nise da Silveira como uma prática inovadora em terapêutica ocupacional; e discutir seu papel como um espaço educativo que transforma a relação de cuidado, promovendo a autonomia do paciente e a humanização do tratamento em saúde mental. **Método ou Metodologia:** A pesquisa configura-se como um estudo de caso histórico-conceitual, com base em revisão bibliográfica. A análise é fundamentada nos estudos da dissertação de mestrado da autora, que explorou a prática clínica de Nise da Silveira como uma alternativa revolucionária aos métodos manicomiais de sua época. **Resultados:** A investigação demonstrou que, ao contrário das práticas psiquiátricas tradicionais que silenciavam o paciente, o ateliê de Nise da Silveira oferecia ferramentas — pincéis, tintas, argila — para que a subjetividade pudesse se manifestar. As obras criadas não eram vistas como sintomas, mas como uma linguagem simbólica que comunicava o sofrimento e as tentativas de reorganização psíquica. O caso de Fernando Diniz, que através da pintura conseguiu reconstruir seu "espaço cotidiano" e seu ego, exemplifica o potencial terapêutico e educativo do ateliê. Este processo educava o paciente, que se tornava agente de seu próprio tratamento, e educava a equipe, que aprendia a decodificar as complexas manifestações do inconsciente. **Considerações Finais:** Conclui-se que o ateliê de Nise da Silveira transcendeu a terapêutica ocupacional para se tornar um espaço de inovação em educação e saúde. Ele provou que o cuidado eficaz é aquele que capacita o sujeito com meios para expressar e compreender a si mesmo. O legado desta prática reforça a necessidade de integrar as artes e as atividades expressivas nos serviços de saúde contemporâneos, não como meros passatempos, mas como ferramentas centrais para um cuidado colaborativo, educativo e transformador.

Palavras-chave: Terapêutica Ocupacional; Inovação em Saúde; Educação em Saúde.

Referências:

MESSIAS, Anizia Lino de. Continuidades e descontinuidades entre o pensamento de Nise da Silveira e Michel Foucault: acerca da esquizofrenia. 69 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2023.

SILVEIRA, Nise. **Imagens do Inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 2015.

SILVEIRA, Nise. Retrospectiva de um trabalho vivido no Centro Psiquiátrico Pedro II do Rio de Janeiro. In: **XIV Congresso Nacional de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental**, 14., 1979, Maceió. Anais... Maceió, 1979. p. 138-150.

ABORDAGENS INTERPROFISSIONAIS PARA PREVENÇÃO DE TRANSTORNOS MENTAIS EM PRATICANTES DE EXERCÍCIO: REVISÃO DE MODELOS E RESULTADOS

Eixo: Saúde Mental e Bem-Estar Digital

Enos Erick Batista Lima

Mestrando em Ciências do Movimento pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Maceió AL

Anizia Lino de Messias

Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Maceió AL

Elizabeth Maria da Silva Batista Lima

Especialista em Neuropsicologia pela Faculdade Venda Nova do Imigrante – FAVENI, Venda Nova do Imigrante ES

Introdução: Transtornos mentais comuns, como depressão e ansiedade, são altamente prevalentes e impactam negativamente a adesão ao exercício, o desempenho e a qualidade de vida dos praticantes. Programas interprofissionais que integram educadores físicos e psicólogos demonstram potencial preventivo ao combinar a promoção de atividade física com estratégias psicosociais, como psicoeducação e regulação emocional, além de permitirem uma triagem precoce e o encaminhamento em rede. Modelos de atuação incluem co-planejamento, co-entrega de intervenções, formação cruzada e fluxos de referência estruturados. Contudo, a heterogeneidade metodológica dos estudos e a falta de clareza sobre quais componentes colaborativos são críticos para a efetividade e escalabilidade dos programas justificam a necessidade de uma síntese robusta da evidência. **Objetivo:** Sintetizar as evidências sobre a eficácia de programas interprofissionais, envolvendo educadores físicos e psicólogos, na prevenção de transtornos mentais em praticantes de exercício. **Metodologia:** Realizou-se uma revisão sistemática no período de 2015 a 2025 nas bases PubMed/MEDLINE, Scopus, Web of Science, PsycINFO, LILACS, Cochrane e na literatura cinzenta. A estratégia de busca utilizou o operador booleano AND para combinar descritores relacionados à interprofissionalidade, exercício físico e saúde mental. Os critérios de inclusão foram: (1) ensaios randomizados, estudos quase-experimentais e pré-pós; (2) intervenções com colaboração documentada entre educadores físicos e psicólogos; e (3) populações de adolescentes (a partir de 13 anos) e adultos praticantes de exercício. Foram excluídos estudos de revisão, editoriais e protocolos. A triagem e extração dos dados foram feitas por três revisores, com avaliação de risco de viés (ROB 2 e ROBINS-I). Foram identificados 896 registros e, após triagem, 50 estudos foram incluídos. **Resultados:** Intervenções que combinam exercício estruturado e componentes psicológicos breves tendem a reduzir sintomas subclínicos de ansiedade e depressão e melhorar o bem-estar, com efeitos pequenos a moderados, especialmente quando há continuidade (>8–12 semanas) e participação ativa do psicólogo. A colaboração aumenta a adesão ao exercício, principalmente com feedback psicológico e supervisão cruzada. Componentes críticos incluem triagem padronizada, protocolos de escalonamento, reuniões de co-planejamento e uso de tecnologia para monitoramento. As barreiras comuns identificadas foram falta de tempo, déficit de formação interprofissional e financiamento. Já os facilitadores incluem liderança forte, formação conjunta e indicadores de impacto claros. **Conclusão:** A integração entre educador físico e psicólogo em programas estruturados tem potencial preventivo para reduzir a sintomatologia subclínica e fortalecer a adesão ao exercício, promovendo bem-estar. A efetividade depende de componentes colaborativos explícitos. Recomenda-se priorizar estudos robustos (cluster RCTs, pragmatic trials), avaliações de implementação e planos de escala que considerem equidade e financiamento.

Palavras-chave: Promoção da Saúde; Saúde Mental; Exercício Físico; Relações Interprofissionais.

Referências:

BEVAN, Emma et al. Moving More: Physical Activity and Its Positive Effects on Depression and Anxiety in Children and Young People. **Clinical Journal of Sport Medicine**, v. 35, n. 2, p. 206-223, 2025.

MORAES, Mayra Grava et al. Physical exercise and symptoms of depression and anxiety in college students: a systematic review with meta-analysis. **Retos**, v. 67, p. 361-379, 2025.

KELLY, Kate et al. Healthcare practitioners' perceptions of the barriers to prescribing or promoting exercise in the treatment of people with mental illness: a scoping review. **Health & social care in the community**, v. 2024, n. 1, p. 8894586, 2024.

RAHMATI, Masoud et al. Physical activity and prevention of mental health complications: An umbrella review. **Neuroscience & Biobehavioral Reviews**, v. 160, p. 105641, 2024.

VANCAMPFORT, Davy et al. The efficacy, mechanisms and implementation of physical activity as an adjunctive treatment in mental disorders: a meta-review of outcomes, neurobiology and key determinants. **World Psychiatry**, v. 24, n. 2, p. 227-239, 2025.

APLICATIVOS MÓVEIS E JOGOS DIGITAIS NO ENSINO DE NUTRIÇÃO E PREVENÇÃO DE DOENÇAS

Eixo: Inovação e Tecnologia na Educação para a Saúde e Prevenção: enfocando programas e práticas educacionais que promovam hábitos saudáveis e a prevenção de doenças.

Aline da Silva Pereira

Graduada em Nutrição pela Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico de Vitória – UFPE-CAV, Pernambuco PE

Jonathas Rodrigo Nascimento Alves

Graduado em Fisioterapia pelo Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA, Pernambuco PE

Davi Augusto Silva de Melo

Graduado em Nutrição pela Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico de Vitória – UFPE-CAV, Pernambuco PE

Introdução: O avanço da tecnologia digital trouxe novas possibilidades para a promoção da saúde e prevenção de doenças, sobretudo no campo da nutrição. Aplicativos móveis e jogos digitais educativos (serious games) são recursos inovadores que combinam acessibilidade, interatividade e motivação. Essas ferramentas podem facilitar o aprendizado de conceitos de nutrição, apoiar a adoção de hábitos alimentares saudáveis e ampliar o alcance das ações de educação nutricional em diferentes contextos (escolas, saúde pública, acompanhamento clínico). No entanto, apesar do entusiasmo, há a necessidade de avaliar a efetividade real dessas intervenções, considerando tanto seus benefícios quanto suas limitações.

Objetivo: Analisar as evidências científicas recentes sobre o uso de aplicativos móveis e jogos digitais no ensino de nutrição e na prevenção de doenças, destacando: o impacto no conhecimento nutricional, a influência na mudança de comportamentos alimentares, o nível de engajamento e aceitação pelos usuários, as lacunas e desafios para implementação em larga escala.

Método ou Metodologia: Foi realizada uma síntese de artigos científicos (2020–2024), incluindo revisões, meta-análises e ensaios clínicos. Foram analisados estudos com crianças, adolescentes, adultos e grupos de risco, que utilizaram aplicativos móveis e jogos digitais com foco em nutrição. Os principais desfechos avaliados foram conhecimento nutricional, mudanças de comportamento alimentar, engajamento dos usuários e indicadores de saúde. A busca ocorreu em bases como PubMed, Scopus e Web of Science.

Resultados: Os achados evidenciam que no conhecimento nutricional a maioria dos estudos demonstrou ganhos significativos no entendimento de conceitos básicos de alimentação saudável, leitura de rótulos e escolhas alimentares após intervenções digitais. As mudanças de comportamento alimentar em alguns trabalhos mostraram aumento no consumo de frutas e verduras, além de maior consciência sobre a redução de ultraprocessados. Contudo, os resultados sobre mudanças sustentadas a longo prazo ainda são inconsistentes.

O Engajamento e aceitação dos Jogos educativos e aplicativos que utilizam elementos de gamificação (recompensas, missões, rankings) tiveram melhor adesão, especialmente em crianças e adolescentes. Usuários relataram alto grau de motivação e satisfação. O Impacto clínico faz com que as evidências de redução de peso corporal ou melhora de parâmetros metabólicos ainda são limitadas. Intervenções de curta duração raramente mostraram impacto significativo em IMC, mas sugerem potencial quando combinadas a acompanhamento profissional.

Os desafios de muitos aplicativos comerciais não são validados cientificamente, apresentam conteúdos inconsistentes e carecem de proteção adequada de dados, o que limita sua utilização em ambientes de saúde.

Conclusão ou Considerações Finais: Aplicativos móveis e jogos digitais são ferramentas promissoras para a educação nutricional, com bons resultados em conhecimento e engajamento. Contudo, sua eficácia em mudanças duradouras de hábitos e impacto clínico ainda exige comprovação, demandando desenvolvimento baseado em teorias de comportamento, validação científica e integração aos contextos de saúde e educação.

Palavras-chave: Educação Alimentar e Nutricional; Aplicativos móveis; Prevenção de doenças. Jogos Eletrônicos.

Referências:

Limone, P; Lonigro, A; D'Agostino, M. C. Serious games and eating behaviors: A systematic review. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, v. 19, n. 15, p. 9575–9575, 2022.

Suleiman-Martos, N. et al. Gamification for the improvement of diet, nutritional habits and body composition in children and adolescents: A systematic review and meta-analysis. **Nutrients**, v. 13, n. 8, p. 2478–2478, 2021.

Zheng, S. et al. Effectiveness of holistic mobile health interventions on diet, physical activity, weight and metabolic outcomes in adults: A systematic review and meta-analysis of randomized controlled trials. **Obesity Reviews**, v. 24, n. 3, p. e13567, 2023.

Livingstone, K. M. et al. Digital behaviour change interventions to increase vegetable consumption: A systematic review and meta-analysis. **International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity**, v. 20, n. 1, p. 25–25, 2023.

Nogueira-Rio, N; Arribas, M. C; Sanz, S. M. T. Mobile Applications and Artificial Intelligence for Nutrition Education: A Narrative Review. **Nutrients**, v. 16, n. 1, p. 111–111, 2024.

De Vliger, N. M. et al. Feasibility and acceptability of 'VitaVillage': A serious game to promote children's nutrition knowledge and vegetable intake. **Nutrients**. v. 13, n. 6, p. 1859–1859, 2021.

Pavlicek, R. et al. Behaviour change techniques, intervention features and quality of commercial nutrition apps: A content analysis. **Nutrients**. v. 17, n. 1, p. 159–159, 2025.

AS VANTAGENS DA CIRURGIA TORÁCICA VIDEOASSISTIDA (VATS) E DA CIRURGIA TORÁCICA ROBÓTICA (RATS) NA QUALIDADE DE VIDA DE PACIENTES ONCOLÓGICOS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Eixo: Tecnologias Emergentes e Inovação em Saúde

João Vitor Vieira de Jesus

Acadêmico de Medicina pela Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA

Isabela Junqueira Vieira

Acadêmica de Medicina pela Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA

Pedro Henrique Guimarães Marques Nasser

Acadêmico de Medicina pela Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA

Pedro Alexandre Afiune Magalhães

Acadêmico de Medicina pela Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA

Luiz Lourenço de Souza Filho

Acadêmico de Medicina pela Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA

Olegário Idemburgo Rocha

Docente do curso de Medicina da Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA

Introdução: O câncer de pulmão é uma das principais causas de mortalidade por câncer no mundo. A lobectomia pulmonar, padrão no tratamento de estágios iniciais, tradicionalmente realizada por toracotomia aberta, evoluiu para abordagens minimamente invasivas, como a Cirurgia Torácica Videoassistida (VATS) e a Cirurgia Torácica Robótica (RATS). Essas técnicas buscam reduzir a morbidade, acelerar a recuperação e manter resultados oncológicos. No entanto, sua comparação direta em termos de eficácia clínica, custo-efetividade e impacto em longo prazo ainda requer evidências robustas.

Objetivo: Avaliar e comparar os desfechos

clínicos, oncológicos e econômicos da lobectomia pulmonar realizada por cirurgia aberta, cirurgia torácica videoassistida (VATS) e cirurgia torácica robótica (RATS), com foco em morbidade, recuperação funcional, qualidade de vida e custo-efetividade, a fim de fornecer evidências que orientem a prática clínica e as políticas de saúde no tratamento do câncer de pulmão em estágio inicial.

Método: Esse estudo é uma revisão de literatura integrativa, realizada a partir de pesquisas nas bases de dados Periódico CAPES e BVS, utilizando “Pneumologia”, “Neoplasia Pulmonar”, “Lobectomy Pulmonary” e “Qualidade de Vida” como descritores.

Foram selecionados artigos originais publicados nos últimos 9 anos que respondem ao objetivo proposto.

Resultados e Discussão: O ensaio VIOLET (503 pacientes) mostrou que a VATS foi superior à cirurgia aberta, com melhor função física já em 5 semanas, menor dor incisional prolongada, menor uso de analgésicos, tempo de internação reduzido e menos complicações, sem comprometer ressecção tumoral, estadiamento linfonodal ou sobrevida em 1 ano. Além disso, demonstrou custo-efetividade.

No cenário da cirurgia robótica, uma experiência inicial em hospital universitário brasileiro confirmou a viabilidade da RATS, sem conversões ou complicações intraoperatórias e com ressecção completa em todos os casos.

O ensaio BRAVO (76 pacientes) indicou que a taxa de reinternação hospitalar em 90 dias foi significativamente menor em pacientes submetidos à RATS quando comparados àqueles submetidos à VATS ($p = 0,029$). As complicações pós-operatórias também apresentaram menor frequência no grupo RATS, apesar de sua baixa significância estatística ($p = 0,12$).

O tempo cirúrgico foi discretamente maior na RATS, sem significância estatística, e os custos totais em 90 dias foram semelhantes.

O ensaio RAVAL, atualmente em andamento, busca avaliar de forma definitiva a custo-efetividade e a sobrevida em 5 anos entre RATS e VATS.

Conclusão: As técnicas minimamente invasivas representam um avanço significativo em comparação à cirurgia aberta para lobectomia pulmonar.

A VATS é comprovadamente eficaz, segura e custo-efetiva, consolidando-se como abordagem preferencial.

A RATS surge como alternativa promissora, associada a maior segurança intraoperatória, embora ainda demande ensaios randomizados maiores e seguimento

prolongado para confirmar seus benefícios em sobrevida e custo-efetividade.

Palavras-chave: Lobectomy Pulmonary; Cirurgia Torácica Vídeoassistida; Procedimentos

Cirúrgicos Robóticos; Neoplasia Pulmonar; Qualidade de Vida.

Referências:

TERRA, R. M. et al. Comparação de custos entre lobectomia pulmonar por videotoracoscopia e por cirurgia robótica: resultados de estudo brasileiro randomizado e controlado (Estudo BRAVO). **Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões**. v. 52, 2024.

TERRA, R. M. et al. Estudo brasileiro randomizado: desfechos da lobectomia pulmonar robótica vs. videoassistida (estudo BRAVO). **Sociedade Brasileira de Pneumologia e Tisiologia**, v. 48, 2022.

LIM, E. et al. Impact of video-assisted thoracoscopic lobectomy versus open lobectomy for lung cancer on recovery assessed using self-reported physical function: VIOLET RCT. **National Institute for Health and Care Research**. v. 26, 2022.

PATEL, Y. S. et al. RAVAL trial: Protocol of an international, multi-centered, blinded, randomized controlled trial comparing robotic-assisted versus video-assisted lobectomy for early-stage lung cancer. **PLoS ONE**, v. 17, 2022.

TERRA, M. R. et al. Lobectomia pulmonar robótica para tratamento de câncer: implementação de programa e experiência inicial. **Sociedade Brasileira de Pneumologia e Tisiologia**, v. 42, p. 185 - 190, 2016.

AVANÇOS NA PRÁTICA DA ENFERMAGEM ONCOLÓGICA: CONTRIBUIÇÕES PARA A QUALIDADE DA ASSISTÊNCIA: UMA REVISÃO NARRATIVA

Eixo: Transversal

Sara Priscilla Silva dos Santos

Graduada em Enfermagem pela Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas – UNCISAL, Maceió - AL.

Estela dos Santos Lima

Graduanda em Enfermagem pela Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas – UNCISAL, Maceió - AL.

Introdução: O câncer é um dos principais problemas de saúde pública mundial, apresentando elevada incidência e repercussões físicas, emocionais e sociais para os indivíduos e suas famílias. Com os avanços das tecnologias diagnósticas e terapêuticas, observa-se aumento da sobrevida e melhor qualidade de vida dos pacientes oncológicos. Nesse cenário, a enfermagem desempenha papel essencial, acompanhando o paciente em todas as fases do tratamento e ofertando cuidados que integram ciência, técnica e humanização. **Objetivo:** analisar os avanços relacionados à prática da enfermagem em Oncologia, destacando suas contribuições para a melhoria da assistência aos pacientes. **Método:** Trata-se de uma revisão narrativa, de caráter descritivo e qualitativo. A pesquisa foi conduzida nas bases SciELO e LILACS, seguindo orientações sobre a condução de revisões narrativas de Mark A. Chaney. Foram utilizados os seguintes descritores em português: "Enfermagem Oncológica", "Cuidado ao Paciente", "Cancer" e "Educação em Saúde". Foram incluídos estudos publicados nos últimos dez anos que abordassem práticas, inovações, desafios e contribuições da Enfermagem no cuidado oncológico, considerando filtros como idioma, tipo de estudo, disponibilidade de texto completo, população e área temática. Foram excluídos artigos duplicados, revisões de opinião, editoriais, resumos de conferências e publicações não pertinentes ao tema. A seleção final considerou a relevância dos artigos para os objetivos do estudo, resultando em 32 artigos analisados. A análise ocorreu por meio de leitura crítica e síntese integrativa dos conteúdos selecionados. **Resultados:** Os estudos evidenciaram que a enfermagem em Oncologia ampliou sua atuação de forma significativa, incorporando práticas de educação em saúde direcionadas ao paciente e familiares, manejo de sintomas como dor, fadiga e náuseas, cuidados paliativos e apoio psicossocial. Observou-se também papel relevante na administração de terapias antineoplásicas, com monitoramento contínuo de efeitos adversos e orientações de segurança. Destacaram-se avanços na construção de protocolos clínicos padronizados, na utilização de tecnologias digitais para acompanhamento remoto, telemonitoramento de sintomas e registro eletrônico da evolução do paciente. Além disso, a integração multiprofissional favoreceu a tomada de decisões compartilhada, fortalecendo o cuidado centrado no paciente. Os profissionais mostraram papel ativo na identificação precoce de complicações, prevenção de infecções e promoção da adesão ao tratamento, bem como no desenvolvimento de estratégias educativas voltadas à prevenção e promoção da saúde. Contudo, desafios permanecem, incluindo a necessidade de capacitação contínua, sobrecarga laboral, desigualdade no acesso a recursos de saúde e a manutenção do cuidado humanizado em meio à tecnologia. A discussão evidencia que, embora a enfermagem acompanhe os avanços tecnológicos e científicos, sua dimensão humanística continua essencial para o cuidado de qualidade. **Conclusão:** a enfermagem desempenha papel central no cenário oncológico atual, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida dos pacientes e de seus familiares. Os avanços tecnológicos e científicos têm ampliado a efetividade do cuidado, mas demandam atualização constante dos profissionais. Assim, valorizar a pesquisa, investir na formação especializada e promover políticas públicas de apoio são medidas fundamentais para fortalecer a atuação da enfermagem em Oncologia e garantir assistência integral, humanizada e baseada em evidências.

Palavras-chave: Oncologia; Enfermagem; Assistência em saúde.

Referências:

BEZERRA, R. B. Desafios e perspectivas da enfermagem oncológica no Brasil. **Revista de Enfermagem e Saúde**, v. 12, n. 2, p. 45–52, 2024.

BRAGA, R. B. Enfermagem oncológica e a humanização da assistência. **Cadernos de Pedagogia**, v. 6, n. 1, p. 1–10, 2024.

PONTES, A. F.; SILVA, M. E.; SOUZA, L. S. Qualidade de vida dos pacientes oncológicos em cuidados paliativos: uma revisão narrativa. **Revista de Saúde e Desenvolvimento**, v. 15, n. 3, p. 123–130, 2022.

SECOLI, S. R.; PADILHA, K. G.; LEITE, R. C. B. O. Avanços tecnológicos em oncologia: reflexões para a prática de enfermagem. **Revista Brasileira de Cancerologia**, v. 51, n. 3, p. 263–270, 2005.

CHANAY, M. A. So you want to write a narrative review article? **Journal of Cardiothoracic and Vascular Anesthesia**, v. 35, n. 12, p. 3045–3049, 2021.

CAFÉ COM LETRAS E A PATRULHA MARIA DA PENHA: DIÁLOGO ENTRE SABERES E CONHECER PARA SE PROTEGER

Eixo: Transversal

Karen Cristiane Pereira de Moraes

Enfermeira, pedagoga, doutoranda em enfermagem pela Universidade Federal de Santa Maria- UFSM, Santa Maria RS

Josiane Costa Quevedo Martins

Acadêmica de licenciatura em pedagogia pela Universidade Federal de Santa Maria- UFSM, Santa Maria RS

Stéfani Ribas Brunhauser

Graduada em administração, comércio exterior e Policial Militar da Patrulha Maria da Penha, Santa Maria-RS

Jane Schumacher

Professora Doutora do Departamento de Metodologia do Ensino do Centro de Educação, Coordenadora do projeto de Extensão Café com Letras e Chefa do Observatório de Direitos Humanos da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Santa Maria.

Introdução: A BMRS, acompanha mulheres vítimas de violência que possuem medidas protetivas de urgência registradas no Poder Judiciário. Juntamente desse acompanhamento, a patrulha realiza ações de diálogo sobre o tema para a conscientização e direito das mulheres vítimas de violências. Frente ao grande número de registros de violência contra mulheres, buscou-se dialogar com os trabalhadores e trabalhadoras da associação de materiais recicláveis, vinculado ao projeto de extensão Café com Letras, para assim promover reflexões sobre direitos humanos, igualdade de gênero e formas de enfrentamento à violência. Neste sentido buscou-se parceria com Brigada Militar (BMRS), para realização de uma ação sobre violência contra a mulher. **Objetivo:** Relatar uma ação da patrulha Maria da Penha no projeto de extensão Café com Letras. **Método:** Tem os princípios da pesquisa qualitativa tendo o relato de experiência e a na ação da Patrulha Maria da Penha como fonte da ação, pois além das atividades de alfabetização, o projeto trabalha com ações de educação e saúde. O Café com Letras desenvolve ações para auxiliar no processo de alfabetização e faz parte do Projeto de Extensão da Universidade Federal de Santa Maria, vinculado à área de Educação em Direitos Humanos, realizado na ASMAR com os trabalhadores da Associação de Materiais Recicláveis de Santa Maria – RS. O projeto trabalha muito mais que a alfabetização de trabalhadores, aborda questões de saúde, educação, direitos humanos e meio ambiente. **Resultados:** Na ocasião a BMRS abordou com os participantes do Café com Letras que em sua maioria são mulheres sobre o que é a Patrulha e a Lei Maria da Penha, os direitos que as mulheres que solicitam medida protetiva tem, quais os tipos de violência, quando buscar ajuda, em contrapartida as participantes do projeto relataram alguns casos pelos quais já passaram e conseguiram superar. Na forma de diálogo, o grupo de trabalhadores e trabalhadoras pôde relatar experiências vividas e expressar as situações de violência enfrentadas em seu cotidiano, possibilitando a construção de um espaço de escuta, acolhimento e reflexão coletiva. **Considerações Finais:** A ação desenvolvida pela Patrulha Maria da Penha no projeto Café com Letras possibilitou momentos de diálogo, escuta e troca de experiências a respeito das diversas formas de violência vivenciadas. A iniciativa contribuiu para fortalecer a conscientização sobre os direitos humanos, os direitos das mulheres, promover o sentimento de pertencimento e a construção coletiva de estratégias de enfrentamento, o acesso à informação sobre os direitos das mulheres e os mecanismos de proteção disponíveis, abriu espaço para o diálogo e o compartilhamento de experiências de vida, fortalecendo o vínculo comunitário.

Palavras-chave: Educação em saúde; Violência doméstica; Direitos humanos.

Referências:

GOMES, D. P.; PEREIRA, A. S. M.; SANTIAGO, Joselita da Silva. Refazendo os percursos da disciplina bases socioantropológicas da Educação Física. **Ensino em Perspectivas**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 1–17, 2021.

MORAIS, Karen Cristiane Pereira; COSTA, Paola Caetano; GOMES, Fabiane; SHUMACHER, Jane. Café com Letras: encontros entre as palavras e vivências na Associação dos Selecionadores de Materiais Recicláveis de Santa Maria-RS (ASMAR-RS). In: **Congresso Nacional de Políticas Educacionais (CONAPE)**, 2025. Anais [...]. Santa Maria: Editora Realize, 2025.

SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA do Estado do Rio Grande do Sul. Programa Patrulha Maria da Penha acompanha e protege mulheres vítimas de violência. Porto Alegre: SSP/RS, 30 maio 2025.

CONTRIBUIÇÕES DA ENFERMAGEM NA DETECÇÃO PRECOCE E ACOMPANHAMENTO DE PACIENTES COM HANSENÍASE

Eixo: Inovação em Saúde Pública e Educação Comunitária

Sara Priscilla Silva dos Santos

Graduada em Enfermagem pela Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas – UNCISAL, Maceió - AL.

Estela dos Santos Lima

Graduanda em Enfermagem pela Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas – UNCISAL, Maceió - AL.

Introdução: A hanseníase é uma doença infecciosa crônica causada pelo *Mycobacterium leprae*, que acomete pele e nervos periféricos, podendo gerar incapacidades físicas permanentes e estigma social; embora haja políticas públicas para controle, o Brasil ainda apresenta casos endêmicos, principalmente em regiões socialmente vulneráveis, sendo fundamental o diagnóstico precoce, a adesão ao tratamento e a educação em saúde para interromper a transmissão e reduzir incapacidades; a Enfermagem desempenha papel estratégico na detecção precoce, acompanhamento terapêutico, orientações educativas e suporte aos pacientes, promovendo inclusão social e melhoria da qualidade de vida. **Objetivo:** Analisar, por meio de revisão de literatura, o papel da Enfermagem na detecção precoce e acompanhamento de pacientes com hanseníase. **Metodologia:** Revisão de literatura qualitativa, descritiva e transitória, com análise de conteúdo de Bardin, realizada nas bases SciELO, LILACS e PubMed, abrangendo publicações de 2015 a 2024, utilizando descritores “Hanseníase”, “Educação em Saúde”, “Atenção Primária” e “Enfermagem”, incluindo artigos que discutissem estratégias de prevenção, diagnóstico precoce, acompanhamento e atuação do enfermeiro, e excluindo estudos duplicados ou não pertinentes. **Resultados/Discussão:** A revisão revelou que o enfermeiro é essencial na identificação precoce da doença, monitoramento da poliquimioterapia, busca ativa de contatos e desenvolvimento de ações educativas que contribuem para reduzir o estigma e aumentar a adesão ao tratamento; visitas domiciliares, grupos educativos e campanhas comunitárias foram destacadas como estratégias eficazes; desafios incluem falta de recursos, baixa cobertura de programas educativos e necessidade de capacitação contínua; observa-se ainda que a integração entre níveis de atenção à saúde e políticas educativas comunitárias é crucial para a efetividade das ações. **Conclusão:** A Enfermagem é indispensável na detecção precoce e acompanhamento da hanseníase, sendo fundamental a implementação de estratégias educativas, capacitação profissional e suporte social, promovendo redução da transmissão, prevenção de incapacidades e inclusão social.

Palavras-chave: Hanseníase; Saúde pública; Prevenção; Enfermagem.

Referências:

- BRASIL. **Ministério da Saúde**. Diretrizes para vigilância, atenção e eliminação da hanseníase como problema de saúde pública. Brasília: Ministério da Saúde, 2021.
- PINHEIRO, M. G. M. et al. A atuação do enfermeiro no controle da hanseníase: revisão integrativa. **Revista Enfermagem Atual In Derme**, v. 97, n. 35, p. 1-9, 2022.
- SILVA, J. A. P.; CUNHA, M. H. S. Hanseníase: desafios para o diagnóstico precoce e controle. **Revista Saúde em Debate**, v. 45, n. 131, p. 1126-1138, 2021.

CULTURA POPULAR COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA: O CASO DA JUNINA EXPLOSÃO ESTRELAR

Eixo: Transversal

Marcos Vinicius dos Santos Nascimento

Mestrando em Educação pela Universidade Cidade de São Paulo – (UNICID, São Paulo SP)

Adelina de Oliveira Novaes

Pós-doutora em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – (PUC-SP, São Paulo SP)

Introdução: A cultura popular é fundamental na construção de identidades sociais, atuando como um repositório de conhecimentos, crenças e práticas comunitárias. Durante as festas juninas, a quadrilha junina converte o espaço do arraial em uma sala de aula simbólica, onde se ensinam valores como pertencimento, cooperação e tradição. O show Uma Promessa para o São João, da Junina Explosão Estrelar, ilustra essa perspectiva ao conectar a fé popular, a religiosidade e a tradição do Bumba meu Boi do Piauí. **Objetivo:** Examinar de que maneira a encenação da Explosão Estrelar auxilia nos processos de ensino-aprendizagem, enfatizando a importância da cultura popular como ferramenta pedagógica, com ênfase na preservação e na transmissão da tradição do Bumba meu Boi. **Metodologia:** A pesquisa seguiu uma abordagem qualitativa, fundamentada na análise crítica do espetáculo e na revisão de literatura acerca da cultura popular, da educação e da quadrilha junina. O critério de seleção bibliográfica priorizou autores que discutem a educação popular como forma de resistência cultural, como Brandão, e aqueles que analisam as quadrilhas como meios de transmissão de conhecimentos, como Lima. Além da revisão, o estudo considerou a observação direta do espetáculo, complementada por registros audiovisuais e anotações de campo, de modo a assegurar maior consistência na análise dos aspectos narrativos, coreográficos e simbólicos da apresentação. **Resultados:** Os resultados indicam que a história da promessa feita pelo noivo a São João não só dramatiza a fé popular, mas também transmite ensinamentos sobre valores comunitários que estão profundamente enraizados na devoção e no imaginário coletivo. O bordado, batismo, sotaque e nomeação do boi são etapas que funcionam como sequências didáticas e performáticas. Nelas, o público é progressivamente inserido no mundo cultural, simbólico e afetivo do Bumba meu Boi. Essa metodologia educacional, pouco comum e pioneira no contexto junino, converte o espetáculo em um instrumento de ensino-aprendizagem que integra arte, tradição e religiosidade. O efeito pedagógico vai além da cena e se manifesta no reconhecimento social e cultural: a quadrilha ganhou o título de campeã estadual e o vice-campeonato no Nordestão, o maior festival de quadrilhas do Nordeste. Esses resultados servem como provas empíricas da eficácia da experiência, mostrando que a prática cultural estudada, além de manter tradições, funciona como um local de aprendizado coletivo, fortalecimento comunitário e valorização da memória popular. Além disso, ao ler os comentários na página oficial do grupo, ficou evidente que o público também reconhece o caráter pedagógico do espetáculo, ressaltando sua capacidade de transmitir valores, ensinar de maneira divertida e fortalecer a identidade cultural.

Considerações Finais: O estudo mostra que a Quadrilha Junina Explosão Estrelar vai além do aspecto artístico, funcionando como um instrumento pedagógico para promover a cultura e a formação cidadã. Ao combinar tradição, religiosidade e estética, a quadrilha ensina e preserva o patrimônio cultural do Piauí, evidenciando que práticas não formais são fundamentais para uma educação completa. Estudos indicam que quadrilha é um espaço de memória e aprendizado coletivo, destacando o papel da cultura popular como prática educativa.

Palavras-chave: Bumba Meu Boi, Cultura Popular, Estado do Piauí, Festa Junina.

Referências:

BRANDÃO, Priscilla Pantoja do Nascimento. O brincar ribeirinho: práticas culturais das crianças da comunidade de Arraiol – Arquipélago do Bailique/AP. 2019. 138 f. **Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Amapá**, Macapá, 2019.

LIMA, Elizabeth Christina de Andrade. A festa de São João e a invenção da cultura popular. **Revista de Estudos Folclóricos**, v. 11, n. 23, p. 13–29, mai./ago. 2013.

MELLO, Gabriel Lucas Ferreira de. Dançando com a diversidade: um estudo etnográfico sobre dissidências de gênero e sexualidades na quadrilha junina Encanto Matuto de Itapororoca – PB. 2024. 80 f. **Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Antropologia) – Universidade Federal da Paraíba**, Rio Tinto, 2024.

DESAFIOS DA EDUCAÇÃO EM SAÚDE EM PACIENTES COM FERIDAS CRÔNICAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE

Eixo: Transversal

Betânia Hupes

Enfermeira residente multiprofissional em saúde da família UNIJUÍ/FUMSSAR

Elisiane Bisognin

Preceptora de enfermagem da residência multiprofissional em saúde da família UNIJUÍ/FUMSSAR. Doutorando UNIJUÍ

Introdução: As feridas crônicas devido às dificuldades de cicatrização são um grande problema de saúde pública, além do impacto na qualidade de vida do paciente, também exige acompanhamento contínuo da Atenção Primária em Saúde (APS), gerando um grande impacto organizacional e econômico. As feridas crônicas podem ser classificadas em diversos tipos, sendo as mais comuns: úlceras venosas e arteriais, lesão por pressão e doença do pé relacionada ao diabetes mellitus. A APS é a coordenadora do cuidado, desta forma, deve realizar o cuidado integral, avaliando a etiologia e tratamento, mas também ponderando os determinantes sociais e sua rede de apoio para o cuidado. Uma das principais ferramentas no cuidado longitudinal, é a educação em saúde, no qual estimula o autocuidado, adesão ao tratamento e previne complicações. Todavia, surgem diferentes desafios que podem prejudicar a efetividade desse processo educativo. **Objetivo:** Relatar a experiência vivenciada na Atenção Primária à Saúde frente aos desafios encontrados na educação em saúde de pacientes com feridas crônicas. **Metodologia:** Um relato de experiência, vivenciado em uma Unidade Básica de Saúde da região noroeste do estado do Rio Grande do Sul, durante a residência multiprofissional em saúde da família, no período de março de 2024 a setembro de 2025. O acompanhamento clínico dos pacientes aconteceu por meio de visitas domiciliares, participação em grupos educativos e atendimentos individuais. A equipe multiprofissional envolvida incluiu: enfermeiros, médicos, profissionais de educação física, nutricionistas e psicólogos, atuando de forma integrada. Durante as orientações e atendimentos utilizou-se protocolos para o manejo das feridas incluíram as diretrizes do Ministério da Saúde para o cuidado com feridas, além do protocolo do telessaúde e protocolos institucionais específicos para curativos e estratificação de risco, respeitando a individualidade de cada paciente. **Resultados e Discussões:** Durante a experiência na APS foram identificados diversos desafios na efetividade da educação em saúde para paciente de feridas crônicas, tais como: limitações físicas e cognitivas que acabam comprometendo o autocuidado; barreiras socioculturais, como as crenças populares e práticas caseiras; dificuldade socioeconômica relacionado ao acesso a insumos adequados; impacto psicossocial, muitos pacientes buscam isolar-se, possui baixa autoestima e apresentam-se diversas vezes desmotivados devido a demora na cicatrização; sobrecarga dos serviços e escassez de tempo para acompanhamento contínuo. Apesar dos diversos desafios, destaca-se fatores que são fundamentais para realizar educação em saúde: linguagem adequada, acessível e de fácil compreensão; materiais educativos e didáticos para relembrar os cuidados; visitas domiciliares para promover o envolvimento da família no processo do cuidado (se possível). Percebe-se diariamente que estas ações fortalecem a adesão ao tratamento e promovem o protagonismo dos pacientes no cuidado. **Conclusão:** A experiência evidenciou que a educação em saúde para pacientes com feridas crônicas é um processo desafiador, no qual exige uma abordagem integral, sensibilidade, comunicação efetiva e buscar promover o envolvimento da rede de apoio. Ressalta-se que as estratégias de cuidado precisam ser personalizadas conforme a realidade de cada paciente, para assim promover maior resolutividade, superando barreiras e contribuindo para melhorar a qualidade de vida dos pacientes.

Palavras-chave: Educação em Saúde; Ferimentos e Lesões; Pessoal da Saúde.

Referências:

BRAGHETTO, G. T. et al. Dificuldades e facilidades do enfermeiro da Saúde da Família no processo de trabalho. **Cadernos de Saúde Coletiva**, v. 27, n. 4, p. 420-426, Rio de Janeiro, mar/2019.

DE OLIVEIRA, A. P. et al. Visão de enfermeiros sobre um protocolo de prevenção e tratamento de feridas. **Avances en Enfermería**, v. 39, n. 3, p. 345-355, Bogotá, dez.2021.

KESSLER, M. et al.. Longitudinalidade do cuidado na atenção primária: avaliação na perspectiva dos usuários. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 32, n. 2, p. 186–193, São Paulo, mar. 2019.

DESAFIOS DA ENFERMAGEM NO ACOMPANHAMENTO DE PACIENTES COM TUBERCULOSE NA ATENÇÃO BÁSICA: UMA REVISÃO NARRATIVA

Eixo: Educação e Saúde em Rede

Sara Priscilla Silva dos Santos

Graduada em Enfermagem pela Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas – UNCISAL, Maceió - AL.

Estela dos Santos Lima

Graduanda em Enfermagem pela Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas – UNCISAL, Maceió - AL.

Introdução: A tuberculose continua sendo um problema de saúde pública relevante no Brasil, principalmente em regiões vulneráveis, vinculando-se a fatores sociais, coinfeção por HIV e desnutrição; embora haja avanços terapêuticos, a adesão ao tratamento, busca ativa de contatos e educação em saúde permanecem desafios, e a enfermagem exerce papel central na detecção precoce, monitoramento da adesão, orientação sobre autocuidado, prevenção de complicações e fortalecimento do vínculo com pacientes e familiares. **Objetivo:** Analisar os desafios enfrentados pela enfermagem no acompanhamento de pacientes com tuberculose na atenção básica. **Métodos:** Trata-se de uma revisão narrativa, de caráter descritivo e qualitativo. A pesquisa foi conduzida nas bases SciELO, LILACS e PubMed, seguindo orientações sobre a condução de revisões narrativas de Mark A. Chaney. Foram utilizados os seguintes descritores em português: “Tuberculose”, “Atenção Básica”, “Educação em Saúde” e “Enfermagem”, e seus correspondentes em inglês, para busca na PubMed: “Tuberculosis”, “Primary Health Care”, “Health Education” e “Nursing”. Foram incluídos estudos que abordassem a atuação do enfermeiro no acompanhamento de pacientes com tuberculose e na prevenção da doença, sendo utilizado filtros como idioma, tipo de estudo, disponibilidade de texto completo, população e área temática, excluídos artigos que não fossem pertinentes ao tema, revisões duplicadas, editoriais ou resumos de conferências. A seleção final considerou a relevância dos artigos para os objetivos do estudo. **Resultados e Discussão:** Os estudos selecionados evidenciou que a enfermagem desempenha papel central no acompanhamento de pacientes com tuberculose na atenção básica, atuando na busca ativa de casos, detecção precoce da doença, monitoramento da adesão ao tratamento, educação em saúde e orientação familiar. Intervenções como visitas domiciliares, grupos educativos e supervisão contínua do tratamento mostraram-se eficazes na redução da incidência e mortalidade da doença. Além disso, a educação em saúde direcionada ao paciente e à família contribuiu para o fortalecimento do autocuidado e da compreensão sobre a importância da continuidade do tratamento. Foram identificadas desafios que evidenciam a necessidade de estratégias integradas entre os serviços de saúde e a comunidade, promovendo o vínculo entre pacientes e a equipe multiprofissional. Os achados corroboram a literatura existente sobre a centralidade do enfermeiro no cuidado contínuo e na prevenção de complicações da tuberculose. **Conclusão:** A enfermagem se confirma como agente central no controle da tuberculose, sendo essencial para a adesão ao tratamento, prevenção de complicações e redução da mortalidade. O fortalecimento de políticas públicas, a capacitação contínua de profissionais e a implementação de estratégias educativas sistemáticas contribuem significativamente para a efetividade do cuidado e para a detecção precoce da doença. Ademais, a integração entre os serviços de saúde e ações comunitárias reforça o vínculo com os pacientes, promovendo um acompanhamento mais eficiente e resultados positivos no controle da tuberculose.

Palavras-chave: Tuberculose; Atenção básica; Adesão ao tratamento; Enfermagem.

Referências:

BRASIL. **Ministério da Saúde.** Manual de recomendações para o controle da tuberculose no Brasil. Brasília: Ministério da Saúde, 2022.

FERREIRA, D. C.; SOUSA, I. F. Desafios da Enfermagem no controle da tuberculose: uma revisão narrativa. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 24, p. 1-9, 2022.

BARRÉTO, Anne Jaquelyne Roque et al. Gestão do cuidado à tuberculose: da formação à prática do enfermeiro. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 66, n. 6, p. 907–914, dez. 2013.

CHANEY, M. A. So you want to write a narrative review article? **Journal of Cardiothoracic and Vascular Anesthesia**, v. 35, n. 12, p. 3045–3049, 2021.

DESAFIOS DAS PESSOAS TRANSEXUAIS NO CONTEXTO EDUCACIONAL PÚBLICO

Eixo: Transversal

Mateus de Souza Costa

Enfermeiro - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia -UESB, Jequié-BA

Amanda de Alencar Pereira Gomes

Mestra e doutoranda em Ciências da Saúde pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, Jequié-BA

Renara Meira Gomes de Carvalho

Mestra e doutoranda em Ciências da Saúde pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, Jequié-BA

Vanda Palmarella Rodrigues

Doutora em Enfermagem pela Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia –UFBA, Salvador-BA.

Introdução: O direito à educação é reconhecido como fundamental para o desenvolvimento humano e a promoção da cidadania. Contudo, quando se trata da população transexual, esse direito ainda é atravessado por inúmeras barreiras estruturais, sociais e culturais que comprometem tanto o acesso, quanto a permanência nos espaços escolares. **Objetivo:** Descrever os desafios vivenciados por pessoas transexuais no contexto da educação pública.

Metodologia: Trata-se de uma pesquisa descritiva e exploratória, de abordagem qualitativa, realizada com 10 mulheres transexuais e um homem transexual vinculadas(os) à Associação LGBTIS de Jequié e região, localizado em um município no interior da Bahia. Para a seleção das(os) participantes, foram estabelecidos os seguintes critérios de elegibilidade: critérios de inclusão: pessoas de ambos os gêneros, com idade igual ou superior a 18 anos, independentemente de terem ou não realizado a cirurgia de redesignação sexual; e critérios de exclusão: pessoas transexuais que apresentassem déficit cognitivo e/ou doença neurológica que impedissem a participação. Para a coleta de dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas conduzidas na Associação Casa das Mulheres de Jequié e região, após o contato inicial feito pelo presidente da Associação LGBTIS. A técnica de análise de conteúdo, na modalidade temática, foi utilizada para organizar e analisar os dados. Neste recorte, foi abordada a categoria Vulnerabilidades e violências vivenciadas pelas pessoas trans. As questões éticas previstas nas Resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde foram rigorosamente seguidas, com a submissão do projeto de pesquisa intitulado "Descontinando a Subjetividade da Transexualidade" ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), sob o CAAE 51641021.7.0000.0055, aprovado com o parecer nº 6.189.551 em 18/07/2023. **Resultados:** Evidenciou-se que a transfobia e o preconceito, manifestados tanto no ambiente escolar quanto nas instâncias institucionais, configuram barreiras significativas à garantia do direito à educação. Entre os principais obstáculos, destacam-se a não utilização do nome social, práticas discriminatórias de colegas, professores e gestores, bem como a ausência de apoio institucional, políticas de permanência e mecanismos de inclusão, como cotas específicas para essa população no ensino superior. Tais elementos produzem desigualdades estruturais que dificultam a continuidade dos estudos e reforçam a evasão escolar, limitando as oportunidades acadêmicas e profissionais. **Conclusão:** A efetivação de uma educação pública inclusiva requer a implementação de políticas afirmativas, formação continuada de profissionais da educação e a promoção de ambientes escolares que respeitem a identidade de gênero como condição essencial para a equidade no acesso e na permanência educacional.

Palavras-chave: Educação inclusiva; Identidade de gênero; Pessoas transgênero; Vulnerabilidade social.

Referências:

FREITAS, Sandra; BERMÚDEZ, Ximena Pamela Díaz; MÉRCHAN-HAMANN, Edgar. Sentidos atribuídos por jovens escolares LGBT à afetividade e à vivência da sexualidade. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 30, n. 2, e190351, out. 2020.

LIMA, Tatiane. Educação básica e o acesso de transexuais e travestis à educação superior. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 77, p. 70–87, set. 2020.

NATAL-NETO, Flávio de Oliveira; MACEDO, Geovani da Silva; BICALHO, Pedro Paulo Gastalho. A criminalização das identidades trans na escola: Efeitos e resistências no espaço escolar. **Psicologia: Ensino & Formação**, [S. I.], v. 7, n. 1, p. 78-86, jan./jul. 2016.

SCOTE, Fausto Delphino; GARCIA, Marcos Roberto Vieira. Trans-formando a universidade: um estudo sobre o acesso e a permanência de pessoas trans no ensino superior. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 38, n. 2, p. 1–25, abr./jun. 2020.

SILVA, Glauber Carvalho da; MOUTINHO, Laura. Ações afirmativas para pessoas trans e travestis: um processo não pacificado. **Revista Fórum Identidades**, Itabaiana-SE, v. 40, n. 1, p. 45–58, jul./dez. 2024.

DESAFIOS E PRÁTICAS PARA INCLUSÃO DE POPULAÇÕES EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE NO CONTEXTO EDUCACIONAL

Eixo: Inovação em Saúde Pública e Educação Comunitária

Adriano Santos de Farias

Acadêmico de Psicologia pela Atitus Educação, Passo Fundo RS

Brenda Aguirre Lemos Vaes

Acadêmica de Psicologia pela Atitus Educação, Passo Fundo RS

Natasha Louise Kiling da Silva

Acadêmica de Psicologia pela Atitus Educação, Passo Fundo RS

Silvana Ribeiro

Doutora em Psicologia Social e Institucional pela UFRGS, Docente do curso de Psicologia da Atitus Educação, Passo Fundo RS

Introdução: A educação, garantida pela Constituição Federal de 1988, ainda enfrenta desafios diante das desigualdades sociais brasileiras. Crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade vivenciam carências materiais e afetivas que comprometem sua trajetória escolar. Quando a sobrevivência cotidiana torna-se prioridade, a educação perde espaço, perpetuando ciclos de exclusão e baixos níveis de escolarização. Essa realidade evidencia como fatores sociais e econômicos se entrelaçam na construção de barreiras ao acesso e à conclusão do ensino básico. Nesse contexto, políticas públicas eficazes e o trabalho intersetorial, articulando educação, saúde e assistência social, constituem estratégias essenciais para enfrentar obstáculos, ampliar possibilidades de inclusão e fortalecer a equidade no campo educacional. **Objetivo:** Analisar, por meio de revisão narrativa, como a literatura recente aborda a interface entre inclusão, saúde mental e vulnerabilidade no contexto escolar, identificando práticas e desafios que favoreçam a promoção da equidade e o fortalecimento de redes colaborativas no campo educacional. **Método:** Trata-se de uma revisão narrativa, realizada no Periódicos da CAPES, utilizando descritores do DeCS: (“inclusão” AND “saúde mental” AND “vulnerabilidade”) OR (“vulnerabilidade social” AND “escola”). O recorte temporal foi de 2020 a 2025. A busca resultou em 173 artigos, dos quais foram selecionados cinco, considerando pertinência temática, clareza metodológica e, a partir da análise dos autores, contribuição para a compreensão das práticas colaborativas voltadas a populações em situação de vulnerabilidade no contexto educacional. **Resultados e Discussão:** Os estudos analisados revelam que a vulnerabilidade social interfere de forma significativa no acesso, na permanência e no sentido atribuído à escolarização. Evidencia-se que as condições materiais e afetivas das famílias impactam diretamente o envolvimento com a escola, tornando a sobrevivência cotidiana uma prioridade em detrimento do processo educativo. A escuta de discursos e práticas dos diferentes atores envolvidos mostra-se uma ferramenta potente para a construção de estratégias de fortalecimento dos vínculos institucionais e comunitários. Além disso, observa-se que políticas educacionais recentes, ao priorizarem a centralidade da aprendizagem sob uma perspectiva de desempenho, acabam reproduzindo lógicas empresariais que enfraquecem o caráter público e democrático da escola. As percepções das crianças entrevistadas indicam uma visão positiva do ambiente escolar, mas ainda pouco associada a oportunidades futuras, enquanto professores relatam obstáculos ligados à estigmatização de comunidades vulneráveis, à fragilidade familiar e à carência de investimentos públicos em educação e cultura, elementos que aprofundam desigualdades históricas. **Considerações Finais:** A análise evidencia que a vulnerabilidade social permanece como um obstáculo estrutural à efetivação do direito à educação, impactando tanto as condições objetivas quanto as percepções subjetivas de crianças, famílias e educadores. Superar tais barreiras requer políticas públicas integradas que reconheçam a complexidade do fenômeno e valorizem a escola como espaço democrático e de proteção social. A articulação entre educação, saúde e assistência social, somada ao fortalecimento de redes colaborativas, mostra-se fundamental para promover inclusão, equidade e a construção de trajetórias educativas capazes de romper ciclos históricos de exclusão.

Palavras-chave: Inclusão; Vulnerabilidade Social; Contexto Educacional.

Referências:

FEITOSA, F. G. O. et al. Pedagogia do abandono: a representação da vulnerabilidade social no processo ensino-aprendizagem. *Revista de Psicologia*, [S. l.], v. 16, n. 60, p. 90-105, 2022.

LOUREIRO, C.; KRAEMER, G.; LOPES, M. C. Competências e direito de aprendizagem: protagonismo e vulnerabilidade. **Cadernos CEDES**, [S. I.], v. 41, n. 114, p. 99-109, 2021.

LUZ, K. Z.; LUCION, C. S. A criança em estado de vulnerabilidade social e seu olhar para escola. **Revista Saberes Pedagógicos**, Criciúma, SC, v. 4, n. 3, p. 192-211, 2020.

PRADO, E. F. A. et al. Reflexões sobre a relação família e escola em territórios de vulnerabilidade social. **Olhares**, [S. I.], v. 8, n. 1, p. 18-32, 2020.

WINTER, A. C.; MENEGOTTO, L. M. O.; ZUCCHETTI, D. T. Vulnerabilidade social e educação: uma reflexão na perspectiva da importância da intersetorialidade. **Conhecimento & Diversidade**, [S. I.], v. 11, n. 25, p. 165-183, 2020.

DESCONSTRUINDO O MURO DO MANICÔMIO: O LEGADO DE FOUCAULT E SILVEIRA PARA AS PRÁTICAS COLABORATIVAS EM SAÚDE MENTAL

Eixo: Educação e saúde em rede

Anizia Lino de Messias

Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Maceió AL

Enos Erick Batista Lima

Mestrando em Educação Física pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Maceió AL

Elizabeth Maria da Silva Batista Lima

Especialista em Neuropsicologia pela Faculdade Venda Nova do Imigrante – FAVENI, Venda Nova do Imigrante ES

Introdução: A superação do modelo manicomial, centrado na exclusão e no poder disciplinar, exige a construção de novas bases para o cuidado em saúde mental. As práticas colaborativas apresentam-se como elemento fundamental para essa transformação, pois reconfiguram as relações de poder e saber dentro do campo terapêutico. Este estudo articula a crítica teórica de Michel Foucault ao “espaço asilar” com a revolucionária prática clínica de Nise da Silveira. Argumenta-se que, enquanto Foucault desvelou a lógica de isolamento do muro manicomial, Silveira demonstrou, na prática, como desconstruí-lo por meio de um cuidado baseado na colaboração entre pacientes, terapeutas, artistas e a comunidade. **Objetivo:** Analisar como a crítica de Michel Foucault ao poder psiquiátrico e a prática clínica de Nise da Silveira convergem para fundamentar a centralidade das práticas colaborativas em saúde mental, destacando o legado de ambos como alicerce para a consolidação de um cuidado em rede, antimanicomial e humanizado. **Metodologia:** Pesquisa de natureza teórico-conceitual, fundamentada em revisão bibliográfica. A análise ancora-se no referencial da dissertação de mestrado da autora, que investiga a violência institucional dos espaços manicomiais e as alternativas terapêuticas voltadas à valorização da subjetividade e à reintegração social. **Resultados:** A análise da obra de Foucault evidencia que o manicômio é uma instituição marcada pelo poder disciplinar, operando por meio do isolamento e da imposição de uma relação vertical entre médico e paciente, o que torna inviável a colaboração. Em contrapartida, a prática de Nise da Silveira na Seção de Terapêutica Ocupacional e na Casa das Palmeiras demonstrou que a melhora clínica está intrinsecamente associada à criação de um ambiente horizontal e colaborativo. Nesses espaços, o saber do paciente é valorizado, e o cuidado é construído coletivamente, envolvendo sua participação ativa no processo terapêutico e em sua relação com a comunidade. Os resultados apontam que Silveira, na prática, efetivou a desconstrução do poder que Foucault teorizou. **Considerações Finais:** Conclui-se que desconstruir o “muro do manicômio” significa substituir a lógica do poder disciplinar pela ética da colaboração. O legado conjunto de Foucault e Silveira mostra que as práticas colaborativas não são apenas uma técnica ou abordagem, mas a condição de possibilidade para um cuidado em saúde mental orientado pela autonomia, cidadania e equidade. A consolidação da saúde em rede requer, portanto, a criação de espaços e relações que promovam o encontro, a horizontalidade e a construção conjunta, superando o paradigma da exclusão.

Palavras-chave: Práticas Colaborativas; Desinstitucionalização; Saúde Mental.

Referências:

FOUCAULT, Michel. **O poder psiquiátrico: curso dado no Collège de France (1973-1974).** São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MELO, Walter; FERREIRA, Ademir P. Clínica, pesquisa e ensino: Nise da Silveira e as mutações na psiquiatria brasileira. **Rev. Latinoam. Psicopatol. Fundam.**, São Paulo, v. 16, n. 4, p. 555-569, dez. 2013.

MESSIAS, Anizia Lino de. Continuidades e descontinuidades entre o pensamento de Nise da Silveira e Michel Foucault: acerca da esquizofrenia. 2023. 69 f. **Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Alagoas**, Maceió, 2023.

DO ISOLAMENTO À REDE: O PAPEL DAS INSTITUIÇÕES DE TRANSIÇÃO NO CUIDADO INTEGRAL AO PACIENTE COM ESQUIZOFRENIA

Eixo: Educação e saúde em rede

Anizia Lino de Messias

Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Maceió AL

Enos Erick Batista Lima

Mestrando em Educação Física pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Maceió AL

Elizabeth Maria da Silva Batista Lima

Especialista em Neuropsicologia pela Faculdade Venda Nova do Imigrante – FAVENI, Venda Nova do Imigrante ES

Introdução: A transição do modelo manicomial para o de saúde em rede representa um dos maiores desafios das políticas de saúde mental contemporâneas. Historicamente, o paradigma do isolamento, criticado por autores como Michel Foucault por seu "poder disciplinar", mostrou-se ineficaz e violento, falhando em promover a reintegração social do sujeito em sofrimento psíquico. Nesse cenário, a presente pesquisa destaca o papel fundamental das instituições de transição como dispositivos estratégicos para a efetivação do cuidado colaborativo e com equidade. Analisa-se, em particular, a experiência pioneira da Casa das Palmeiras, fundada por Nise da Silveira, como um modelo prático que materializa a passagem do confinamento para o convívio, demonstrando a relevância de se construir "pontes" entre o tratamento intensivo e a vida em comunidade. **Objetivo:** Analisar a Casa das Palmeiras, de Nise da Silveira, como um modelo histórico e prático de instituição de transição; e discutir a importância desses dispositivos para a efetivação do cuidado em rede e da desinstitucionalização psiquiátrica, em contraponto ao paradigma do isolamento manicomial. **Metodologia:** A pesquisa se caracteriza como um estudo teórico-conceitual com base em revisão bibliográfica. A análise foi desenvolvida a partir do referencial teórico da dissertação de mestrado da autora, que articula a crítica de Michel Foucault às instituições psiquiátricas com a práxis de Nise da Silveira, ressaltando a necessidade de abordagens que considerem a subjetividade e a reinserção social no tratamento da esquizofrenia. **Resultados:** A investigação demonstrou que Nise da Silveira identificou as altas taxas de reinternação como uma consequência direta da ausência de suporte social e afetivo para os egressos do hospital psiquiátrico. A Casa das Palmeiras foi concebida para preencher essa lacuna, funcionando como uma "ponte entre o hospital e a vida na sociedade". No local, os "clientes" podiam continuar suas atividades expressivas, fortalecer laços socioafetivos e gradualmente se readaptar à vida em liberdade, com autonomia e dignidade. Os resultados apontam que esse modelo de transição é eficaz por atacar a lógica do isolamento, oferecendo um cuidado contínuo que não se encerra com a alta hospitalar, mas se estende à comunidade, tornando-se um pilar essencial para a sustentabilidade da saúde em rede. **Considerações Finais:** Conclui-se que as instituições de transição, a exemplo da Casa das Palmeiras, não são meros apêndices do sistema de saúde, mas sim componentes vitais para o sucesso da desinstitucionalização e para a construção de um cuidado verdadeiramente integral. Elas representam a aplicação prática dos princípios da saúde em rede, ao promoverem a colaboração, a continuidade do cuidado e a equidade, tratando o sujeito em sua totalidade existencial e social. O legado de Nise da Silveira evidencia que, para superar o isolamento, é preciso mais do que abrir as portas dos manicomios; é necessário construir e fortalecer as redes que acolhem o sujeito na comunidade.

Palavras-chave: Saúde em Rede; Desinstitucionalização; Nise da Silveira.

Referências:

FOUCAULT, Michel. **O Poder Psiquiátrico: Curso dado no Collège de France (1973-1974).** São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MELO, Walter; FERREIRA, Ademir P. Clínica, pesquisa e ensino: Nise da Silveira e as mutações na psiquiatria brasileira. **Rev. Latinoam. Psicopatol. Fundam.** São Paulo, v. 16, n. 4, p. 555-569, dez. 2013.

MESSIAS, Anizia Lino de. Continuidades e descontinuidades entre o pensamento de Nise da Silveira e Michel Foucault: acerca da esquizofrenia. 69 f. **Dissertação (Mestrado em Filosofia – Universidade Federal de Alagoas,** Maceió, 2023.

DO SABER AO FAZER: EDUCAÇÃO NUTRICIONAL INOVADORA PARA COMUNIDADES EM VULNERABILIDADE SOCIAL

Eixo: Inovação em Saúde Pública e Educação Comunitária: enfocando programas de educação comunitária que visem melhorar a saúde geral da população.

Aline da Silva Pereira

Graduada em Nutrição pela Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico de Vitória – UFPE-CAV, Pernambuco PE

Jonathas Rodrigo Nascimento Alves

Graduado em Fisioterapia pelo Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA, Pernambuco PE

Davi Augusto Silva de Melo

Graduado em Nutrição pela Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico de Vitória – UFPE-CAV, Pernambuco PE

Introdução: A má alimentação e o baixo conhecimento nutricional prejudicam a saúde de populações vulneráveis, aumentando doenças crônicas e desnutrição, agravadas por fatores socioeconômicos e culturais. Programas inovadores de educação nutricional, combinando teoria e prática (oficinas, visitas domiciliares, jogos educativos e acompanhamento), têm se mostrado eficazes em promover mudanças comportamentais duradouras, especialmente quando envolvem participação comunitária e adaptação cultural. **Objetivo:** Avaliar o impacto de programas de educação nutricional inovadora em comunidades socialmente vulneráveis sobre o conhecimento nutricional, atitudes e comportamentos alimentares dos participantes. Método ou **Metodologia:** Foi realizada pesquisa bibliográfica nas bases de dados PubMed, SCOPUS, MEDLINE e BVS, abrangendo publicações de 2024 a 2025, com os seguintes descritores: Educação Alimentar e Nutricional. Promoção da Saúde Alimentar e Nutricional. Comunidades Vulneráveis. O estudo revisou intervenções nutricionais em comunidades vulneráveis, incluindo crianças, adolescentes e adultos, com oficinas teóricas e práticas, jogos educativos, acompanhamento contínuo e participação comunitária. Foram incluídos artigos em inglês e português, publicados entre 2023 a 2025, e foram excluídos artigos fora da temática de estudo. Inicialmente foram encontrados 80 estudos, dos quais, após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados 4 artigos, incluídos nesta revisão. **Resultados:** Os cinco achados evidenciam que as intervenções aumentaram significativamente o conhecimento nutricional, especialmente sobre grupos alimentares, hidratação e leitura de rótulos, com ganhos médios de 25–40% em crianças e adolescentes. Houve melhora nas atitudes e comportamentos, incluindo maior consumo de frutas, verduras e alimentos minimamente processados, redução de ultraprocessados e bebidas açucaradas, e maior adesão a práticas de higiene e preparo seguro, sendo oficinas culinárias e jogos educativos mais eficazes que métodos teóricos. Nos indicadores antropométricos, populações com déficits nutricionais apresentaram ganho de peso e crescimento adequados, enquanto comunidades com sobrepeso ou obesidade tiveram pequenas, mas significativas, reduções do IMC. Intervenções com engajamento comunitário apresentaram maior adesão e manutenção dos hábitos saudáveis. **Conclusão ou Considerações Finais:** Programas inovadores de educação nutricional em comunidades vulneráveis promovem mudanças significativas no comportamento alimentar e, em alguns casos, melhorias antropométricas, especialmente quando combinam métodos teóricos e práticos, ferramentas interativas, participação comunitária e adequação cultural. No entanto, barreiras socioeconômicas e acesso limitado a alimentos podem reduzir seu impacto, sendo recomendada educação continuada, monitoramento e políticas de apoio para garantir a sustentabilidade.

Palavras-chave: Educação Alimentar e Nutricional; Promoção da Saúde Alimentar e Nutricional; Comunidades Vulneráveis.

Referências:

Arabadví, Z. et al. Education as an effective strategy to promote nutritional knowledge, attitudes, and behaviors in street children. **BMC Public Health**. v. 23, n. 1, 2023.

Arce-Cuesta, D. et al. Nutriacción+: A Tool for Learning About Healthy Eating for Economically and Educationally Vulnerable Children. **European Journal of Investigation in Health Psychology and Education**. v. 15, n. 6, p. 115–115, 2025.

Mosquera, E. M. B. et al. Improving the Nutritional Status of Socially Vulnerable Children in Manaus, Brazilian Amazon, through a Food Supplementation Programme. **Nutrients**. v. 16, n. 7, p. 1051–1051, 2024.

Pacheco, P. M. et al. Effectiveness of a Nutrition Counseling Intervention on Food Consumption, According to the Degree of Processing: A Community-Based Non-Randomized Trial of Quilombola Communities in South Brazil. **International Journal of Public Health**. v. 69, n.1, 2024.

EDUCAÇÃO EM SAÚDE SOBRE HIPERTENSÃO E DIABETES COM ALUNOS DA EJA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Eixo: Inovação e Tecnologia na Educação para a Saúde e Prevenção

Daniele de Moura Santos

Acadêmica do curso de Medicina na Universidade Federal do Piauí (UFPI) - Picos, Piauí, Brasil.

Betina Armanini de Lima

Acadêmica do curso de Medicina na Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE) - Joinville, Santa Catarina, Brasil.

Isabele Maria Velanes Vilela

Acadêmica do curso de Medicina na Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (EBMSP) - Salvador, Bahia, Brasil.

Gabriel Serafini da Silveira

Acadêmico do curso de Medicina na Universidade de Caxias do Sul (UCS) - Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil.

Paulo Cesar de Moura Luz

Professor Adjunto do curso de Medicina da Universidade Federal do Piauí (UFPI) - Picos, Piauí, Brasil.

Introdução: A Hipertensão Arterial Sistêmica e o Diabetes Mellitus tipo 2 estão entre as doenças crônicas não transmissíveis mais prevalentes no Brasil e no mundo. Frequentemente evoluem de forma silenciosa em seus estágios iniciais, o que favorece o subdiagnóstico e o atraso terapêutico. Essas condições estão relacionadas a complicações cardiovasculares, renais e metabólicas graves, além de representarem importante sobrecarga aos sistemas de saúde. Apesar disso, muitos fatores de risco, como sedentarismo e alimentação inadequada, são passíveis de modificação por meio de ações educativas. Nesse cenário, atividades de educação em saúde desenvolvidas em espaços comunitários assumem papel estratégico para o fortalecimento do autocuidado e da prevenção. **Objetivos:** Relatar uma experiência de educação em saúde realizada com adultos e idosos do programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA) em uma escola pública do nordeste brasileiro, destacando os impactos da atividade para os participantes e para os estudantes de Medicina envolvidos. **Metodologia:** Trata-se de um relato de experiência construído a partir das reflexões dos autores sobre ação educativa de promoção da saúde. A atividade integrou uma atividade prática desenvolvida por estudantes de Medicina de uma universidade pública do estado do Piauí, em parceria com professores e funcionários do EJA, o que favoreceu a adesão dos alunos. O encontro foi conduzido por acadêmicos do primeiro período, com supervisão docente, e teve como foco a prevenção e o controle de doenças crônicas, especialmente Diabetes Mellitus tipo 2 e Hipertensão Arterial Sistêmica. Foram utilizadas estratégias participativas, incluindo exposição dialogada, atividades práticas e rodas de conversa. As percepções foram registradas em diário de campo reflexivo e analisadas sistematicamente. **Resultados:** A atividade promoveu resultados significativos. Para os participantes, destacou-se a ampliação do conhecimento sobre fatores de risco, diagnóstico precoce e adesão ao tratamento. O uso de linguagem acessível, recursos visuais e exemplos práticos facilitou a compreensão, enquanto o diálogo possibilitou a troca de saberes e o compartilhamento de vivências relacionadas ao adoecimento crônico, fortalecendo o vínculo com os acadêmicos. Para os estudantes, a ação proporcionou o desenvolvimento de habilidades essenciais, como comunicação clara, empatia, escuta ativa e adaptação da linguagem técnica ao contexto sociocultural. Além disso, estimulou reflexões sobre barreiras de acesso enfrentadas por populações em situação de vulnerabilidade social. **Conclusão:** A experiência reforça a importância da comunicação efetiva, da participação comunitária e da linguagem acessível nas ações de promoção da saúde. Evidencia também o papel da educação em saúde como ferramenta de prevenção de doenças crônicas não transmissíveis e incentivo ao autocuidado. Para os estudantes, especialmente no início da graduação, a vivência representou uma oportunidade única de aproximação com a comunidade, fortalecendo princípios de integralidade e humanização do cuidado. Dessa forma, a atividade gerou benefícios imediatos para os alunos do EJA e constituiu espaço formativo fundamental, ampliando a compreensão do papel social do médico e da universidade.

Palavras-chave: Educação em Saúde; Hipertensão Arterial Sistêmica; Diabetes Mellitus do tipo 2.

Referências:

Rosa FG, Silva JT, Oliveira MS, Lima AP. Diabetes Mellitus tipo 2 e Hipertensão Arterial: doenças crônicas não transmissíveis mais prevalentes nos usuários da Unidade de Saúde da Família Osvaldo Piana do município de Porto Velho-RO. *Braz J Health Rev.* 2024;8(4):01-16.

Brasil. **Ministério da Saúde.** Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação. Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas do Diabetes Mellitus Tipo 2. Brasília: Ministério da Saúde; 2024.

Brasil. **Ministério da Saúde.** Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente. Vigitel Brasil 2023: vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico. Brasília: Ministério da Saúde; 2023. p. 131.

International Diabetes Federation. IDF Diabetes Atlas: 10th edition. 2021.

Brasil. Lei nº 13.632, de 6 de março de 2018. Altera a Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990.

EDUCAÇÃO INTERPROFISSIONAL COMO ESTRATÉGIA PARA A CONSOLIDAÇÃO DA SAÚDE EM REDE: DESAFIOS E PERSPECTIVAS NA FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS

Eixo: Educação e Saúde em Rede

Ravena de Farias

Mestre em Serviço Social pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Campina Grande/PB

Introdução: A saúde em rede é uma diretriz fundamental para o fortalecimento da atenção integral e contínua no sistema de saúde, sobretudo em contextos que exigem a articulação entre diferentes níveis de atenção e serviços. Esse modelo busca superar a fragmentação das práticas e promover a integração entre equipes multiprofissionais, assegurando maior resolutividade e qualidade no cuidado. Entretanto, sua efetividade depende, de maneira significativa, da capacitação e da formação de profissionais aptos a atuar de forma colaborativa. Nesse cenário, a educação interprofissional e as práticas educativas desenvolvidas no próprio serviço assumem papel central para a consolidação da saúde em rede. **Objetivo:** Analisar como a educação interprofissional pode contribuir para a efetivação da saúde em rede. **Metodologia:** Consistiu em uma revisão bibliográfica. Foram selecionados 10 documentos entre artigos, livros e documentos oficiais publicados entre os anos de 2000 e 2023, localizados em bases de dados como SciELO, PubMed e Google Scholar, bem como normativas do Ministério da Saúde. O critério de inclusão foi os documentos com os seguintes descritores: “saúde em rede”, “educação interprofissional”, “integralidade do cuidado” e “educação permanente em saúde”, sendo consequentemente excluídos, os que não atendiam a este critério. Os textos foram analisados criticamente, priorizando produções que abordassem a integração ensino-serviço e o desenvolvimento de competências colaborativas. **Resultados:** A saúde em rede ainda enfrenta obstáculos importantes, como as dificuldades de comunicação entre os diferentes pontos de atenção, a fragmentação institucional e a limitada valorização da educação permanente como política estruturante. Apesar desses desafios, experiências mostram que iniciativas pautadas na educação interprofissional, especialmente quando apoiadas em metodologias ativas, favorecem o desenvolvimento de competências colaborativas, o reconhecimento dos papéis profissionais e o fortalecimento de práticas centradas no usuário. Além disso, processos formativos baseados em perspectivas críticas contribuem para a formação de sujeitos capazes de atuar de maneira reflexiva e transformadora. **Conclusões:** A análise realizada evidencia que a consolidação da saúde em rede depende diretamente da superação de barreiras estruturais e organizacionais que ainda limitam a comunicação, a integração institucional e a valorização da educação permanente. Nesse contexto, a educação interprofissional mostra-se uma estratégia essencial para promover práticas colaborativas, fortalecer o trabalho em equipe e qualificar a atenção centrada no usuário. Os resultados indicam que metodologias ativas e processos formativos de caráter crítico podem ampliar a capacidade reflexiva dos profissionais e contribuir para a construção de uma prática transformadora no âmbito do sistema de saúde. Dessa forma, investir em iniciativas educativas integradas ao cotidiano dos serviços representa não apenas um caminho para a efetivação da saúde em rede, mas também um compromisso com a melhoria contínua da qualidade do cuidado e da integralidade da atenção.

Palavras-chave: Formação Profissional; Saúde em Rede; Integralidade do Cuidado.

Referências:

- BRASIL. **Ministério da Saúde.** Política Nacional de Educação Permanente em Saúde. Brasília: MS, 2018.
- CECCIM, R. B.; FEUERWERKER, L. M. Educação permanente em saúde. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 8, n. 14, p. 161-177, 2004.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 32. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.
- PEDUZZI, M. et al. Educação interprofissional: formação de profissionais de saúde para o trabalho em equipe com foco nos usuários. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 47, n. 4, p. 977-983, 2013.

EDUCAÇÃO PROFISSIONAL, INTERPROFISSIONALIDADE E TECNOLOGIA NO FORTALECIMENTO DAS EMULTI: DESAFIOS E ESTRATÉGIAS PARA A INTEGRALIDADE EM REDE

Eixo: Educação e saúde em rede: A saúde em rede é uma ideia que surge a partir da integração de vários serviços e nível de atenção ao paciente, a fim de fornecer atenção integral e contínua. Para sua efetivação é necessário compreender e capacitar profissionais para aplicá-la.

Aline da Silva Pereira

Graduada em Nutrição pela Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico de Vitória – UFPE-CAV, Pernambuco PE

Jonathas Rodrigo Nascimento Alves

Graduado em Fisioterapia pelo Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA, Pernambuco PE

Davi Augusto Silva de Melo

Graduado em Nutrição pela Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico de Vitória – UFPE-CAV, Pernambuco PE

Introdução: A implementação das equipes multiprofissionais (eMulti) na Atenção Primária à Saúde (APS) representa um avanço estratégico na consolidação da saúde em rede, permitindo atenção integral, contínua e centrada no território. Não se trata apenas de reunir profissionais de diferentes áreas; é necessário reorganizar fluxos de cuidado, aprimorar a comunicação interprofissional e articular processos educativos que capacitem os profissionais para atuar de forma coordenada, ética e reflexiva. Evidências recentes (2023–2025) indicam que, embora as eMulti ampliem a resolutividade e promovam equidade no acesso aos serviços, desafios estruturais e educacionais persistem: lacunas na formação interprofissional, integração tecnológica limitada e carência de metodologias que incentivem reflexão crítica, ética aplicada e gestão compartilhada do cuidado. A literatura enfatiza que estratégias de formação continuada, uso inteligente de tecnologias de informação e avaliação sistemática do desempenho das equipes são centrais para consolidar a atenção em rede como prática sustentável e de qualidade.

Objetivo: Analisar evidências recentes sobre a formação e atuação das eMulti na APS; identificar benefícios, desafios educacionais e estruturais; e propor diretrizes para capacitação interprofissional, utilização tecnológica e integração eficiente do cuidado em rede, promovendo práticas inovadoras, éticas e centradas no paciente. **Método ou Metodologia:** Foi realizada pesquisa bibliográfica nas bases de dados PubMed, SCOPUS, MEDLINE e BVS, abrangendo publicações de 2023 a 2025. Foram selecionados estudos empíricos, revisões de escopo, artigos de posição e documentos oficiais sobre educação em rede, formação de eMulti e uso de tecnologias de informação na APS. A análise temática priorizou quatro eixos: interprofissionalidade, capacitação continuada, uso de sistemas eletrônicos (PEC, e-SUS APS) e avaliação do impacto sobre integralidade e qualidade do cuidado. A síntese buscou identificar padrões, lacunas e estratégias replicáveis ou adaptáveis em diferentes contextos municipais e regionais.

Resultados: Os achados evidenciam ganhos significativos: melhoria na coordenação do cuidado, ampliação do acesso a serviços, personalização das estratégias assistenciais e engajamento ativo das equipes e dos usuários. No entanto, desafios estruturais permanecem, incluindo desigualdade tecnológica entre municípios, ausência de padronização nos fluxos, supervisão insuficiente e lacunas na formação interprofissional. A efetividade das eMulti depende de capacitação contínua, fortalecimento de sistemas interoperáveis e metodologias ativas que promovam reflexão crítica, ética e colaboração horizontal. Experiências exitosas indicam programas híbridos de formação, políticas institucionais de governança, monitoramento sistemático de desempenho e espaços de supervisão participativa, essenciais para transformar a atuação das equipes em integralidade, equidade e qualidade na APS.

Conclusões ou Considerações Finais: As eMulti constituem instrumento estratégico para operacionalizar a saúde em rede, mas sua eficácia depende de capacitação interprofissional robusta, uso eficiente de tecnologias de informação e gestão ética, colaborativa e reflexiva do cuidado. A educação continuada, aliada à avaliação sistemática de resultados e à implementação de políticas de governança claras, é imprescindível para garantir integralidade, equidade e resolutividade na APS, consolidando a atenção em rede como prática sustentável e transformadora.

Palavras-chave: Educação em Saúde; Atenção Primária; Saúde em Rede; Capacitação Profissional.

Referências:

BRASIL. **Ministério da Saúde**. Saúde em rede: implementação e monitoramento de equipes multiprofissionais na Atenção Primária. Brasília: Ministério da Saúde, 2024.

SANTOS, R. P.; LIMA, T. R.; COSTA, A. M. Educação interprofissional e equipes multiprofissionais em saúde: desafios e oportunidades no SUS. **Revista Brasileira de Educação em Saúde**, v. 12, n. 1, p. 45-60, 2023.

FERREIRA, L. H.; OLIVEIRA, M. A.; PINTO, C. Tecnologias digitais e integração das equipes de atenção primária: um estudo de implementação das eMulti. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 39, e00256723, 2025.

OLIVEIRA, D.; SOUZA, F.; MELO, P. Formação contínua e interprofissionalidade: fortalecendo a saúde em rede. **Revista de Gestão em Saúde**, v. 14, n. 2, p. 110-125, 2024.

GOMES, A. L.; ALMEIDA, R.; CARVALHO, S. Desafios e perspectivas da atuação das equipes multiprofissionais em territórios complexos. **Saúde e Sociedade**, v. 34, e2023456, 2025.

ESCOLA TE ABRAÇA: CONSTRUINDO SABERES SOBRE O NAMORO NA ADOLESCÊNCIA

Eixo: Transversal

Karen Cristiane Pereira de Moraes

Enfermeira, pedagoga, doutoranda em enfermagem pela Universidade Federal de Santa Maria- UFSM, Santa Maria RS

Danubia dos Santos Vieira Fernandes

Acadêmica de licenciatura em pedagogia pela Universidade Federal de Santa Maria- UFSM, Santa Maria RS

Camila Eduarda Bartz

Acadêmica de licenciatura em pedagogia pela Universidade Federal de Santa Maria- UFSM, Santa Maria RS

Jane Schumacher

Professora Doutora do Departamento de Metodologia do Ensino do Centro de Educação, Coordenadora do projeto de Extensão Café com Letras e Chefa do Observatório de Direitos Humanos da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Santa Maria.

Introdução: A adolescência representa uma fase de intensas transformações físicas e psicológicas na vida do indivíduo. Trata-se de um período de transição entre a infância e a vida adulta, marcada por descobertas e desafios. O namoro na adolescência é uma fase de grandes transformações que pode ser positiva para o desenvolvimento emocional e social, mas também acarreta riscos como a distração nos estudos, dependência emocional e exposição à violência.

Objetivo: Relatar as vivências realizadas no projeto a Escola te Abraça sobre os diálogos e reflexões realizadas sobre o namoro na adolescência, destacando as aprendizagens construídas e os impactos dessa abordagem no contexto escolar.

Método: Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, desenvolvido a partir de um relato de experiência vivenciado no projeto Escola te Abraça, cujo tema central foi o namoro na adolescência. Realizado em uma escola no interior do estado do Rio Grande do Sul (RS), por acadêmicas do curso de licenciatura em pedagogia, as atividades do projeto Escola te abraça visa contribuir com a alfabetização de crianças em escola pública que foram prejudicados na alfabetização durante o período das enchentes do RS.

Resultados: Em uma roda de conversa, a atividade foi desenvolvida pedindo para que os adolescentes se posicionassem frente a exemplos práticos, discutindo aspectos como respeito, limites pessoais e responsabilidades e sinais de relacionamentos saudáveis ou abusivos num espaço de escuta e respeito com a posição de cada um. A roda de conversa possibilitou um momento de diálogo aberto e reflexivo, no qual os adolescentes puderam compartilhar suas percepções, dúvidas e experiências sobre relacionamentos e convivência social. A proposta de trazer exemplos práticos aproximou o tema da realidade dos participantes, favorecendo uma discussão concreta sobre situações que fazem parte do cotidiano juvenil. Além de promover a expressão individual, a atividade incentivou a escuta ativa e o respeito às opiniões divergentes, fortalecendo valores como empatia e responsabilidade. Ao abordar sinais de relacionamentos saudáveis e abusivos, a dinâmica também contribuiu para o desenvolvimento do senso crítico e da autonomia na tomada de decisões, preparando os jovens para estabelecer vínculos baseados no cuidado, na confiança e no respeito mútuo. Dessa forma, o espaço se configurou como um exercício de cidadania e de educação em valores, ampliando a compreensão de que o respeito deve nortear todas as formas de relação, seja no âmbito afetivo, familiar, escolar ou comunitário.

Considerações Finais: A atividade sobre o tema namoro na adolescência desenvolvida no projeto a Escola te Abraça, demonstrou importância de espaços de diálogo. Essa ação com situações concretas favoreceu a reflexão crítica, o compartilhamento de experiências e construção de saberes entre os jovens pautadas no respeito e na autonomia, contribuindo para ampliar a consciência sobre limites, responsabilidades e sinais de violência nas relações, fortalecendo o protagonismo juvenil e a prevenção de práticas abusivas no contexto escolar e social.

Palavras-chave: Educação em saúde; Adolescente e Contexto escolar.

Referências:

ALVES, Maciel Gabriela. A construção da identidade do adolescente e a influência dos rótulos na mesma. 2008. **Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Universidade do Extremo Sul Catarinense**, Criciúma, 2008.

ESCOLA TE ABRAÇA. Escola te abraça. Instagram. Disponível em <https://www.instagram.com/aescolateabraca/> Acesso em 22 set 2025

Ana Danielle Brito de Souza Duarte; Rafael Cerqueira Fornasier. **Namoro e adolescência na contemporaneidade**. Editora Dialética, 2020.

ESCUTA, CUIDADO E CONEXÃO: A ARTICULAÇÃO ENTRE PSICANÁLISE E TECNOLOGIA NA PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL

Eixo: Inovação e Tecnologia na Educação para Saúde e Prevenção

Najla Gergi Krouchane

Psicanalista, Psicóloga, Doutoranda em Psicanálise pela Universidade Humanista das Américas – HUA, Santa Maria, RS.

Introdução: A crescente demanda por estratégias eficazes de promoção da saúde mental e prevenção do sofrimento psíquico tem impulsionado a busca por abordagens inovadoras na educação. A Psicanálise, com sua escuta sensível e compreensão do inconsciente, oferece subsídios valiosos para pensar o cuidado emocional. Paralelamente, a tecnologia tem transformado os meios de comunicação e ensino, permitindo novas formas de acesso à informação e acolhimento. Nesse âmbito, este estudo propõe uma reflexão sobre como a inovação tecnológica pode ser integrada à educação para a saúde, com base na Psicanálise.

Objetivo: Investigar como Psicanálise e tecnologia têm sido articuladas em práticas educativas para promoção da saúde mental e prevenção do sofrimento psíquico. **Metodologia:** A metodologia adotada foi a análise bibliográfica de artigos científicos, selecionados em bases como SciELO, PubMed, Google Scholar e CAPES. Os critérios de inclusão foram: estudos que abordam a interface entre Psicanálise, educação e tecnologia; pesquisas voltadas à promoção da saúde mental e prevenção ao suicídio; e artigos com aplicação prática ou propostas metodológicas inovadoras. Foram excluídos artigos com o enfoque exclusivamente médico. Os artigos utilizados discutem o uso de tecnologias educativas na promoção da saúde mental, que aborda a importância das campanhas escolares no contexto do agravamento das questões de saúde mental e que apresentam estratégias de prevenção. Esses estudos contribuíram para a compreensão das possibilidades de intervenção no campo da saúde mental juvenil, evidenciando a importância da escuta qualificada e da articulação entre educação, subjetividade e cuidado.

Resultados: A análise dos artigos revelou que a psicanálise tem sido utilizada como base teórica para projetos educativos que valorizam a escuta, o acolhimento e o respeito à singularidade. Tecnologias utilizadas, como aplicativos de saúde mental, ambientes virtuais de aprendizagem e redes sociais têm sido empregadas para ampliar o alcance das ações preventivas. A combinação entre escuta psicanalítica e recursos digitais favorece a criação de espaços seguros para expressão emocional. Há destaque para experiências em escolas, onde o uso de vídeos, podcasts e fóruns online facilitou o diálogo sobre temas como angústia, desejo e sofrimento psíquico. Observa-se a necessidade de formação continuada dos profissionais envolvidos, para que saibam utilizar a tecnologia sem perder a dimensão ética e afetiva do cuidado.

Considerações Finais: Este estudo confirma que a integração entre Psicanálise e tecnologia na educação para a saúde é uma estratégia promissora. A escuta qualificada, aliada a recursos digitais, pode potencializar ações de prevenção e promoção da saúde mental, tornando-as mais acessíveis e eficazes. A inovação não substitui o vínculo humano, mas pode ser uma ponte para que ele se estabeleça com mais amplitude. Investir nessa articulação é investir em uma educação que cuida, escuta e transforma.

Palavras-chave: Prevenção; Saúde mental; Psicanálise.

Referências:

FERREIRA, P.; PÉRICO, E.; DIAS, M. Tecnologia educativa para promoção da saúde mental e prevenção do suicídio. *Revista de Enfermagem UFPE*, v. 15, n. 3, p. 1–10, 2021.

SOUZA, N. R. de. Setembro Amarelo: saúde mental nas escolas ganha foco com suicídio como quarta causa de morte entre jovens. *Segs*, 2023.

SILVA, A. P. et al. Estratégias para prevenção e posvenção do suicídio em tempos de pandemia: uma revisão de escopo. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v. 26, n.1, p. 1-14, 2022.

ESTRATÉGIAS BASEADAS EM TECNOLOGIA PARA PROMOÇÃO DO SONO ENTRE ATLETAS E PRATICANTES DE ATIVIDADE FÍSICA: REVISÃO SISTEMATIZADA DA LITERATURA CIENTÍFICA

Eixo: Tecnologias Emergentes e Inovação em Saúde

Enos Erick Batista Lima

Mestrando em Ciências do Movimento pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Maceió AL

Anizia Lino de Messias

Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Maceió AL

Elizabeth Maria da Silva Batista Lima

Especialista em Neuropsicologia pela Faculdade Venda Nova do Imigrante – FAVENI, Venda Nova do Imigrante ES

Introdução: O sono é fundamental para a recuperação, adaptação ao treinamento e desempenho esportivo, sendo reconhecido como um dos pilares da saúde e performance de atletas e praticantes de atividade física. Distúrbios ou privação de sono podem comprometer funções cognitivas, aumentar o risco de lesões e prejudicar a recuperação física. Com o avanço das tecnologias digitais, surgem estratégias inovadoras — como aplicativos, wearables e plataformas de telessaúde — que possibilitam monitoramento, educação e intervenções comportamentais para promover o sono nesse público. A relevância da pesquisa reside na necessidade de identificar quais abordagens tecnológicas são eficazes, seguras e viáveis para aplicação em diferentes contextos esportivos, considerando desafios de adesão, validade dos dispositivos e equidade de acesso. **Objetivo:** Sintetizar a evidência sobre a eficácia de intervenções tecnológicas para promoção do sono e recuperação em atletas e praticantes de atividade física, identificar componentes associados a melhores desfechos, avaliar a validade dos dispositivos utilizados e propor recomendações práticas para implementação dessas estratégias. **Método ou Metodologia:** Realizou-se uma revisão sistematizada narrativa, com buscas nas bases PubMed, SPORTDiscus, Web of Science, Scopus, LILACS e literatura cinzenta, abrangendo o período de 2010 a 2025. Foram incluídos estudos de intervenção tecnológica (apps, wearables, telessaúde) com foco explícito em sono ou recuperação em atletas/praticantes, incluindo ensaios clínicos randomizados, quase-experimentais, pré-pós, observacionais e qualitativos. A triagem e extração dos dados foram realizadas em duplo rastreio, com avaliação de qualidade metodológica apropriada a cada desenho. **Search Results:** Usando a query ((sleep) AND ((behavior) OR (profile) OR (quality) OR (pattern)) AND ((athlete) OR (sports) OR (physical activity)) AND ((app) OR (wearable) OR (actigraphy) OR (telessaúde) OR (digital) OR (mobile)), a busca sistemática identificou 1584 registros no PubMed, SPORTDiscus e Web of Science, dos quais após revisão feita por 3 pesquisadores foram selecionados 25 estudos que preencheram os critérios de inclusão. **Resultados:** As intervenções tecnológicas mais eficazes para promoção do sono e desempenho atlético foram a extensão do tempo de sono e os cochilos diurnos, que demonstraram impacto positivo em medidas físicas e cognitivas. Estratégias como mindfulness e manipulação da luz apresentaram resultados promissores, mas requerem mais estudos. Intervenções baseadas em educação do sono, higiene do sono e remoção de dispositivos eletrônicos à noite mostraram resultados mistos. A validade dos wearables é adequada para estimar tempo total de sono, mas limitada para estágios do sono. Barreiras como adesão, custos e acesso desigual à tecnologia foram identificadas. **Conclusão ou Considerações Finais:** Estratégias tecnológicas, especialmente aquelas que combinam monitoramento objetivo, feedback personalizado e suporte comportamental, são promissoras para promover o sono e a recuperação em atletas e praticantes de atividade física. No entanto, a heterogeneidade metodológica, limitações dos dispositivos e desafios de implementação exigem cautela. Recomenda-se a personalização das intervenções, validação local dos dispositivos e políticas para garantir equidade de acesso.

Palavras-chave: Sono; Atividade física; Tecnologia.

Referências:

DRILLER, Matthew W. et al. Pyjamas, polysomnography and professional athletes: the role of sleep tracking technology in sport. *Sports*, v. 11, n. 1, p. 14, 2023.

GIANNAKI, Christoforos D. et al. Unfolding the role of exercise in the management of sleep disorders. **European Journal of Applied Physiology**, v. 124, n. 9, p. 2547-2560, 2024.

HUANG, Hung-Hsin et al. The effect of physical activity on sleep disturbance in various populations: a scoping review of randomized clinical trials. **International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity**, v. 20, n. 1, p. 44, 2023.

ROACH, Gregory D. et al. Validation of a Neurophysiological-Based Wearable Device (Somfit) for the Assessment of Sleep in Athletes. **Sensors**, v. 25, n. 7, p. 2123, 2025.

WILSON, Sandy MB et al. Behavioral interventions and behavior change techniques used to improve sleep outcomes in athlete populations: A scoping review. **Behavioral Sleep Medicine**, v. 22, n. 6, p. 820-842, 2024.

IMPACTO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL EM PROGRAMAS DE PRESCRIÇÃO DE EXERCÍCIO: ÉTICA, ACURÁCIA E ACEITAÇÃO DO USUÁRIO – REVISÃO SISTEMÁTICA E SÍNTESE CRÍTICA

Eixo: Educação em saúde na era da inteligência artificial

Enos Erick Batista Lima

Mestrando em Ciências do Movimento pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Maceió AL

Anizia Lino de Messias

Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Maceió AL

Elizabeth Maria da Silva Batista Lima

Especialista em Neuropsicologia pela Faculdade Venda Nova do Imigrante – FAVENI, Venda Nova do Imigrante ES

Introdução: A incorporação de soluções baseadas em Inteligência Artificial (IA) em programas de prescrição de exercício e reabilitação cresceu rapidamente e foi objeto de investigação crescente, sobretudo em contextos de telessaúde e plataformas móveis. Essas soluções mostraram potencial para oferecer personalização em escala, monitoramento contínuo e otimização do engajamento, mas também revelaram desafios relativos à acurácia das recomendações, validação clínica, questões éticas (privacidade, responsabilidade e vieses) e aceitabilidade por parte de usuários e profissionais. **Objetivo:** Este estudo teve como objetivos (1) sintetizar evidências sobre a acurácia e efetividade clínica de sistemas de IA aplicados à prescrição de exercício; (2) identificar fatores que afetam adesão e aceitação por usuários e profissionais; (3) mapear riscos éticos, legais e de governança de dados; e (4) propor recomendações práticas para o desenvolvimento e implementação de programas em rede que maximizem eficácia, segurança e equidade. **Método ou Metodologia:** Foi realizada uma revisão sistemática combinada com mapeamento narrativo. Nas buscas, utilizou-se a query: (“artificial intelligence” OR “machine learning” OR “deep learning” OR “generative AI” OR “chatbot”) AND (“exercise” OR “physical activity” OR “exercise prescription” OR “teleexercise” OR “rehabilitation”) AND (“adherence” OR “acceptability” OR “ethics” OR “safety” OR “accuracy”). A estratégia identificou 897 registros em bases como PubMed/MEDLINE, Scopus, Web of Science, IEEE Xplore, JMIR, LILACS e SciELO; após triagem feita por 3 revisores e avaliação de elegibilidade, 50 estudos foram incluídos para síntese qualitativa. **Resultados:** As evidências indicaram que sistemas de IA foram eficazes em personalizar prescrições e em aumentar métricas de engajamento, adesão e satisfação, sobretudo quando modelos adaptativos operaram com supervisão profissional (approach human-in-the-loop). Entretanto, a acurácia e a validade clínica variaram consideravelmente entre plataformas e algoritmos. Observou-se heterogeneidade metodológica, amostras frequentemente pequenas, seguimento de curta duração e falta de padronização de desfechos, o que limitou comparações quantitativas e a extrapolação dos resultados. Questões éticas recorrentes incluíram risco de viés algorítmico, lacunas em transparência explicativa, perigos de reidentificação de dados sensíveis e ambiguidade sobre responsabilidade clínica. A aceitabilidade pelos usuários e profissionais mostrou-se dependente de fatores como usabilidade da interface, confiança nas recomendações, transparência do modelo e disponibilidade de suporte humano. Estudos que integraram mecanismos de feedback, treinamento dos profissionais e estratégias de inclusão digital reportaram melhor adesão. **Conclusão ou Considerações Finais:** Concluiu-se que a IA aplicada à prescrição de exercício apresenta potencial significativo para personalizar intervenções e ampliar o alcance dos serviços, mas que sua implementação segura e equitativa depende de validação clínica rigorosa e de estruturas robustas de governança de dados. Recomenda-se conduzir validações externas multicêntricas e ensaios randomizados de maior porte, padronizar desfechos e métricas de segurança, incorporar supervisão profissional (human-in-the-loop), estabelecer processos de auditoria de viés algorítmico e adotar políticas claras de transparência e consentimento dinâmico. Ademais, estratégias voltadas à inclusão digital e ao treinamento de usuários e profissionais foram identificadas como essenciais para maximizar a eficácia e a equidade das intervenções em larga escala.

Palavras-chave: Inteligência artificial; Prescrição de exercícios; Telessaúde; Aderência ao tratamento.

Referências:

DOHERTY, Cailbhe et al. An Evaluation of the effect of app-based exercise prescription using reinforcement learning on satisfaction and exercise intensity: randomized crossover trial. **JMIR mHealth and uHealth**, v. 12, p. e49443, 2024.

FARIAS, Humberto; GONZALEZ AROCA, Joaquín; ORTIZ, Daniel. Chatbot Based on Large Language Model to Improve Adherence to Exercise-Based Treatment in People with Knee Osteoarthritis: System Development. **Technologies**, v. 13, n. 4, p. 140, 2025.

PUCE, Luca et al. Harnessing Generative Artificial Intelligence for Exercise and Training Prescription: Applications and Implications in Sports and Physical Activity—A Systematic Literature Review. **Applied Sciences** (2076-3417), v. 15, n. 7, 2025.

XU, Yang et al. Assessment of Personalized Exercise Prescriptions Issued by ChatGPT 4.0 and Intelligent Health Promotion Systems for Patients with Hypertension Comorbidities Based on the Transtheoretical Model: A Comparative Analysis. **Journal of Multidisciplinary Healthcare**, p. 5063-5078, 2024.

XU, Xuejie et al. Influencing factors and implementation pathways of adherence behavior in intelligent personalized exercise prescription: qualitative study. **JMIR mHealth and uHealth**, v. 12, p. e59610, 2024.

IMPACTO DAS AÇÕES EM SAÚDE EM ESPAÇOS PÚBLICOS NA QUALIDADE DE VIDA DA COMUNIDADE

Eixo: Transversal

Jéssika Silva Carvalho

Residente em saúde da família e da comunidade pela Universidade Federal da Paraíba-UFPB, João Pessoa PB.

Ricardo Alves de Olinda

Doutor em estatística pela Universidade de São Paulo – USP, São Paulo SP.

Introdução: As práticas de promoção e prevenção em saúde, quando realizadas em espaços públicos como praças, ruas e parques, aproximam os serviços da comunidade e fortalecem o vínculo entre a população e os profissionais. Tais ações ampliam o alcance da atenção básica, superando as barreiras físicas das unidades de saúde e possibilitando o contato direto com diferentes faixas etárias em ambientes de convivência social. Além disso, o uso de espaços coletivos facilita o acesso de pessoas que, por diferentes motivos, não frequentam os serviços de saúde regularmente, promovendo um cuidado mais inclusivo e participativo.

Objetivo: Analisar o impacto das ações de saúde desenvolvidas em espaços públicos sobre a qualidade de vida da comunidade. **Metodologia:** Trata-se de um estudo descritivo, de caráter qualitativo, baseado em observação e registro de atividades comunitárias de promoção da saúde realizadas em ambientes públicos. Foram contempladas ações como campanhas de vacinação, aferição de pressão arterial e glicemia capilar, orientações sobre hábitos alimentares saudáveis, incentivo à prática de atividade física e palestras educativas. A análise considerou a percepção dos participantes, a adesão da população e os efeitos observados na integração comunitária.

Resultados: As atividades realizadas nos espaços públicos demonstraram forte adesão da população, favorecida pela acessibilidade e pela informalidade do ambiente. Muitas pessoas que não frequentavam regularmente as unidades de saúde puderam ter acesso a serviços básicos de triagem e orientação, permitindo a identificação precoce de riscos e agravos à saúde. O caráter lúdico e interativo das ações em espaços públicos contribuiu para maior receptividade, principalmente entre jovens e idosos, que participaram ativamente das rodas de conversa, oficinas e práticas corporais. Além disso, as ações educativas sobre alimentação, atividade física e autocuidado mostraram impacto positivo na conscientização da população sobre a importância de adotar práticas saudáveis no cotidiano. Campanhas de rastreamento e avaliação de parâmetros de saúde permitiram identificar casos suspeitos de hipertensão, diabetes e obesidade, direcionando os indivíduos para acompanhamento adequado na atenção básica. Os resultados corroboram a relevância da utilização dos espaços públicos como estratégia eficaz de promoção da saúde e de aproximação entre comunidade e serviços. **Conclusão:** As ações em saúde realizadas em espaços públicos impactaram positivamente a qualidade de vida da comunidade, ao promover maior acesso à informação, incentivar hábitos saudáveis e fortalecer vínculos sociais. Tais práticas ampliam a abrangência da atenção primária e possibilitam alcançar populações que, muitas vezes, não procuram os serviços de saúde por iniciativa própria. Dessa forma, investir em atividades comunitárias em espaços públicos se revela uma estratégia efetiva para a promoção da saúde, prevenção de doenças e construção de comunidades mais participativas e saudáveis.

Palavras-chave: Promoção da saúde; Participação comunitária; Prevenção de doenças.

Referências:

BRASIL. **Ministério da Saúde.** Política Nacional de Promoção da Saúde: PNPS. Brasília: Ministério da Saúde, 2018.

MENDES, E. V. A construção social da Atenção Primária à Saúde. Brasília: **Conselho Nacional de Secretários de Saúde – CONASS**, 2015.

NOVAES, I. V. et. Al. Espaços Públicos: Promoção de Saúde, Qualidade de Vida e Acessibilidade para Idosos e Pessoas com Mobilidade Reduzida. **Seminário Estudantil de Produção Acadêmica – UNIFACS**, 2016.

OLIVEIRA, P. T. G. et. Al. Promoção de Saúde Através de Espaços Públicos de Lazer: Percepção dos Usuários. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, 2025.

IMPLEMENTAÇÃO DE CUIDADOS PALIATIVOS NA UTIN: ABORDAGEM EDUCATIVA PARA A ENFERMAGEM

Eixo: Tranversal

Luziana de Paiva Carneiro

Mestranda em Cuidados Clínicos em Enfermagem- UECE, Fortaleza CE

Reynaldo Carneiro Carlos

Graduando em Enfermagem- UNINTA, Sobral CE

Paulo Victor Carneiro Araújo

Graduando em Odontologia- UNINTA, Sobral CE

Paulo Vinícius Carneiro Araújo

Graduando em Odontologia- Faculdade Luciano Feijão, Sobral CE

Karine Sales Braga Alves

Especialista em Neonatologia e Pediatria- FAVENI, Sobral CE

Introdução: A implementação de cuidados paliativos na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN) representa um desafio ético e técnico, exigindo abordagem holística que conte com o recém-nascido e sua família. A equipe de enfermagem tem papel central, sendo responsável pelo manejo da dor, suporte emocional, comunicação eficaz e educação em saúde. Estudos recentes destacam que a falta de capacitação e protocolos específicos compromete a qualidade do cuidado e a humanização do atendimento. **Objetivo:** Identificar por meio de revisão integrativa, as evidências sobre educação em saúde direcionada à equipe de enfermagem na implementação de cuidados paliativos neonatais, identificando estratégias de capacitação, desafios e impactos na assistência. **Metodologia:** Realizou-se uma revisão integrativa da literatura em bases como SciELO, PubMed e CINAHL, incluindo artigos publicados entre 2015 e 2025. Foram selecionados estudos que abordassem educação em saúde e capacitação de enfermeiros em cuidados paliativos neonatais. Excluíram-se artigos sem revisão por pares, relatos de experiência sem base científica e publicações duplicadas. A análise seguiu abordagem narrativa integrativa, sintetizando informações sobre intervenções educativas, protocolos institucionais e barreiras percebidas pelos profissionais. **Resultados e Discussão:** Após a busca e a seleção foram encontrados 14 artigos. Os estudos indicam que programas de educação em saúde para enfermagem melhoraram significativamente a percepção e a prática de cuidados paliativos neonatais. As capacitações abrangem manejo da dor, comunicação com famílias em luto, aspectos éticos e legais, além do uso de protocolos clínicos estruturados. A integração desses conhecimentos contribui para a humanização do atendimento e melhora indicadores de qualidade de vida do neonato e da família. Entretanto, barreiras persistem, como resistência cultural, escassez de recursos e lacunas em políticas institucionais. Observa-se que a implementação parcial ou inconsistente das práticas de cuidados paliativos pode gerar estresse emocional para a equipe e reduzir a efetividade das intervenções. A literatura enfatiza que a educação continuada, aliada ao apoio institucional e à padronização de protocolos, é essencial para garantir segurança, qualidade e humanização no cuidado neonatal. **Considerações Finais:** A educação em saúde direcionada à equipe de enfermagem é um elemento crucial para o sucesso dos cuidados paliativos na UTIN. Capacitar profissionais promove práticas baseadas em evidências, melhora o manejo da dor, fortalece a comunicação com famílias e contribui para um cuidado mais humanizado. Investimentos em programas educativos contínuos, desenvolvimento de protocolos claros e apoio institucional são fundamentais para superar barreiras culturais e estruturais, garantindo que os cuidados paliativos neonatais sejam implementados de forma segura, eficaz e centrada no recém-nascido e sua família.

Palavras-chave: Cuidados de fim de vida, Cuidados paliativos neonatais, Educação em saúde, Enfermagem neonatal, UTI neonatal,

Referências:

DANTAS, C. M. L. **Cuidados paliativos em neonatologia sob a ótica do enfermeiro.** 2024.

VERDI, L. H. M. **Estratégias de capacitação em cuidados paliativos para profissionais no cuidado intensivo neonatal: revisão de escopo.** 2024.

INOVAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA PREVENÇÃO DA FEBRE MACULOSA BRASILEIRA: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Eixo: Inovação em Saúde Pública e Educação Comunitária

Sofia Balarim de Carvalho

Graduanda em Medicina pela Fundação Educacional do Município de Assis- FEMA, Assis SP

Caroline Lourenço de Almeida

Doutora em pacientes críticos pela Universidade de Londrina. Docente no curso de medicina e enfermagem na Fundação Educacional do Município de Assis/SP.

Introdução: A Febre Maculosa Brasileira (FMB) é uma zoonose de relevância epidemiológica no país, causada pela bactéria *Rickettsia rickettsii*, transmitida ao homem pela picada do carrapato-estrela, que tem a capivara como um de seus principais hospedeiros. Trata-se de uma enfermidade de elevada gravidade, com potencial letal que pode alcançar até 80% dos casos não tratados precocemente. Os sintomas iniciais, como febre alta, cefaleia, mal-estar e mialgia, são inespecíficos e facilmente confundidos com outras viroses comuns, o que dificulta o diagnóstico precoce e leva a atrasos no início do tratamento. Esse cenário, aliado à subnotificação e à baixa percepção de risco, reforça a necessidade de estratégias educativas eficazes. Nesse ponto, a inovação em saúde pública, articulada com a educação comunitária, surge como diferencial para o enfrentamento da FMB. A difusão de informações claras, rápidas e acessíveis é um dos pilares da inovação em saúde pública, especialmente quando articulada com estratégias de educação comunitária. A utilização de campanhas educativas em escolas, universidades e comunidades, bem como o fortalecimento do diálogo entre profissionais de saúde e a população, possibilita ampliar o alcance das ações de prevenção. **Objetivo:** Realizar uma revisão da literatura sobre a febre maculosa brasileira, com ênfase nos desafios diagnósticos, no papel dos vetores e no impacto das intervenções educativas inovadoras na prevenção e conscientização populacional, considerando a integração entre saúde pública e educação comunitária. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão narrativa de literatura nas bases PubMed e SciELO utilizando os descritores “febre maculosa brasileira”, “*Rickettsia rickettsii*” e “prevenção”, em português e inglês. A busca inicial identificou 58 artigos, dos quais 30 foram selecionados para leitura completa e, após análise dos critérios de elegibilidade, 15 foram incluídos nesta revisão. Foram considerados artigos publicados entre 2015 e 2025, disponíveis em português, inglês ou espanhol, com acesso ao texto integral e que abordassem aspectos epidemiológicos, clínicos ou preventivos da febre maculosa. Excluíram-se publicações duplicadas, relatos de caso isolados, estudos voltados exclusivamente à medicina veterinária, além de editoriais e resumos sem versão completa. A análise foi conduzida de forma descritiva, organizando os principais achados sobre agentes etiológicos, vetores, hospedeiros, transmissão, manifestações clínicas e estratégias de prevenção. **Resultados:** A literatura evidencia que a elevada letalidade da FMB está diretamente associada à dificuldade diagnóstica inicial, uma vez que os sintomas se confundem com outras doenças febris comuns. Nesse cenário, intervenções educativas inovadoras, baseadas em estratégias de educação comunitária, mostraram-se eficazes para ampliar a conscientização sobre sinais de alerta, formas de prevenção e a importância da busca precoce por atendimento médico. A mobilização de instituições de ensino e lideranças comunitárias se destacou como um fator essencial, fortalecendo a construção coletiva do conhecimento e reforçando o papel da inovação em saúde pública no enfrentamento da doença. **Conclusão:** A Febre Maculosa Brasileira permanece como um desafio de saúde pública devido à sua gravidade, ao alto índice de letalidade e à baixa percepção de risco pela população. Nesse contexto, a integração entre inovação em saúde pública e educação comunitária mostra-se fundamental para ampliar estratégias preventivas e reduzir a morbimortalidade da doença.

Palavras-chave: Educação em saúde; Prevenção de doenças; Promoção de saúde; *Rickettsia rickettsii*.

Referências:

- ALKMIM, M. A.; FERREIRA, L. L.; BASTIANETTO, E.; BASTOS, C. V. E.; SILVEIRA, J. A. G. D. Report of Amblyomma sculptum in a house in a *Rickettsia rickettsii* circulation area. *Vector Borne and Zoonotic Diseases*, v. 21, n. 5, p. 388-390, 2021.

COSTA, F. B.; GERARDI, M.; BINDER, L. C.; BENATTI, H. R.; SERPA, M. C. A.; LOPES, B.; LUZ, H. R.; FERRAZ, K. M. P. M. B.; LABRUNA, M. B. *Rickettsia rickettsii* (Rickettsiales: Rickettsiaceae) infecting *Amblyomma sculptum* (Acari: Ixodidae) ticks and capybaras in a Brazilian spotted fever-endemic area of Brazil. **Journal of Medical Entomology**, v. 57, n. 1, p. 308-311, 2020.

HELMINIAK, L.; MISHRA, S.; KIM, H. K. Pathogenicity and virulence of *Rickettsia*. **Virulence**, v. 13, n. 1, p. 1752-1771, 2022.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP). Manual de zoonoses. São Paulo: USP, 2019.

YAMAGUCHI, M. U.; BARROS, J. K. de; SOUZA, R. C. de B.; BERNUCI, M. P.; OLIVEIRA, L. P. de. O papel das mídias digitais e da literacia digital na educação não-formal em saúde. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v. 14, e3761017, p. 1-11, jan./dez. 2020.

INTEGRAÇÃO DO FARMACÊUTICO EM GRUPOS DE IDOSOS: FORTALECENDO A QUALIDADE DE VIDA NA TERCEIRA IDADE

Eixo: Transversal

Jéssika Silva Carvalho

Residente em saúde da família e da comunidade pela Universidade Federal da Paraíba-UFPB, João Pessoa PB.

Ricardo Alves de Olinda

Doutor em estatística pela Universidade de São Paulo – USP, São Paulo SP.

Introdução: O envelhecimento populacional é um fenômeno global que traz consigo importantes desafios para os sistemas de saúde, especialmente relacionados ao uso racional de medicamentos, à prevenção de doenças crônicas e à promoção do bem-estar. No Brasil, grande parte da população idosa faz uso contínuo de múltiplos medicamentos, o que aumenta o risco de interações medicamentosas, reações adversas e baixa adesão terapêutica. Nesse contexto, a atuação do farmacêutico em grupos de idosos na Atenção Primária à Saúde (APS) surge como uma estratégia valiosa para fortalecer a educação em saúde, incentivar o autocuidado e reduzir riscos associados à polimedicação. **Objetivo:** Analisar a relevância da integração do farmacêutico em grupos de idosos como estratégia de promoção da saúde, prevenção de agravos e melhoria da qualidade de vida na terceira idade. **Metodologia:** Trata-se de um relato descritivo, de abordagem qualitativa, baseado em atividades educativas realizadas por farmacêuticos em grupos de idosos vinculados a Unidades Básicas de Saúde. As ações incluíram rodas de conversa, dinâmicas de grupo, palestras interativas e orientações individuais sobre temáticas pertinentes, como uso racional de medicamentos, prevenção de quedas, alimentação saudável, adesão ao tratamento de doenças crônicas, automedicação, armazenamento seguro de medicamentos e importância da prática de atividades físicas. O acompanhamento foi registrado em relatórios de campo e discutido em equipe multiprofissional. **Resultados:** A integração do farmacêutico nos grupos de idosos contribuiu para o fortalecimento do vínculo entre os participantes e a equipe de saúde. Observou-se maior conscientização sobre os riscos da automedicação, o descarte inadequado de medicamentos vencidos e a importância da adesão ao tratamento prescrito. Houve relatos de melhora na autonomia dos idosos, especialmente no reconhecimento de seus medicamentos e na compreensão de suas indicações, horários e possíveis efeitos adversos. As atividades também possibilitaram a identificação precoce de problemas relacionados ao uso de fármacos, como duplicidade terapêutica e utilização de doses inadequadas. Além disso, o caráter coletivo das ações promoveu apoio mútuo entre os idosos, incentivando práticas saudáveis e fortalecendo o protagonismo no cuidado com a própria saúde. **Conclusão:** A integração do farmacêutico em grupos de idosos mostrou-se uma prática eficaz para fortalecer a qualidade de vida na terceira idade. Sua atuação contribuiu para o uso seguro e racional de medicamentos, prevenção de riscos relacionados à polimedicação e promoção de hábitos saudáveis, além de estimular a autonomia e o autocuidado. Tais resultados reforçam a importância da presença do farmacêutico em espaços coletivos de educação em saúde, evidenciando seu papel central na equipe multiprofissional da APS. Recomenda-se a ampliação dessa prática, de forma sistemática e contínua, como estratégia de enfrentamento dos desafios relacionados ao envelhecimento populacional.

Palavras-chave: Atenção Primária à Saúde; Polimedicação; Educação em Saúde.

Referências:

- BRASIL. Ministério da Saúde. Uso racional de medicamentos, 1998.
- FARIA, J. S. R. et al. O papel do farmacêutico na saúde da pessoa idosa: orientação sobre uso correto de medicamentos e promoção do autocuidado. *Revista RSD*, 2021.
- OLIVEIRA, R. E. M. et al. Perfil de utilização de medicamentos por idosos em Unidade de Atenção Primária à Saúde. *Revista JPHHS*, 2016.
- SOUZA, T. S.; CARNEIRO, J. A. O. Gestão do cuidado farmacêutico e desprescrição de medicamentos em idosos na atenção primária à saúde. *Revista REMS*, 2022.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E EDUCAÇÃO MÉDICA: ENTRE O AVANÇO TECNOLÓGICO E OS DESAFIOS ÉTICOS

Eixo: Educação em saúde na era da inteligência artificial: A inteligência artificial está cada dia mais presente na vida das populações, compreendê-la e entender como ela interfere, pode fortalecer e os seus desafios envolvidos na educação e na saúde

Aline da Silva Pereira

Graduada em Nutrição pela Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico de Vitória – UFPE-CAV, Pernambuco PE

Jonathas Rodrigo Nascimento Alves

Graduado em Fisioterapia pelo Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA, Pernambuco PE

Davi Augusto Silva de Melo

Graduado em Nutrição pela Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico de Vitória – UFPE-CAV, Pernambuco PE

Introdução: A inteligência artificial (IA) não é mais uma promessa futura, mas uma realidade que já atravessa práticas clínicas, diagnósticas e pedagógicas na área da saúde. O ritmo de sua incorporação é tão intenso que já não basta reconhecer a tecnologia como ferramenta de apoio; é preciso compreender sua lógica, seus vieses e suas implicações éticas para a formação de profissionais críticos e socialmente responsáveis. O desafio contemporâneo não reside apenas em aplicar algoritmos de aprendizado de máquina ou modelos gerativos no ensino, mas em desenvolver um currículo que integre literacia digital, ética aplicada e competências reflexivas. Diante de desigualdades institucionais e geográficas no acesso a essas tecnologias, a urgência de formar profissionais aptos a lidar com a IA de modo equitativo e transparente ganha ainda mais relevância. **Objetivo:** Analisar evidências recentes sobre a integração da IA na educação em saúde, destacando suas oportunidades e desafios, bem como propor diretrizes pedagógicas capazes de consolidar uma formação crítica, ética e tecnicamente qualificada. Método ou **Metodologia:** Foi realizada pesquisa bibliográfica nas bases de dados PubMed, MEDLINE, SCOPUS e Google Scholar, com ênfase em publicações de 2023 a 2025. Foram incluídos artigos de revisão de escopo, estudos de posição institucional e propostas curriculares que abordassem o papel da IA na formação em saúde. Os achados foram organizados em três eixos temáticos: competências técnicas e literacia em IA, riscos éticos e vieses, e estratégias pedagógicas emergentes. **Resultados:** A literatura aponta avanços expressivos, como a personalização do ensino, a utilização de simulações clínicas sofisticadas e a automação de feedback educacional, que ampliam a eficiência da aprendizagem. Contudo, essas potencialidades vêm acompanhadas de limitações: a ausência de literacia em dados nos currículos, a dependência acrítica de sistemas automatizados e a dificuldade em lidar com vieses algorítmicos. A dimensão ética se apresenta como um eixo incontornável, abrangendo desde a privacidade e segurança de dados até os impactos distributivos na equidade do ensino. Nesse cenário, iniciativas inovadoras propõem integrar metodologias ativas, como aprendizagem baseada em projetos e simulações híbridas, ao mesmo tempo em que se defende a formação docente especializada em IA, garantindo uma mediação pedagógica crítica e reflexiva. **Conclusão ou Considerações Finais:** A IA tem o potencial de redefinir a educação em saúde, mas sua implementação só será benéfica se acompanhada por políticas institucionais sólidas, revisão curricular criteriosa e formação docente qualificada. Urge consolidar competências éticas e críticas que preparem os futuros profissionais para colaborar com sistemas inteligentes sem perder de vista a centralidade do cuidado humano. Nesse sentido, a IA não deve ser vista como substituta da prática pedagógica ou clínica, mas como catalisadora de um novo paradigma educacional mais responsável, equitativo e inovador.

Palavras-chave: Inteligência Artificial; Educação em Saúde; Competências Profissionais.

Referências:

PREIKSAITIS, C. et al. Opportunities, challenges, and future directions of generative artificial intelligence in medical education. **JMIR Medical Education**, v. 9, e48785, 2023.

GORDON, M. et al. A scoping review of artificial intelligence in medical education. **Medical Teacher (ou Academic/Medical Education)**, 2024.

WEIDENER, L. Proposing a principle-based approach for teaching AI ethics in medical education. **JMIR Medical Education**, 2024. e55368.

SHAW, K.; HENNING, M. A.; WEBSTER, C. S. Artificial intelligence in medical education: a scoping review of the evidence for efficacy and future directions. **Medical Science Educator**, v. 35, p. 1803-1816, 2025.

FEIGERLOVA, E. et al. A systematic review of the impact of artificial intelligence on health professions education. **BMC Medical Education (ou Journal)**, 2025.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA NUTRIÇÃO: UMA REVISÃO NARRATIVA DOS DESAFIOS E OPORTUNIDADES NA ERA DA SAÚDE DIGITAL

Eixo: Educação em saúde na era da inteligência artificial

Joseana Moreira Assis Ribeiro

Doutora em Promoção da Saúde pela Universidade de Franca – UNIFRAN, Franca SP

Daniel Santiago Chaves Ribeiro

Doutorado em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro RJ

Introdução: A crescente digitalização da saúde tem impulsionado a aplicação da inteligência artificial (IA) no campo da nutrição, promovendo a personalização da dieta e a otimização de intervenções nutricionais em larga escala. No entanto, a implementação dessas tecnologias em ambientes clínicos e de saúde pública ainda enfrenta desafios complexos, que vão desde questões éticas e de privacidade até a validação de algoritmos para diferentes populações. A presente revisão narrativa busca sintetizar o estado da arte sobre a aplicação da IA na nutrição, destacando suas potencialidades e limitações. **Objetivo:** Analisar criticamente as oportunidades e os desafios da incorporação da inteligência artificial em práticas nutricionais, com foco nas inovações tecnológicas, nos avanços na personalização dietética e nas barreiras éticas e de implementação. **Metodologia:** Foi realizada uma revisão narrativa da literatura científica, utilizando bases de dados como PubMed, Scopus e Web of Science, com termos de busca relacionados a “inteligência artificial”, “nutrição”, “saúde digital”, “aprendizagem de máquina” e “nutrição de precisão”. Foram selecionados artigos de revisão e estudos originais publicados nos últimos cinco anos que abordassem a utilização da IA para avaliação dietética, recomendação nutricional e gestão de doenças crônicas. **Resultados:** A análise da literatura revela que a IA tem o potencial de revolucionar a prática nutricional, permitindo o desenvolvimento de ferramentas mais precisas para a avaliação do consumo alimentar, a predição de riscos de doenças e a criação de planos alimentares personalizados. Ferramentas baseadas em IA, como aplicativos móveis e sensores vestíveis, demonstraram ser eficazes na coleta de dados em tempo real e no monitoramento de comportamentos alimentares. Contudo, a revisão também evidenciou desafios significativos, incluindo a necessidade de validação dos algoritmos em populações diversas, o risco de viés algorítmico, a questão da privacidade dos dados pessoais e a lacuna no conhecimento de profissionais de saúde para integrar essas tecnologias em sua prática clínica diária. A falta de regulamentação e diretrizes éticas robustas também foi identificada como uma barreira importante para a adoção generalizada da IA na nutrição. **Conclusão:** A inteligência artificial representa uma ferramenta promissora para a nutrição, capaz de aprimorar a precisão e a personalização da intervenção nutricional. No entanto, sua plena implementação requer um esforço coordenado para superar desafios éticos, técnicos e de formação profissional. É importante que o avanço tecnológico na área seja acompanhado de políticas públicas e diretrizes que garantam uma aplicação segura, equitativa e eficaz da IA, maximizando seus benefícios para a saúde individual e coletiva.

Palavras-chave: Aprendizagem de Máquina; Inteligência Artificial; Nutrição; Nutrição de precisão; Saúde Digital.

Referências:

COELHO, P. K.; SANTOS, A. M. S.; SANTOS, A. C. N. Inteligência Artificial e Nutrição: Um estudo da composição nutricional de cardápio de emagrecimento gerado por chatgpt. **Revista PET Brasil**, v. 3, n. 01, p. 50–62, 2024.

KASSEM, H. et al. Investigation and Assessment of AI's Role in Nutrition-An Updated Narrative Review of the Evidence. **Nutrients**, v. 17, n. 1, p. 190, 2025.

SOSA-HOLWERDA, A. et al. The Role of Artificial Intelligence in Nutrition Research: A Scoping Review. **Nutrients**, v. 16, n. 13, p. 2066, 28 jun. 2024.

INTERVENÇÕES DA FISIOTERAPIA RESPIRATÓRIA NA CONSERVAÇÃO DA FUNÇÃO PULMONAR EM PACIENTES COM DISTROFIA MUSCULAR DE DUCHENNE: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Eixo: Transversal

Gabriela de Oliveira Ramalho

Graduando em Fisioterapia pelo Centro Universitário Unicesumar - Maringá/PR.

Jaqueleine de Andrade Braga

Graduando em Fisioterapia pelo Centro Universitário Unicesumar - Maringá/PR.

Dra. Lilian Capelari Soares

Doutora pela Universidade Estadual de Maringá - UEM, Maringá/PR.

Introdução: A Distrofia Muscular de Duchenne (DMD) é uma doença genética neuromuscular progressiva, causada pela ausência da distrofina, proteína essencial para a estabilidade das fibras musculares. Essa condição leva à degeneração progressiva da musculatura esquelética, comprometendo gradualmente a função motora, cardiovascular e respiratória, sendo esta última uma das principais causas de mortalidade dos pacientes. O declínio da função pulmonar ocorre em fases distintas da evolução da doença, tornando fundamental a atuação precoce e contínua da fisioterapia respiratória como recurso para preservar a função ventilatória e melhorar a qualidade de vida. Nesse contexto, a fisioterapia respiratória assume papel central no acompanhamento clínico, buscando retardar complicações e ampliar a sobrevida. **Objetivo:** Analisar, por meio de uma revisão sistemática, as principais intervenções da fisioterapia respiratória em pacientes com DMD e sua eficácia na conservação da função pulmonar e na prevenção de complicações respiratórias. **Método ou Metodologia:** Trata-se de uma revisão sistemática realizada entre março e agosto de 2025, que incluiu artigos publicados entre 1990 e 2025 nas bases de dados PubMed/MEDLINE, SciELO, LILACS, Google Acadêmico e ScienceDirect. A busca resultou em 265 artigos, com exclusão de 217 que não atendiam aos critérios de inclusão. Um total de 48 artigos foram avaliados em texto completo, e apenas 5 artigos preencheram os critérios de elegibilidade e foram incluídos. Foram utilizados descritores cadastrados no DeCS/MeSH, em português e inglês, como "Distrofia Muscular de Duchenne", "Fisioterapia Respiratória", "Treinamento Muscular Inspiratório", "Função Pulmonar" e "Recrutamento de Volume Pulmonar". Foram incluídos ensaios clínicos que avaliaram intervenções respiratórias em pacientes com DMD, disponíveis na íntegra e em português ou inglês. Excluíram-se revisões narrativas, relatos de experiência, pesquisas com modelos animais e estudos sem desfechos respiratórios. **Resultados:** Foram cinco estudos que avaliaram diferentes protocolos terapêuticos: treinamento muscular inspiratório (TMI), treinamento muscular respiratório computadorizado com jogos, recrutamento de volume pulmonar e treinamento aeróbico associado à fisioterapia respiratória. Os resultados mostraram que o TMI promoveu aumento significativo da força inspiratória e expiratória, sendo mais eficaz quando iniciado em estágios iniciais da doença. O treinamento respiratório computadorizado demonstrou ganhos na ventilação voluntária máxima e mostrou-se uma estratégia motivacional para crianças com comprometimento moderado. O recrutamento de volume pulmonar apresentou efeito protetor, retardando em até cinco anos o declínio da capacidade vital quando realizado de forma sistemática. Já o treinamento aeróbico em bicicleta ergométrica, associado à fisioterapia convencional, proporcionou melhorias adicionais na capacidade vital forçada, no volume expiratório forçado no primeiro segundo e na capacidade funcional. **Conclusão:** Os achados evidenciam que as diferentes intervenções respiratória contribuem para retardar a progressão do comprometimento pulmonar na DMD, embora ainda existam lacunas metodológicas, como amostras pequenas, curta duração dos protocolos e ausência de seguimento a longo prazo. Destaca-se, portanto, a importância da aplicação precoce e individualizada dessas intervenções, associada ao acompanhamento multidisciplinar, visando preservar a função pulmonar, reduzir complicações e melhorar a qualidade de vida desses pacientes. Conclui-se que há necessidade de novos ensaios clínicos randomizados, multicêntricos e com maior robustez metodológica, que permitam consolidar protocolos padronizados e fortalecer a prática clínica baseada em evidências.

Palavras-chave: Distrofia Muscular de Duchenne; Exercícios Respiratórios; Fisioterapia Respiratória; Fortalecimento Muscular Respiratório; Reabilitação Respiratória.

Referências:

BIRNKRANT, D. J. et al. Diagnosis and management of Duchenne muscular dystrophy, part 1: diagnosis, and neuromuscular, rehabilitation, endocrine, and gastrointestinal and nutritional management. **The Lancet Neurology**, v. 17, n. 3, p. 251–267, mar. 2018.

CHILD NEUROLOGY FOUNDATION. Duchenne muscular dystrophy. 2021.

CHILDS, A. M. et al. Development of respiratory care guidelines for Duchenne muscular dystrophy: key recommendations for clinical practice. **Thorax**, Londres, v. 79, n. 5, p. 476–483, abr. 2024.

CHIOU, M.; BACH, J. R.; JETHANI, L.; GALLAGHER, M. F. Active lung volume recruitment to preserve vital capacity in Duchenne muscular dystrophy. **Journal of Rehabilitation Medicine**, v. 49, n. 1, p. 49-53, 2017.

FERREIRA, I. C. S. et al. Avaliação da função pulmonar e da qualidade de vida em pacientes pediátricos com Distrofia Muscular de Duchenne em acompanhamento no hospital de clínicas de Porto Alegre [dissertação de mestrado]. Porto Alegre: **Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, 2020.

FREITAS, G. B. L.; TOMAL, G. (Org.). **Neurologia: diagnósticos, tratamentos e cirurgias**. Irati: Editora Pasteur, 2022. 1. ed. 209 p. ISBN 978-65-815-4916-9.

KATZ, Sherri L. et al. Routine lung volume recruitment in boys with Duchenne muscular dystrophy: a randomised clinical trial. **Thorax**, v. 77, n. 8, p. 805–811, ago. 2022.

LOMAURO, A.; D'ANGELO, M. G.; ALIVERTI, A. Development of ventilatory dysfunction in Duchenne muscular dystrophy: a longitudinal study. **European Respiratory Journal**, v. 51, n. 2, p. 1701418, 2018.

LOMAURO, A.; D'ANGELO, M. G.; ALIVERTI, A. Assessment and management of respiratory function in patients with Duchenne muscular dystrophy: current and emerging options. **Therapeutic Clinical Risk Management**, v. 11, p. 1475–1488, 2015.

MAH, J. K. et al. Breathing in Duchenne muscular dystrophy: translation to therapy. **Journal of Clinical Investigation**, v. 132, n. 14, 2022.

MERCURI, E. et al. Detecting early signs in Duchenne muscular dystrophy: comprehensive review and diagnostic implications. **Frontiers in Pediatrics**, v. 11, art. 1276144, 2023.

MUNTONI, F.; TORELLI, S.; FERLINI, A. Dystrophin and mutations: one gene, several proteins, multiple phenotypes. **Lancet Neurology**, v. 2, p. 731–740, 2003.

NASCIMENTO, L. P. et al. Treinamento muscular respiratório em Distrofia Muscular de Duchenne: série de casos. **Revista Neurociências**, v. 23, n. 1, p. 9–15, 2015.

OSORIO, A. N. et al. Consenso para el diagnóstico, tratamiento y seguimiento del paciente con distrofia muscular de Duchenne. **Neurología**, v. 34, p. 469–481, 2019.

SHEIKH, O.; YOKOTA, T. Restoring protein expression in neuromuscular conditions: a review assessing the current state of exon skipping/inclusion and gene therapies for Duchenne muscular dystrophy and spinal muscular atrophy. **BioDrugs**, v. 35, p. 389–399, 2021.

SHIH, J. A.; FOLCH, A.; WONG, B. L. Duchenne muscular dystrophy: the heart of the matter. **Current Heart Failure Reports**, v. 17, p. 57–66, 2020.

SILVA, L. P. et al. Treinamento de força e resistência muscular respiratória na distrofia muscular de Duchenne: revisão narrativa da literatura. 2020. **Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Fisioterapia) – Centro Universitário Barão de Mauá**, Ribeirão Preto, 2020.

SUN, C. et al. Therapeutic strategies for Duchenne muscular dystrophy: an update. **Genes**, v. 11, p. 837, 2020.

VERYWELL HEALTH. **Duchenne Muscular Dystrophy: Symptoms**. 2024.

VILOZNI, D. et al. Computerized respiratory muscle training in children with Duchenne muscular dystrophy. **Neuromuscular Disorders**, v. 4, n. 3, p. 249-255, maio 1994.

WAGDY, E. et al. Ventilatory functions in response to bicycle ergometry training in boys with Duchenne muscular dystrophy. **Bulletin of Faculty of Physical Therapy**, v. 29, p. 59, 2024.

WANKE, T. et al. Inspiratory muscle training in patients with Duchenne muscular dystrophy. **Chest**, v. 105, n. 2, p. 475–482, fev. 1994.

WASILEWSKA, E. et al. Transition from childhood to adulthood in patients with Duchenne muscular dystrophy. **Medicina** (Kaunas), v. 56, p. 426, 2020.

INTERVENÇÕES ESCOLARES DE PROMOÇÃO DA SAÚDE INTEGRANDO EDUCADORES FÍSICOS E PSICÓLOGOS: REVISÃO DE MODELOS COLABORATIVOS

Eixo: Inovação em Saúde Pública e Educação Comunitária

Enos Erick Batista Lima

Mestrando em Ciências do Movimento pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Maceió AL

Anizia Lino de Messias

Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Maceió AL

Elizabeth Maria da Silva Batista Lima

Especialista em Neuropsicologia pela Faculdade Venda Nova do Imigrante – FAVENI, Venda Nova do Imigrante ES

Introdução: As escolas são ambientes estratégicos para a promoção da saúde de crianças e adolescentes, que enfrentam desafios como baixos níveis de atividade física e crescente prevalência de transtornos mentais. Intervenções que articulam as competências de educadores físicos e psicólogos demonstram potencial sinérgico, integrando a promoção do exercício físico com o desenvolvimento de habilidades socioemocionais. Essa colaboração visa não apenas melhorar a aptidão física, mas também fortalecer a autorregulação e reduzir sintomas de ansiedade e depressão. Contudo, a efetiva operacionalização desses modelos colaborativos na prática escolar é limitada por barreiras institucionais e pela ausência de evidências claras sobre os seus componentes críticos, o que justifica esta revisão.

Objetivo: Sintetizar as evidências

sobre modelos colaborativos entre educadores físicos e psicólogos em intervenções escolares, descrevendo seus principais efeitos em desfechos físicos, psicossociais e escolares.

Metodologia: Trata-se de uma Revisão Sistemática com síntese narrativa, conduzida conforme as recomendações PRISMA. As buscas foram realizadas nas bases de dados PubMed/MEDLINE, Scopus, Web of Science, LILACS e SciELO, para o período de 2000 a 2025. Foram incluídos estudos controlados e pré/pós de intervenções escolares com atuação conjunta documentada entre educadores físicos e psicólogos. A busca identificou 945 registros; após triagem por pares, 50 estudos foram selecionados para análise. A qualidade metodológica foi avaliada com as ferramentas ROB 2 (para ensaios clínicos randomizados) e critérios adaptados para outros desenhos. A síntese narrativa foi adotada devido à alta heterogeneidade metodológica e de desfechos entre os estudos incluídos, o que inviabilizou a meta-análise.

Resultados: As intervenções que combinam atividade física estruturada com estratégias psicossociais (ex.: desenvolvimento de competências socioemocionais) apresentaram efeitos positivos, embora de magnitude pequena a moderada, na redução de sintomas internalizantes e na motivação para a prática de exercícios. Os estudos incluídos abangeram majoritariamente populações de crianças e adolescentes em contextos escolares. Modelos colaborativos eficazes envolvem co-planejamento de aulas, formação continuada conjunta e avaliação participativa. As barreiras mais citadas foram o currículo saturado e a formação profissional insuficiente, enquanto a liderança escolar e o alinhamento com políticas locais foram apontados como facilitadores cruciais.

Conclusão: A integração formal entre educadores físicos e psicólogos em programas escolares é uma abordagem promissora para a promoção da saúde física e mental. O sucesso dessas intervenções depende de componentes colaborativos explícitos e de forte apoio institucional. Futuras pesquisas devem focar em estudos de implementação com desenhos robustos, avaliando a escalabilidade e o impacto em contextos de maior vulnerabilidade social, a fim de gerar diretrizes práticas e sustentáveis.

Palavras-chave: Promoção da Saúde; Atividade Física; Saúde Mental.

Referências:

BALASOORIYA LEKAMGE, Roshini et al. Evidence and Gap Map of Whole-School Interventions Promoting Mental Health and Preventing Risk Behaviours in Adolescence: Programme Component Mapping Within the Health-Promoting Schools Framework: An evidence and gap map. **Campbell Systematic Reviews**, v. 21, n. 1, p. e70024, 2025.

DA SILVA, Jadson Marcio et al. Effects of a school-based physical activity intervention on mental health indicators in a sample of Brazilian adolescents: a cluster randomized controlled trial. **BMC public health**, v. 25, n. 1, p. 539, 2025.

GRAUDUSZUS, Martin et al. School-based promotion of physical literacy: a scoping review. **Frontiers in Public Health**, v. 12, p. 1322075, 2024.

O'REILLY, Michelle et al. Review of mental health promotion interventions in schools. **Social psychiatry and psychiatric epidemiology**, v. 53, n. 7, p. 647-662, 2018.

SANTOS, Francisco et al. School-based family-oriented health interventions to promote physical activity in children and adolescents: a systematic review. **American Journal of Health Promotion**, v. 37, n. 2, p. 243-262, 2023.

O AFETO COMO TECNOLOGIA DO CUIDADO: LIÇÕES DE NISE DA SILVEIRA PARA A SAÚDE EM REDE

Eixo: Transversal

Anizia Lino de Messias

Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Maceió AL

Enos Erick Batista Lima

Mestrando em Educação Física pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Maceió AL

Elizabeth Maria da Silva Batista Lima

Especialista em Neuropsicologia pela Faculdade Venda Nova do Imigrante – FAVENI, Venda Nova do Imigrante ES

Introdução: Os paradigmas contemporâneos de saúde mental enfrentam o desafio de superar modelos historicamente centrados no isolamento e na supressão da subjetividade, em busca de práticas colaborativas que promovam o cuidado com equidade. Neste contexto, o trabalho da psiquiatra Nise da Silveira emerge como um referencial de vanguarda. Ao rejeitar as práticas agressivas de sua época, Silveira desenvolveu uma terapêutica fundamentada na expressão criativa e, sobretudo, no afeto como elemento central da relação terapêutica. A presente pesquisa resgata seu legado, propondo que o afeto, em sua prática, pode ser compreendido não apenas como um sentimento, mas como uma sofisticada tecnologia de cuidado. Argumenta-se que esta tecnologia humana é fundamental para a efetivação da saúde em rede, pois desloca o foco do controle de sintomas para a restauração dos laços do sujeito consigo mesmo e com a comunidade, promovendo um cuidado verdadeiramente integral e equitativo. **Objetivo:** Analisar o conceito de "afeto catalisador" no trabalho de Nise da Silveira, ressignificando-o como uma tecnologia de cuidado essencial para a humanização das práticas em saúde; e discutir como essa abordagem afetiva se alinha aos princípios contemporâneos de saúde em rede, oferecendo alternativas ao modelo manicomial de exclusão. **Metodologia:** Trata-se de uma pesquisa de cunho teórico-conceitual, baseada em revisão bibliográfica. A análise parte dos estudos desenvolvidos na dissertação de mestrado da autora, onde investigou-se o pensamento de Nise da Silveira, a crítica de Michel Foucault ao poder psiquiátrico e as contribuições da fenomenologia para a compreensão do sofrimento psíquico, com foco na valorização da subjetividade no tratamento de transtornos mentais. **Resultados:** A análise revelou que Nise da Silveira, ao criar espaços de livre expressão como o ateliê de pintura, utilizava o afeto como ferramenta para acessar e reorganizar o mundo interno de seus "clientes". Esta abordagem demonstrou que o sofrimento psíquico, especialmente em quadros como a esquizofrenia, envolve uma profunda desestruturação da percepção de tempo, espaço e afetividade, que não pode ser tratada apenas com psicofármacos. O afeto atua como "tecnologia" ao mediar a relação do sujeito com sua própria experiência, permitindo a reconstrução de narrativas e a criação de novos sentidos para a existência. Constatou-se que essa prática se opõe diretamente à lógica do poder disciplinar do manicômio, que anula a subjetividade, e fundamenta um cuidado colaborativo, onde o paciente é protagonista de seu tratamento. **Considerações Finais:** Conclui-se que o legado de Nise da Silveira oferece subsídios valiosos para a consolidação da saúde em rede. Entender o afeto como uma tecnologia de cuidado implica em investir na formação de profissionais capazes de manejar a dimensão subjetiva e relacional do tratamento. Tal abordagem não exclui outras ferramentas terapêuticas, mas as reposiciona dentro de um projeto de cuidado que visa à equidade e à reintegração social. As lições de Silveira nos convocam a construir redes de saúde que sejam, antes de tudo, redes de afeto e reconhecimento do outro em sua complexa humanidade.

Palavras-chave: Afeto; Nise da Silveira; Tecnologia do Cuidado.

Referências

FOUCAULT, Michel. **O Poder Psiquiátrico: Curso dado no Collège de France (1973-1974).** São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MESSIAS, Anizia Lino de. Continuidades e descontinuidades entre o pensamento de Nise da Silveira e Michel Foucault: acerca da esquizofrenia. 69 f. **Dissertação (Mestrado em Filosofia – Universidade Federal de Alagoas,** Maceió, 2023.

SALLES, Lucio. L. B. **Nise da Silveira, Filósofa da Alma. Ensaios Filosóficos**, [S. I.] v. 10, p. 156-170, dez. 2014.

SILVEIRA, Nise. **Imagens do Inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 2015.

O GLAUCOMA NO BRASIL: UMA ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DE 2023 A 2024

Eixo: Tranversal

Estela dos Santos Lima

Graduanda em enfermagem – Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas- UNCISAL

Analice de Lima Silva Ferro

Graduanda em enfermagem – Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas- UNCISAL

Sara Priscilla Silva dos Santos

Graduada em enfermagem- Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas- UNCISAL

Introdução: O glaucoma é uma doença ocular de caráter crônico e progressivo, definida por alterações típicas no campo visual decorrentes de lesões das fibras do nervo óptico. Esse comprometimento pode se manifestar tanto na presença quanto na ausência de aumento da pressão intraocular, sendo um fator de risco relevante, mas não exclusivo. A patologia representa um importante problema de saúde pública em âmbito global, por se tratar da principal causa de cegueira irreversível, com impacto expressivo na qualidade de vida dos indivíduos acometidos. Estima-se que cerca de 20% dos casos de cegueira no mundo estejam relacionados ao glaucoma, o que evidencia sua magnitude e a necessidade de monitoramento constante da sua ocorrência e distribuição. **Objetivo:** O presente estudo tem como objetivo descrever a epidemiologia do glaucoma no Brasil no período de 2023 a 2024, destacando as características demográficas e a distribuição dos casos notificados no território nacional. **Metodologia:** Trata-se de um estudo quantitativo, ecológico e retrospectivo, conduzido a partir da análise de dados secundários disponibilizados pelo Departamento de Informação e Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). Ressalta-se que, por utilizar exclusivamente informações públicas e sem identificação individual de participantes, a pesquisa está dispensada da apreciação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), em consonância com a Resolução CNS N°510/2016, Artigo 2º, inciso VI, que regulamenta o uso de dados secundários para fins de investigação científica. **Resultados e Discussões:** Durante o período analisado, foram registrados 18.491 casos de glaucoma no Brasil, evidenciando a relevância da condição no contexto da saúde ocular. Observou-se uma distribuição relativamente equilibrada entre os sexos, com predominância discreta do sexo masculino, que correspondeu a 9.589 casos (52%), enquanto o sexo feminino representou 8.902 casos (48%). Esses achados sugerem que, embora a prevalência seja semelhante entre homens e mulheres, pode haver diferenças associadas a fatores de risco, acesso aos serviços de saúde e adesão ao acompanhamento oftalmológico. Em relação à raça/cor, o público mais notificado foi atribuído ao pardo com 55% dos casos (10.173), prosseguido de branco e amarelo 32% (5908) e por último preto e indígena com 12% (18.491) e 1% (231) ficaram sem informação. Além disso, em relação à idade, a estratificação de risco inicia com 50 a 59 anos e chega no ápice dos 60 a 79 anos, de acordo com as informações obtidas pelo DATASUS, evidenciando o perfil epidemiológico da doença. **Conclusão:** A caracterização epidemiológica do glaucoma evidencia a importância da vigilância contínua para monitorar a ocorrência e distribuição da doença, e permite identificar grupos mais vulneráveis, orientar estratégias de intervenção e subsidiar políticas públicas voltadas à prevenção da cegueira irreversível associada a esta doença.

Palavras-chave: Epidemiologia; Nervo óptico; Cegueira.

Referências:

CURADO, Sonia e Isabel Paiva. Glaucoma: Uma revisão bibliográfica. *Research, Society and Development*. v. 12, n. 12, e13121243731, 2023. ISSN 2525-3409.

GAMBETTA, Polay et al. Epidemiological analysis of congenital glaucoma: a national scenario. *Revista da Associação Médica Brasileira* 70 (4), e20231203.

TANURI, Filipe Duarte et al. Glaucoma: diagnóstico, tratamento e manejo: um estudo das estratégias de diagnóstico precoce, tratamento médico e cirúrgico e cuidados a longo prazo para pacientes com glaucoma. *Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences*, v. 5, n. 5, p. 1423-1439, out. 2023.

PALETA DA SAÚDE: AÇÕES DE CONSCIENTIZAÇÃO POR CORES NOS MESES DO ANO

Eixo: Transversal

Jéssika Silva Carvalho

Residente em saúde da família e da comunidade pela Universidade Federal da Paraíba-UFPB, João Pessoa PB.

Ricardo Alves de Olinda

Doutor em estatística pela Universidade de São Paulo – USP, São Paulo SP.

Introdução: As campanhas de saúde públicas têm utilizado as cores como estratégia simbólica para promover a conscientização sobre doenças e condições específicas ao longo do ano, como o Setembro Amarelo para a prevenção do suicídio, o Outubro Rosa para o câncer de mama e o Novembro Azul para a saúde do homem. Essa abordagem, conhecida como "paleta da saúde", busca chamar a atenção da população de maneira simples, visual e efetiva, estimulando o autocuidado, a prevenção e o diagnóstico precoce. No âmbito das unidades de saúde, essas ações ganham relevância ao aproximar os profissionais da comunidade, fortalecendo o vínculo com os usuários e ampliando o impacto das mensagens de promoção da saúde. **Objetivo:** Relatar a importância e os resultados das ações de conscientização por cores realizadas ao longo dos meses do ano em uma unidade de saúde, destacando seu papel na promoção da saúde, prevenção de doenças e engajamento comunitário. **Metodologia:** Trata-se de um relato de experiência desenvolvido em uma Unidade Básica de Saúde (UBS) de João Pessoa ao longo de doze meses. As atividades foram planejadas de acordo com o calendário nacional de saúde, contemplando as campanhas alusivas às cores de cada mês. As ações incluíram palestras educativas, rodas de conversa, distribuição de materiais informativos, atividades lúdicas e interativas, além de orientações individuais durante os atendimentos de rotina. A equipe multiprofissional participou ativamente da execução, buscando adaptar a linguagem às diferentes faixas etárias e contextos sociais da comunidade atendida. **Resultados e Discussão:** As ações desenvolvidas demonstraram grande adesão da população, principalmente durante campanhas mais difundidas, como Outubro Rosa e Novembro Azul, mas também revelaram a necessidade de ampliar a visibilidade de outras temáticas, como o Março Lilás (câncer de colo do útero) e o Julho Amarelo (hepatites virais). Observou-se que a utilização das cores como ferramenta de mobilização favoreceu o interesse dos usuários, tornando o processo educativo mais acessível e envolvente. Além disso, a realização de atividades em grupo estimulou a troca de experiências e fortaleceu o senso de pertencimento comunitário. Contudo, desafios como limitações de recursos materiais, necessidade de maior apoio institucional e ampliação da divulgação das ações foram identificados, apontando para a importância de planejamento contínuo e parcerias intersetoriais. **Conclusão:** As ações de conscientização por cores realizadas nos meses do ano mostraram-se uma ferramenta eficaz para sensibilizar a comunidade quanto à importância da prevenção, do diagnóstico precoce e do cuidado com a saúde. A "paleta da saúde" possibilita traduzir mensagens complexas em símbolos simples e reconhecíveis, ampliando o alcance das campanhas e fortalecendo a relação entre a unidade de saúde e os usuários. Dessa forma, conclui-se que tais iniciativas contribuem de maneira significativa para a promoção da saúde e devem ser incentivadas como parte das práticas educativas permanentes na Atenção Básica.

Palavras-chave: Prevenção; Educação em saúde; Engajamento comunitário.

Referências:

BRASIL. **Lei nº 13.733, de 16 de novembro de 2018.** Dispõe sobre as atividades de conscientização a serem desenvolvidas no mês de outubro relativas ao câncer de mama (Outubro Rosa). Diário Oficial da União: Brasília, DF, 2018.

BRASIL. **Lei nº 15.199, de 5 de setembro de 2025.** Institui a Campanha “Setembro Amarelo” de prevenção ao suicídio, com atividades em todo o território nacional. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 2025.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS/OMS). Comunicação em saúde: estratégias para campanhas eficazes. Brasília: OPAS, 2020.

SUBICA, A. M. et al. Communities of color creating healthy environments to promote health: community engagement and empowerment approaches. **Preventing Chronic Disease**, v. 13, n. E122, 2016.

PARA ALÉM DOS SINTOMAS: A ESCUTA DA SUBJETIVIDADE (TEMPO, ESPAÇO, AFETO) COMO FERRAMENTA PARA UM CUIDADO COM EQUIDADE

Eixo: Transversal

Anizia Lino de Messias

Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Maceió AL

Enos Erick Batista Lima

Mestrando em Educação Física pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Maceió AL

Elizabeth Maria da Silva Batista Lima

Especialista em Neuropsicologia pela Faculdade Venda Nova do Imigrante – FAVENI, Venda Nova do Imigrante ES

Introdução: O princípio da equidade em saúde transcende a garantia de acesso, demandando práticas de cuidado que reconheçam e validem a singularidade de cada sujeito. Contudo, no campo da saúde mental, persiste um modelo que frequentemente prioriza a catalogação de sintomas em detrimento da escuta da experiência subjetiva do sofrimento. A presente pesquisa defende que a verdadeira equidade só é alcançada quando os profissionais de saúde são educados para ir além dos diagnósticos e compreender as dimensões existenciais do adoecimento. Inspirada na práxis de Nise da Silveira, que indagava como seus pacientes "viviam o tempo e o espaço", esta investigação argumenta que a escuta atenta da tríade tempo-espacão-afeto é uma ferramenta indispensável para a construção de um cuidado humanizado e verdadeiramente equitativo. **Objetivo:** Demonstrar que a escuta da subjetividade, centrada nas vivências de tempo, espaço e afeto, constitui uma ferramenta essencial para a promoção da equidade no cuidado em saúde mental, evidenciando, a partir do legado de Nise da Silveira e da psiquiatria fenomenológica, como essa abordagem pode transformar a prática clínica.

Metodologia: Trata-se de uma pesquisa teórico-conceitual, fundamentada em revisão bibliográfica. A análise apoia-se na dissertação de mestrado da autora, estabelecendo um diálogo entre a prática clínica de Nise da Silveira, a teoria crítica de Michel Foucault e os aportes da fenomenologia na compreensão da experiência da esquizofrenia, com foco na desconstrução do modelo biomédico reducionista. **Resultados:** A análise dos estudos de caso de Nise da Silveira, como o de Fernando Diniz, revela que as produções artísticas de seus pacientes eram manifestações diretas de uma desorganização da percepção espacial e temporal desencadeada por abalos afetivos intensos. Em consonância com a psiquiatria fenomenológica, observa-se que o núcleo do sofrimento na esquizofrenia não se restringe aos sintomas produtivos (delírios e alucinações), mas se enraíza na fragmentação da estrutura existencial do sujeito. Assim, uma abordagem orientada pela equidade não pode ignorar essa dimensão. Tratamentos centrados unicamente na supressão de sintomas mostram-se parciais e iníquos, pois deixam de acolher a principal fonte da angústia do paciente. **Considerações Finais:** Conclui-se que a equidade em saúde mental depende de uma transformação na formação e na prática dos profissionais, capacitando-os para uma "escuta existencial". Isso requer deslocar-se de uma postura que apenas classifica para outra que busca compreender o mundo vivido pelo sujeito. A valorização das narrativas sobre tempo, espaço e afeto não é acessória, mas o próprio fundamento de um cuidado que respeita a dignidade e a singularidade da pessoa. Promover a equidade é, em última instância, reconhecer que cada paciente habita um universo particular — e a escuta da subjetividade é a principal via de acesso a esse universo.

Palavras-chave: Equidade em Saúde; Subjetividade; Cuidado em Saúde Mental.

Referências:

FOUCAULT, Michel. **Doença mental e psicologia**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

MESSIAS, Anizia Lino de. Continuidades e descontinuidades entre o pensamento de Nise da Silveira e Michel Foucault: acerca da esquizofrenia. 2023. 69 f. **Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Alagoas**, Maceió, 2023.

SILVEIRA, Nise. Retrospectiva de um trabalho vivido no Centro Psiquiátrico Pedro II do Rio de Janeiro. In: **XIV Congresso Nacional de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental**, 14., 1979, Maceió. Anais... Maceió, 1979. p. 138-150.

PARTICIPATIVAS DE SAÚDE MENTAL E BEM ESTAR EM BAIRROS PERIFÉRICOS: ESTRATÉGIAS INOVADORAS DE EDUCAÇÃO COMUNITÁRIA

Eixo: Inovação em Saúde Pública e Educação Comunitária

Juliana Barbosa da Silva

Graduanda em Enfermagem pela Faculdade de Ciências de Timbaúba – FACET, Timbaúba – PE.

Maria Mileny Alves de Lima

Graduanda em Enfermagem pela Faculdade de Ciências de Timbaúba – FACET, Timbaúba – PE.

Introdução: A saúde mental e o bem-estar em comunidades periféricas têm se mostrado desafios complexos, devido a fatores socioeconômicos, à falta de acesso a serviços de saúde e às barreiras culturais. Nesse contexto, as estratégias participativas de educação comunitária emergem como ferramentas essenciais para a promoção da saúde mental, pois fortalecem vínculos sociais, previnem transtornos psicológicos e incentivam práticas de cuidado coletivo. A pesquisa sobre essas iniciativas é relevante, pois possibilita compreender como a educação e a participação comunitária podem transformar o cuidado em saúde mental, tornando-o mais inclusivo e adaptado às necessidades locais. **Objetivo:** Investigar estratégias inovadoras de educação comunitária voltadas para a promoção da saúde mental e do bemestar em bairros periféricos, analisando sua eficácia e impacto social. **Metodologia:** Tratase de uma revisão de literatura, realizada entre agosto e setembro de 2025. Foram consultadas as bases de dados SciELO e LILACS. Utilizaram-se os descritores controlados e não controlados combinados pelos operadores booleanos AND e OR: “saúde mental”, “educação comunitária”, “periferia”, “bem-estar” e “participação social”. Foram incluídos artigos publicados entre 2018 e 2025, disponíveis em texto completo, em português, inglês ou espanhol, que abordassem intervenções de promoção da saúde mental em comunidades periféricas, com foco em estratégias de educação e participação social. Excluíram-se estudos duplicados, editoriais, resumos de eventos e materiais que não apresentavam dados empíricos ou análises consistentes sobre o tema. A análise dos dados foi conduzida por meio da leitura crítica dos artigos selecionados, categorizando os achados conforme tipos de estratégias utilizadas, impactos observados e elementos de participação comunitária destacados. **Resultados:** A busca nas bases de dados resultou em um conjunto inicial de 42 estudos, dos quais 14 atenderam plenamente aos critérios de inclusão. A análise revelou que estratégias de educação comunitária em periferias são diversificadas e apresentam impactos significativos na promoção da saúde mental. Primeiramente, identificou-se que oficinas participativas e rodas de conversa favoreceram o fortalecimento dos vínculos sociais, possibilitando a troca de experiências e o acolhimento coletivo. Além disso, estudos evidenciaram que atividades culturais (teatro, música, literatura) e práticas esportivas estimularam a integração social e a construção de identidades comunitárias mais resilientes. Outro achado relevante foi a implementação de programas educativos em saúde mental, voltados ao desenvolvimento de habilidades socioemocionais, que demonstraram eficácia na prevenção de transtornos psicológicos e no incentivo ao autocuidado. Os artigos convergiram ao destacar que o envolvimento ativo da comunidade, aliado à atuação de profissionais de saúde e educadores, potencializa o impacto das intervenções e amplia a sustentabilidade das práticas. **Considerações Finais:** Os resultados apontam que estratégias inovadoras de educação comunitária são fundamentais para a promoção da saúde mental e do bem-estar em bairros periféricos. A participação social ativa contribui para a criação de redes de apoio sólidas, para a prevenção de transtornos mentais e para o fortalecimento de práticas de cuidado contínuo. Além disso, políticas públicas que fomentem essas iniciativas podem ampliar seu alcance e impacto, assegurando uma abordagem mais inclusiva, preventiva e sustentável em saúde mental.

Palavras-chave: Bem-estar; Educação comunitária; Participação social; Periferia; Saúde mental

Referências:

DIAS, J. V. dos S.; AMARANTE, P. D. C. Educação popular e saúde mental: aproximando saberes e ampliando o cuidado. **Saúde em Debate**, v. 46, n. 132, p. 188-199, 2022.

GOMES, B. R. et al. Caminhos da participação popular na saúde mental: uma revisão narrativa. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 32, n. 2, p. 1-10, 2023.

OLIVEIRA, L. M.; CARVALHO, A. S.; PEREIRA, T. R. Estratégias comunitárias na promoção da saúde mental em contextos de vulnerabilidade social. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, v. 27, n. 1, p. 1-14, 2023.

SANTOS, R. A.; LIMA, F. V. Oficinas culturais como estratégias de promoção da saúde mental em comunidades periféricas. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 32, n. 4, p. 1-18, 2022.

SILVA, J. P.; MOURA, A. C.; ALMEIDA, F. L. Atividades esportivas comunitárias como fator de proteção em saúde mental: revisão sistemática. **Revista de Saúde Pública**, v. 56, p. 12-22, 2022.

PRÁTICAS COLABORATIVAS EM SAÚDE MENTAL ESCOLAR: DA ESCUTA AO FORTALECIMENTO DA REDE DE APOIO

Eixo: Educação e Saúde em Rede

Adriano Santos de Farias

Acadêmico de Psicologia pela Atitus Educação, Passo Fundo RS

Natasha Louise Kiling da Silva

Acadêmica de Psicologia pela Atitus Educação, Passo Fundo RS

Brenda Aguirre Lemos Vaes

Acadêmica de Psicologia pela Atitus Educação, Passo Fundo RS

Silvana Ribeiro

Doutora em Psicologia Social e Institucional pela UFRGS, Docente do curso de Psicologia da Atitus Educação, Passo Fundo RS

Introdução: A adolescência é uma fase delicada, marcada por desafios como depressão, ideação suicida e baixa autoestima, tornando a saúde mental um tema urgente. Como os adolescentes passam grande parte do tempo na escola, práticas colaborativas que integrem acolhimento, cuidado e vínculos podem tornar esse espaço um fator protetivo. Iniciativas como rodas de conversa, projetos de extensão, programas psicoeducacionais e o diálogo entre escola, saúde, família e comunidade têm mostrado potencial para promover habilidades socioemocionais e oferecer suporte aos jovens. **Objetivo:** Analisar, por meio de revisão narrativa, práticas colaborativas em saúde mental escolar, desde a escuta qualificada até estratégias de fortalecimento da rede de apoio, buscando compreender iniciativas que promovam integração, cuidado e apoio coletivo no contexto educacional. **Método:** Foi realizada uma revisão narrativa na base Periódicos da CAPES, com os descritores do DeCS: ("Saúde Mental" AND "Escola") OR ("Saúde Mental" AND "Psicologia Escolar") OR ("Saúde Mental" AND "Prática Colaborativa" AND "Escola"), no período de 2020 a 2025. A busca resultou em 504 artigos, dos quais foram selecionados cinco, considerando pertinência temática, clareza metodológica e contribuição para a compreensão das práticas colaborativas em saúde mental escolar. **Resultados e Discussão:** A adolescência, embora repleta de descobertas, também envolve riscos associados a baixa autoestima, alterações de humor, insegurança, sexualidade, bullying, conflitos familiares e relações com pares. Esses fatores podem favorecer o surgimento de transtornos depressivos, abuso de substâncias e comportamentos suicidas, sendo o suicídio uma das principais causas de morte nessa faixa etária. Nesse contexto, a escola é um espaço estratégico para a promoção da saúde mental, atuando não apenas na formação educacional, mas também biopsicossocial. Seu caráter multidisciplinar favorece intervenções que apoiem os adolescentes. Rodas de conversa sobre temas como depressão, regulação emocional, bullying e sexualidade permitem escuta empática, identificação entre pares e fortalecimento do vínculo com a equipe escolar, criando maior segurança psicológica. A psicoeducação é outra estratégia eficaz, pois amplia o conhecimento sobre processos emocionais e repertórios de cuidado. Deve ser aplicada de forma atrativa, já que palestras expositivas têm pouca adesão. Professores podem inserir em seus conteúdos temas como biologia das emoções, técnicas de relaxamento e informações sobre serviços de emergência, tornando a aprendizagem significativa. O psicólogo, por sua vez, contribui com dinâmicas de autorregulação, roleplays e mediação de discussões, favorecendo o engajamento. A integração da escola com famílias e comunidade potencializa o enfrentamento das questões de saúde mental, e projetos de extensão mostram-se estratégias eficazes para fortalecer essa rede de apoio. **Considerações Finais:** Práticas integrativas e multidisciplinares, como rodas de conversa, inclusão de conteúdos sobre bem-estar psicológico, psicoeducação criativa e projetos de extensão que envolvam escola e comunidade, demonstram potencial para promover saúde mental em adolescentes. Investir em práticas colaborativas no ambiente escolar contribui não apenas para prevenir o adoecimento, mas também para consolidar redes de apoio que favorecem um desenvolvimento saudável e integral.

Palavras-chave: Saúde Mental Escolar; Rede de Apoio; Práticas Colaborativas.

Referências:

MORGADO, T.; LOUREIRO, L.; BOTELHO, M. A. R. Intervenção psicoeducacional promotora da literacia em saúde mental de adolescentes na escola: estudo com grupos focais.

Referência, [S. I.], v. 5, n. 6, p. 1-10, 2021.

SANTOS, N. G. N. Educação em saúde mental na escola. **Revista Científica FESA**, [S. l.], v. 3, n. 11, p. 24-34, 2023.

SILVA, F. P. A.; CRUZ, D. R. Importância de ações de saúde mental na escola: tessituras de um projeto de extensão em Parintins/Amazonas. **Revista Macambira**, Serrinha, BA, v. 8, n. 1, p. e081042, 2024.

SILVA, M. M.; BARROS, L. S. A contribuição da escola para a promoção da saúde mental de adolescentes no combate a depressão e ao suicídio. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, PR, v. 7, n. 3, p. 21078-21095, 2021.

TAVARES, C. M. M. et al. Saúde mental na escola: reflexão teórico-prática. **Revista Pró-Universus**, [S. l.], v. 14, n. especial, p. 14-18, 2023.

PROGRAMAS DE PROMOÇÃO DA REDUÇÃO DO COMPORTAMENTO SEDENTÁRIO EM POPULAÇÕES VULNERÁVEIS: EVIDÊNCIAS, DESIGUALDADES E IMPLICAÇÕES PARA TELESSAÚDE

Eixo: Saúde Mental e Bem-Estar Digital

Enos Erick Batista Lima

Mestrando em Ciências do Movimento pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Maceió AL

Anizia Lino de Messias

Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Maceió AL

Elizabeth Maria da Silva Batista Lima

Especialista em Neuropsicologia pela Faculdade Venda Nova do Imigrante – FAVENI, Venda Nova do Imigrante ES

Introdução: O comportamento sedentário, caracterizado por tempo prolongado sentado ou com baixo gasto energético, está associado a piores desfechos cardiometabólicos, saúde mental e mortalidade, independentemente da prática de atividade física moderada a vigorosa. Programas de redução do sedentarismo apresentam eficácia variável, sendo mais efetivos quando combinam estratégias comportamentais (pausas ativas, reestruturação ambiental, educação), tecnológicas (alertas, aplicativos, wearables) e políticas/organizacionais. Populações vulneráveis — como pessoas de baixa renda, baixa escolaridade, minorias étnicas, trabalhadores informais e comunidades rurais — enfrentam barreiras específicas (acesso limitado à tecnologia, ambientes inseguros, jornadas rígidas) que podem comprometer a efetividade e a equidade das intervenções. A telessaúde pode ampliar o alcance dessas ações, mas também pode acentuar o “digital divide” se não houver estratégias de inclusão. A integração entre educador físico (para desenho e dose das estratégias ativas) e psicóloga (para motivação, aderência e fatores psicosociais) é fundamental. **Objetivo:** (1) Sintetizar evidências sobre a eficácia de programas para redução do sedentarismo em populações vulneráveis, considerando modalidades presenciais, híbridas e via telessaúde; (2) Identificar componentes (tecnológicos, comportamentais, ambientais e de política pública) associados à maior efetividade e retenção; (3) Mapear barreiras e facilitadores à implementação em contextos de vulnerabilidade (incluindo acesso digital e determinantes sociais); (4) Propor recomendações prática-políticas para intervenções em rede que maximizem efetividade e equidade. **Método ou Metodologia:** Esta revisão sistematizada com componente de scoping e metanálise exploratória (quando ≥ 3 estudos homogêneos) seguiu protocolos rigorosos para garantir abrangência e reproduzibilidade. Buscas em PubMed, Scopus, Web of Science, Embase, LILACS, Cochrane e literatura cinzenta (2005–2025) identificaram 797 registros; 50 estudos foram incluídos após triagem. Foram aceitos RCTs, estudos quase-experimentais, pré/pós, avaliações de implementação e estudos qualitativos em populações vulneráveis (PT/EN/ES). Triagem e extração por três revisores; avaliação de risco com ROB2, ROBINS-I e ferramentas de implementação. Síntese narrativa por domínio e metanálise por efeitos aleatórios quando apropriado; análises de subgrupos e sensibilidade enfatizaram equidade e viabilidade de telessaúde. **Resultados:** Intervenções multicomponentes (pausas ativas, reconfiguração ambiental, aconselhamento, prompts tecnológicos) reduzem o tempo sentado em curto prazo (~20–60 min/dia), com grande variabilidade. Programas via telessaúde (SMS, apps, chamadas) ampliam o alcance, mas só são efetivos quando combinados a estratégias de inclusão (subsídio de dados/dispositivos, material offline, mediadores comunitários). Componentes psicológicos (auto-monitoramento, planejamento, suporte motivacional) aumentam retenção. Medidas objetivas (inclinômetros/activPAL) são mais confiáveis que autorrelatos, mas ainda pouco utilizadas em populações vulneráveis. Programas de baixo custo (SMS + mediador comunitário) são mais viáveis; apps sofisticados enfrentam barreiras de custo e uso. **Conclusão ou Considerações Finais:** Intervenções multicomponentes podem reduzir o sedentarismo em populações vulneráveis, especialmente quando combinam componentes comportamentais, mudanças ambientais e apoio comunitário. A telessaúde amplia o alcance, mas sua efetividade e equidade dependem de estratégias explícitas de inclusão digital e suporte humano local. Recomenda-se que futuras intervenções em rede incorporem: (1) medição objetiva do sedentarismo; (2) componentes psicológicos para adesão; (3) ações para mitigar o digital divide; (4) avaliação de impacto estratificada por vulnerabilidade; (5) estudos de longo prazo e avaliação de custo-efetividade.

Palavras-chave: Sedentarismo; Telessaúde; Promoção da Saúde; Equidade.

Referências:

BAUMANN, Hannes et al. mHealth interventions to reduce physical inactivity and sedentary behavior in children and adolescents: systematic review and meta-analysis of randomized controlled trials. **JMIR mHealth and uHealth**, v. 10, n. 5, p. e35920, 2022.

CALCATERRA, Valeria et al. Telehealth: A useful tool for the management of nutrition and exercise programs in pediatric obesity in the COVID-19 era. **Nutrients**, v. 13, n. 11, p. 3689, 2021.

HUTCHESON, Amanda K.; PIAZZA, Andrew J.; KNOWLDEN, Adam P. Work site-based environmental interventions to reduce sedentary behavior: a systematic review. **American Journal of Health Promotion**, v. 32, n. 1, p. 32-47, 2018.

SALEH, Zyad T. et al. Reducing sedentary behavior improves depressive symptoms among patients with heart failure enrolled in a home-based mobile health app cardiac rehabilitation. **Journal of Nursing Scholarship**, v. 57, n. 3, p. 394-403, 2025.

WESTERN, Max J. et al. The effectiveness of digital interventions for increasing physical activity in individuals of low socioeconomic status: a systematic review and meta-analysis. **International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity**, v. 18, n. 1, p. 148, 2021.

REALIDADE VIRTUAL COMO RECURSO EDUCATIVO PARA PREVENÇÃO DE QUEDAS EM IDOSOS

Eixo: Inovação e Tecnologia na Educação para a Saúde e Prevenção:
enfocando programas e práticas educacionais que promovam hábitos
saudáveis e a prevenção de doenças.

Aline da Silva Pereira

Graduada em Nutrição pela Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico de Vitória – UFPE-CAV, Pernambuco PE

Jonathas Rodrigo Nascimento Alves

Graduado em Fisioterapia pelo Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA, Pernambuco PE

Naiara Cristina de Souza Garajau

Graduanda em Enfermagem pela Universidade Norte Paraná - Arapiraca - AL

João Vitor dos Santos Nascimento

Graduando em Enfermagem pelo Centro Universitário Maurício de Nassau, Maceió, Alagoas AL

Davi Augusto Silva de Melo

Graduado em Nutrição pela Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico de Vitória – UFPE-CAV, Pernambuco PE

Introdução: As quedas em idosos constituem um relevante problema de saúde pública, responsáveis por fraturas, hospitalizações e perda de autonomia. Nesse contexto, a realidade virtual (RV) surge como uma ferramenta tecnológica inovadora, capaz de criar ambientes interativos que favorecem o treinamento do equilíbrio e a conscientização sobre fatores de risco. Evidências recentes apontam que programas baseados em RV podem reduzir o medo de cair, melhorar a mobilidade e ampliar o conhecimento em saúde, fortalecendo sua aplicação na fisioterapia gerontológica. **Objetivo:** Avaliar a efetividade da realidade virtual como recurso educativo e fisioterapêutico para prevenção de quedas em idosos, com foco em ganho de conhecimento, equilíbrio funcional e adesão às orientações preventivas. **Metodologia:** Os estudos foram selecionados a partir de uma pesquisa bibliográfica nas bases de dados Lilacs via Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Scientific Electronic Library Online (SciELO) e National Library of Medicine (PubMed), abrangendo publicações entre os anos de 2018 e 2025, em língua portuguesa. Foram utilizados os descritores “realidade virtual”, “acidentes por quedas” e “idosos”. Dos artigos inicialmente identificados, cinco estudos foram selecionados por apresentarem clareza na compreensão e atenderem aos critérios de inclusão, definidos como ensaios clínicos randomizados e revisões sistemáticas que investigaram a aplicação da realidade virtual em programas de prevenção de quedas. **Resultados:** Os cinco estudos selecionados evidenciam melhora significativa em parâmetros de equilíbrio, mensurados principalmente pela Berg Balance Scale (BBS), e na mobilidade funcional, avaliada pelo Timed Up and Go (TUG). Além disso, foi observada redução do medo de quedas, fator relevante para a autonomia e qualidade de vida dos idosos. As intervenções foram conduzidas tanto em domicílio quanto em centros de convivência, com sessões de realidade virtual (RV) de duração média entre 30 e 45 minutos, realizadas de duas a três vezes por semana, o que resultou em alta adesão e elevados índices de satisfação por parte dos participantes. As metanálises revisadas corroboram esses achados, indicando que a RV pode apresentar resultados semelhantes ou até superiores aos programas de exercícios convencionais, especialmente por favorecer o engajamento e o aprendizado ativo. Contudo, os autores destacam a importância de desenvolver protocolos padronizados, além de realizar acompanhamento em longo prazo, a fim de verificar de maneira mais robusta o impacto da RV na redução efetiva da incidência de quedas. **Considerações Finais:** A realidade virtual configura-se como uma estratégia eficaz e segura para a prevenção de quedas em idosos, favorecendo o equilíbrio funcional, a mobilidade e o conhecimento em saúde. O avanço tecnológico na fisioterapia gerontológica, oferecendo uma abordagem educativa interativa que pode ser incorporada a programas de promoção da saúde e reabilitação preventiva.

Palavras-chave: Realidade virtual; Acidentes por quedas; Idosos.

Referências:

Alhasan, H .et al. Home-Based Virtual Reality Training for Enhanced Balance, Strength, and Mobility Among Older Adults With Frailty: Systematic Review and Meta-Analysis. **JMIR Serious Games**, v. 13, p. E67146–e67146, 2025.

Kasicki, K. et al. Effectiveness of Virtual Reality-Based Training Versus Conventional Exercise Programs on Fall-Related Functional Outcomes in Older Adults with Various Health Conditions: A Systematic Review. **Journal of Clinical Medicine**, v. 14, n. 15, p. 5550–5550, 2025.

Ren, Y. et al. Effectiveness of virtual reality games in improving physical function, balance and reducing falls in balance-impaired older adults: A systematic review and meta-analysis. **Archives of Gerontology and Geriatrics**, v. 108, p. 104924, 2023.

Saragih, I. D. et al. Virtual Reality Intervention for Fall Prevention in Older Adults: A Meta-Analysis. **Journal of Nursing Scholarship**, v. 57, n. 5, p. 759-775, 2025.

Zahedian, N. et al. Effect of virtual reality exercises on balance and fall in elderly people with fall risk: a randomized controlled trial. **BMC Geriatrics**, v. 21, n. 509, 2021.

REPENSANDO A FORMAÇÃO EM SAÚDE MENTAL: A NECESSIDADE DE UM OLHAR INTERDISCIPLINAR A PARTIR DE NISE DA SILVEIRA

Eixo: Transversal

Anizia Lino de Messias

Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Maceió AL

Enos Erick Batista Lima

Mestrando em Educação Física pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Maceió AL

Elizabeth Maria da Silva Batista Lima

Especialista em Neuropsicologia pela Faculdade Venda Nova do Imigrante – FAVENI, Venda Nova do Imigrante ES

Introdução: A construção de uma saúde em rede, colaborativa e equitativa depende, de modo decisivo, da formação dos profissionais que a sustentam. No entanto, a educação em saúde mental permanece frequentemente orientada por um paradigma biomédico, insuficiente para abranger a complexidade do sofrimento psíquico. Este estudo resgata o legado da psiquiatra Nise da Silveira como contraponto radical a essa visão unidisciplinar. Sua prática, que articulava psiquiatria, psicologia analítica, filosofia, arte e mitologia, evidencia a relevância de um repertório ampliado para a compreensão da subjetividade humana, configurando-se como modelo inspirador para a reforma curricular na área da saúde. **Objetivo:** Demonstrar, a partir da práxis de Nise da Silveira, a insuficiência do modelo unidisciplinar na formação em saúde mental e propor a interdisciplinaridade como pilar essencial para a capacitação de profissionais aptos a atuar em redes de cuidado que valorizem a integralidade e a equidade. **Metodologia:** Trata-se de uma pesquisa teórico-conceitual, baseada em revisão bibliográfica e análise crítica. A argumentação fundamenta-se na dissertação de mestrado da autora, que investigou como Nise da Silveira integrou aportes da psicologia junguiana, da filosofia spinoziana e das artes para constituir uma prática clínica inovadora e humanizada. **Resultados:** A trajetória de Nise da Silveira revela que sua busca por fundamentação científica para a terapêutica ocupacional a levou para além dos manuais de psiquiatria. Para compreender as produções de seus pacientes — como mandalas e temas mitológicos —, Silveira recorreu à mitologia, à história da arte e à filosofia. Os resultados indicam que sua competência interdisciplinar foi decisiva para alcançar avanços terapêuticos significativos. Sua recusa em reduzir o paciente a um conjunto de sintomas e sua insistência em reconhecê-lo como sujeito foram possíveis justamente graças a essa formação pluralista, que lhe permitiu decodificar linguagens não verbais e simbólicas. **Considerações Finais:** Conclui-se que o trabalho de Nise da Silveira representou não apenas uma revolução clínica, mas também uma lição sobre a formação em saúde. Seu legado aponta para a urgência de reformar os currículos da área, integrando as humanidades como componentes centrais e não acessórios. Formar profissionais para a saúde em rede exige mais do que conhecimento técnico sobre diagnósticos e fármacos: requer a capacidade de dialogar com a complexidade da experiência humana — competência que somente a interdisciplinaridade pode cultivar.

Palavras-chave: Formação em Saúde; Interdisciplinaridade; Nise da Silveira.

Referências:

MAGALDI, Felipe S. A unidade das coisas: Nise da Silveira e a genealogia de uma psiquiatria rebelde no Rio de Janeiro, Brasil. 2018. **Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 2018.

MESSIAS, Anizia Lino de. Continuidades e descontinuidades entre o pensamento de Nise da Silveira e Michel Foucault: acerca da esquizofrenia. 2023. 69 f. **Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Alagoas**, Maceió, 2023.

SCHLEDER, Karoline S.; HOLANDA, Adriano F. **Nise da Silveira e o enfoque fenomenológico. Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 21, n. 1, jun. 2015.

SAÚDE MENTAL E BEM-ESTAR DIGITAL: INTERFACES ENTRE PSICOLOGIA E MEDICINA VETERINÁRIA

Eixo: Saúde Mental e Bem-Estar Digital

Eduarda Silva Reis

Graduanda em Psicologia, IMEPAC, Araguari-MG

Ana Luisa Dornelas Peixoto Silva

Graduanda em Medicina Veterinária, IMEPAC, Araguari-MG

Thaís Naiane Barcelos Cunha

Professora IMEPAC, Araguari - MG

Introdução: A crescente digitalização da vida cotidiana tem gerado impactos relevantes na saúde mental, principalmente entre estudantes e profissionais. Nesse cenário, surge a necessidade de compreender e promover o bem-estar digital, entendido como o uso equilibrado das tecnologias digitais de forma a favorecer a qualidade de vida e reduzir efeitos adversos, como estresse, ansiedade, sobrecarga cognitiva e dificuldades de atenção. Entre as abordagens inovadoras, destaca-se a integração entre Psicologia e Medicina Veterinária, por meio da Terapia Assistida por Animais (TAA), que atua como mediador terapêutico capaz de fortalecer vínculos afetivos e favorecer a regulação emocional.

Objetivo: Investigar de que forma a interdisciplinaridade entre Psicologia e Medicina Veterinária pode favorecer a saúde mental e o bem-estar digital, sobretudo em contextos educacionais e clínicos.

Método ou Metodologia:

Trata-se de uma revisão narrativa de literatura, realizada nas bases SciELO, PubMed e Google Scholar, considerando o período de 2015 a 2024. Utilizaram-se os descritores: saúde mental, bem-estar digital, animais e terapia assistida por animais. Os critérios de inclusão foram artigos publicados em português, inglês ou espanhol, que abordassem relações entre saúde mental, uso de tecnologias digitais e intervenções com animais. Foram excluídos trabalhos duplicados, publicações de opinião sem fundamentação científica e estudos anteriores a 2015. Inicialmente, identificaram-se 28 artigos; após a aplicação dos critérios, 12 compuseram a análise final.

Resultados: Os resultados indicam que programas que integram intervenções assistidas por animais podem reduzir níveis de estresse, ansiedade e sintomas de burnout em indivíduos expostos ao uso excessivo de tecnologias digitais. Além disso, fortalecem habilidades de atenção plena, resiliência e regulação emocional. A colaboração entre psicólogos e médicos-veterinários mostra-se estratégica, pois garante planejamento ético e seguro das atividades, assegurando benefícios tanto para os participantes quanto para os animais envolvidos.

Conclusão ou Considerações Finais: A integração entre Psicologia e Medicina Veterinária configura-se como uma proposta promissora para promoção da saúde mental e do bem-estar digital. Políticas institucionais que incentivem ações interdisciplinares contribuem para atenuar os efeitos da hiperconectividade, ampliar habilidades socioemocionais e promover um cuidado integral.

Palavras-chave: Animais; Saúde mental; Terapia assistida por animais.

Referências:

BENEDETTI, M. H.; OLIVEIRA, F. A. Bem-estar digital e saúde mental em universitários. *Revista Psicologia em Foco*, v. 15, n. 2, p. 55-68, 2022.

MACHADO, L. S.; FREITAS, C. A. Intervenções assistidas por animais: contribuições para a Psicologia. *Cadernos de Saúde e Educação*, v. 10, n. 1, p. 34-47, 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Mental health and digital well-being: challenges and opportunities. Geneva: WHO, 2020.

SÍFILIS CONGÊNITA: REVISÃO INTEGRATIVA SOBRE PREVENÇÃO, DIAGNÓSTICO E DESAFIOS ASSISTENCIAIS

Eixo: Transversal

Luziana de Paiva Carneiro

Mestranda em Cuidados Clínicos em Enfermagem/ UECE, Fortaleza CE.

Reynaldo Carneiro Carlos

Graduando em Enfermagem/UNINTA, Sobral CE

Paulo Victor Carneiro Araújo

Graduando em Odontologia/ UNINTA, Sobral CE

Paulo Vinícius Carneiro Araújo

Graduando em Odontologia/ Faculdade Luciano Feijão, Sobral CE

Karine Sales Braga Alves

Especialista em Neonatologia e Pediatria/ FAVENI, Sobral CE

Introdução: A sífilis congênita permanece como um dos maiores desafios de saúde pública mundial, especialmente em países em desenvolvimento. Apesar da existência de métodos diagnósticos acessíveis e do tratamento eficaz com penicilina, a incidência dessa condição vem aumentando, associada a falhas na atenção pré-natal e na adesão ao tratamento materno. As consequências clínicas podem ser graves, incluindo aborto espontâneo, natimortalidade, prematuridade, manifestações neonatais precoces e sequelas tardias. Nesse contexto, os cuidados de saúde devem estar centrados na prevenção, no diagnóstico precoce e na assistência integral à gestante e ao recém-nascido. **Objetivo:** Analisar a produção científica sobre a sífilis congênita, identificando fatores associados à sua persistência, estratégias de prevenção, diagnóstico e tratamento, bem como o papel da equipe de saúde na redução da transmissão vertical. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, realizada nas bases SciELO, LILACS e BDENF. Utilizaram-se os descritores “sífilis congênita”, “transmissão vertical” e “pré-natal”, combinados entre si. Foram incluídos artigos publicados entre 2018 e 2024, em português, inglês e espanhol, disponíveis em texto completo e que abordassem prevenção, diagnóstico, tratamento ou assistência. Excluíram-se estudos repetidos, relatos de caso isolados e publicações sem foco clínico-assistencial. Após a análise dos critérios, 12 artigos compuseram a amostra final. **Resultados e Discussão:** Os estudos evidenciaram que a alta incidência da sífilis congênita está fortemente associada a falhas na atenção pré-natal, baixa adesão materna ao tratamento, reinfecção pelo parceiro e desigualdades sociais. A realização do teste rápido durante o pré-natal e a repetição da testagem em diferentes trimestres mostraram-se estratégias eficazes para o diagnóstico precoce, permitindo intervenções oportunas.. A revisão também destacou a importância do tratamento simultâneo da gestante e do parceiro, uma vez que a não adesão contribui para altas taxas de reinfecção e manutenção da transmissão vertical. Apesar da penicilina ser amplamente disponível, barreiras relacionadas à organização dos serviços, estigma social e falhas no aconselhamento comprometem a efetividade das ações. O papel da enfermagem foi reiterado em diferentes estudos, principalmente na educação em saúde, no acompanhamento das consultas de pré-natal e no aconselhamento reprodutivo. Além disso, o enfermeiro assume papel estratégico na vigilância epidemiológica, contribuindo para a notificação de casos e monitoramento dos indicadores de saúde. **Considerações finais:** A sífilis congênita, embora prevenível, permanece como um problema relevante de saúde pública. A revisão demonstrou que a melhoria na qualidade do pré-natal, a ampliação do acesso ao diagnóstico rápido, o tratamento oportuno da gestante e do parceiro, e o fortalecimento da educação em saúde são medidas essenciais para reduzir sua incidência. A atuação multiprofissional, em especial da enfermagem, é determinante para garantir cuidado integral e humanizado

Palavras-chave: Enfermagem, Pré-natal, Saúde Pública, Sífilis congênita, Transmissão vertical,

Referências:

ARAÚJO, C. L.; ALMEIDA, M. C. Sífilis congênita: barreiras e desafios para o controle. **Revista de Saúde Pública**, v. 55, n. 123, p. 1-8, 2021.

BRASIL. **Ministério da Saúde**. Boletim Epidemiológico de Sífilis 2023. Brasília: Ministério da Saúde, 2023.

MAGALHÃES, D.M. et al. Estratégias de prevenção da sífilis congênita: revisão sistemática. *Revista Panamericana de Salud Pública*, v. 46, n. e97, p. 1-10, 2022.

TELERREabilitação na fisioterapia: avanços tecnológicos no tratamento

Eixo: Equidade e Acesso à Saúde através da Telessaúde: analisando como a telessaúde e a educação em saúde podem ser mais acessíveis e inclusivas para todos os grupos sociais.

Aline da Silva Pereira

Graduada em Nutrição pela Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico de Vitória – UFPE-CAV, Pernambuco PE

Jonathas Rodrigo Nascimento Alves

Graduado em Fisioterapia pelo Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA, Pernambuco PE

Davi Augusto Silva de Melo

Graduado em Nutrição pela Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico de Vitória – UFPE-CAV, Pernambuco PE

Introdução: O crescimento da telessaúde, intensificado pela pandemia de COVID-19, tem transformado as práticas assistenciais em saúde. Nesse cenário, a telerreabilitação se destaca como modalidade promissora da telessaúde, permitindo reabilitação física, funcional e cognitiva de forma remota, com eficácia comparável à presencial quando baseada em protocolos bem definidos e acompanhamento em tempo real. **Objetivo:** Avaliar o potencial da telerreabilitação como ferramenta de ampliação do acesso, personalização do tratamento e garantia da continuidade do cuidado em fisioterapia. **Método ou Metodologia:** Os estudos foram selecionados a partir de uma pesquisa bibliográfica nas bases de dados “Biblioteca virtual em saúde (BVS)”, “National Library of Medicine (MEDLINE)” e “Scientific Electronic Library Online (SciELO)”, referentes aos anos de 2016 e 2025. A pesquisa foi conduzida em língua portuguesa. Dos 31 artigos inicialmente identificados, 7 foram selecionados devido ao seu fácil entendimento para análise devido aos critérios de inclusão a efetividade da telerreabilitação em comparação com a fisioterapia presencial no manejo de condições musculoesqueléticas crônicas. **Resultados:** As evidências apontam que a telerreabilitação oferece resultados semelhantes aos obtidos em sessões presenciais, promovendo melhora na dor, função física e qualidade de vida. Plataformas digitais que combinam avaliação clínica, videointeração síncrona e prescrição individualizada facilitam o monitoramento contínuo, ajustes terapêuticos e adesão ao tratamento. Programas individualizados, com orientação sobre exercício, nutrição e fatores de risco, reforçam o caráter integral da abordagem. A utilização de sistema de telemonitoramento, permite a avaliação dos sinais secundários antes, durante ou após as sessões de exercício, podendo variar de acordo com os recursos e necessidades, a disponibilidade de Telerreabilitação entregue remotamente, com o acesso a terapeutas experientes que fornecem avaliação e terapia, pode garantir a continuidade da reabilitação e, mais importante ainda, melhorar a qualidade de vida. **Conclusão ou Considerações Finais:** A telerreabilitação se consolida como estratégia eficaz e segura na fisioterapia, favorecendo acessibilidade, personalização do cuidado e continuidade do tratamento, representando um avanço significativo na atenção a pacientes com condições crônicas, especialmente em contextos de limitações geográficas ou de mobilidade.

Palavras-chave: Telerreabilitação; Fisioterapia; Reabilitação.

Referências:

- Adhikari, S. P., Shrestha, P., Dev, R. Feasibility and effectiveness of telephone based telephysiotherapy for treatment of pain in low-resource setting: a retrospective pre-post design. *Pain Res Manag.* V.2020, p.e2741278, 2020.
- Aquino, E. R. DA S.; suffert, S. C. I. Telemedicine in neurology: advances and possibilities. *Arquivos De Neuro-Psiquiatria*, v. 80, n. 5, p. 336–341, 2022.
- Bashshur, R. L. et al. The empirical foundations of telemedicine interventions for Chronic disease management. *Telemedicine and e-Health*, v. 20, n.9, p. 769-800, 2016.
- Bennell, K. L. et al. Effectiveness of na Internet-delivered exercise and pain coping skills training intervention for persons with chronic knee pain: a randomized trial. *Ann Intern Med.* V.166, n.7, p.453–462, 2017.

Herdy, A. H, Mangia, A. S, Benetti, M. Telerreabilitação Cardiovascular: Uma alternativa para Maior Disponibilidade da Reabilitação Cardiovascular A.metabólica no Brasil. **Arquivos Brasileiros de Cardiologia**, v. 122, n. 3, p.e20240570, 2025.

Plavoukou, T. et al. The Effectiveness of Telerehabilitation in Managing Pain, Strength, and Balance in Adult Patients With Knee Osteoarthritis: Systematic Review. **JMIR Rehabilitation and Assistive Technologies**, v. 12, p. e72466, 2025.

Ramanathan, R. P. et al. Efficacy of pulmonary telerehabilitation on exercise Tolerance, fatigue, perceived exertion, depression, and quality of life in COVID19 survivors. **Revista Pesquisa em Fisioterapia**, v. 14, p. e5416, 2024.

TRANSFERÊNCIA DE PROGRAMAS DE ATIVIDADE FÍSICA PARA PLATAFORMAS DE TELESSAÚDE: EFICÁCIA, ADESÃO E DESIGUALDADES – REVISÃO SISTEMÁTICA NARRATIVA

Eixo: Equidade e Acesso à Saúde através da Telessaúde

Enos Erick Batista Lima

Mestrando em Ciências do Movimento pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Maceió AL

Anizia Lino de Messias

Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Maceió AL

Elizabeth Maria da Silva Batista Lima

Especialista em Neuropsicologia pela Faculdade Venda Nova do Imigrante – FAVENI, Venda Nova do Imigrante ES

Introdução: A transferência de programas de atividade física para plataformas de telessaúde tornou-se uma estratégia relevante para ampliar o acesso à promoção da saúde e reabilitação, especialmente após a pandemia de COVID-19. Contudo, essa modalidade enfrenta desafios intrínsecos, tais como garantir a adesão, a equidade no acesso e a segurança de dados, além de exigir a adaptação das intervenções às realidades locais para maximizar seu impacto.

Objetivo: Sintetizar a evidência sobre eficácia, adesão e desigualdades em programas de atividade física via telessaúde, bem como identificar lacunas e recomendações para prática clínica e políticas públicas. **Método:** Realizou-se uma revisão sistemática com síntese narrativa, seguindo as diretrizes PRISMA e SWiM (Synthesis Without Meta-analysis).

Foram pesquisadas as bases PubMed, Scopus, Web of Science e Cochrane Library, incluindo estudos publicados entre 2015 e 2025. A busca sistemática identificou 1.216 trabalhos e, após triagem por três pesquisadores, 37 estudos foram incluídos. O risco de viés foi avaliado com as ferramentas RoB 2 para ensaios clínicos randomizados e ROBINS-I para estudos não randomizados. A síntese narrativa foi adotada devido à alta heterogeneidade dos estudos, o que representa uma limitação por não permitir a quantificação dos efeitos via meta-análise. **Resultados e Discussão:** Programas de atividade física via telessaúde mostraram eficácia comparável à presencial em desfechos como capacidade funcional e qualidade de vida. A análise dos estudos revelou que a adesão é significativamente maior em modelos que incluem supervisão síncrona (em tempo real) e feedback individualizado, utilizando técnicas de gamificação e estabelecimento de metas para manter o engajamento. Contudo, essa adesão tende a decair após 3 a 6 meses, especialmente na ausência de acompanhamento contínuo. As barreiras de acesso, como a exclusão digital e o baixo letramento tecnológico, foram identificadas como fatores críticos que limitam a participação de populações específicas, como idosos e indivíduos de baixa renda, acentuando desigualdades pré-existentes em saúde. A insuficiência de dados sobre custo-efetividade e segurança de dados também foi um achado recorrente. **Considerações Finais:** Programas de atividade física por telessaúde são eficazes, mas seu sucesso depende de políticas robustas de inclusão digital que transcendam o simples fornecimento de tecnologia, englobando capacitação e suporte técnico contínuo ao usuário. Além disso, a formação dos profissionais de saúde deve ser ampliada para incluir competências em comunicação digital e telemonitoramento, assegurando a qualidade e a segurança do cuidado. Recomenda-se pesquisa futura focada em modelos híbridos (presencial-digital), análise econômica e abordagens comunitárias que reduzam a exclusão digital para maximizar os benefícios populacionais.

Palavras-chave: Telessaúde; Atividade física; Reabilitação; Equidade em Saúde; Inclusão Digital.

Referências:

CHAN, Karly OW et al. Effectiveness of telehealth in preventive care: a study protocol for a randomised controlled trial of tele-exercise programme involving older people with possible sarcopenia or at risk of fall. **BMC geriatrics**, v. 23, n. 1, p. 845, 2023.

FLYNN, Allyson et al. Utilising telehealth to support exercise and physical activity in people with Parkinson disease: a program evaluation using mixed methods. **BMC Health Services Research**, v. 23, n. 1, p. 224, 2023.

HENKIN, João S. et al. Telehealth multicomponent exercise and health education in breast cancer patients undergoing primary treatment: rationale and methodological protocol for a randomized clinical trial (ABRACE: Telehealth). **Trials**, v. 24, n. 1, p. 42, 2023.

SHIH, Hai-Jung Steffi et al. Physical activity coaching via telehealth for people with Parkinson disease: A cohort study. **Journal of Neurologic Physical Therapy**, v. 46, n. 4, p. 240-250, 2022.

XIANG, Xiao-Na et al. Telehealth-Supported Exercise or Physical Activity Programs for Knee Osteoarthritis: Systematic Review and Meta-Analysis. **Journal of Medical Internet Research**, v. 26, p. e54876, 2024.

ABORDAGENS TERAPÉUTICAS E PERSPECTIVAS FUTURAS DA IMUNOTERAPIA CAR-NK PARA A ÁREA ONCOLÓGICA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DE SÍNTESE SEM METANÁLISE (SWIM)

Eixo: Tecnologias Emergentes e Inovação em Saúde

Leandro Maia Leão

Graduado em Enfermagem pelo Centro Universitário CESMAC, Maceió AL

Luciana da Silva Viana

Doutora em Química e Biotecnologia pela Universidade Federal de Alagoas, Maceió AL

RESUMO

A imunoterapia com células CAR-T, apesar de revolucionária, enfrenta desafios de toxicidade e altos custos. Como alternativa, a terapia com células CAR-NK (Natural Killer) surge com a promessa de produtos alogênicos "off-the-shelf", mais seguros e acessíveis. Objetivou-se analisar criticamente a produção, eficácia, desafios e futuro da imunoterapia CAR-NK. A pesquisa, que incluiu 24 documentos, revelou alta eficácia em malignidades hematológicas, com taxas de remissão significativas e segurança superior. Contudo, o sucesso em tumores sólidos é limitado pela baixa persistência celular e pela supressão imposta pelo Microambiente Tumoral (TME). O futuro da terapia reside na integração de estratégias de engenharia avançada em plataformas de Células-Tronco Pluripotentes Induzidas (iPSCs). Isso inclui o desenvolvimento de construções de CAR "NK-cêntricas", a coexpressão de citocinas (IL-15/IL-21) para aumentar a persistência e a edição genética para resistir ao TME, consolidando a CAR-NK como um pilar eficaz no tratamento oncológico.

Palavras-chave: Terapia por Receptor Antigênico Quimérico; Células Assassinas Naturais; Oncologia.

INTRODUÇÃO

A imunoterapia celular adotiva, especialmente a terapia com células T portadoras de Receptores de Antígenos Quiméricos (CAR-T), transformou o tratamento de malignidades hematológicas refratárias (Basar; Daher; Rezvani, 2020). Ao reprogramar as células T do paciente para atacar tumores, a tecnologia alcançou taxas de remissão sem precedentes. No entanto, sua aplicação é limitada por toxicidades severas, como a Síndrome de Liberação de Citocinas (CRS) e a Síndrome de Neurotoxicidade Associada a Células Efetoras Imunes (ICANS), além de um processo de produção autólogo complexo, demorado e de alto custo (Daher; Rezvani, 2018; Kilgour et al., 2023). Adicionalmente, sua eficácia contra tumores sólidos tem sido decepcionante, devido à dificuldade de infiltração e à exaustão funcional no Microambiente Tumoral (TME) (Balkhi et al., 2025).

Nesse contexto, as células Natural Killer (NK) geneticamente modificadas (CAR-NK) emergiram como uma plataforma alternativa promissora (Li et al., 2024). As células NK possuem vantagens biológicas intrínsecas: um perfil de segurança superior, com menor risco de CRS e ICANS, e a capacidade de serem usadas em um modelo alogênico (de doadores saudáveis para pacientes) sem causar a Doença do Enxerto Contra o Hospedeiro (GvHD) (Rafei; Daher; Rezvani, 2021). Essa característica permite o desenvolvimento de produtos "off-the-shelf" (prontos para uso), que podem ser fabricados em larga escala, criopreservados e

disponibilizados imediatamente, eliminando os gargalos logísticos e financeiros da imunoterapia CAR autóloga e democratizando o acesso a tratamentos celulares avançados (Xia; Minamino; Kuwabara, 2020).

OBJETIVO

Analisar criticamente as evidências sobre a produção, eficácia, desafios e perspectivas futuras da imunoterapia CAR-NK na área oncológica.

MÉTODOS

Esta revisão sistemática (Moher et al., 2009) foi construída como um estudo qualitativo (Pereira et al., 2018), de característica exploratória e narrativa (Cordeiro et al., 2007). Foram checados alguns itens da diretriz Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (PRISMA) quando esses eram aplicáveis (Page et al., 2021).

A revisão sistemática de síntese narrativa (Uman, 2011) tem como limitação a não aplicabilidade de análise estatística (Owens, 2021), sendo que esse viés foi deliberado pelos autores no momento da escolha do estudo (Chaney, 2021), entretanto, a aplicação da diretriz Synthesis Without Meta-analysis (SWiM) é de suma relevância para abordar de maneira rigorosa e transparente a síntese das evidências encontradas dada a alta heterogeneidade dos tipos de estudos incluídos nesta revisão (Campbell et al., 2020).

A questão norteadora desta revisão sistemática foi construída por meio do acrônimo PICO, garantindo assim a precisão e relevância dos estudos abordados e incluídos nesse estudo (Hosseini et al., 2024). As buscas realizadas de maneira sistemática e abrangente entre os meses de julho e setembro de 2025 ocorreram nas seguintes bases de dados: PubMed, Scopus, Web of Science e Embase; também na plataforma de registro de ensaios clínicos: ClinicalTrials.gov; e na base de dados de patentes: WIPO Patentscope. Foi utilizada uma combinação personalizada de descritores específicos, alternativos e termos livres para ampliar a captura da produção científica e inovações relevantes.

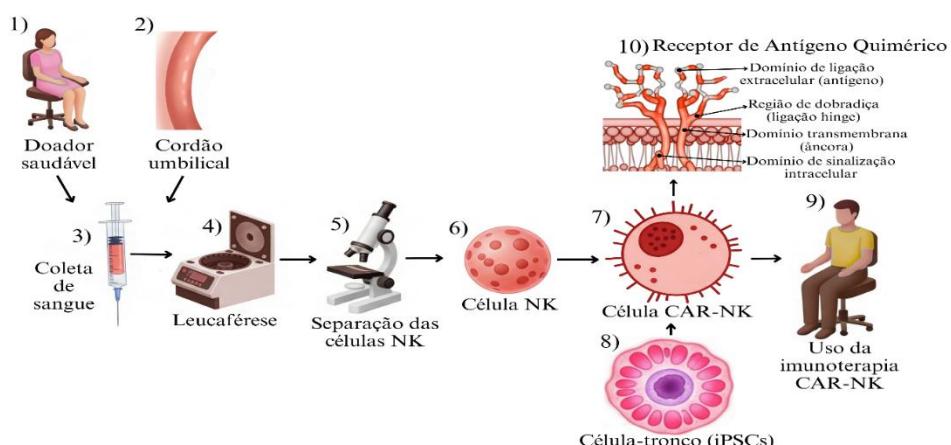
A seleção dos documentos inclusos foi realizada por dois pesquisadores de forma independente, com o auxílio de um software de organização de referências Rayyan, que facilitou a triagem e seleção dos estudos inclusos (Ouzzani et al., 2016). Os títulos e resumos foram avaliados inicialmente e os artigos que eram considerados elegíveis foram analisados em texto completo para aplicação final dos critérios de inclusão e exclusão desta pesquisa. As divergências foram analisadas, deliberadas e resolvidas em consenso pelos pesquisadores.

A análise qualitativa dos dados extraídos dos 24 documentos selecionados, ocorreu por meio da Análise de Conteúdo que foi proposta por Laurence Bardin (2016). Esse método de análise organiza os eixos temáticos segundo as fases do processo, que são: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No que tange a produção da imunoterapia CAR-NK, existem diversas fontes alvo que foram identificadas e testadas em diversos estudos, tais como: doadores saudáveis (produção alogênica), Cordão Umbilical (UCB), Sangue periférico (PB) e Células-Tronco Pluripotentes Induzidas (iPSCs) (Leão et al., 2025). A figura 1 ilustra os tipos de produção CAR-NK.

Figura 1. Ilustração dos tipos de produção da imunoterapia CAR-NK.



Legenda: A figura mostra em sequência os tipos de produção de células CAR-NK, sendo elas: 1) De doadores saudáveis; 2) De sangue do cordão umbilical; 8) De células-tronco; e 9) O uso da imunoterapia CAR-NK no paciente alvo. Também é mostrado o 4) Processo de Leucaférese; 5) Separação das células NK do resto do conteúdo sanguíneo; 6) Identificação das células NK; 7) Transformação em células CAR-NK e 10) Estrutura dos Receptores de Antígenos Quiméricos.

Fonte: Autores (2025).

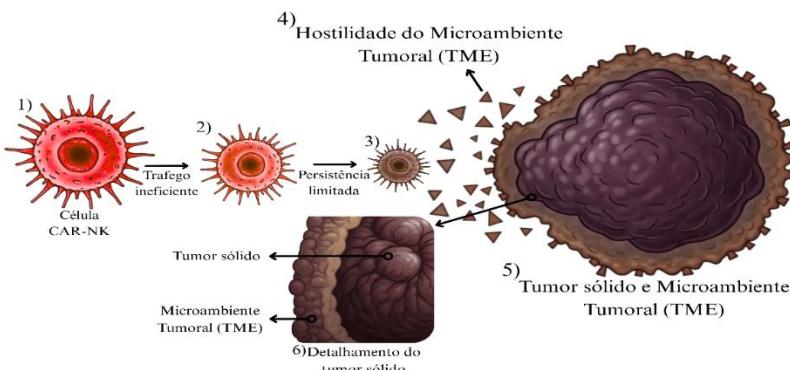
Sendo assim, um dos pilares da terapia é a revolução "off-the-shelf", impulsionada pela fonte celular. Fontes iniciais como o Sangue Periférico (PB) e a linhagem NK-92 apresentaram limitações de padronização e persistência, respectivamente. O Sangue de Cordão Umbilical (UCB) foi crucial para a prova de conceito clínica (Liu et al., 2020), mas a variabilidade entre doadores ainda é um desafio. Atualmente, as Células-Tronco Pluripotentes Induzidas (iPSCs) emergem como a plataforma definitiva, permitindo a criação de bancos de células mestres clonais que podem ser geneticamente modificados para gerar lotes ilimitados de células CAR-NK homogêneas, transformando a terapia em um produto farmacêutico universal (Lu; Feng, 2021; Ghobadi et al., 2025). A superação da baixa eficiência de transdução viral em células NK primárias está sendo alcançada por métodos não virais, como sistemas de transposons (Bexte et al., 2024).

A evolução do design do receptor CAR é outro tema central, com uma transição de abordagens "T-cêntricas" para "NK-cêntricas". Em vez de apenas adaptar construções de CAR-T, pesquisas recentes focam em incorporar domínios de sinalização específicos da biologia NK (ex: 2B4, DAP10) para maximizar a citotoxicidade (Biederstädt; Rezvani, 2021). Uma das estratégias mais inovadoras, já refletida em patentes da indústria (Shanghai Gene-Optimal Biotech, 2024; Fate Therapeutics, 2024), é o uso do receptor ativador NKG2D como base para

o CAR, permitindo o reconhecimento de múltiplos ligantes de estresse expressos em diversos tumores e criando um potencial CAR "pan-câncer" (Curio; Jonsson; Marinović, 2021).

A eficácia clínica da imunoterapia CAR-NK revela uma forte dicotomia. Em malignidades hematológicas, os resultados são promissores. O estudo pioneiro de Liu et al. (2020) demonstrou uma taxa de resposta objetiva de 73% em pacientes com linfoma, com segurança excepcional. Outros ensaios confirmaram altas taxas de remissão em leucemias (Huang et al., 2025) e linfomas, e a aplicação da terapia está se expandindo para doenças autoimunes (Marin et al., 2024; Yu et al., 2024). Em contrapartida, o sucesso contra tumores sólidos permanece um desafio. Embora segura, a terapia com células NK resulta em respostas clínicas modestas nesse cenário (Park et al., 2024). A eficácia é limitada pela "muralha do tumor sólido", uma barreira composta por tráfego celular ineficiente para o tumor, pela persistência limitada *in vivo* e por um TME hostil que suprime ativamente a função imune (Khorasani; Yousefi; Bashash, 2022; Balkhi et al., 2025). A figura 2 ilustra essas questões.

Figura 2. Barreira do Microambiente Tumoral (TME) e seus efeitos nas células CAR-NK.



Legenda: A figura mostra em sequência os efeitos que a 1) Célula CAR-NK sofre perante o TME, passando pelo 2) Tráfego ineficiente; 3) Persistência limitada e 4) Hostilidade do Microambiente Tumoral. Ainda mostra alguns detalhes do 5) Tumor sólido e TME e 6) O detalhamento do TME.

Fonte: Autores (2025).

Para superar essa muralha, a fronteira da inovação está na engenharia de células CAR-NK "blindadas" (armored). As estratégias incluem a coexpressão de citocinas de suporte, como a IL-15 ou a IL-21, que aumentam a persistência e a aptidão metabólica das células (Daher; Rezvani, 2018; He et al., 2025). A edição genética com CRISPR-Cas9 é usada para nocautear receptores inibitórios (como o de TGF-β) e tornar as células resistentes à supressão do TME (Burga et al., 2019). Além disso, a engenharia metabólica é uma abordagem de vanguarda para manter a funcionalidade celular no núcleo do tumor, protegendo as mitocôndrias da disfunção causada pela hipoxia (Krug; Martinez-Turtos; Verhoeven, 2021).

CONCLUSÃO

Infere-se que o futuro desta terapia depende da convergência de quatro pilares tecnológicos: (1) a produção padronizada a partir de iPSCs; (2) o design de receptores "NK-cêntricos" que potencializam a biologia inata da célula; (3) a engenharia de autossuficiência e

resistência, com a coexpressão de citocinas e a ablação de vias inibitórias; e (4) o aprimoramento da aptidão metabólica para sobreviver no TME. A integração dessas estratégias em plataformas de iPSCs representa o caminho para criar células CAR-NK "blindadas" e multifuncionais. A validação contínua dessas abordagens em estudos clínicos mais robustos será fundamental para estabelecer a terapia CAR-NK como um recurso seguro, eficaz e acessível no combate ao câncer, principalmente em tumores sólidos.

REFERÊNCIAS

- BALKHI, S. et al. CAR-NK cell therapy: promise and challenges in solid tumors. **Frontiers in Immunology**, v. 16, art. 1574742, 2025.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BASAR, R.; DAHER, M.; REZVANI, K. Next-generation cell therapies: the emerging role of CAR-NK cells. **Blood Advances**, v. 4, n. 22, p. 5868-5876, 2020.
- BEXTE, T. et al. Engineering of potent CAR NK cells using non-viral Sleeping Beauty transposition from minimalistic DNA vectors. **Molecular Therapy**, v. 32, n. 7, p. 2357-2372, 2024.
- BIEDERSTÄDT, A.; REZVANI, K. Engineering the next generation of CAR-NK immunotherapies. **International Journal of Hematology**, v. 114, n. 5, p. 554-571, 2021.
- BURGA, R. A. et al. Engineering the TGFB receptor to Enhance the Therapeutic Potential of Natural Killer Cells as an Immunotherapy for Neuroblastoma. **Clinical Cancer Research**, v. 25, n. 14, p. 4400-4412, 2019.
- CAMPBELL, M. et al. Synthesis without meta-analysis (SWIM) in systematic reviews: reporting guideline. **BMJ**, v. 368, art. l6890, 2020.
- CHANEY, M. A. So you want to write a narrative review article? **Journal of cardiothoracic and vascular anesthesia**, v. 35, n. 10, p. 3045–3049, 2021.
- CORDEIRO, A. M. et al. Revisão sistemática: uma revisão narrativa. **Revista do Colegio Brasileiro de Cirurgioes**, v. 34, n. 6, p. 428–431, 2007.
- CURIO, S.; JONSSON, G.; MARINOVIĆ, S. A summary of current NKG2D-based CAR clinical trials. **Immunotherapy Advances**, v. 1, n. 1, art. Itab018, 2021.
- DAHER, M.; REZVANI, K. Next generation natural killer cells for cancer immunotherapy: the promise of genetic engineering. **Current Opinion in Immunology**, v. 51, p. 146-153, 2018.
- FATE THERAPEUTICS, INC. Anti-ROR1 chimeric antigen receptors (cars), car-nk cells and related methods. **Patente No. WO2024073583A1**. 2024.

GHOBADI, A. et al. Induced pluripotent stem-cell-derived CD19-directed chimeric antigen receptor natural killer cells in B-cell lymphoma: a phase 1, first-in-human trial. **The Lancet**, v. 405, n. 10473, p. 127-136, 2025.

HE, B. et al. Interleukin-21 engineering enhances CD19-specific CAR-NK cell activity against B-cell lymphoma via enriched metabolic pathways. **Experimental Hematology & Oncology**, v. 14, n. 1, p. 51, 2025.

HOSSEINI, M-S. et al. Formulating research questions for evidence-based studies. **Journal of medicine, surgery, and public health**, v. 2, n. 100046, p. 100046, 2024.

HUANG, R. et al. Safety and efficacy of CD33-targeted CAR-NK cell therapy for relapsed/refractory AML. **Experimental Hematology & Oncology**, v. 14, n. 1, p. 1, 2025.

KHORASANI, B. S.; YOUSEFI, A.; BASHASH, D. CAR NK cell therapy in hematologic malignancies and solid tumors; obstacles and strategies to overcome the challenges. **International Immunopharmacology**, v. 110, art. 109041, 2022.

KILGOUR, M. K. et al. Advancements in CAR-NK therapy: lessons to be learned from CAR-T therapy. **Frontiers in Immunology**, v. 14, art. 1166038, 2023.

KRUG, A.; MARTINEZ-TURTOS, A.; VERHOEYEN, E. Importance of T, NK, CAR T and CAR NK Cell Metabolic Fitness for Effective Anti-Cancer Therapy. **Cancers**, v. 14, n. 1, p. 183, 2021.

LEÃO, L. M. et al. Imunoterapia por Receptores de Antígenos Químéricos (CARs) para células Assassinas Naturais (NK), abordagens terapêuticas e perspectivas futuras na área oncológica: uma revisão sistemática de Síntese Sem Metanálise (SWIM). **Research, Society and Development**, v. 14, n. 8, p. e0514849317, 2025.

LI, T. et al. CAR-NK cells for cancer immunotherapy: recent advances and future directions. **Frontiers in Immunology**, v. 15, art. 1361194, 2024.

LIU, E. et al. Use of CAR-Transduced Natural Killer Cells in CD19-Positive Lymphoid Tumors. **New England Journal of Medicine**, v. 382, n. 6, p. 545-553, 2020.

LU, S.-J.; FENG, Q. CAR-NK cells from engineered pluripotent stem cells: Off-the-shelf therapeutics for all patients. **STEM CELLS Translational Medicine**, v. 10, supl. 2, p. S10-S17, 2021.

MARIN, D. et al. Safety, efficacy and determinants of response of allogeneic CD19-specific CAR-NK cells in CD19+ B cell tumors: a phase 1/2 trial. **Nature Medicine**, v. 30, n. 3, p. 772-784, 2024.

MOHER, D. et al. Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses: the PRISMA statement. **PLoS medicine**, v. 6, n. 7, p. e1000097, 2009.

OUZZANI, M. et al. Rayyan-a web and mobile app for systematic reviews. **Systematic reviews**, v. 5, n. 1, p. 210, 2016.

OWENS, J. K. Systematic reviews: Brief overview of methods, limitations, and resources. **Nurse author & editor**, v. 31, n. 3–4, p. 69–72, 2021.

PAGE, M. J. et al. The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews. **BMJ (Clinical research ed.)**, v. 372, p. n71, 2021.

PARK, H. et al. Efficacy and safety of natural killer cell therapy in patients with solid tumors: a systematic review and meta-analysis. **Frontiers in Immunology**, v. 15, art. 1454427, 2024.

PEREIRA, A. S. et al. Metodologia da pesquisa científica. Santa Maria: UAB/NTE/UFSM, 2018.

RAFEI, H.; DAHER, M.; REZVANI, K. Chimeric antigen receptor (CAR) natural killer (NK)-cell therapy: leveraging the power of innate immunity. **British Journal of Haematology**, v. 193, n. 2, p. 216-230, 2021.

SHANGHAI GENE-OPTIMAL BIOTECH. Chimeric antigen receptor and use thereof. **Patente No. WO2024250865A1**. 2024.

UMAN, L. S. Systematic reviews and meta-analyses. **Journal of the Canadian Academy of Child and Adolescent Psychiatry**, v. 20, n. 1, p. 57-59, 2011.

XIA, J.; MINAMINO, S.; KUWABARA, K. CAR-expressing NK cells for cancer therapy: a new hope. **Bioscience Trends**, v. 14, n. 5, p. 354-359, 2020.

YU, Y. et al. Allogenic CD19 CAR NK cells therapy in refractory systemic lupus erythematosus: An open-label, single arm, prospective and interventional clinical trial. **ACR Convergence 2024**, v. 76, suppl. 9, 2024.

ANÁLISE COMPARATIVA DA PRODUÇÃO DE IMUNOTERAPIAS CAR PARA CÉLULAS T, NK E MACRÓFAGOS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Eixo: Tecnologias Emergentes e Inovação em Saúde

Naiara Cristina de Souza Garajau

Universidade Norte do Paraná UNOPAR - Arapiraca, AL

João Vitor dos Santos Nascimento

Centro Universitário Maurício de Nassau UNINASSAU - Maceió, AL

Leandro Maia Leão

Graduado em Enfermagem pelo Centro Universitário CESMAC - Maceió, AL

RESUMO

A imunoterapia com células CAR (Receptor de Antígeno Quimérico) representa uma revolução na oncologia. A pioneira, CAR-T, apesar de sua alta eficácia em malignidades hematológicas, enfrenta desafios significativos como toxicidades severas, custo elevado e limitações em tumores sólidos. Em resposta, novas plataformas surgiram: as células CAR-NK (Natural Killer) e CAR-M (Macrófagos). As células CAR-NK destacam-se pelo perfil de segurança superior e potencial para produção alogênica "pronta para uso", embora sua persistência in vivo seja um desafio. Já as células CAR-M mostram uma capacidade única de infiltrar e remodelar o microambiente de tumores sólidos, superando uma barreira crítica das terapias atuais. Esta evolução aponta para um futuro onde a combinação estratégica dessas plataformas pode levar a tratamentos universais, seguros e economicamente sustentáveis, transitando de uma monoterapia para uma abordagem de "imuno-orquestração".

Palavras-chave: Terapia CAR com Células T; Imunoterapia Celular Adotiva; Terapia por Receptor de Antígeno Quimérico.

INTRODUÇÃO

A Imunoterapia Celular Adotiva (ACT) transformou o prognóstico de cânceres antes considerados intratáveis, consolidando-se como um pilar fundamental no tratamento oncológico. A tecnologia central dessa revolução são os Receptores de Antígenos Quiméricos (CARs), proteínas sintéticas que redirecionam células imunes para reconhecer e atacar抗ígenos tumorais de forma independente do Complexo Principal de Histocompatibilidade (MHC). A primeira aplicação de sucesso foi a engenharia de linfócitos T, dando origem à terapia com células CAR-T. O sucesso clínico contra alvos como CD19 e BCMA levou a taxas de remissão sem precedentes em leucemias, linfomas e mieloma múltiplo, resultando em múltiplas aprovações por agências reguladoras (Neelapu et al., 2017).

Apesar da eficácia, o paradigma CAR-T possui limitações severas. O processo de produção, tipicamente autólogo, envolve a coleta, modificação e reinfusão das células do próprio paciente, sendo logicamente complexo, demorado e extremamente caro, com custos que podem ultrapassar um milhão de dólares. Além disso, a terapia está associada a toxicidades potencialmente fatais, como a Síndrome de Liberação de Citocinas (CRS) e a neurotoxicidade (ICANS) (Morris et al., 2022). Sua aplicação em tumores sólidos também é limitada devido à dificuldade de infiltração e à supressão exercida pelo microambiente tumoral (TME). Essas barreiras impulsionaram a busca por plataformas alternativas, como as células CAR-NK e CAR-

Macrófago, projetadas para superar especificamente as falhas do modelo pioneiro (Daher et al., 2021).

OBJETIVO

Analisar e sintetizar de forma crítica a literatura científica, os dados de ensaios clínicos e os registros de patentes para fornecer uma comparação detalhada e multifacetada das imunoterapias CAR-T, CAR-NK e CAR-M. A análise foca nos métodos de produção, custo-benefício, escalabilidade, perfis de segurança e limitações intrínsecas, visando elucidar as vantagens e desvantagens relativas de cada plataforma.

MÉTODOS

Este estudo foi conduzido como uma revisão sistemática da literatura, seguindo as diretrizes Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (PRISMA) (Page et al., 2021). Dada a heterogeneidade das fontes, que incluíam estudos pré-clínicos, ensaios clínicos, análises econômicas e patentes, a síntese dos dados foi realizada de forma narrativa, conforme a diretriz Synthesis Without Meta-analysis (SWiM) (Campbell et al., 2020).

A questão de pesquisa foi estruturada utilizando o acrônimo PICO (População, Intervenção, Comparação, Desfecho) (Eriksen & Frandsen, 2018; Hosseini et al., 2024). A busca por evidências foi realizada em setembro de 2025 nas bases de dados científicas (PubMed, Scopus, Embase e Web of Science), plataformas de ensaios clínicos (ClinicalTrials.gov, ICTRP e EU-CTR) e bases de patentes (Google Patents, WIPO e USPTO). A seleção dos estudos foi realizada por dois revisores independentes, com base em critérios de elegibilidade pré-definidos para garantir a relevância e a abrangência da análise comparativa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise comparativa revela uma clara trajetória evolutiva, onde as limitações da CAR-T impulsionaram a inovação estratégica que resultou nas plataformas CAR-NK e CAR-M.

Paradigmas de Manufatura: A Transição do Autólogo para o Alogênico

A principal diferença entre as plataformas reside no modelo de produção. A CAR-T consolidou-se em um modelo autólogo, utilizando as células do próprio paciente. Embora elimine o risco de rejeição, este modelo sofre com a variabilidade da matéria-prima, altas taxas de falha de fabricação e um processo logístico "vein-to-vein" complexo, demorado e que impede economias de escala, resultando em custos proibitivos (Kawamoto; Masuda, 2024).

Em contraste, as terapias CAR-NK e CAR-M foram projetadas para um modelo alogênico "pronto para uso" (off-the-shelf). As células CAR-NK podem ser derivadas de múltiplas fontes, como sangue de doadores saudáveis, sangue de cordão umbilical e, mais promissoramente, de

Células-Tronco Pluripotentes Induzidas (iPSCs). As iPSCs permitem a criação de bancos celulares mestres para a produção em larga escala de lotes homogêneos de células CAR, representando o auge da padronização (Li et al., 2018). Este modelo alogênico alinha a terapia celular à manufatura biofarmacêutica tradicional, permitindo a produção de um único lote para tratar centenas de pacientes, o que simplifica a logística e promete reduzir drasticamente o custo por dose (Depil et al., 2020).

Engenharia Genética e Segurança

A engenharia de células CAR-T tradicionalmente utiliza vetores virais (lentivírus), que são caros e carregam um baixo, mas teórico, risco de mutagênese. A busca por alternativas impulsionou métodos não virais, como o sistema de transposons (Sleeping Beauty), que oferece integração estável com menor custo e maior segurança (Bexte et al., 2024). Outra abordagem é a eletroporação de mRNA, que resulta em expressão transitória do CAR, sendo ideal para aplicações que exigem uma resposta potente, mas de curta duração, para minimizar toxicidades.

O perfil de segurança é o diferenciador mais claro entre as plataformas. A terapia CAR-T está associada a um risco significativo de CRS e ICANS graves, que frequentemente exigem manejo em UTI (Morris et al., 2022). Além disso, o desenvolvimento de CAR-T alogênico é dificultado pelo risco de Doença do Enxerto Contra o Hospedeiro (GvHD), uma complicação potencialmente letal. Em contrapartida, a terapia CAR-NK apresenta uma segurança marcadamente superior. Dados clínicos mostram que CRS e ICANS graves são muito raros e, crucialmente, as células NK não causam GvHD, o que as torna ideais para a abordagem alogênica sem a necessidade de edições genéticas complexas (Liu et al., 2020). Os dados iniciais para a CAR-M também são promissores, com o primeiro ensaio clínico não relatando toxicidades limitantes de dose (Reiss et al., 2025).

Limitações e Fronteiras da Inovação

Cada plataforma enfrenta um desafio fundamental. Para a CAR-NK, a principal limitação é a sua persistência in vivo relativamente curta. A inovação para superar isso está na estratégia de "arming" celular, que consiste em coexpressar citocinas de sobrevivência, como a Interleucina-15 (IL-15), para promover sua proliferação e durabilidade no microambiente tumoral.

Para a CAR-T, o grande desafio continua sendo a baixa eficácia em tumores sólidos. A plataforma CAR-M foi desenvolvida precisamente para enfrentar este problema. Macrófagos possuem uma capacidade inata de infiltrar tumores. Uma vez no local, eles não apenas eliminam as células tumorais via fagocitose, mas também remodelam o TME, apresentando抗ígenos e recrutando outras células imunes, transformando um ambiente imunossupressor em um "quente" (Lu et al., 2024). Os primeiros dados clínicos do ensaio com CT-0508 validaram essa hipótese em humanos, mostrando que as células CAR-M trafegaram para os tumores e induziram um influxo de células T ativadas (Reiss et al., 2025).

CONCLUSÃO

A análise das plataformas CAR-T, CAR-NK e CAR-M revela uma clara diversificação estratégica no campo da imunoterapia. A terapia CAR-T continua sendo o padrão de eficácia em malignidades hematológicas, mas seu modelo autólogo, de alto custo e com perfil de toxicidade significativo, limita seu alcance. A terapia CAR-NK emerge como a solução para os problemas de custo e segurança, oferecendo um paradigma off-the-shelf com toxicidade mínima, cujo principal desafio é aumentar sua persistência in vivo. A terapia CAR-M, por sua vez, representa a fronteira mais recente, com um potencial único para superar a barreira dos tumores sólidos através da infiltração e remodelação do microambiente.

O futuro do campo não reside na supremacia de uma única plataforma, mas na convergência de tecnologias e na aplicação sinérgica desses diferentes efetores celulares. A maturação de fontes celulares universais como as iPSCs e a adoção de métodos de engenharia não virais definirão a próxima geração de imunoterapias. A perspectiva mais empolgante está na exploração de terapias combinatórias, onde as propriedades únicas de cada célula podem ser orquestradas para um ataque multifacetado e mais eficaz contra o câncer, visando alcançar o objetivo final da terapia celular: tratamentos curativos que sejam universalmente acessíveis, seguros e sustentáveis.

REFERÊNCIAS

- BEXTE, T. et al. Engineering of potent CAR NK cells using non-viral Sleeping Beauty transposition from minimalistic DNA vectors. **Molecular therapy: the journal of the American Society of Gene Therapy**, v. 32, n. 7, p. 2357–2372, 2024.
- CAMPBELL, M. et al. Synthesis without meta-analysis (SWiM) in systematic reviews: reporting guideline. **BMJ**, 2020.
- DAHER, M. et al. CAR-NK cells: the next wave of cellular therapy for cancer. **Clinical & translational immunology**, v. 10, n. 4, p. e1274, 2021.
- DEPIL, S. et al. “Off-the-shelf” allogeneic CAR T cells: development and challenges. **Nature reviews. Drug discovery**, v. 19, n. 3, p. 185–199, 2020.
- ERIKSEN, M. B.; FRANDSEN, T. F. The impact of the PICO format on literature search result in systematic reviews. **Journal of the Medical Library Association**, 2018.
- HOSSEINI, M. et al. PICO format for formulating research questions in systematic reviews. **World Journal of Methodology**, 2024.
- REISS, K. A. et al. CAR-macrophage therapy for HER2-overexpressing advanced solid tumors: a phase 1 trial. **Nature medicine**, v. 31, n. 4, p. 1171–1182, 2025.

LI, Y. et al. Human iPSC-derived natural killer cells engineered with chimeric antigen receptors enhance anti-tumor activity. **Cell stem cell**, v. 23, n. 2, p. 181- 192.e5, 2018.

LIU, E. et al. Use of CAR-transduced natural killer cells in CD19-positive lymphoid tumors. **The New England journal of medicine**, v. 382, n. 6, p. 545–553, 2020.

MORRIS, E. C. et al. Cytokine release syndrome and associated neurotoxicity in cancer immunotherapy. **Nature reviews. Immunology**, v. 22, n. 2, p. 85–96, 2022.

NEELAPU, S. S. et al. Axicabtagene ciloleucel CAR T-cell therapy in refractory large B-cell lymphoma. **The New England journal of medicine**, v. 377, n. 26, p. 2531–2544, 2017.

PAGE, M. J. et al. The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews. **BMJ**, 2021.

LU, J. et al. CAR Macrophages: a promising novel immunotherapy for solid tumors and beyond. **Biomarker research**, v. 12, n. 1, p. 86, 2024.

KAWAMOTO, H.; MASUDA, K. Trends in cell medicine: from autologous cells to allogeneic universal-use cells for adoptive T-cell therapies. **International immunology**, v. 36, n. 2, p. 65–73, 2024.

DISBIOSE INTESTINAL E PRÁTICAS DE ENFERMAGEM: A INTERVENÇÃO DO PROFISSIONAL NO RESTABELECIMENTO DA MICROBIOTA E PREVENÇÃO DE INFECÇÕES POR CLOSTRIDIODES DIFFICILE

Eixo: Inovação e Tecnologia na Educação para a Saúde e Prevenção

Moisés Davi da Silva Bomfim

Graduando em Enfermagem pelo Centro Universitário Mauricio de Nassau UNINASSAU - Maceió, AL

Leandro Maia Leão

Graduado em Enfermagem pelo Centro Universitário CESMAC - Maceió, AL

RESUMO

Introdução: A Disbiose Intestinal, desequilíbrio da microbiota comensal, estabelece uma ligação crucial com a Infecção por Clostridioides difficile, uma infecção relacionada à assistência à saúde de elevada recorrência. **Objetivo:** Esta Revisão Integrativa da Literatura objetivou analisar as práticas de Enfermagem voltadas ao restabelecimento da eubiose e à prevenção da CDI.

Metodologia: incluiu a busca em bases como PUBMED, SciELO, LILACS, BVS e Google Acadêmico. **Resultados:** destacam que o enfermeiro exerce uma função essencial no Controle de Infecção, enfatizando a lavagem das mãos com água, sabão e isolamento de contato. Adicionalmente, o profissional modula ativamente a microbiota via suporte nutricional, destacando-se a eficácia de probióticos. **Conclusão:** O enfermeiro é crucial na vigilância dos fatores de risco iatrogênicos (como o uso de antibióticos de amplo espectro) e na educação em saúde, posicionando-se como agente central na redução da incidência de CDI e na melhoria da função intestinal geral.

Palavras-chave: Disbiose; Enfermagem; Clostridioides difficile; Microbiota Intestinal.

INTRODUÇÃO

O avanço da ciência tem reconfigurado a visão sobre o trato gastrointestinal, que é atualmente reconhecido como o "órgão central do organismo" e um mantenedor primário da saúde sistêmica, uma vez que a otimização da função intestinal está intrinsecamente ligada à melhoria generalizada das funções fisiológicas (Vilela et al., 2024). Nesse contexto, a Disbiose Intestinal, definida como o desequilíbrio qualitativo e quantitativo da microbiota comensal, surge como um fator etiológico e prognóstico de relevância em diversas patologias, incluindo as doenças digestivas. O manejo desse desequilíbrio, que se insere no campo da Nutrição Clínica Funcional, exige uma avaliação detalhada da interação entre o hospedeiro e o processo nutricional.

A Disbiose intestinal estabelece a condição para a Infecção por Clostridioides difficile (CDI), uma colite grave e uma das Infecções Relacionadas à Assistência à Saúde (IRAS) mais desafiadoras, predominante no ambiente nosocomial (Burke; Lamont, 2014). A patogênese está diretamente ligada à destruição da microbiota comensal (disbiose), permitindo a proliferação do C. difficile e a consequente produção de toxinas que lesam a mucosa intestinal. O principal fator de risco iatrogênico é a exposição a antimicrobianos, sendo os mais frequentemente implicados as fluoroquinolonas, penicilinas de amplo espectro e cefalosporinas, embora a vasta maioria dos antibióticos possua o potencial de induzir a colonização e infecção. Outros fatores de risco clinicamente relevantes incluem a hospitalização ou institucionalização prolongada, idade

avançada (acima de 65 anos) e o uso de medicações que reduzem a acidez gástrica, como os Inibidores de Bomba de Prótons (IBP), que podem facilitar a sobrevivência das formas vegetativas do esporo do *C. difficile* (McDonald et al., 2018; Burke; Lamont, 2014). A identificação desses fatores é essencial para a vigilância e prevenção em pacientes hospitalizados que desenvolvem diarreia aguda.

A alta transmissibilidade e o potencial de recorrência da CDI (que pode voltar após o tratamento) tornam a intervenção de enfermagem urgente. O profissional de enfermagem, como provedor de cuidados diretos e contínuos (Burke; Lamont, 2014), é indispensável tanto no manejo ambiental quanto na aplicação de estratégias clínicas, estendendo sua atuação à vigilância farmacológica com foco na ecologia intestinal, monitorando e mitigando o risco induzido pela tríade antibióticos/IBP/disbiose.

A Enfermagem é o pilar no controle da infecção e na promoção do suporte nutricional. A síntese de evidências é crucial para fundamentar protocolos institucionais, especialmente considerando a eficácia de intervenções como probióticos e a crescente utilização do Transplante de Microbiota Fecal (TMF) para CDI recorrente. Este posicionamento justifica a RIL como uma ferramenta de governança clínica, sendo essencial para que o enfermeiro possa fundamentar sua prática na prevenção da transmissão e na modulação da microbiota, elevando a qualidade e a segurança do cuidado.

OBJETIVO

O presente estudo, na forma de Revisão Integrativa da Literatura (RIL), tem como objetivo analisar criticamente e sintetizar as evidências científicas atuais sobre as práticas de intervenção do profissional de enfermagem no manejo da disbiose intestinal, com foco no restabelecimento da eubiose e na prevenção e controle de Infecções por *Clostridioides difficile* (CDI) em ambientes de assistência à saúde.

MÉTODOS

O estudo empregou a Revisão Integrativa da Literatura (RIL), metodologia que sintetiza pesquisas disponíveis sobre uma temática e direciona a prática assistencial com base em evidências científicas (Souza et al., 2010). A pergunta norteadora foi elaborada sob a estratégia PICO (População, Intervenção, Comparação, Outcomes) (Hosseini et al., 2024). A formulação final da questão foi: "Quais intervenções e práticas de enfermagem baseadas em evidências promovem o restabelecimento da microbiota intestinal e são eficazes na prevenção de Infecções por *C. difficile* em pacientes hospitalizados ou institucionalizados?".

A coleta de dados foi realizada entre agosto e setembro de 2025 em quatro bases de dados e uma revista eletrônica: PubMed, SciELO, LILACS, Google Acadêmico e BVS. A estratégia utilizou a combinação controlada de Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e

Medical Subject Headings (MeSH), com operadores booleanos (AND, OR) para refinar os resultados e assegurar a precisão da pesquisa.

Os critérios de inclusão abrangeram estudos originais, revisões sistemáticas e meta-análises, não foi aplicado recorte temporal durante a pesquisa para que fosse possível analisar uma maior abrangência do conhecimento sobre a temática, somente foram selecionados os artigos que estavam com texto completo disponível. Foram rigorosamente excluídos sites não acadêmicos, editoriais, artigos de opinião, literatura cinzenta, monografias, teses, dissertações e trabalhos repetidos. Após a aplicação das estratégias de busca, foram identificados 98 artigos nas bases de dados. Contudo, a análise detalhada e a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, juntamente com a avaliação da relevância do conteúdo para a pergunta norteadora, resultaram na seleção final de 8 artigos para compor esta revisão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os achados da revisão consolidam o papel do enfermeiro em duas áreas de intervenção que se complementam: a prevenção primária da transmissão de patógenos e a restauração da integridade ecológica intestinal. O controle eficaz da CDI depende diretamente da adesão incondicional aos protocolos de Controle de Infecção Hospitalar (CCIH), sendo o enfermeiro assistente o executor direto dessas medidas. A medida preventiva de maior impacto é a Higiene das Mão com Água e Sabão. É fundamental que a equipe de Enfermagem compreenda que os esporos do *C. difficile* não são eficazmente destruídos por preparações alcoólicas, exigindo a lavagem mecânica e o uso de água e sabão para evitar a contaminação cruzada. O Isolamento de Contato é mandatório, e pacientes diagnosticados devem ser sinalizados com alertas de "Special Contact Precautions", com o uso de Equipamentos de Proteção Individual (EPI), como luvas e aventais, obrigatório para todo o pessoal e visitantes. A alocação ideal é em quarto privativo com banheiro. Adicionalmente, a educação continuada dos profissionais de saúde e das equipes de serviços ambientais sobre a epidemiologia da CDI, os fatores de risco e as vias de transmissão é uma estratégia recomendada, embora sua qualidade de evidência seja classificada como baixa, sendo vital para a segurança institucional (Pereira et al., 2015)

O manejo da disbiose intestinal requer a participação ativa da Enfermagem na Terapia Nutricional, visando a eubiose como forma de prevenção secundária e terciária. O enfermeiro integra a Equipe Multidisciplinar de Terapia Nutricional (EMTN), sendo responsável pela execução da Terapia de Nutrição Enteral (TNE) e Nutrição Oral Especializada (NOE) (Conselho federal de enfermagem, 2014). A modulação da microbiota por meio de probióticos e prebióticos é uma intervenção terapêutica chave. As evidências demonstram que os probióticos são eficazes na prevenção da diarreia associada ao *C. difficile*. A competência do enfermeiro na administração e monitoramento desses componentes nutricionais liga diretamente a prática de cuidado à prevenção da CDI. Para os casos de CDI recorrente, o Transplante de Microbiota Fecal (TMF) tem se estabelecido como uma terapia altamente eficaz para restaurar a microbiota. A complexidade do TMF exige a padronização de protocolos de enfermagem, sendo que a

literatura indica que pacientes com CDI recorrente frequentemente recebem cuidados subótimos, o que ressalta a importância do enfermeiro no preparo intestinal e na monitorização pós-TMF (Lau; Chamberlain, 2016).

A probabilidade de recorrência após o tratamento da CDI é alta. Visto que os próprios antibióticos (vancomicina/fidaxomicina) utilizados para o tratamento agudo podem perpetuar a disbiose residual, o enfermeiro deve priorizar intervenções pós-tratamento, focando na educação em saúde. O profissional deve instruir o paciente sobre a importância de manter a higiene rigorosa das mãos com água e sabão em casa (antes de manipular alimentos e após usar o banheiro). A orientação abrange a transmissão da bactéria e dos esporos através de superfícies contaminadas (Cornely et al., 2012), bem como a importância da adesão correta à medicação prescrita após a alta, garantindo a continuidade do cuidado e a redução do risco de transmissão a terceiros.

CONCLUSÃO

A presente Revisão Integrativa reafirma que a intervenção do profissional de enfermagem é indispensável e multifacetada no manejo da Disbiose Intestinal e na prevenção da Infecção por *C. difficile*, atuando em todas as etapas da cadeia etiopatogênica. Estrategicamente, a prática mais vital e de maior impacto na prevenção primária é a adesão rigorosa ao protocolo de higienização das mãos com água e sabão. No âmbito clínico, o enfermeiro, como membro da Equipe Multidisciplinar de Terapia Nutricional, é responsável pela implementação segura do suporte nutricional e da administração de probióticos, que demonstram Nível 1 de evidência na prevenção da diarreia associada à CDI.

A atuação da Enfermagem abrange também a vigilância de fatores de risco iatrogênicos, como o uso de antibióticos de amplo espectro e IBP, posicionando o profissional como um interventor ativo na mitigação da disbiose induzida pelo tratamento hospitalar. Por fim, o manejo de terapias avançadas, como o Transplante de Microbiota Fecal (TMF) para CDI recorrente, exige que a Enfermagem desenvolva e implemente protocolos padronizados de preparo e monitorização, assegurando a integração segura dessas inovações na prática clínica. A Enfermagem é, portanto, central para a melhoria sistêmica da qualidade da assistência, promovendo a segurança do paciente e o restabelecimento da saúde intestinal.

REFERÊNCIAS

BURKE, K. E.; LAMONT, J. T. Clostridium difficile infection: a worldwide disease. *Gut and Liver*, [s. l.], v. 8, n. 1, p. 1-6, 2014.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM (COFEN). Resolução COFEN Nº 453/2014. Aprova a Norma Técnica para Atuação da Equipe de Enfermagem em Terapia Nutricional. Brasília, DF, 2014. Disponível em: https://www.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2014/01/Resolucao_453-14-Anexo.pdf. Acessa em: 30 ago. 2025.

CORNELY, O. A. et al. Treatment of first recurrence of Clostridium difficile infection: fidaxomicin versus vancomycin. **Clinical Infectious Diseases**, [s. l.], v. 55, suppl. 2, p. S154-S161, 2012.

HOSSEINI, M-S. et al. Formulating research questions for evidence-based studies. **Journal of medicine, surgery, and public health**, v. 2, n. 100046, p. 100046, 2024.

McDONALD, L. C. et al. Clinical Practice Guidelines for Clostridium difficile Infection in Adults and Children: 2017 Update by the Infectious Diseases Society of America (IDSA) and Society for Healthcare Epidemiology of America (SHEA). **Clinical Infectious Diseases**, [s. l.], v. 66, n. 7, p. e1-e48, 2018.

PEREIRA, M. S.; SOUZA, A. C. S.; TIPPLE, A. F. V.; PRADO, M. A. A infecção hospitalar e suas implicações para o cuidar da enfermagem. **Texto & Contexto – Enfermagem, Florianópolis**, v. 14, n. 2, p. 250-257, 2015.

LAU, C. SM.; CHAMBERLAIN, R. S. Probiotics are effective at preventing Clostridium difficile-associated diarrhea: a systematic review and meta-analysis. **International Journal of General Medicine**, Auckland, v. 9, p. 27-37, 2016.

SOUZA, M. T.; SILVA, M.D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 102-106, 2010.

VILELA, V. F. C. et al. Disbiose gastrointestinal na fisiopatologia e evolução de doenças digestivas funcionais: uma revisão dos mecanismos moleculares e fatores prognósticos. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v. 7, n. 5, e72529, 2024.

EFEITOS DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NA FORMAÇÃO DE TRABALHADORES DA SAÚDE: REVISÃO NARRATIVA

Eixo: Transversal

Cleiton Charles da Silva

Mestre em Saúde da Família pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, João Pessoa PB

Carlos Henrique da Silva Xavier

Pós-graduando em Higiene e Inspeção de Produtos de Origem Animal pela Faculeste, Rio de Janeiro RJ

Lucas Franzoni

Pós-graduado em Neurologia pela SANAR, Florianópolis SC

Any Giselle Ferreira de Araújo

Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT pelo Instituto Federal de Educação da Paraíba – IFPB, João Pessoa PB

RESUMO

Introdução: A Educação a Distância (EaD) expandiu-se na formação em saúde, gerando um intenso debate sobre sua qualidade e adequação, especialmente após a crise da COVID-19.

Objetivo: Analisar os impactos positivos e negativos do uso da EaD na qualidade da formação teórica e prática dos trabalhadores da saúde. **Método:** Revisão narrativa da literatura a partir de 10 artigos selecionados da base de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO).

A análise crítica-interpretativa dos estudos foi organizada em eixos temáticos. **Resultados e Discussão:** A EaD amplia o acesso à formação teórica, mas arrisca a superficialidade do ensino. Seu maior impacto negativo reside na formação prática, comprometendo o desenvolvimento de competências clínicas e relacionais essenciais. A qualidade é atravessada por desafios de inclusão digital e precarização do trabalho docente. **Considerações Finais:** A EaD mostra-se uma potente ferramenta complementar para a qualificação de profissionais em serviço, mas representa um risco à qualidade quando utilizada como substituta da formação presencial, especialmente na graduação.

Palavras-chave: Capacitação de Recursos Humanos em Saúde; Educação a Distância; Educação em Saúde; Tecnologia Educacional

INTRODUÇÃO

A Educação a Distância (EaD) consolidou-se como uma força transformadora e, ao mesmo tempo, controversa no cenário do ensino superior brasileiro, com implicações particularmente complexas para a área da saúde. Impulsionada por políticas de expansão, pela crescente demanda por flexibilidade e, de forma dramática, pela crise sanitária da COVID-19, a EaD deixou de ser uma modalidade periférica para se tornar um elemento central no debate sobre o futuro da formação profissional. Essa ascensão, no entanto, não ocorreu sem gerar profundas tensões, especialmente no que tange à qualidade do ensino e à preparação para a prática do cuidado (Cavalcante et al., 2020).

O discurso em favor da EaD frequentemente destaca seus impactos positivos, como a democratização do acesso à formação e a possibilidade de desenvolver novas competências digitais. A flexibilidade de tempo e espaço é vista como um atrativo para trabalhadores que buscam qualificação, e as tecnologias digitais, quando bem utilizadas, podem oferecer recursos inovadores e personalizados para a aprendizagem teórica (Moreira et al., 2021). Em programas estruturados, como o ProfSaúde, a EaD tem se mostrado uma ferramenta viável para a formação em rede, conectando profissionais de diferentes regiões do país (Guilam et al., 2020).

Contudo, a literatura acadêmica também acende um alerta sobre os impactos negativos, sobretudo quando se trata da formação prática e das dimensões relacionais do cuidado. A crítica central, ecoada por diversas entidades de classe, é que a formação em saúde é intrinsecamente corpórea e experiencial, exigindo uma imersão em cenários práticos que a EaD, por sua natureza, não consegue replicar plenamente (Martins et al., 2020). A transposição apressada de conteúdos para o ambiente virtual, muitas vezes sem a devida adaptação pedagógica, pode resultar em uma formação teórica superficial e em uma lacuna intransponível no desenvolvimento de habilidades clínicas e de comunicação (Cavalcante et al., 2020).

Essa balança de efeitos, com seus pesos e contrapesos, exige um olhar que supere a polarização e se aprofunde nas nuances do processo. É preciso ir além da pergunta "EaD funciona?" para questionar "para quem funciona, em que condições e com quais consequências?". Esta revisão narrativa mergulha nesse debate, buscando responder à seguinte questão: Quais são os impactos positivos e negativos do uso da EaD na qualidade da formação teórica e prática dos trabalhadores da saúde?

OBJETIVO

Analizar os impactos positivos e negativos do uso da EaD na qualidade da formação teórica e prática dos trabalhadores da saúde.

MÉTODO

Para explorar a complexa balança de efeitos da Educação a Distância na formação em saúde, este estudo foi desenhado como uma revisão narrativa. A escolha por este método se justifica por sua capacidade de ir além da mera compilação de dados, permitindo tecer uma análise crítica e contextualizada sobre o tema (Souza; Silva; Carvalho, 2010).

O universo de análise foi composto por 10 artigos científicos, selecionados durante os meses de agosto e setembro de 2024 a partir da base de dado proeminentes na área da saúde, como Scientific Electronic Library Online (SciELO). A seleção inicial priorizou trabalhos que abordassem a temática da EaD na formação de profissionais de saúde no Brasil, publicados em um período que abrange tanto o momento pré-pandemia quanto o contexto do ensino remoto emergencial, garantindo assim uma visão abrangente do fenômeno.

O critério central para a inclusão dos artigos na discussão foi a sua capacidade de oferecer subsídios para responder à pergunta de pesquisa. Foram selecionados os trabalhos que, de forma explícita ou implícita, discutiam os impactos, as potencialidades ou as fragilidades da EaD na formação teórica ou prática. Não houve exclusão de artigos da amostra inicial de 10 trabalhos, pois todos, sob diferentes ângulos, contribuíram com elementos para a análise da qualidade da formação.

A análise do material foi realizada de forma crítico-interpretativa. A partir dessa leitura aprofundada, os achados foram organizados em eixos temáticos que refletem a dualidade de impactos positivos e negativos, permitindo uma discussão estruturada e equilibrada que ilumina as múltiplas facetas da EaD na saúde.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dez artigos selecionados revela que os impactos da EaD na formação dos trabalhadores da saúde são marcadamente ambivalentes. A literatura não aponta para uma conclusão monolítica, mas para um campo de tensões onde potencialidades e fragilidades coexistem. A discussão pode ser estruturada a partir da dualidade de seus efeitos na formação teórica e, de forma mais crítica, na formação prática.

No campo teórico, o impacto positivo mais evidente da EaD é a ampliação do acesso à qualificação. Programas como o ProfSaúde, um mestrado profissional em rede, demonstram que a modalidade a distância pode conectar trabalhadores de diferentes regiões do país, superando barreiras geográficas (Guilam et al., 2020). Essa flexibilidade é crucial para a educação permanente de profissionais já inseridos no SUS, como no caso da formação em gestão do trabalho no Rio de Janeiro, que se beneficiou do formato para alcançar seu público-alvo (Marques, 2020).

Contudo, esse acesso ampliado vem acompanhado do risco de superficialidade e precarização do ensino. A transição abrupta para o ensino remoto durante a pandemia, conforme analisado por Cavalcante et al. (2020), frequentemente resultou na mera transposição de aulas expositivas para o ambiente virtual, sem a devida adaptação pedagógica. Moreira et al. (2021) reforçam que, sem um desenho instrucional adequado, a EaD pode se tornar apenas um método de "entrega de conteúdo". A percepção dos próprios alunos, como no estudo de Kölling et al. (2024) com Agentes Comunitários de Saúde, mostra que, embora a aprendizagem seja reconhecida, persistem desafios significativos de acesso a recursos e de interação, que impactam a qualidade do processo formativo.

É na dimensão prática que os impactos negativos da EaD se tornam mais evidentes. A principal crítica, ecoada por entidades de classe, é que a formação em saúde é indissociável do contato humano e da experiência em cenários reais de cuidado. A ausência de atividades práticas compromete o desenvolvimento de competências essenciais (Martins et al., 2020). O estudo de Soares et al. (2021) sobre a expansão da EaD em Enfermagem alerta para os riscos de uma formação massificada e desvinculada da prática, que pode colocar em risco a segurança dos pacientes.

A qualidade da EaD é atravessada por dois fatores cruciais: a inclusão e o trabalho docente. Silva et al. (2025) argumentam que uma EaD de qualidade precisa ser intencionalmente inclusiva, utilizando os princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem para não

aprofundar exclusões. O trabalho docente, por sua vez, é profundamente reconfigurado. Penteado e Costa (2022) mostram que a produção de videoaulas e a mediação online exigem novas competências e um volume de trabalho raramente reconhecido, o que pode levar à precarização e ao adoecimento. A análise de Câmera e Silva (2019) sobre a formação para o trabalhador da saúde no SUS também reforça a necessidade de estratégias formativas que considerem as complexidades do território, algo difícil de ser plenamente contemplado em modelos padronizados de EaD.

Em síntese, os impactos da EaD na formação em saúde são um reflexo direto de sua concepção. Quando usada como ferramenta de qualificação em serviço, com forte suporte tutorial e integrada à prática (Guilam et al., 2020; Marques, 2020), seus efeitos positivos na teoria são notáveis. No entanto, quando implementada como substituta da formação presencial, especialmente na graduação, seus impactos negativos na dimensão prática são alarmantes (Martins et al., 2020; Soares et al., 2021). A qualidade final depende de um ecossistema que inclui formação de professores (Penteado; Costa, 2022), acessibilidade (Silva et al., 2025) e um desenho pedagógico que não replique as falhas do ensino tradicional em um novo formato (Cavalcante et al., 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desta revisão, a análise dos impactos da Educação a Distância na formação em saúde revela uma paisagem de profundas contradições. A EaD não se apresenta como uma solução unívoca ou um problema absoluto; em vez disso, seus efeitos dependem crucialmente da forma como é concebida, implementada e para qual finalidade é utilizada. A qualidade da formação teórica e prática dos trabalhadores da saúde é, portanto, diretamente afetada por essa complexa equação.

Os impactos positivos, embora reais, mostram-se mais consistentes na dimensão teórica e na qualificação de profissionais já inseridos no serviço. A capacidade da EaD de superar barreiras geográficas e flexibilizar o tempo de estudo representa um ganho inegável para a democratização do acesso à educação continuada e à pós-graduação. Quando bem estruturada, com tutoria ativa e metodologias dialógicas, ela pode, de fato, fortalecer a articulação em rede e a troca de saberes entre trabalhadores de diferentes realidades.

Contudo, os impactos negativos emergem com força avassaladora quando a EaD é proposta como substituta da formação presencial, especialmente na graduação, e no que tange à dimensão prática do cuidado. A literatura é contundente ao afirmar que a ausência do encontro, do corpo e da experiência em cenários reais de prática compromete de forma irreparável o desenvolvimento de competências clínicas, éticas e relacionais que são o cerne do saber em saúde. A mera transposição de conteúdo para plataformas digitais, longe de ser uma inovação, revela-se uma precarização do ensino.

Conclui-se, portanto, que a EaD na saúde ocupa um lugar de grande potencial como estratégia complementar, mas de imenso risco como modelo substitutivo. Seu uso para a qualificação teórica de trabalhadores é promissor, mas sua aplicação na formação prática inicial de profissionais é uma fronteira que não pode ser cruzada sem comprometer a essência do cuidado. O grande desafio para o futuro é regular e qualificar essa modalidade, investindo na formação pedagógica de docentes e garantindo que a tecnologia seja uma ferramenta para humanizar e ampliar a aprendizagem, e não um atalho para precarizar a formação dos futuros guardiões da saúde da nossa população.

REFERÊNCIAS

CÂMERA, F. P.; SILVA, L. A. M. da. Desafios e oportunidades para a formação em Saúde do Trabalhador na Atenção Básica à Saúde: subsídios para estratégias de intervenção. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 44, e18, 2019.

CAVALCANTE, A. S. P. et al. Educação superior em saúde: a educação a distância em meio à crise do novo coronavírus no Brasil. **Avances en Enfermería**, v. 38, n. 1Supl, p. 52-60, 2020.

GUILAM, M. C. R. et al. Mestrado Profissional em Saúde da Família (ProfSaúde): uma experiência de formação em rede. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 24, e200192, 2020.

KÖLLING, A. F. et al. Avaliação do processo de aprendizagem no ambiente virtual do Programa Saúde com Agente. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 22, e02498241, 2024.

MARQUES, P. de P. et al. Uso de Práticas Integrativas e Complementares por idosos: Pesquisa Nacional de Saúde 2013. **Saúde em Debate**, v. 44, n. 126, p. 845–856, jul. 2020.

MARTINS, M. da S. et al. Educação a distância, não! Produção de sentidos dos discursos de entidades representativas da enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 73, n. 6, e20190465, 2020.

MOREIRA, D. et al. Educação digital na formação de profissionais de saúde. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 8, e4110816885, 2021.

PENTEADO, R. Z.; COSTA, B. G. da. Trabalho docente com videoaulas em EaD: dificuldades de professores e desafios para a formação e a profissão docente. **Educação em Revista**, v. 37, p. e236284, 2021.

SILVA, V. C. V. da et al. Ensinando Cuidando: Desafios e Inovações para um EaD Acessível e Inclusivo na Formação em Saúde. **EaD em Foco**, v. 15, n. 2, e2592, 2025.

SOARES, F. de A. et al. Cenário da educação superior à distância em saúde no Brasil: a situação da Enfermagem. **Escola Anna Nery**, v. 25, n. 1, e20200145, 2021.

SOUZA, M. T. de; SILVA, M. D. da; CARVALHO, R. de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein** (São Paulo), v. 8, n. 1, p. 102–106, mar. 2010.

EFEITO DOS EXERCÍCIOS PROPRIOCEPTIVOS NA PREVENÇÃO E REABILITAÇÃO DA INSTABILIDADE CRÔNICA DE TORNOZELO: REVISÃO DE LITERATURA

Eixo: Transversal

Rafaela Rodighero Ferreira

Graduanda em Fisioterapia pela Universidade Cesumar – Unicesumar, Maringá – Pr.

Priscila Beltran Ferreira

Graduanda em Fisioterapia pela Universidade Cesumar – Unicesumar, Maringá – Pr.

Dra. Lilian Capelari Soares

Professora, Doutora em Interação Orgânica pela Universidade Estadual de Maringá – UEM, Maringá – Pr.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo descrever sobre os efeitos dos exercícios proprioceptivos na prevenção e reabilitação da instabilidade crônica de tornozelo. A pesquisa foi realizada por meio de uma revisão bibliográfica com pesquisa de artigos nas bases de dados Pubmed, Bireme-Biblioteca Virtual da Saúde e Google Acadêmico, com ênfase em publicações entre 2020 a 2025. Foi concluído que o exercício proprioceptivo desempenha um papel fundamental na reabilitação de pacientes que sofreram entorses de tornozelo. Sendo assim, a propriocepção, facilita a recuperação de lesões, além de atuar como uma medida preventiva essencial, fortalecendo músculos e melhorando a estabilidade das articulações. A falta de um protocolo de reabilitação adequado pode levar a instabilidades crônicas, aumentando a propensão para novas lesões.

Palavras-chave: Propriocepção. Reabilitação. Instabilidade.

INTRODUÇÃO

As entorses de tornozelo representam uma das lesões musculoesqueléticas mais comuns, especialmente no contexto esportivo, e são responsáveis por uma parcela significativa das demandas por tratamento fisioterapêutico. A alta incidência e a frequência de reincidência dessas lesões podem levar a quadros de instabilidade crônica, comprometendo a funcionalidade da articulação e a qualidade de vida dos indivíduos afetados. Diante disso, estratégias eficazes de prevenção e reabilitação são fundamentais. Nesse cenário, os exercícios proprioceptivos ganham destaque por sua capacidade de restaurar o controle neuromuscular, fortalecer os músculos estabilizadores e melhorar o equilíbrio articular. A relevância desta pesquisa se dá pela necessidade de compreender, com base na literatura científica recente, como a aplicação sistemática desses exercícios pode não apenas auxiliar na recuperação de lesões, mas também atuar como medida preventiva essencial contra novas entorses, reduzindo os riscos de cronicidade e recorrência.

OBJETIVO

Descrever, com base em uma revisão da literatura, os efeitos dos exercícios proprioceptivos na prevenção e reabilitação da instabilidade crônica de tornozelo.

METODOLOGIA

Para a realização deste artigo foi utilizado como metodologia uma revisão bibliográfica da literatura, com pesquisa on line de artigos científicos. Foram pesquisados artigos nas bases

de dados Pubmed, Bireme-Biblioteca Virtual da Saúde e Google Acadêmico, da língua portuguesa e inglesa. Para a busca dos artigos as palavras chave utilizadas foram: instabilidade articular, tornozelo, propriocepção, joint instability, ankle, proprioception. Foram encontrados 67 artigos, dessa totalidade 26 que estavam disponíveis na íntegra foram analisados, e após análise foram incluídos 15 artigos. Como critérios de inclusão foram selecionados os artigos mais recentes relacionados ao tema e como critérios de exclusão os que não versaram sobre a temática abordada

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados do estudo indicam que os exercícios proprioceptivos apresentam efeitos significativos tanto na prevenção quanto na reabilitação de entorses de tornozelo, especialmente em atletas. Foi observado que programas de treinamento voltados à propriocepção contribuem para melhorias no controle neuromuscular, estabilidade articular e coordenação motora, fatores essenciais na redução do risco de novas lesões. Além disso, a aplicação de exercícios específicos, como os de equilíbrio e pliometria, demonstrou impacto positivo na ativação muscular e na biomecânica de movimentos como a aterrissagem, favorecendo a proteção das articulações durante práticas esportivas. A literatura atual reforça a eficácia dessas intervenções, apontando também para avanços na amplitude de movimento e no senso de posição articular, o que se reflete em um desempenho físico mais seguro e eficiente. Os achados ainda ressaltam que a prática regular desses exercícios promove benefícios funcionais duradouros, sendo recomendada tanto como parte de protocolos preventivos quanto em processos de reabilitação, reforçando sua importância no contexto esportivo e clínico.

CONCLUSÃO

A pesquisa respondeu ao seu objetivo ao evidenciar que os exercícios proprioceptivos são ferramentas eficazes na abordagem da instabilidade crônica de tornozelo, tanto em contextos preventivos quanto reabilitativos. Ficou claro que a integração desses exercícios aos programas de treinamento e fisioterapia contribui para restaurar o controle motor e melhorar a funcionalidade da articulação lesionada. Além disso, a análise da literatura revelou que a propriocepção tem um papel central na manutenção da estabilidade articular, sendo essencial para reduzir o risco de recorrência das entorses. A pesquisa também reforça a importância da atuação fisioterapêutica na implementação de protocolos específicos, capazes de promover não apenas a recuperação da lesão, mas também a otimização do desempenho físico e a proteção da integridade articular a longo prazo.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. E. B.; DE ARAÚJO, M. M. M. Relevância do treinamento proprioceptivo em atletas com instabilidade crônica de tornozelo. *Revista Acadêmica Online*, v. 9, n. 48, p. e1148-e1148, 2023.

ARDAKANI, M. K.; WIKSTROM, E. A.; MINOONEJAD, H.; RAJABI, R.; SHARIFNEZHAD, A. Hop-stabilization training and landing biomechanics in athletes with chronic ankle instability: a randomized controlled trial. **Journal of Athletic Training**, v. 54, n. 4, p. 1296-1303, 2019.

BALDAÇO, F. O.; CADÓ, V. O.; SOUZA, J.; MOTA, C. B.; LEMOS, J. C. Análise do treinamento proprioceptivo no equilíbrio de atletas de futsal feminino. **Fisioterapia em Movimento**, v. 23, n. 2, p. 183-192, 2010.

DIAS, M. S. Recursos terapêuticos aplicados a entorse de tornozelo. **Revista Contribuciones a Las Ciencias Sociales**, v. 18, n. 5, p. 1-10, 2025.

HUANG, P. Y.; JANKAEN, A.; LIN, C. F. Effects of plyometric and balance training on neuromuscular control of recreational athletes with functional ankle instability: a randomized controlled laboratory study. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 18, n. 10, p. 1-14, 2021.

LEE, H.; M.; OH, S.; KWON, J. W. Effect of plyometric versus ankle stability exercises on lower limb biomechanics in taekwondo demonstration athletes with functional ankle instability. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 17, n. 10, p. 1-10, 2020.

OLIVIERA, K. N.; OLIVIERA, K.; AMBRÓRIO, M. N.; SOUZA, F. B. Exercícios específicos na prevenção de entorse de tornozelo em atletas de voleibol: uma análise da literatura. **Revista Observatorio de La Economia Latinoamerica**, v. 22, n. 3, p. 1-9, 2024.

PADUA, E.; D'AMICO, A. G.; ALASHRAM, A.; CAMPOLI, F.; ROMAGNOLI, C.; LOMBARDO, M, et al. Effectiveness of warm-up routine on the ankle injuries prevention in young female basketball players: a randomized controlled trial. **Medicina**, v. 55, n. 10, p. 1-9, 2019.

FERRAMENTAS INOVADORAS EM EDUCAÇÃO EM SAÚDE: UMA REVISÃO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS E RELACIONAIS

Eixo: Inovação e Tecnologia na Educação para a Saúde e Prevenção

Cleiton Charles da Silva

Mestre em Saúde da Família pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, João Pessoa PB

Henrique de Almeida Veras

Mestre em Ciência e Tecnologia em Saúde pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Campina Grande PB

Ravena de Farias

Mestre em Serviço Social pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Campina Grande, PB

Marcílio Márcio Silva Correia

Mestrando em Ciência e Tecnologia em Saúde pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Campina Grande PB

RESUMO

Introdução: A Educação em Saúde busca superar modelos tradicionais de ensino, incorporando estratégias que promovam a autonomia e o engajamento dos sujeitos. **Objetivo:** Identificar e analisar as ferramentas inovadoras que têm sido utilizadas na educação em saúde junto à população. **Método:** Revisão narrativa da literatura a partir de 9 artigos selecionados das bases de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Google Acadêmico. A análise crítico-interpretativa dos estudos foi organizada em eixos temáticos. **Resultados e Discussão:** As inovações abrangem tecnologias digitais (jogos, aplicativos, redes sociais) e tecnologias relacionais (grupos de discussão, práticas de Educação Popular). As ferramentas digitais mostram grande potencial de engajamento, enquanto as relacionais fortalecem o vínculo e a troca de saberes. **Considerações Finais:** A verdadeira inovação não está na ferramenta em si, mas na sua intencionalidade pedagógica. As estratégias mais eficazes são aquelas que utilizam a tecnologia para promover o diálogo, a reflexão crítica e o protagonismo dos sujeitos.

Palavras-chave: Capacidade de Inovação; Educação em Saúde; Promoção da Saúde; Tecnologia Educacional

INTRODUÇÃO

A Educação em Saúde, em sua essência, é um campo de práticas e saberes que busca transcender a mera transmissão de informações sobre doenças e comportamentos. Em um mundo cada vez mais complexo e conectado, as abordagens tradicionais, pautadas em um modelo vertical de comunicação, mostram-se insuficientes para promover uma autonomia real dos sujeitos sobre seu processo saúde-doença. Diante desse cenário, emerge uma busca constante por ferramentas e estratégias que possam dialogar de forma mais efetiva com as diversas realidades, culturas e linguagens das populações (Bremm; GÜLLICH, 2022).

Historicamente, a Educação em Saúde no Brasil passou por diferentes paradigmas, desde um modelo higienista e prescritivo até abordagens mais críticas e participativas, como a Educação Popular em Saúde (EPS), que entende a comunidade como protagonista na construção do conhecimento (Cruz et al., 2024). É nesse terreno fértil de transformação que as tecnologias, em seu sentido mais amplo, ganham destaque como potenciais catalisadoras de novas formas de ensinar e aprender sobre saúde. A inovação, aqui, não se restringe ao aparato digital, mas abrange a criação de dispositivos relacionais e pedagógicos que rompem com a passividade.

A literatura recente tem mapeado um vasto e diversificado arsenal de ferramentas inovadoras. A revisão integrativa de Dourado et al. (2021) evidencia um leque que vai desde tecnologias "leves", como a criação de grupos e oficinas, até o uso de tecnologias "duras", como aplicativos, jogos e redes sociais. O uso da gamificação, por exemplo, tem se mostrado uma estratégia promissora para aumentar o engajamento em temas complexos, transformando a aprendizagem em uma experiência mais lúdica e motivadora (Hungaro et al., 2021). Da mesma forma, plataformas de mídia social como o Facebook e o WhatsApp têm sido exploradas como espaços para a criação de comunidades de aprendizagem e para a disseminação de informações de forma mais ágil e dialógica (Bernardes et al., 2020).

Contudo, a simples utilização de uma ferramenta nova não garante a inovação do processo educativo. O uso de uma tecnologia pode tanto reforçar um modelo tradicional de ensino, servindo apenas como uma nova roupagem para velhas práticas, quanto pode, de fato, promover uma educação libertadora. A eficácia de uma ferramenta está menos em sua sofisticação técnica e mais em sua intencionalidade pedagógica e em sua capacidade de se adequar ao contexto e ao público-alvo. Diante da crescente diversidade de opções, torna-se crucial mapear e compreender o que tem sido feito.

OBJETIVO

Apresentar quais ferramentas inovadoras têm sido utilizadas na educação em saúde junto à população.

MÉTODO

Para responder à pergunta que norteia este trabalho, optou-se por trilhar o caminho de uma revisão narrativa. Essa escolha metodológica nos permitiu ir além de uma simples catalogação de ferramentas, buscando, em vez disso, tecer um diálogo profundo e interpretativo com a literatura. A revisão narrativa nos oferece a liberdade de conectar ideias, explorar nuances e construir uma análise coesa sobre o estado da arte do tema, sem a rigidez de um protocolo sistemático (Souza; Silva; Carvalho, 2010).

O corpo de análise desta revisão foi construído a partir de um universo de 9 artigos, selecionados durante os meses de agosto e setembro de 2024. A busca foi realizada em Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Google Acadêmico, priorizando trabalhos que oferecessem um panorama rico e diversificado sobre as práticas de Educação em Saúde no Brasil e no mundo. A seleção buscou incluir uma variedade de abordagens, desde revisões integrativas que mapeiam o campo até estudos de caso que aprofundam o uso de tecnologias específicas em contextos reais.

O critério central para a inclusão dos artigos na discussão foi a sua relevância para a compreensão do que pode ser considerado "inovador" em Educação em Saúde. Foram selecionados trabalhos que explorassem o uso de tecnologias digitais (jogos, aplicativos, redes

sociais) e também de tecnologias relacionais (grupos, oficinas, abordagens participativas), desde que apresentassem uma reflexão sobre seu potencial para promover uma aprendizagem maisativa, crítica e engajada.

A análise do material foi conduzida de forma crítico-interpretativa. Buscou-se identificar os pontos de convergência e de tensão entre os estudos, organizando os achados em eixos temáticos que refletem a diversidade de ferramentas e as diferentes intencionalidades pedagógicas por trás de seu uso. O resultado é uma discussão que busca oferecer um panorama compreensivo e humanizado das inovações que estão, de fato, tentando reinventar a forma como se ensina e se aprende sobre saúde.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da literatura revela que o campo da Educação em Saúde está em plena efervescência, com uma profusão de ferramentas inovadoras que buscam superar os limites do modelo tradicional de ensino. A inovação, contudo, não reside apenas no uso de aparatos digitais, mas na adoção de novas posturas pedagógicas. Os resultados podem ser organizados em dois grandes eixos: (1) as tecnologias digitais e suas aplicações; e (2) as tecnologias relacionais e a centralidade do diálogo.

As tecnologias digitais emergem como o campo mais visível de inovação. A revisão de Dourado et al. (2021) mostra uma grande variedade de ferramentas, como aplicativos, vídeos e redes sociais, sendo especialmente utilizadas com o público adolescente. Dentro desse universo, a gamificação se destaca como uma estratégia promissora. Hungaro et al. (2021) apontam que o uso de jogos sérios pode aumentar o engajamento e a motivação, transformando a aprendizagem sobre temas áridos, como doenças crônicas, em uma atividade mais lúdica. Da mesma forma, o estudo de Carvalho et al. (2021) sobre jogos educativos em enfermagem reforça seu potencial como ferramenta para simular práticas e facilitar a compreensão de procedimentos.

As redes sociais também se consolidam como um espaço potente para a Educação em Saúde. O estudo de Bernardes et al. (2020) com o Facebook demonstra como a plataforma pode ser usada para criar comunidades de aprendizagem, permitindo a troca de informações e o debate entre pares. Similarmente, a pesquisa de Bender (2024) sobre o uso do WhatsApp em grupos de gestantes evidencia a agilidade da ferramenta para o envio de lembretes e o esclarecimento de dúvidas pontuais. No entanto, ambos os estudos alertam que, sem uma mediação pedagógica ativa, essas ferramentas podem se tornar meros repositórios de informações ou espaços de interação superficial.

Por outro lado, a análise revela a força das tecnologias relacionais, que se baseiam no encontro e na troca entre as pessoas. O estudo de Alves et al. (2019) sobre grupos de gestantes de alto risco é um exemplo eloquente. A inovação, nesse caso, não está em um software, mas na criação de um espaço seguro de escuta e partilha, onde o conhecimento é construído

coletivamente a partir das experiências das próprias mulheres. Essa abordagem se alinha diretamente com os princípios da Educação Popular em Saúde (EPS), que, segundo Cruz et al. (2024), entende a educação como um ato de diálogo e de construção conjunta, partindo da realidade e dos saberes da comunidade.

A tensão entre diferentes modelos pedagógicos perpassa o uso de todas as ferramentas. Bremm e GÜLlich (2022) alertam que uma tecnologia pode ser usada tanto para reforçar um modelo de "Educação em Saúde", focado na transmissão de normas, quanto para promover uma "Educação na Saúde", que busca a autonomia e o pensamento crítico. Da mesma forma, as políticas públicas analisadas por Magalhães, O'Dwyer e Henriques (2021) refletem essa ambiguidade, oscilando entre um enfoque preventivista e um enfoque de promoção da saúde baseado na participação popular.

Em síntese, as ferramentas inovadoras na Educação em Saúde são diversas e vão muito além do digital. A verdadeira inovação não está na ferramenta em si, mas na intencionalidade pedagógica que a anima. Jogos, redes sociais e grupos de discussão tornam-se verdadeiramente transformadores quando são utilizados para promover o diálogo, a reflexão crítica e o protagonismo dos sujeitos, alinhando-se aos princípios de uma educação libertadora. Sem essa intencionalidade, correm o risco de ser apenas novas formas de reproduzir velhos modelos de ensino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desta revisão narrativa, fica evidente que o cenário da Educação em Saúde é um campo fértil para a inovação, mas o conceito de "ferramenta inovadora" revela-se muito mais amplo e complexo do que o senso comum poderia sugerir. A análise da literatura demonstra que a inovação não reside meramente na sofisticação tecnológica de um dispositivo, mas na sua capacidade de promover novas formas de interação, diálogo e construção de conhecimento.

As tecnologias digitais, como jogos, aplicativos e redes sociais, de fato representam um avanço significativo. Essas tecnologias oferecem um potencial imenso para alcançar públicos diversos, especialmente os mais jovens, utilizando linguagens que lhes são familiares e promovendo o engajamento de forma lúdica e interativa. Contudo, seu sucesso não é automático. A eficácia dessas ferramentas está intrinsecamente ligada a um design pedagógico cuidadoso e a uma mediação ativa, que garantam que a tecnologia seja uma ponte para a aprendizagem crítica, e não apenas um passatempo ou um novo canal para velhas práticas de transmissão de informação.

Paralelamente, a revisão reafirma a potência das tecnologias relacionais, como os grupos de discussão e as práticas de Educação Popular em Saúde. Essas abordagens, que valorizam o encontro, a escuta e a troca de saberes a partir da experiência vivida, mostram que

a inovação mais radical pode estar na humanização do processo educativo. Elas nos lembram que a base de qualquer processo de cuidado e de educação é a relação entre pessoas.

Conclui-se, portanto, que as ferramentas mais eficazes são aquelas que conseguem alinhar a tecnologia, seja ela digital ou relacional, a uma intencionalidade pedagógica libertadora. A verdadeira inovação não está na ferramenta, mas no uso que se faz dela. O desafio para profissionais, gestores e pesquisadores da saúde é, portanto, duplo: por um lado, continuar a explorar e a avaliar criticamente o potencial das novas tecnologias digitais; por outro, não perder de vista e fortalecer as abordagens dialógicas e participativas que colocam as pessoas e as comunidades no centro do processo de aprendizagem, como verdadeiras protagonistas de sua própria saúde.

REFERÊNCIAS

- ALVES, F. L. C. et al. Grupo de gestantes de alto-risco como estratégia de educação em saúde. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, v. 40, e20180023, 2019.
- BENDER, J. D et al. O uso de Tecnologias de Informação e Comunicação em Saúde na Atenção Primária à Saúde no Brasil, de 2014 a 2018. *Cien Saude Colet*, v. 29, p. e19882022, 2024.
- BERNARDES, V. P. et al. Facebook® como Ferramenta Pedagógica em Saúde Coletiva: Integrando Formação Médica e Educação em Saúde. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 43, (1, supl. 1), 652-661, 2019.
- BREMM, D.; GÜLLICH, R. I. D. C. Do diário de formação à sistematização da experiência: o processo de (auto)formação de professores de ciências. *Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências* (Belo Horizonte), v. 24, p. e36558, 2022.
- CARVALHO, I. C. N. de et al. Tecnologia educacional: A enfermagem e os jogos educativos na educação em saúde. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 7, e18710716471, 2021.
- CRUZ, P. J. S. C. et al. Educação popular em saúde: princípios, desafios e perspectivas na reconstrução crítica do país. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v. 28, p. e230550, 2024.
- DOURADO, J. V. L. et al. Tecnologias para a educação em saúde com adolescentes: revisão integrativa. *Avances en Enfermería*, v. 39, n. 2, p. 235-254, 2021.
- HUNGARO, T. A. et al. Jogos sérios e gamificação: um novo modelo para educação em saúde. *Acervo+*, v. 13, n. 9, e8540, 2021.

MAGALHÃES, A. L. de; O'DWYER, G.; HENRIQUES, P. Educação em saúde na atenção primária: as abordagens e estratégias contempladas nas políticas públicas de saúde. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 25, e200006, 2021.

SOUZA, M. T. de; SILVA, M. D. da; CARVALHO, R. de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein** (São Paulo), v. 8, n. 1, p. 102–106, mar. 2010.

GAMIFICAÇÃO COMO FERRAMENTA DE EDUCAÇÃO COMUNITÁRIA PARA A PREVENÇÃO DO CÂNCER NA ATENÇÃO PRIMÁRIA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Eixo: Inovação e Tecnologia na Educação para a Saúde e Prevenção

Naiara Cristina de Souza Garajau

Graduanda em Enfermagem pela Universidade Norte Paraná - UNOPAR, Arapiraca AL

João Vitor Dos Santos Nascimento

Graduando em Enfermagem pelo Centro Universidade Maurício de Nassau – UNINASSAU, Maceió AL

Aline da Silva Pereira

Graduada em Nutrição pela Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico de Vitória – UFPE-CAV, Pernambuco PE

Jonatas Rodrigo Nascimento Alves

Graduado em Fisioterapia pelo Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA, Pernambuco PE

Leandro Maia Leão

Graduado em Enfermagem pelo Centro Universitário CESMAC, Maceió AL

RESUMO

O câncer é um problema de saúde pública que demanda estratégias de prevenção eficazes. Este estudo investigou a gamificação como ferramenta de educação comunitária na Atenção Primária, visando promover engajamento, ampliar a literacia em saúde e favorecer mudanças comportamentais frente aos fatores de risco. Trata-se de uma revisão integrativa, de abordagem qualitativa, exploratória e bibliográfica, baseada na análise de artigos, dissertações e teses publicadas entre 2020 e 2025. Os resultados indicam que a gamificação, ao utilizar elementos lúdicos e recursos digitais, potencializa a compreensão de conteúdos complexos e promove maior adesão a práticas preventivas, sendo adaptável a diferentes públicos e contextos. Conclui-se que a gamificação constitui estratégia inovadora e promissora para fortalecer ações educativas e preventivas na Atenção Primária, com relevância social e acadêmica.

Palavras-chave: Gamificação; Educação comunitária; Prevenção do câncer.

INTRODUÇÃO

O câncer é um dos principais problemas de saúde pública no Brasil e no mundo, sendo responsável por elevadas taxas de morbimortalidade. A prevenção primária, por meio da promoção de hábitos de vida saudáveis e do acesso à informação, constitui estratégia essencial para reduzir a incidência da doença. Nesse contexto, a Atenção Primária em Saúde (APS) assume papel central ao promover ações educativas que incentivam a conscientização comunitária e a corresponsabilidade da população frente aos fatores de risco (Poliani et al., 2023; Teixeira, 2021).

A gamificação tem se destacado como recurso inovador na educação em saúde, utilizando elementos de jogos como desafios, recompensas e narrativas para estimular o engajamento dos indivíduos. Essa estratégia facilita a compreensão de conteúdos complexos e promove maior adesão a práticas preventivas, tornando-se uma ferramenta promissora para o fortalecimento da promoção da saúde em diferentes contextos (Braga et al., 2022; Ferreira et al., 2021).

Diversos estudos ressaltam que a gamificação pode ser aplicada não apenas em ambientes hospitalares e ambulatoriais, mas também em espaços comunitários, como escolas e unidades básicas de saúde, ampliando o alcance das ações educativas. Além de promover o

engajamento, esse método favorece mudanças comportamentais relacionadas a fatores de risco para o câncer, como tabagismo, alimentação inadequada e sedentarismo (Gadelha et al., 2024; Oliveira et al., 2021).

Pesquisas internacionais também destacam o uso de ferramentas digitais gamificadas, como aplicativos móveis voltados à promoção da literacia em saúde e à autogestão do bem-estar. Essas iniciativas reforçam a importância da tecnologia como mediadora do processo educativo, especialmente entre adolescentes e jovens, público estratégico para a construção de hábitos saudáveis (Mallafré-Larrosa et al., 2023; Hungaro et al., 2021).

OBJETIVO

Analisar o potencial da gamificação como ferramenta de educação comunitária na prevenção do câncer em Atenção Primária, visando engajamento da população, ampliação da literacia em saúde e fortalecimento das ações preventivas.

MÉTODO

O presente estudo caracteriza-se como uma revisão narrativa da literatura, de natureza qualitativa, exploratória e bibliográfica (Snyder, 2019; Pereira et al., 2018), com o objetivo de analisar o uso da gamificação como ferramenta de educação comunitária na prevenção do câncer na Atenção Primária. Optou-se por esta abordagem em substituição à revisão integrativa, pois permite uma análise ampla e crítica de artigos científicos, sem a inclusão de dissertações ou teses, seguindo recomendações metodológicas para revisões narrativas.

A pergunta de pesquisa foi estruturada utilizando o acrônimo PICO, considerando como população a comunidade atendida na Atenção Primária, como intervenção as estratégias de gamificação em saúde, como comparação métodos tradicionais de educação em saúde e como desfecho o engajamento, a ampliação da literacia em saúde e a prevenção do câncer. A busca por evidências foi realizada em setembro de 2025 nas bases digitais SciELO, LILACS e PubMed, utilizando descritores e palavras-chave como “gamificação”, “educação em saúde”, “atenção primária” e “prevenção do câncer”, combinados com operadores booleanos, tanto em português quanto em inglês, abrangendo publicações de 2020 a 2025 para contemplar estudos recentes.

Foram incluídos apenas artigos científicos que abordassem diretamente a gamificação em contextos de saúde, com relação às ações de prevenção do câncer e disponíveis na íntegra. Documentos duplicados, editoriais, resumos de congressos e estudos sem relevância metodológica foram excluídos. A seleção dos estudos foi realizada por dois revisores independentes, garantindo rigor na inclusão e consistência na análise. Do total de artigos encontrados, [inserir número] atenderam aos critérios de elegibilidade e foram analisados criticamente.

Os dados extraídos foram tratados por meio da Análise de Conteúdo (Bardin, 2016), permitindo a categorização das informações em eixos temáticos organizados segundo a convergência das evidências. As categorias identificadas permitiram discutir o engajamento da população, a ampliação da literacia em saúde, as mudanças de comportamento frente aos fatores de risco e o fortalecimento das ações preventivas na Atenção Primária. Os resultados foram analisados à luz do referencial teórico, possibilitando compreender as contribuições, limitações e potencialidades da gamificação como recurso inovador na educação em saúde comunitária.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos estudos selecionados evidencia que a gamificação se configura como uma estratégia eficaz para a educação comunitária na prevenção do câncer em Atenção Primária. Os achados apontam que a aplicação de elementos lúdicos, como desafios, recompensas e narrativas, favorece o engajamento da população, estimula a compreensão de conteúdos complexos e promove maior adesão às práticas preventivas (BRAGA et al., 2022; Ferreira et al., 2021).

Ao comparar diferentes contextos de aplicação, observa-se que a gamificação em espaços comunitários tende a gerar resultados mais amplos do que em ambientes hospitalares ou ambulatoriais isolados. Estudos em atenção ambulatorial especializada ressaltam a melhoria na relação entre profissionais de saúde e pacientes, enquanto intervenções comunitárias apresentam maior impacto na mudança de hábitos relacionados à alimentação, atividade física e redução de fatores de risco (Gadelha et al., 2024; Oliveira et al., 2021).

A utilização de tecnologias digitais gamificadas, incluindo aplicativos móveis voltados à literacia em saúde, mostrou-se particularmente eficaz para adolescentes e jovens, fortalecendo a autonomia e a capacidade de autogestão da saúde. Essas ferramentas permitem monitoramento contínuo, feedback imediato e engajamento persistente, consolidando o aprendizado e reforçando hábitos preventivos (Mallafré-Larrosa et al., 2023; Hungaro et al., 2021; Teixeira, 2021).

A análise comparativa evidencia que, embora a gamificação apresente potencial relevante em qualquer contexto, a combinação de atividades presenciais, recursos digitais e elementos lúdicos proporciona maior efetividade na promoção do engajamento comunitário e na consolidação de hábitos saudáveis. Dessa forma, a gamificação se mostra uma ferramenta inovadora e promissora para fortalecer a Atenção Primária em Saúde, ampliando o alcance das ações preventivas e promovendo a corresponsabilidade da população na prevenção do câncer (Poliani et al., 2023; Braga et al., 2022).

Além disso, observa-se que diferentes estratégias gamificadas podem ser adaptadas conforme o perfil da população e os objetivos educativos. Por exemplo, programas mais

interativos e competitivos tendem a engajar jovens e adolescentes, enquanto abordagens colaborativas e progressivas se mostram mais adequadas para adultos Húngaro idosos. Essa flexibilidade reforça a importância de planejar cuidadosamente as intervenções gamificadas, considerando fatores culturais, sociais e de acessibilidade, para otimizar a efetividade das ações educativas na prevenção do câncer (Ferreira et al., 2021; Hungaro et al., 2021).

CONCLUSÃO

A gamificação apresenta-se como uma estratégia inovadora e eficiente para a educação comunitária na prevenção do câncer em Atenção Primária, promovendo maior engajamento da população e favorecendo a ampliação da literacia em saúde. A análise da literatura demonstra que a aplicação de elementos lúdicos e recursos digitais contribui para a criação de experiências educativas mais significativas, estimulando a corresponsabilidade da comunidade frente aos fatores de risco.

Observa-se que a flexibilidade da gamificação permite sua adaptação a diferentes públicos e contextos, tornando-a uma ferramenta versátil para atender às necessidades específicas de grupos variados, desde adolescentes até idosos. Essa capacidade de personalização amplia a efetividade das ações preventivas e fortalece a integração entre profissionais de saúde e população, consolidando a Atenção Primária como espaço de promoção e educação em saúde.

Como sugestão para pesquisas futuras, recomenda-se a realização de estudos experimentais e longitudinais que avaliem o impacto da gamificação em indicadores concretos de prevenção do câncer, considerando diferentes formatos de aplicação, tecnologias utilizadas e contextos socioculturais. Investigações que explorem a integração da gamificação com outras estratégias de educação em saúde também podem contribuir para aprimorar intervenções mais abrangentes e sustentáveis.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BRAGA, R. Adão; SANTIAGO, A. Evangelista; BRANDÃO, W. Cardoso; SILVA FILHO, A. Lopes da; CÂNDIDO, E. Batista. A gamificação da saúde. **Revista Brasileira em Tecnologia da Informação**, v. 4, n. 1, p. 17-28, 2022.
- FERREIRA, Elisabete Zimmer; OLIVEIRA, Adriane Maria Netto de; BRUM, Aline Neutzling; SILVA, Mara Regina Santos da; LOURENÇAO, Luciano Garcia. Gamificação: expectativa educativa, impacto na saúde. **Revista Sustinere**, v. 9, p. 383–395, 2021.
- GADELHA, Ana Karina de Sousa; PAZ, Ana Cláudia Pereira da; PAIVA NETO, Francisco Timbó de; LOPES, Priscila Rodrigues Rabelo; SHIMOCOMAQUI, Guilherme Barbosa. A gamificação

na atenção ambulatorial especializada como estratégia de educação permanente para qualificação do cuidado em saúde. **Saúde em Redes**, v. 10, n. 3, p. 4643, 2024.

HUNGARO, Thiago Alves; KURIHARA, Ana Carolina Zanin Sacoman; PEREIRA, Alexia Scavassa; SARAIVA, Kalebi. Jogos sérios e gamificação: um novo modelo para educação em saúde. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 9, p. e8540, 23 set. 2021.

MALLAFRÉ-LARROSA, M.; PAPI, G.; TRILLA, A.; RITCHIE, D. Development and promotion of an mHealth app for adolescents based on the European code against cancer: retrospective cohort study. **JMIR Cancer**, v. 9, e48040, 28 nov. 2023.

OLIVEIRA, Aline Mara de; RAMBO, Ana Paula Schmitz; GONÇALVES, Laura Faustino; BOSSO, Janaina Regina; HAAS, Patricia. Efetividade do uso da gamificação na educação em saúde. **RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar**, v. 2, n. 6, p. e26422, 2021.

POLIANI, Andrea; GNECCHI, Sílvia; JÚLIA, Vila; ROSA, Débora; MANARA, Duilio F. Gamificação como abordagem educacional para pacientes oncológicos: uma revisão sistemática de escopo. **Saúde**, v. 11, n. 24, p. 3116, 2023.

TEIXEIRA, Cátia Alexandra Mesquita. iGestSaúde – orientações terapêuticas e a utilização da gamificação na promoção da literacia em saúde para a autogestão da doença oncológica. 2021. **Dissertação (Mestrado em Enfermagem Médico-Cirúrgica) – Escola Superior de Enfermagem do Porto**, Porto, 2021.

SOUZA, M. T. de; SILVA, M. D; CARVALHO, R. de. Integrative review: what is it? How to do it? **Einstein** (Sao Paulo, Brazil), v. 8, n. 1, p. 102–106, 2010.

Snyder, H. (2019). Literature review as a research methodology: An overview and guidelines. **Journal of Business Research**, 104, 333–339.

GAMIFICAÇÃO COMO FERRAMENTA DE ENSINO PARA JOVENS APRENDIZES EM DIREITOS HUMANOS

Eixo: Transversal

Adriano Santos de Farias

Graduando em Psicologia pela Atitus Educação, Passo Fundo RS

Eveli de Lurdes Palma Pires

Pedagoga pela Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo RS

RESUMO

O estudo analisa o uso da gamificação como estratégia pedagógica no ensino de Direitos Humanos para jovens aprendizes, destacando seu potencial de engajamento, motivação e reflexão crítica. A experiência foi realizada com 105 participantes, entre 14 e 24 anos, em um programa socioprofissional no Rio Grande do Sul. Utilizou-se o jogo digital “Diário de Amanhã”, desenvolvido pela UNESCO, que combina quiz e missões sobre a Declaração Universal dos Direitos Humanos. A primeira etapa favoreceu participação ativa e competição saudável, enquanto a segunda exigiu adaptações devido à duração prolongada. Observou-se que os diferentes perfis das turmas influenciaram os resultados, sendo a mediação do educador fundamental para contextualizar as discussões e garantir aprendizagens significativas. Conclui-se que a gamificação torna conteúdos complexos mais acessíveis e contribui para a formação cidadã, recomendando-se estudos futuros sobre mediação pedagógica e diversificação de jogos.

Palavras-chaves: Gamificação, Direitos Humanos, Jovens Aprendizes.

INTRODUÇÃO

Em um cenário marcado pela crescente digitalização e pela influência das tecnologias no cotidiano, torna-se necessário repensar estratégias de ensino que dialoguem com as novas formas de interação das juventudes. Nesse contexto, a gamificação tem se consolidado como uma metodologia inovadora, ao incorporar elementos dos jogos em ambientes de aprendizagem, favorecendo engajamento, motivação e protagonismo dos estudantes. Para jovens aprendizes, cuja formação articula desenvolvimento socioprofissional e exercício da cidadania, essa abordagem pode potencializar não apenas a aquisição de conhecimentos, mas também a construção de valores éticos e sociais.

A educação em Direitos Humanos, por sua vez, exige metodologias que promovam reflexão crítica sobre temas como igualdade, justiça e solidariedade, muitas vezes percebidos como abstratos ou distantes da realidade imediata dos jovens. A gamificação, ao transformar conteúdos complexos em experiências interativas, apresenta-se como alternativa pedagógica capaz de aproximar tais discussões de maneira significativa.

OBJETIVO

Este estudo busca analisar o potencial da gamificação como ferramenta de ensino de Direitos Humanos para jovens aprendizes, discutindo seus impactos na formação crítica e cidadã.

METODOLOGIA

Este relato de experiência tem como objetivo analisar a utilização de gamificação no ensino de Direitos Humanos a jovens aprendizes, com idades entre 14 e 24 anos, inseridos em um programa de formação socioprofissional, conforme a Lei nº 10.097/2000, que regulamenta a Aprendizagem Profissional no Brasil (Brasil, 2000). A atividade foi realizada com 105 participantes, em uma entidade formadora localizada na região do Planalto Médio, no centro-norte do Rio Grande do Sul, entre os dias 11 e 15 de agosto de 2025.

A pesquisa busca entender como a gamificação pode ser aplicada no ensino de Direitos Humanos. Para isso, foi escolhida a observação participante, método em que o pesquisador acompanha e interage diretamente com os participantes, o que possibilita uma análise mais detalhada das dinâmicas de ensino e aprendizagem (Gil, 2012). Esse método também permitiu que o pesquisador observasse as reações dos jovens e as possíveis dificuldades ou engajamentos gerados pela utilização da gamificação. O objetivo principal foi avaliar como a gamificação pode tornar o conteúdo de Direitos Humanos mais acessível, dinâmico e interessante, estimulando a reflexão crítica sobre os direitos e a cidadania dos jovens.

As percepções descritas neste relato resultam da participação direta dos autores ao longo do período da experiência relatada. Como não envolveu a coleta de dados identificáveis, entrevistas formais ou a aplicação de instrumentos padronizados, esta pesquisa não foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa, conforme a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2016), que isenta dessa exigência produções que não envolvam a interação direta com seres humanos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O jogo “Diário de Amanhã”, desenvolvido pela UNESCO em parceria com o SENAC e a editora Palas Athenas, é um recurso pedagógico gratuito voltado ao ensino dos Direitos Humanos de maneira lúdica e interativa. Trata-se de um jogo digital que pode ser aplicado em grupo, necessitando apenas de computador, projetor e caixas de som, sem exigência de conexão à internet. A experiência inicia com um vídeo sobre a criação da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH). Em seguida, os participantes são organizados em cinco equipes, cada uma com um avatar. O percurso é dividido em duas etapas: a primeira corresponde a um quiz com 20 questões sobre a DUDH, em que os grupos acumulam pontos; a segunda apresenta 12 missões inspiradas em notícias fictícias. Nessas missões, os participantes escolhem alternativas para lidar com situações de violação de direitos, utilizando vídeos, entrevistas e reportagens. As decisões não possuem respostas certas ou erradas, mas resultam em itens que determinam o perfil da equipe ao final, podendo ser Juiz, Ativista, Comunicador, Educador ou Cientista, e promovem a reflexão crítica sobre valores humanos (Senac, 2022).

Na primeira etapa do jogo, composta por 20 questões em formato de quiz, os jovens demonstraram alto nível de engajamento, especialmente pelo fato de participarem em equipes e utilizarem placas com as alternativas de A a E, o que favoreceu a participação ativa e o senso de competição saudável entre os grupos. A dinâmica rápida e interativa contribuiu para manter a atenção dos participantes, estimulando a colaboração e a troca de conhecimentos. No entanto, na segunda etapa, que envolvia a análise de 12 casos fictícios relacionados a situações de violação de direitos humanos, o ritmo mais lento e a duração prolongada da atividade acabaram gerando certo desinteresse entre os jovens, evidenciando a importância de equilibrar o tempo e a complexidade das propostas para manter o engajamento ao longo de toda a experiência, podendo ser uma alternativa utilizar apenas alguns dos 12 casos, sendo uma possibilidade fornecida pelo jogo (Toda; Silva; Isotani, 2017).

A diversidade de perfis entre as turmas de jovens aprendizes também se mostrou um fator determinante para o andamento e os resultados da atividade gamificada. Algumas turmas apresentaram um perfil mais competitivo, o que favoreceu maior engajamento nas dinâmicas em equipe e nas disputas por pontuação, principalmente na primeira etapa do jogo. Outras, demonstraram menor interesse pela competição e preferiram interações mais colaborativas e reflexivas. Essa variação evidencia que a mesma metodologia pode ter impactos distintos, dependendo das características do grupo, como idade, nível de escolaridade, experiências anteriores e vínculos entre os participantes. Assim, a aplicação da gamificação no ensino de Direitos Humanos requer sensibilidade e adaptação por parte dos educadores, para que a proposta atenda aos diferentes contextos e mantenha sua eficácia pedagógica (Magalhães; Granja, 2021).

Além das características do jogo e dos perfis dos participantes, o papel do educador mostrou-se essencial para o sucesso da experiência gamificada. A mediação ativa do facilitador durante as etapas do Diário de Amanhã contribuiu para orientar as reflexões dos jovens, relacionar as decisões tomadas aos princípios dos Direitos Humanos e contextualizar as atividades no cotidiano dos aprendizes. Estudos recentes indicam que a mediação pedagógica, quando realizada com planejamento, escuta atenta e intencionalidade, potencializa o engajamento dos estudantes e fortalece a conexão com o conhecimento, mesmo diante de desafios sociais, tecnológicos e formativos. Metodologias ativas, como a gamificação, aliadas ao reconhecimento dos saberes prévios e a um ambiente acolhedor, são capazes de superar essas barreiras e promover aprendizagens significativas. Dessa forma, o educador não atua apenas como transmissor de conteúdos, mas como mediador sensível às necessidades e experiências dos jovens, fator fundamental para o êxito do processo educativo em contextos socioprofissionais. Recomenda-se, ainda, que futuras pesquisas aprofundem a análise da mediação pedagógica na educação de jovens aprendizes, especialmente em abordagens gamificadas (Malta et al., 2025).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência com o jogo Diário de Amanhã demonstrou que a gamificação pode ser uma ferramenta pedagógica eficaz para o ensino de Direitos Humanos a jovens aprendizes, favorecendo engajamento, colaboração e reflexão crítica. Os resultados evidenciaram que dinâmicas mais ágeis e interativas tendem a manter maior interesse, enquanto atividades prolongadas exigem adaptações para não comprometer a participação. A diversidade de perfis das turmas e o papel ativo do educador mostraram-se fatores determinantes para o êxito da proposta, reforçando a necessidade de mediação pedagógica atenta e flexível.

Assim, a gamificação revela potencial para tornar conteúdos complexos mais acessíveis e significativos, contribuindo para a formação crítica e cidadã dos jovens em processo de aprendizagem profissional. Recomenda-se que novas investigações explorem diferentes formatos de jogos, tempos de aplicação e estratégias de mediação, de modo a ampliar a compreensão sobre as possibilidades da gamificação no campo da educação em Direitos Humanos.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Lei nº 10.097, de 19 de dezembro de 2000.** Altera dispositivos da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 20 dez. 2000.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6 ed. São Paulo: Atlas, 2012
- MAGALHÃES, C. R.; GRANJA, E. M. R. Programa de aprendizagem e suas implicações ao acesso e continuidade no mercado de trabalho: um estudo com jovens aprendizes. **Revista de Psicologia**, [S. I.], v. 15, n. 54, p. 73-91, 2021.
- MALTA, D. P. L. M. et al. O papel da mediação pedagógica na aprendizagem de adultos. **Revista Aracê**, [S. I.], v. 7, n. 6, p. 32599-32615, 2025. DOI: <https://doi.org/10.56238/arev7n6-202>.
- SENAC. O diário de amanhã – O jogo.
- TODA, A. M.; SILVA, A. P.; ISOTANI, S. Desafios para o planejamento e implantação da gamificação no contexto educacional. **Renote**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, 2017.

LIBRAS COMO FERRAMENTA DE CUIDADO: DESAFIOS NA FORMAÇÃO E NA PRÁTICA DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE

Eixo: Transversal

Cleiton Charles da Silva

Mestre em Saúde da Família pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, João Pessoa PB

Ronald Fernando Soares do Nascimento

Graduando em Fonoaudiologia pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Recife PE

Carlos Henrique da Silva Xavier

Pós-graduando em Higiene e Inspeção de Produtos de Origem Animal pela Faculeste, Rio de Janeiro RJ

Maila Quelle Correa de Lima

Fisioterapeuta Especialista em cardiorrespiratória pela Faculdade de Macapá (FAMA), Macapá AM

RESUMO

Introdução: O acesso à saúde pela comunidade surda no Brasil é dificultado por barreiras comunicacionais, apesar do amparo legal que reconhece a Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Objetivo: Analisar como a inclusão de Libras na formação e na prática dos profissionais de saúde tem contribuído para a qualificação da atenção às pessoas surdas. **Método:** Revisão narrativa da literatura a partir de 10 artigos selecionados das bases de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Google Scholar. A análise crítico-interpretativa dos estudos foi organizada em eixos temáticos.

Resultados e Discussão: A formação em Libras mostra-se frágil, com carga horária insuficiente e caráter optativo. Na prática, persistem estratégias de comunicação precárias (mímica, escrita), gerando insegurança nos profissionais e exclusão nos pacientes.

Considerações Finais: A mera inclusão da disciplina de Libras nos currículos não tem contribuído efetivamente para qualificar o cuidado. É necessária uma reformulação profunda da formação profissional, tratando a competência em Libras como essencial para a garantia do direito à saúde.

Palavras-chave: Acesso Efetivo aos Serviços de Saúde; Comunicação em Saúde; Língua de Sinais; Pessoas com Deficiência Auditiva

INTRODUÇÃO

O acesso à saúde no Brasil, embora constitucionalmente garantido como um direito universal, encontra barreiras que transcendem a dimensão física e econômica, adentrando o complexo território da comunicação. Para a comunidade surda, que segundo dados recentes ultrapassa os 10 milhões de pessoas no país, a barreira linguística representa um dos mais significativos obstáculos para a efetivação do cuidado integral. A comunicação, pilar de qualquer relação terapêutica, torna-se um ponto de falha crítico quando o profissional de saúde e o paciente não compartilham um código comum, transformando o encontro clínico em um campo de incertezas e frustrações (Morez; Souza; Radow, 2024).

A promulgação de leis como a Lei nº 10.436/2002, que reconhece a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como meio legal de comunicação, e o Decreto nº 5.626/2005, que determina sua inclusão nos currículos de formação, representaram marcos legais fundamentais. Essas normativas criaram a expectativa de que a inclusão de Libras na formação e na prática dos profissionais de saúde pudesse, gradualmente, qualificar a atenção a essa população. A premissa é simples e poderosa: um profissional capacitado em Libras pode estabelecer uma

comunicação direta, garantindo a autonomia, a privacidade e a segurança do paciente surdo (Nunes; Macêdo, 2022).

No entanto, a literatura acadêmica revela uma tensão persistente entre a norma legal e a realidade prática. Estudos mostram que, apesar da obrigatoriedade curricular em alguns cursos, a formação em Libras para profissionais de saúde ainda é marcada por fragilidades, como carga horária insuficiente e caráter predominantemente optativo, resultando em uma baixa proficiência comunicativa (Mazzu-Nascimento et al., 2020). Consequentemente, na prática assistencial, os profissionais frequentemente recorrem a estratégias improvisadas, como a escrita, a mímica ou a mediação por familiares, que, embora bem-intencionadas, são insuficientes e podem comprometer a qualidade e a segurança do cuidado (Vieira et al., 2023).

Essa lacuna entre a política e a prática gera um ciclo de exclusão. A dificuldade de comunicação leva a sentimentos de insegurança e despreparo nos profissionais, enquanto nos pacientes surdos gera desconfiança e afastamento dos serviços de saúde (Rezende; Guerra; Carvalho, 2021).

OBJETIVO

Analisar como a inclusão de Libras na formação e na prática dos profissionais de saúde tem contribuído para a qualificação da atenção às pessoas surdas.

MÉTODO

Para responder à questão central deste estudo, optou-se por uma revisão narrativa da literatura. Este método foi escolhido por sua capacidade de sintetizar e discutir o estado da arte de um tema, permitindo uma análise aprofundada e contextualizada que vai além da mera compilação de dados, tecendo um diálogo crítico com as fontes (Souza; Silva; Carvalho, 2010).

A busca pelos artigos foi realizada durante os meses de agosto e setembro de 2025, com um corte temporal definido para publicações entre 2015 e 2025, a fim de garantir a contemporaneidade dos achados. As bases de dados consultadas foram a Scientific Electronic Library Online (SciELO) e o Google Scholar, por sua abrangência na literatura nacional sobre saúde e ciências humanas.

As palavras-chave utilizadas, baseadas nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e termos livres, foram: "Surdez", "Pessoas com Deficiência Auditiva", "Língua Brasileira de Sinais", "Comunicação em Saúde", "Atenção Primária à Saúde" e "Formação Profissional". As buscas foram estruturadas utilizando o operador booleano AND para combinar os termos, por exemplo: ("Surdez" AND "Comunicação em Saúde") OR ("Língua Brasileira de Sinais" AND "Formação Profissional").

Inicialmente, a busca retornou um total de 184 artigos. A primeira etapa de triagem consistiu na leitura de títulos e resumos, aplicando-se os seguintes critérios de exclusão: (1) artigos duplicados entre as bases; (2) estudos que não abordavam diretamente a interface entre a comunidade surda e os serviços de saúde no Brasil; (3) editoriais, cartas ao editor e resenhas; e (4) trabalhos cujo foco era exclusivamente tecnológico (como desenvolvimento de aplicativos) ou clínico (como implantes cocleares), sem discutir a comunicação e a prática profissional. Após esta fase, 153 artigos foram excluídos, restando 31 para a leitura na íntegra.

Na segunda etapa, a leitura completa dos 31 artigos permitiu uma análise mais aprofundada. O critério de inclusão principal foi a pertinência dos artigos ao eixo temático da comunicação em saúde com a pessoa surda, com foco na formação e na prática profissional. Foram excluídos mais 21 artigos que, embora pertinentes, eram muito específicos a um único serviço ou não aprofundavam a discussão sobre as barreiras e estratégias de comunicação, que era o foco central desta revisão.

Ao final deste processo de seleção, 10 artigos foram incluídos no corpo de análise deste estudo. A análise dos artigos selecionados foi realizada de forma crítico-interpretativa, buscando identificar pontos de convergência, divergência e lacunas na literatura para estruturar a discussão subsequente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise aprofundada dos artigos selecionados revela um cenário complexo e paradoxal sobre a inclusão da Libras na saúde. Se por um lado existe um arcabouço legal que ampara o direito à comunicação, por outro, a realidade da formação e da prática profissional ainda impõe barreiras significativas. Os resultados desta revisão podem ser discutidos em três eixos interdependentes: (1) a fragilidade na formação profissional; (2) as estratégias de comunicação e suas implicações na prática clínica; e (3) as percepções e sentimentos dos atores envolvidos.

A formação dos profissionais de saúde em Libras é, consistentemente, apontada como o nó crítico do problema. Um estudo abrangente de Mazzu-Nascimento et al. (2020) revela que, na maioria dos cursos de saúde no Brasil, a disciplina de Libras, quando ofertada, possui carga horária insuficiente e caráter majoritariamente optativo. Essa abordagem fragmentada não garante a competência comunicativa, resultando em profissionais que, mesmo tendo tido algum contato com o tema, sentem-se despreparados para o atendimento (Morez; Souza; Randon, 2024). A pesquisa de Soleman e Bousquat (2021) corrobora essa visão, ao identificar que as políticas de saúde, pautadas em uma concepção puramente orgânico-biológica da surdez, negligenciam as especificidades linguísticas e culturais da comunidade surda, falhando em promover a capacitação adequada dos profissionais.

Na prática clínica, essa formação deficitária obriga os profissionais a recorrerem a um conjunto de estratégias de comunicação improvisadas. A revisão integrativa de Vieira et al. (2023)

mostra que a escrita e a mímica são as táticas mais comuns, enquanto o uso de Libras ou de intérpretes é raro. Embora vistas como soluções momentâneas, essas estratégias são precárias. A comunicação escrita depende do letramento do paciente em português (sua segunda língua), e a mediação por um familiar, embora frequente, compromete a autonomia e a privacidade do paciente, um ponto crítico destacado por Nunes e Macêdo (2022) em seu estudo fenomenológico. A falta de uma comunicação direta e eficaz impede o estabelecimento de um vínculo terapêutico sólido e seguro (Reis; Santos, 2019).

Este cenário de barreiras comunicacionais gera um ciclo de sentimentos negativos e desfechos desfavoráveis. Profissionais de saúde relatam sentir-se inseguros, ansiosos e frustrados, reconhecendo que a dificuldade de comunicação impacta diretamente na qualidade do diagnóstico e na tomada de decisões (Azevedo et al., 2023; Lima et al., 2022). Do lado do paciente, a experiência é de exclusão e desconfiança, o que frequentemente leva ao abandono de tratamentos ou à procura tardia por serviços de saúde (Rezende; Guerra; Carvalho, 2021). A pandemia de COVID-19 exacerbou essa vulnerabilidade, tornando o acesso à informação e aos serviços de saúde ainda mais crítico e difícil para a comunidade surda (Correia; Ferreira, 2022).

Em síntese, a análise dos estudos demonstra que a mera inclusão da disciplina de Libras nos currículos, nos moldes atuais, não tem contribuído de forma efetiva para a qualificação da atenção à pessoa surda. A contribuição é pontual e dependente do esforço individual, não de uma mudança sistêmica. Para que a legislação se traduza em prática e o direito à saúde seja plenamente garantido, é imperativo que as instituições de ensino e os sistemas de saúde invistam em uma formação em Libras que seja robusta, contínua e transversal, tratando a competência comunicativa não como um diferencial, mas como um requisito fundamental para o cuidado equânime e humanizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da literatura revela um paradoxo desconcertante: apesar de um arcabouço legal progressista e do reconhecimento formal da acessibilidade, a contribuição efetiva de Libras na ponta do cuidado em saúde tem sido marginal e insuficiente. A inclusão da disciplina nos currículos, da forma como majoritariamente ocorre, funciona mais como um gesto simbólico do que como uma ferramenta de transformação real da prática assistencial. A barreira comunicacional permanece, portanto, como o obstáculo mais significativo para a garantia do direito à saúde da comunidade surda.

A formação profissional, marcada por uma abordagem superficial com baixa carga horária, não dota os futuros profissionais da competência linguística necessária. Consequentemente, a prática clínica depende de estratégias improvisadas e precárias, como a escrita ou a mediação por familiares, que minam a autonomia, a privacidade e a segurança do paciente. Instala-se um ciclo vicioso: a formação inadequada gera profissionais despreparados,

o despreparo leva a uma comunicação ineficaz, e a comunicação ineficaz resulta em frustração para os profissionais e em exclusão para os pacientes surdos, afastando-os dos serviços.

Para que a inclusão deixe de ser uma formalidade e se torne um instrumento de equidade, as instituições de ensino e os sistemas de saúde devem assumir uma responsabilidade compartilhada. Isso exige uma profunda reformulação curricular que trate Libras como uma competência essencial, com carga horária adequada e foco na fluência. Requer, ainda, a promoção de uma educação permanente para os profissionais já atuantes e, fundamentalmente, uma mudança de perspectiva: a surdez precisa ser compreendida em sua dimensão sociocultural, e não apenas como um déficit biológico. Somente assim a comunicação deixará de ser uma barreira para se tornar a ponte que verdadeiramente qualifica e humaniza o cuidado em saúde.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, R. P. et al. A Libras como ferramenta de inclusão social no atendimento da saúde. **Open Science Research** X, v. 10, p. 434-448, 2023.

CORREIA, L. P. de F.; FERREIRA, M. de A. Atenção à saúde de pessoas surdas em tempos de pandemias por coronavírus. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 75, supl. 1, e20201036, 2022.

LIMA, L. R. de et al. A influência dos profissionais de saúde na escolha pelo uso da língua de sinais. **Cogitare Enfermagem**, v. 27, e84081, 2022.

MAZZU-NASCIMENTO, T. et al. Fragilidade na formação dos profissionais de saúde quanto à Língua Brasileira de Sinais: reflexo na atenção à saúde dos surdos. **Audiology - Communication Research**, v. 25, e2361, 2020.

MOREZ, H. de O.; SOUZA, F. dos S. L. de; RANDOW, R. M. V. Importância do atendimento humanizado ao paciente surdo: conhecimento de libras e assistência de enfermagem. **Pensar Acadêmico**, v. 22, n. 2, p. 236-251, 2024.

NUNES, A. L. P.; MACÊDO, S. Atendimento à Pessoa Surda por Profissionais de Saúde em Hospital Universitário Pernambucano. **Revista do NUFEN**, v. 14, n. 1, p. 1-12, 2022.

REIS, V. de S. L.; SANTOS, A. M. dos. Conhecimento e experiência de profissionais das Equipes de Saúde da Família no atendimento a pessoas surdas. **Revista CEFAC**, v. 21, n. 1, e5418, 2019.

REZENDE, R. F.; GUERRA, L. B.; CARVALHO, S. A. da S. A perspectiva do paciente surdo acerca do atendimento à saúde. **Revista CEFAC**, v. 23, n. 2, e0620, 2021.

SOLEMAN, C.; BOUSQUAT, A. Políticas de saúde e concepções de surdez e de deficiência auditiva no SUS: um monólogo? **Cadernos de Saúde Pública**, v. 37, n. 8, e00206620, 2021.

SOUZA, M. T. de; SILVA, M. D. da; CARVALHO, R. de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein** (São Paulo), v. 8, n. 1, p. 102–106, mar. 2010.

VIEIRA, D. de A. et al. Estratégias de comunicação dos profissionais de saúde com pessoas com deficiência auditiva: revisão integrativa. **Cogitare Enfermagem**, v. 28, e84359, 2023.

METODOLOGIAS ATIVAS NA FORMAÇÃO EM SAÚDE: UMA ANÁLISE DOS FATORES FACILITADORES E DAS BARREIRAS À IMPLEMENTAÇÃO

Eixo: Transversal

Cleiton Charles da Silva

Mestre em Saúde da Família pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, João Pessoa, PB

Henrique de Almeida Veras

Mestre em Ciência e Tecnologia em Saúde pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Campina Grande PB

Ravena de Farias

Mestre em Serviço Social pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Campina Grande, PB

Maycon Tércio Pinto Silveira

Graduado em Fisioterapeuta pela Universidade Ceuma, São Luís MA

RESUMO

Introdução: A formação em saúde no Brasil passa por uma transformação em direção a modelos pedagógicos que superem a abordagem tradicional. As Metodologias Ativas são centrais nesse processo, mas sua implementação enfrenta desafios práticos e culturais. **Objetivo:** Analisar os principais fatores facilitadores e as barreiras para a implementação efetiva de metodologias ativas de aprendizagem nos cursos de graduação da área da saúde no Brasil. **Método:** Revisão narrativa da literatura realizada na base de dados SciELO, com artigos publicados a partir de 2020.

A busca inicial retornou 87 artigos, dos quais 8 foram selecionados para a análise final após aplicação de critérios de inclusão, exclusão e remoção de duplicatas. **Resultados e Discussão:** Os resultados apontam a coerência institucional e curricular como principal facilitador. As barreiras mais significativas são a falta de formação pedagógica docente e a resistência cultural à mudança por parte de alunos e da própria instituição. **Considerações Finais:** A efetividade das MA depende de um ecossistema coerente que articule apoio institucional, capacitação docente e preparo discente, exigindo uma transformação que transcende a simples adoção de novas técnicas.

Palavras-chave: Aprendizagem; Educação em Saúde; Educação Superior Metodologia

INTRODUÇÃO

A formação de profissionais da saúde no Brasil atravessa um profundo e necessário processo de transformação, impulsionado, em grande parte, pela necessidade de alinhar os currículos acadêmicos às diretrizes e princípios do Sistema Único de Saúde (SUS). Este movimento questiona a hegemonia do modelo tradicional de ensino, de herança flexneriana, criticado por sua abordagem fragmentada, biologicista e centrada na figura do docente como mero transmissor de informações (Neves; Lauer-Leite; Priante, 2020). Em resposta, emerge um crescente consenso sobre a importância de reorientar a pedagogia para o centro do processo de aprendizagem: o estudante.

Nesse cenário de reconfiguração, as Metodologias Ativas de Aprendizagem (MAA) surgem como a principal aposta para catalisar essa mudança. Estratégias como a Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL), a Sala de Aula Invertida e a problematização da realidade, exemplificada pelo Arco de Maguerez, são propostas como caminhos para desenvolver em futuros profissionais competências essenciais como autonomia, pensamento crítico e a capacidade de integrar teoria e prática de forma significativa (Dias; Santos; Lopes, 2022). A premissa é que, ao se tornar protagonista de sua própria formação, o estudante desenvolve não

apenas conhecimento técnico, mas também as habilidades relacionais e éticas indispensáveis ao cuidado em saúde.

Contudo, a transição de um paradigma de ensino consolidado por décadas para uma abordagem ativa e dialógica não ocorre sem atritos. A literatura aponta que, apesar do reconhecimento de seu potencial, a implementação efetiva das MA enfrenta uma complexa teia de desafios que permeiam a cultura institucional, a prática docente e a própria adaptação dos discentes (Biffi et al., 2020). A simples inserção de novas técnicas em estruturas curriculares antigas mostra-se insuficiente, revelando uma tensão entre o discurso inovador e as práticas pedagógicas ainda arraigadas no modelo tradicional.

Diante disso, torna-se fundamental compreender o que de fato viabiliza ou impede essa transformação no cotidiano das instituições de ensino. Esta revisão narrativa, portanto, debruça-se sobre a seguinte questão: Quais são os principais fatores facilitadores e as barreiras para a implementação efetiva de metodologias ativas de aprendizagem nos cursos de graduação da área da saúde no Brasil?

OBJETIVO

Analizar os principais fatores facilitadores e as barreiras para a implementação efetiva de metodologias ativas de aprendizagem nos cursos de graduação da área da saúde no Brasil.

MÉTODO

O presente estudo configura-se como uma revisão narrativa da literatura, método que se propõe a descrever e discutir o estado da arte de um determinado tema sob uma perspectiva teórica e contextual. Este tipo de revisão é particularmente valioso para analisar o desenvolvimento de um conceito, identificar lacunas no conhecimento e sintetizar uma ampla gama de publicações, sem a necessidade de seguir um protocolo de busca e extração de dados tão rígido quanto o de uma revisão sistemática (Souza; Silva; Carvalho, 2010).

Para responder à pergunta de pesquisa, foram realizadas buscas durante os meses de agosto e setembro de 2025 na base de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO), reconhecida por sua abrangência e relevância para a produção científica nacional. A busca inicial resultou em 87 artigos.

O processo de seleção seguiu etapas para garantir a pertinência e a atualidade da amostra. Primeiramente, os 87 artigos identificados foram avaliados quanto à duplidade, sendo 5 deles removidos, restando 82 para a fase de triagem. Em seguida, realizou-se a leitura dos títulos e resumos, aplicando-se os critérios de inclusão: artigos originais e de revisão, publicados em português a partir de 2020, que abordassem diretamente a implementação de metodologias ativas em cursos de graduação da área da saúde no contexto brasileiro. Nesta etapa, 58 artigos

foram excluídos por não atenderem ao escopo (focavam em educação básica, não eram do contexto brasileiro ou apenas citavam as metodologias sem aprofundar a implementação).

Os 24 artigos restantes foram submetidos à leitura na íntegra. Nesta fase final, foram excluídos mais 16 artigos que, apesar de parecerem relevantes na triagem inicial, não respondiam diretamente à pergunta de pesquisa, sendo a maioria relatos de experiência sem uma análise crítica aprofundada dos fatores facilitadores ou das barreiras. Ao final do processo, 8 artigos compuseram a amostra final desta revisão narrativa, tendo sido selecionados por sua total aderência ao tema, rigor metodológico e relevância para a discussão proposta.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A literatura aponta que o sucesso das MAA depende de um forte e coerente alicerce institucional. Um Projeto Político-Pedagógico (PPP) que não apenas cita, mas que genuinamente estrutura o currículo em torno de princípios ativos, é o principal fator facilitador. A integração curricular, promovida por eixos longitudinais que inserem o estudante precocemente nos serviços de saúde, é destacada como uma estratégia poderosa para superar a fragmentação disciplinar e conectar teoria e prática (Assunção, 2021; Palheta et al., 2020).

Essa imersão na realidade do SUS permite que os alunos vivenciem problemas autênticos, tornando a aprendizagem mais significativa e alinhada às necessidades da população, como observado na percepção de estudantes de enfermagem ao utilizarem o Arco de Maguerez para planejar ações educativas (Dias; Santos; Lopes, 2022). Contudo, a maior barreira reside na frequente dissonância entre o que o PPP preconiza e o que a estrutura curricular de fato permite. A manutenção de uma organização departamental rígida, com disciplinas que não dialogam entre si, e a pressão por avaliações somativas tradicionais criam um ambiente hostil à inovação, forçando as MA a serem iniciativas isoladas e, por vezes, periféricas (Biffi et al., 2020; Rodrigues; Todaro; Batista, 2021).

O docente emerge como o agente nevrálgico dessa transição, atuando na confluência entre o potencial e o desafio. A mudança de postura, de mero transmissor para facilitador do aprendizado, é um facilitador poderoso, criando um ambiente de diálogo e construção conjunta do conhecimento (Neves; Lauer-Leite; Priante, 2020). A experiência profissional do docente no SUS enriquece esse processo, permitindo a formulação de problemas e estudos de caso que refletem a complexidade do mundo real (Assunção, 2021).

No entanto, a barreira mais citada e talvez a mais crítica é a falta de formação pedagógica específica. Muitos professores, embora especialistas em suas áreas, sentem-se inseguros e despreparados para orquestrar dinâmicas ativas, recorrendo ao modelo expositivo com o qual se sentem mais confortáveis (Biffi et al., 2020). Essa dificuldade é agravada pela falta de apoio institucional para uma educação permanente, que vá além de cursos pontuais e promova uma reflexão contínua sobre a prática pedagógica (Cunha et al., 2024).

A perspectiva do discente revela a dualidade de ser o foco da mudança. O principal fator facilitador é a percepção de uma aprendizagem mais eficaz e engajadora. Estudantes valorizam o desenvolvimento da autonomia, do pensamento crítico e de habilidades colaborativas, reconhecendo-as como cruciais para sua futura atuação (Palheta et al., 2020; Azevedo; Azevedo Filho; Araújo, 2022).

Já a instrução por pares (Peer Instruction) é destacada como uma ferramenta que não só melhora a retenção do conhecimento, mas também fortalece as relações interpessoais e a autoconfiança (Azevedo; Azevedo Filho; Araújo, 2022). Por outro lado, a resistência discente é uma barreira significativa. Formados em uma cultura educacional de passividade, muitos estudantes demonstram dificuldade em assumir um papel ativo, sentindo-se ansiosos com a responsabilidade de “aprender a aprender” (Biffi et al., 2020). Essa tensão é exacerbada em currículos híbridos, onde a cobrança por desempenho em avaliações tradicionais compete diretamente com o tempo e a energia necessários para o engajamento profundo que as MAA demandam.

Em síntese, a discussão evidencia que a implementação efetiva das metodologias ativas não é uma questão de escolher a “ferramenta” certa, mas de cultivar um ecossistema educacional coerente. O sucesso depende da articulação sinérgica entre um projeto institucional que ofereça suporte real, docentes que sejam continuamente capacitados e valorizados em seu papel de facilitadores, e discentes que sejam gradualmente preparados e encorajados a assumir o protagonismo de sua jornada de formação. As barreiras encontradas, portanto, não são meramente operacionais, mas profundamente culturais e estruturais, exigindo uma transformação que é, ao mesmo tempo, individual e coletiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta revisão narrativa da literatura permitiu mapear a complexa teia de fatores que orbitam a implementação de metodologias ativas na formação em saúde no Brasil. Ao responder à pergunta norteadora, fica evidente que os facilitadores e as barreiras não são elementos isolados, mas sim partes de um ecossistema interdependente que envolve a instituição, seus docentes e seus discentes. A transição de um modelo de ensino passivo para um ativo é, portanto, menos uma questão de adotar técnicas e mais uma questão de orquestrar uma profunda mudança cultural e estrutural.

O principal fator facilitador é a coerência sistêmica: quando um Projeto Político-Pedagógico arrojado se traduz em um currículo integrado, com apoio institucional claro, os docentes sentem-se seguros para inovar e os discentes compreendem o propósito de seu protagonismo. Por outro lado, a barreira mais significativa é a inércia cultural e estrutural: a persistência de currículos fragmentados, a sobrecarga de avaliações tradicionais e, crucialmente, a falta de uma política de formação pedagógica contínua para os professores criam um ambiente

onde as metodologias ativas, mesmo quando presentes no discurso, lutam para sobreviver na prática.

Conclui-se que a implementação efetiva das metodologias ativas não pode ser delegada apenas ao esforço individual de professores entusiastas. Ela demanda uma ação intencional e articulada da gestão acadêmica, que deve assumir a responsabilidade de criar as condições necessárias para a mudança. Isso inclui não apenas a revisão de estruturas curriculares, mas, fundamentalmente, o investimento na capacitação e valorização do corpo docente, que é o agente central de qualquer transformação pedagógica.

As práticas integrativas vêm ganhando espaço na Atenção Primária à Saúde, demonstrando potencial para ampliar o cuidado e promover a integralidade, um dos princípios fundamentais do SUS. No entanto, os resultados deste estudo indicam que a incorporação efetiva dessas práticas na rotina dos trabalhadores da APS ainda enfrenta desafios significativos. A implementação se mostra fragmentada, dependente frequentemente da iniciativa individual e limitada por fatores como a insuficiência de formação técnica, a invisibilidade institucional e a falta de suporte gerencial. É necessário que gestores e formuladores de políticas de saúde considerem a importância da estruturação das práticas integrativas por meio de ações coordenadas, incluindo capacitação sistematizada, protocolos claros, investimentos em infraestrutura e mecanismos de monitoramento e avaliação.

Como limitação, deve-se reconhecer a fragilidade metodológica inerente a uma revisão narrativa. Este tipo de estudo não exige um protocolo de busca e seleção tão rigoroso quanto o de uma revisão sistemática, o que pode introduzir um viés na seleção dos artigos. No entanto, foi deliberado de maneira inequívoca dentre todos os autores que a revisão narrativa seria o método mais apropriado para a fase exploratória desta pesquisa, permitindo uma análise mais ampla e contextualizada do tema. Adicionalmente, esta revisão se ateve a uma base de dados específica e a um recorte temporal, o que significa que outras experiências e discussões podem não ter sido contempladas.

Apesar dessas limitações, os achados aqui sintetizados apontam para uma clara necessidade futura: a realização de mais estudos de caso longitudinais que acompanhem os processos de implementação das PICS ao longo do tempo, avaliando não apenas a percepção dos atores, mas também o impacto mensurável na qualidade do cuidado prestado à população. Recomenda-se também a condução de análises de custo-efetividade e de estudos que explorem as percepções dos usuários, a fim de fortalecer a base de evidências para a tomada de decisão. O caminho para uma atenção primária verdadeiramente integrativa e transformadora está traçado; percorrê-lo exige compromisso, diálogo e, acima de tudo, coerência entre o que se planeja e o que se pratica.

REFERÊNCIAS

- ASSUNÇÃO, A. Á. Metodologias ativas de aprendizagem: práticas no ensino da Saúde Coletiva para alunos de Medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 45, n. 3, e145, 2021.
- AZEVEDO, K. L. da F.; AZEVEDO FILHO, F. M. de A.; ARAÚJO, K. M. da F. A. Instrução entre pares como método de ensino superior na área da saúde: uma revisão integrativa. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 46, n. 3, e115, 2022.
- BIFFI, M. et al. Metodologias Ativas de Aprendizagem: Desafios dos Docentes de Duas Faculdades de Medicina do Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 44, n. 4, e145, 2020.
- CUNHA, M. B. da et al. Metodologias ativas: em busca de uma caracterização e definição. **Educação em Revista**, v. 40, e39442, 2024.
- DIAS, G. A. R.; SANTOS, J. P. M.; LOPES, M. M. B. Arco da problematização para planejamento educativo em saúde na percepção de estudantes de enfermagem. **Educação em Revista**, v. 38, e25306, 2022.
- NEVES, M. G. B. C.; LAUER-LEITE, I. D.; PRIANTE, P. T. As concepções de preceptores do SUS sobre metodologias ativas na formação do profissional da saúde. **Educação em Revista**, v. 36, e207303, 2020.
- PALHETA, A. M. da S. et al. Formação do enfermeiro por meio de metodologias ativas de ensino e aprendizado: influências no exercício profissional. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 24, e190368, 2020.
- RODRIGUES, C. C.; TODARO, M. de Á.; BATISTA, C. B. Saúde do idoso: discursos e práticas educativas na formação médica. **Educação em Revista**, v. 37, e20811, 2021.
- SOUZA, M. T. de; SILVA, M. D. da; CARVALHO, R. de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein** (São Paulo), v. 8, n. 1, p. 102–106, mar. 2010.

NUTRIÇÃO E SAÚDE MENTAL NO REMO OLÍMPICO: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UMA AÇÃO EDUCATIVA

Eixo: Transversal

Joseana Moreira Assis Ribeiro

Doutora em Promoção da Saúde pela Universidade de Franca – UNIFRAN, Franca SP

Beatriz Silva Araújo

Graduação em Educação Física pela Universidade Federal do Pará – UFPA, Belém PA

Juliana Lobo Tavares

Graduanda em Nutrição pelo Centro Universitário do Estado do Pará – CESUPA, Belém PA

Vivian Caxias Martins

Graduação em Educação Física pela Universidade Federal do Pará – UFPA, Belém PA

RESUMO

Introdução: O desempenho atlético é o resultado de uma complexa combinação de fatores físicos, técnicos, emocionais e sociais. Dentre esses, a nutrição e a saúde mental se sobressaem como pilares essenciais para o rendimento e o bem-estar dos atletas. **Objetivo:** Relatar a experiência de uma ação educativa realizada na Associação de Remo Guajará, em Belém/PA.

Método: O evento, consistiu em uma palestra sobre nutrição esportiva e em uma roda de conversa com dinâmicas participativas sobre saúde mental. Os participantes, incluindo atletas e treinadores, foram conscientizados sobre a relação entre hábitos alimentares, desempenho esportivo e bem-estar psicológico. **Resultados:** A experiência resultou no fortalecimento de vínculos e na formação de multiplicadores dentro da associação. **Conclusão:** A pesquisa conclui que a integração da nutrição e da saúde mental em ações educativas tem impacto positivo, com potencial de ser replicada em outros clubes esportivos.

Palavras-chave: Remo olímpico; Educação em saúde; Intervenção multiprofissional.

INTRODUÇÃO

O desempenho esportivo resulta da interação de múltiplos fatores físicos, técnicos, emocionais e sociais. Entre eles, destacam-se a nutrição e a saúde mental, elementos fundamentais para sustentar tanto o rendimento competitivo quanto o bem-estar dos atletas.

A nutrição esportiva exerce papel decisivo na performance atlética ao fornecer substratos energéticos adequados, acelerar a recuperação muscular, modular adaptações ao treinamento e reduzir o risco de lesões e enfermidades. Segundo Damascena et al. (2024), planos alimentares individualizados, ajustados às demandas fisiológicas e às especificidades de cada modalidade, são mais eficazes do que abordagens generalistas, pois garantem melhor resposta metabólica e favorecem a longevidade esportiva.

Da mesma forma, a saúde mental emerge como componente indispensável para a prática esportiva segura e de qualidade. Oliveira et al. (2011) destacam que a atividade física sistemática, quando aliada a suporte psicológico, contribui para a redução de estresse e ansiedade, promove melhora da autoestima e da imagem corporal, além de potencializar funções cognitivas como memória, atenção e raciocínio. Tais benefícios se estendem também à socialização e ao enfrentamento de pressões externas, sendo considerados fatores protetores contra quadros de depressão e burnout.

Diante desse contexto, integrar ações voltadas para nutrição e saúde mental representa uma estratégia relevante para apoiar atletas e treinadores, sobretudo em modalidades que exigem elevado preparo físico e resiliência psicológica, como o remo olímpico. Atividades educativas, palestras e rodas de conversa se configuram como instrumentos viáveis de promoção da saúde, favorecendo não apenas a transmissão de conhecimento técnico, mas também a troca de experiências e a construção coletiva de práticas mais saudáveis.

OBJETIVO

Relatar a experiência de uma ação educativa realizada na Associação de Remo Guajará, em Belém/PA, que abordou a importância da nutrição no remo olímpico e discutiu aspectos relacionados à saúde mental no esporte.

MÉTODO OU METODOLOGIA

A atividade ocorreu em 30 de agosto de 2025, com a participação de atletas e treinadores. O evento foi estruturado em duas etapas: palestra expositiva sobre nutrição estratégica no remo olímpico e roda de conversa com dinâmicas voltadas à saúde mental.

Na primeira parte, foram discutidas as exigências fisiológicas da modalidade e o papel da nutrição na recuperação, prevenção de lesões e desempenho. Abordaram-se impactos de uma alimentação inadequada, além da importância dos macronutrientes. Também foram destacados micronutrientes essenciais, a relevância da hidratação e os efeitos deletérios do consumo de álcool. Por fim, discutiram-se estratégias práticas de alimentação pré e pós-treino, adaptadas à rotina de treinos em horários matinais e ao clima local.

A segunda parte consistiu em uma roda de conversa conduzida pelas extensionistas, utilizando dinâmicas participativas como “História coletiva”, “Linha da empatia”, “Caixa das emoções”, “Palavras de apoio” e “Teia da cooperação”. Essas atividades favoreceram a escuta, a expressão de sentimentos, a reflexão sobre hábitos, a valorização do coletivo e o fortalecimento dos vínculos entre atletas e treinadores.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A ação possibilitou maior conscientização sobre a relação entre hábitos alimentares, desempenho esportivo e bem-estar psicológico. Durante a palestra, os atletas participaramativamente com dúvidas sobre alimentação em dias de competição, estratégias para evitar fadiga e cuidados com a hidratação. Nas dinâmicas da roda de conversa, emergiram relatos sobre pressões cotidianas, dificuldades de disciplina e impactos emocionais do esporte, revelando pontos em comum e fortalecendo a percepção de apoio coletivo. Tais achados estão em consonância com Silva et al (2021), que recomenda ações educativas multiprofissionais como estratégias efetivas para promoção da saúde integral no esporte.

CONCLUSÃO OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência evidenciou a relevância de integrar nutrição e saúde mental em ações educativas com atletas e treinadores de remo. Como resultados, destacam-se: maior conscientização sobre saúde física, mental e hábitos saudáveis entre os participantes e fortalecimento do vínculo dos participantes; formação de multiplicadores dentro da associação; e ampliação da integração entre universidade, esporte e comunidade. Esses desdobramentos apontam para o impacto positivo e o potencial de continuidade de ações semelhantes em clubes esportivos e contextos comunitários.

REFERÊNCIAS

DAMASCENA, D. C. da S. et al. Nutrição esportiva: uma revisão de literatura. **Revista Foco**, v. 17, n. 1, p. 1–15, 2024.

OLIVEIRA, N. R. de; VASCONCELOS, A. M.; ZANELLA, F. C. Z. Atividade física, saúde mental e qualidade de vida. **Psicologia em Estudo**, v. 16, n. 2, p. 277–284, 2011.

SILVA, F. A. et al. Atuação do profissional de Educação Física e da equipe multidisciplinar esportiva. **Revista FAEMA**, v. 12, n. 1, p. 91–97, 2021.

PARA ALÉM DA TRANSMISSÃO: REVISÃO SOBRE O IMPACTO DAS METODOLOGIAS ATIVAS NO DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS EM SAÚDE

Eixo: Transversal

Cleiton Charles da Silva

Mestre em Saúde da Família pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, João Pessoa PB

Bruna de Santa Bárbara Barbosa

Mestre em Ciências Farmacêuticas pela Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador BA

Ana Lucia Pereira da Silva Schiave

Graduada em Medicina pela Universidad Central Del Paraguay, Pedro Juan Caballero

RESUMO

Introdução: A educação em saúde enfrenta uma transição do modelo tradicional de ensino para abordagens que melhor preparem os profissionais para os desafios contemporâneos. As Metodologias Ativas (MA) surgem como principal alternativa, sendo crucial analisar seus efeitos comparativos. **Objetivo:** Analisar os principais efeitos da utilização de metodologias ativas no ensino em saúde quando comparadas ao modelo tradicional. **Método:** Revisão narrativa da literatura a partir de 7 artigos selecionados da base de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO). A análise crítico-interpretativa dos estudos comparativos foi organizada em eixos temáticos. **Resultados e Discussão:** As MA demonstraram superioridade no desenvolvimento de competências como autoeficácia, liderança e pensamento crítico. O modelo tradicional, embora eficaz para transmitir conteúdo pontual, mostra-se limitado na preparação para a prática. A implementação das MA, contudo, enfrenta barreiras institucionais e culturais. **Considerações Finais:** As MA produzem efeitos mais alinhados à formação de um profissional de saúde autônomo e reflexivo, mas seu sucesso depende de um ecossistema educacional coerente, que inclua apoio institucional e capacitação docente.

Palavras-chave: Aprendizagem; Capacitação de Recursos Humanos em Saúde; Educação Superior

INTRODUÇÃO

O campo da educação em saúde vive, há algumas décadas, um profundo e necessário movimento de autoquestionamento. As transformações nos sistemas de saúde, especialmente no Brasil com a consolidação do Sistema Único de Saúde (SUS), e as novas demandas de uma sociedade complexa e informacional, expuseram as limitações de um modelo pedagógico tradicional, de herança flexneriana. Este modelo, caracterizado pela centralidade no professor, pela transmissão vertical de conteúdo e pela passividade do discente, tem sido progressivamente visto como insuficiente para formar profissionais dotados das competências que o século XXI exige: pensamento crítico, autonomia, capacidade de colaboração e de resolução de problemas em contextos reais e dinâmicos (Neves; Lauer-Leite; Priante, 2020).

Em resposta a essa crise de paradigma, as Metodologias Ativas (MA) emergiram não como uma mera alternativa, mas como um horizonte pedagógico fundamental. Estratégias como a Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP), a Sala de Aula Invertida e a Instrução por Pares (IpC) propõem uma inversão radical na lógica da sala de aula: o estudante é deslocado para o centro do processo, tornando-se um agente ativo e protagonista de sua própria jornada de

conhecimento (Cunha et al., 2024). A premissa é que a aprendizagem se torna mais significativa e duradoura quando o aluno é desafiado a interagir com problemas autênticos, a colaborar com seus pares e a construirativamente seu saber, em vez de apenas recebê-lo passivamente.

A literatura acadêmica tem documentado extensivamente essa transição, com um crescente corpo de evidências que sugerem efeitos positivos das MA. Estudos apontam que estudantes submetidos a currículos ativos, como o da ABP, tendem a apresentar maiores níveis de autoeficácia acadêmica, sentindo-se mais capazes de organizar e executar ações para atingir seus objetivos de aprendizagem quando comparados aos seus colegas do modelo tradicional (Lopes et al., 2020). Da mesma forma, a utilização de estratégias como a IpC tem demonstrado melhorar a retenção de conhecimento e a capacidade de autorreflexão dos estudantes (Azevedo; Azevedo Filho; Araújo, 2022).

Apesar do entusiasmo e das evidências promissoras, a comparação entre os modelos não é trivial e os resultados nem sempre são unívocos. A eficácia de uma metodologia está intrinsecamente ligada ao contexto de sua aplicação, à cultura institucional e à capacitação docente. Diante disso, torna-se imperativo sintetizar e analisar criticamente o que a produção científica recente revela sobre essa dicotomia. Esta revisão narrativa, portanto, busca responder à seguinte questão: Quais são os principais efeitos da utilização de metodologias ativas no ensino em saúde quando comparadas ao modelo tradicional?

OBJETIVO

Analizar os principais efeitos da utilização de metodologias ativas no ensino em saúde quando comparadas ao modelo tradicional.

MÉTODO

Este estudo se desenha como uma revisão narrativa, um mergulho na literatura recente para compreender e discutir o estado da arte de um tema pulsante na educação contemporânea. Optou-se por essa abordagem por sua flexibilidade em tecer uma análise contextual e teórica aprofundada, indo além da rigidez protocolar de uma revisão sistemática, o que nos permite dialogar mais livremente com os achados (Souza; Silva; Carvalho, 2010).

O ponto de partida para responder à nossa questão central, foi um universo inicial de 15 artigos, selecionados previamente da base de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO). A seleção ocorreu entre agosto e setembro de 2024.

O critério que guiou a seleção foi a capacidade de cada artigo de iluminar a comparação entre os dois modelos pedagógicos. Buscou-se estudos que, de forma explícita ou implícita, colocassem as metodologias ativas e o ensino tradicional em diálogo, seja por meio de estudos comparativos diretos ou de análises que permitissem inferir os efeitos de uma abordagem em detrimento da outra. Nesse processo, foram descartados os artigos que, embora relevantes para

o campo da educação, não atendiam diretamente ao escopo comparativo. Os critérios de exclusão foram: (a) foco em uma única metodologia sem um contraponto claro ao modelo tradicional; (b) objetivo de mapear estratégias existentes em vez de analisar seus efeitos; e (c) abordagem puramente teórico-filosófica sem análise de aplicação prática.

Após a aplicação desses critérios, a amostra final foi consolidada em 7 artigos. Cada um foi lido e interpretado com o objetivo de extrair não apenas seus resultados, mas a essência de seus argumentos. A discussão que se segue foi tecida a partir desse material, organizada em eixos temáticos que emergiram da própria leitura, refletindo os impactos das diferentes abordagens pedagógicas na autoeficácia, nas competências e na dinâmica da aprendizagem em saúde.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise comparativa dos 7 artigos selecionados permite delinear os efeitos da aplicação de metodologias ativas (MA) em contraste com o modelo tradicional de ensino. Os resultados, que ecoam por diferentes contextos da formação em saúde, podem ser organizados em três eixos de impacto: (1) no desenvolvimento de competências e na percepção dos estudantes; (2) na dinâmica do processo de ensino-aprendizagem; e (3) na preparação para a prática profissional e seus desafios inerentes.

Um dos efeitos mais consistentemente documentados das MA é o impacto positivo na autoeficácia e autonomia dos estudantes. Lopes et al. (2020) constataram que alunos de medicina em currículos de Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP) desenvolvem uma crença significativamente maior em sua própria capacidade de aprender e executar tarefas acadêmicas. Essa percepção de competência é crucial, pois, como aponta a teoria da agência de Bandura, estudantes que se sentem mais eficazes são mais propensos a se engajar em desafios e a persistir diante de dificuldades, um ciclo virtuoso que o modelo ativo parece fomentar de maneira mais potente que o tradicional.

As MA também se mostram superiores no desenvolvimento de competências transversais, como liderança e trabalho em equipe. O modelo tradicional, centrado na figura do professor, oferece poucas oportunidades para o exercício de habilidades colaborativas. Em contraste, estudos como o de Amestoy et al. (2021) mostram que a inserção precoce em cenários práticos e o trabalho em equipe, pilares das MA, são vistos pelos docentes como potencialidades cruciais para a formação de enfermeiros-líderes. A própria estrutura das MA, que exige diálogo e negociação, prepara o estudante para a complexa realidade do trabalho interprofissional no SUS.

A dinâmica da sala de aula e a relação com o conhecimento são profundamente alteradas. O ensino tradicional, mesmo quando utiliza tecnologias, tende a reproduzir uma lógica de transmissão vertical e avaliação somativa, onde o erro é um ponto final (Galizia et al., 2022).

As MA ressignificam esse processo. A Instrução por Pares (IpC), por exemplo, transforma a avaliação em um ponto de partida para o diálogo, melhorando a retenção de conhecimento ao permitir que os alunos discutam suas dúvidas e construam o saber coletivamente (Azevedo; Azevedo Filho; Araújo, 2022). Essa abordagem está alinhada com a pedagogia histórico-crítica, que defende a transmissão de conhecimento não como um depósito, mas como uma apropriação ativa pelo estudante (Pasqualini; Lavoura, 2020).

Contudo, a transição para as MA não é isenta de tensões e desafios. A implementação de um modelo ativo em uma cultura institucional tradicional gera atritos. Biffi et al. (2020) e Rodrigues, Todaro e Batista (2021) apontam para a mesma barreira central: a falta de formação pedagógica docente e a dissonância entre um currículo que prega a inovação e uma prática que ainda se apoia em aulas expositivas e avaliações convencionais. A resistência dos alunos, acostumados a um papel passivo, também é um obstáculo recorrente, evidenciando que a mudança de paradigma precisa ser construída e negociada com todos os atores envolvidos (Biffi et al., 2020).

Em síntese, a literatura comparativa aponta para uma clara vantagem das metodologias ativas na formação de competências complexas, essenciais ao profissional de saúde contemporâneo. Enquanto o modelo tradicional pode ter seu lugar na transmissão de informações pontuais, as MA são mais eficazes em promover autonomia, pensamento crítico e autoeficácia. Os efeitos positivos, no entanto, não são automáticos e dependem de um ecossistema educacional coerente, que alinhe projeto pedagógico, capacitação docente e uma cultura de aprendizagem colaborativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desta revisão, a resposta à pergunta sobre os efeitos da utilização de metodologias ativas em comparação ao modelo tradicional no ensino em saúde se revela clara e multifacetada. A literatura analisada converge para a conclusão de que as metodologias ativas, quando bem implementadas, são consistentemente superiores na formação de competências essenciais para o profissional de saúde contemporâneo. Os efeitos positivos não se limitam a um melhor desempenho em avaliações, mas se estendem a domínios mais profundos e complexos da formação, como o desenvolvimento da autoeficácia, da autonomia, do pensamento crítico e da capacidade de liderança.

O modelo tradicional, com sua estrutura centrada no professor e na transmissão de conteúdo, mostra-se eficaz em seu propósito limitado de repassar informações, mas falha em preparar o estudante para a complexidade e a imprevisibilidade da prática profissional. As metodologias ativas, ao contrário, ao simularem desafios reais e exigirem uma postura protagonista do aluno, promovem uma aprendizagem mais significativa e duradoura, pois o conhecimento é construído na ação e na reflexão, e não apenas memorizado.

Contudo, seria uma simplificação ingênua declarar a vitória de um modelo sobre o outro sem reconhecer as profundas barreiras que impedem a plena realização do potencial das abordagens ativas. A eficácia de uma metodologia não é uma propriedade intrínseca, mas o resultado de um ecossistema educacional coerente. A falta de formação pedagógica docente, a rigidez das estruturas curriculares e a cultura de passividade discente são obstáculos reais que, muitas vezes, reduzem práticas inovadoras a meros exercícios técnicos, esvaziados de seu potencial transformador.

Portanto, este estudo conclui que, embora os efeitos das metodologias ativas sejam comprovadamente benéficos, seu sucesso depende de um compromisso institucional com a mudança, que deve ir além do discurso. É fundamental investir na capacitação contínua dos professores e na reestruturação dos currículos para que estes deem suporte, e não sufoquem, as novas práticas. O futuro da educação em saúde não reside na simples substituição de um método por outro, mas na construção de uma cultura pedagógica que valorize o diálogo, a problematização e a formação de profissionais que sejam, acima de tudo, capazes de aprender a aprender ao longo de toda a vida.

REFERÊNCIAS

AMESTOY, S. C. et al. Fragilidades e potencialidades na formação de enfermeiros-líderes. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 42, e20200196, 2021.

AZEVEDO, K. L. da F.; AZEVEDO FILHO, F. M. de A.; ARAÚJO, K. M. da F. A. Instrução entre pares como método de ensino superior na área da saúde: uma revisão integrativa. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 46, n. 3, e115, 2022.

BIFFI, M. et al. Metodologias Ativas de Aprendizagem: Desafios dos Docentes de Duas Faculdades de Medicina do Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 44, n. 4, e145, 2020.

CUNHA, M. B. da et al. Metodologias ativas: em busca de uma caracterização e definição. **Educação em Revista**, v. 40, e39442, 2024.

GALIZIA, F. S. et al. Tensões entre educação tradicional e uso de TDIC no ensino remoto emergencial durante a pandemia. **Revista Actualidades Investigativas en Educación**, v. 22, n. 2, p. 1-30, 2022.

LOPES, J. M. et al. Autoeficácia de Estudantes de Medicina em Duas Escolas com Metodologias de Ensino Diferentes (Aprendizado Baseado em Problemas versus Tradicional). **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 44, n. 2, e048, 2020.

NEVES, M. G. B. C.; LAUER-LEITE, I. D.; PRIANTE, P. T. As concepções de preceptores do SUS sobre metodologias ativas na formação do profissional da saúde. **Educação em Revista**, v. 36, e207303, 2020.

PASQUALINI, J. C.; LAVOURA, T. N. A transmissão do conhecimento em debate: estaria a pedagogia histórico-crítica reabilitando o ensino tradicional? **Educação em Revista**, v. 36, e221954, 2020.

RODRIGUES, C. C.; TODARO, M. de Á.; BATISTA, C. B. Saúde do idoso: discursos e práticas educativas na formação médica. **Educação em Revista**, v. 37, e20811, 2021.

SOUZA, M. T. de; SILVA, M. D. da; CARVALHO, R. de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein** (São Paulo), v. 8, n. 1, p. 102–106, mar. 2010.

PROCEDIMENTOS DE ENFERMAGEM PERANTE PACIENTES APRESENTANDO TOXICIDADES ADVINDAS DA IMUNOTERAPIA CAR-T: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DE SÍNTESE SEM METANÁLISE (SWIM)

Eixo: Tecnologias Emergentes e Inovação em Saúde

Leandro Maia Leão

Graduado em Enfermagem pelo Centro Universitário CESMAC, Maceió AL

Luciana da Silva Viana

Doutora em Química e Biotecnologia pela Universidade Federal de Alagoas, Maceió AL

RESUMO

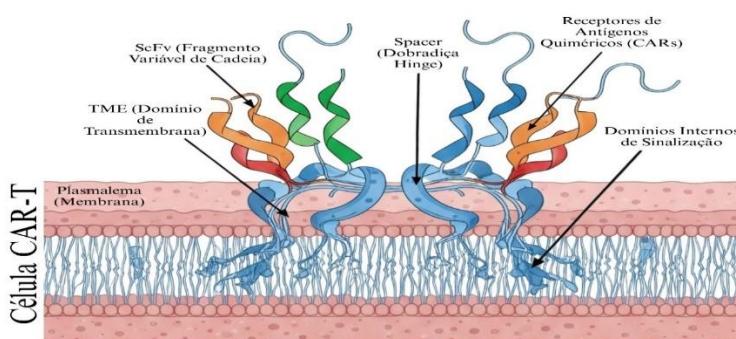
A terapia com células CAR-T, um avanço revolucionário no tratamento de cânceres hematológicos, apresenta desafios únicos de toxicidade, como a Síndrome de Liberação de Citocinas (CRS) e a Síndrome de Neurotoxicidade Associada a Células Efetoras Imunes (ICANS). Este artigo de revisão sistemática teve como objetivo analisar as evidências científicas sobre os procedimentos de enfermagem para o manejo dessas toxicidades. A pesquisa, que incluiu 31 estudos, demonstra que a enfermagem especializada é fundamental para a segurança do paciente, utilizando ferramentas como o escore ICE para detecção precoce de neurotoxicidades. As intervenções de enfermagem vão desde cuidados de suporte até a administração de terapias de resgate e o gerenciamento de complicações tardias, como a aplasia de células B. Conclui-se que a Enfermagem de Práticas Avançadas em Oncologia é indispensável para mitigar os riscos e garantir o sucesso da imunoterapia CAR-T.

Palavras-chave: Assistência de Enfermagem; Terapia CAR com Células T; Síndromes Neurotóxicas.

INTRODUÇÃO

A Imunoterapia com Linfócitos T geneticamente modificados para expressar Receptores de Antígenos Quiméricos (CAR-T) consolidou-se como um dos avanços mais transformadores na oncologia moderna (Leão, 2025). Essa tecnologia reprograma as células T do próprio paciente para que reconheçam e eliminem células tumorais com alta especificidade, alcançando taxas de remissão sem precedentes em malignidades hematológicas refratárias, como a Leucemia Linfoblástica Aguda (LLA) e o Linfoma Difuso de Grandes Células B (LDGCB) (Neelapu et al., 2017; Schuster et al., 2019; Picanço-Castro et al., 2021; Leão et al., 2025b). A estrutura complexa de um Receptor de Antígeno Quimérico está devidamente ilustrada na figura 1.

Figura 1. Representação esquemática da estrutura de um Receptor de Antígeno Quimérico (CAR).



Legenda: A figura ilustra os componentes moleculares de um Receptor de Antígeno Quimérico (CAR) expresso na superfície de uma célula linfocitária T, sua composição é: domínio de ligação (ScFv), domínio de dobradiça (Spacer ou Hinge), domínio transmembrana (TME) e domínios internos de sinalização intracelulares, responsáveis por desencadear a resposta antitumoral.

Fonte: Autores (2025).

Apesar de sua notável eficácia, a terapia CAR-T possui um perfil de toxicidade único e potencialmente fatal, que difere dos efeitos adversos da quimioterapia convencional (Brudno; Kochenderfer, 2016; Santomasso et al., 2021; Elmarasi et al., 2024; Leão et al., 2025c). As duas principais e mais temidas toxicidades são a Síndrome de Liberação de Citocinas (CRS) e a Síndrome de Neurotoxicidade Associada a Células Efetoras Imunes (ICANS) (Gust; Taraseviciute; Turtle, 2018; Morris et al., 2021; Leão et al., 2025a). A CRS é uma resposta inflamatória sistêmica massiva que pode levar à disfunção de múltiplos órgãos (Lee et al., 2014; Morris et al., 2021), enquanto a ICANS é uma complicação neurológica complexa que pode variar de confusão mental a edema cerebral fatal (Gust; Taraseviciute; Turtle, 2018; Santomasso et al., 2021; Morris et al., 2021).

Nesse cenário de alta complexidade, a prática de enfermagem avançada emerge como um pilar fundamental para a segurança do paciente e o sucesso da terapia (Kisielewski; Naegele, 2024). A natureza súbita e a rápida progressão dessas toxicidades exigem vigilância contínua e uma avaliação especializada que recaem primariamente sobre a equipe de enfermagem (Frey; Porter, 2019; Browne et al., 2021; Ellard et al., 2022). O enfermeiro oncológico é o profissional responsável pela monitorização rigorosa, detecção precoce, administração de terapias de resgate e escalonamento do cuidado, atuando como um agente crítico na prevenção da morbimortalidade (Frey; Porter, 2019; Ellard et al., 2022; Gupta et al., 2024).

OBJETIVO

O objetivo do estudo foi sintetizar e analisar sistematicamente as evidências científicas concernentes a procedimentos e intervenções de enfermagem para o monitoramento, avaliação e manejo dos efeitos adversos em pacientes que apresentem neurotoxicidades associadas à imunoterapia CAR-T.

MÉTODOS

O presente estudo foi configurado como uma revisão sistemática da literatura (Rother, 2007), com uma abordagem qualitativa (Pereira et al., 2018) e de caráter bibliográfico (Snyder, 2019). Para garantir a transparência e a reproduzibilidade do processo, a condução e o relato da pesquisa seguiram rigorosamente os itens da diretriz Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (PRISMA2020) (Page et al., 2021).

Para a formulação da questão norteadora da pesquisa, foi utilizada a estratégia PICO (População, Intervenção, Comparação, Desfecho), um acrônimo que estrutura a pergunta para

garantir a relevância e a precisão dos estudos a serem incluídos (Eriksen; Frandsen, 2018). A busca pelas evidências foi realizada de forma sistemática e abrangente entre os meses de agosto e setembro de 2025, nas bases de dados eletrônicas PubMed, Web of Science, Scopus e Embase, utilizando uma combinação de descritores controlados e termos livres para maximizar a captura da produção científica relevante.

O processo de seleção dos artigos foi realizado por dois pesquisadores de forma independente, utilizando o software de organização de referências Rayyan para facilitar a triagem e a seleção dos estudos (Ouzzani et al., 2016). Inicialmente, títulos e resumos foram avaliados, e os artigos considerados potencialmente elegíveis foram submetidos à análise do texto completo para a aplicação final dos critérios de inclusão e exclusão. As divergências foram resolvidas por consenso entre os pesquisadores.

Dada a heterogeneidade dos desenhos dos estudos incluídos, que variavam de diretrizes clínicas a revisões narrativas, optou-se por uma síntese narrativa dos resultados, estruturada com base no protocolo Synthesis Without Meta-analysis (SWiM), que oferece uma abordagem rigorosa para a síntese de evidências sem a realização de uma metanálise quantitativa (Campbell et al., 2020).

Para a análise qualitativa dos dados extraídos dos 31 estudos selecionados, foi empregado o método de Análise de Conteúdo proposto por Laurence Bardin (2016). Este método foi organizado em três fases cronológicas: pré-análise (leitura flutuante e familiarização com o conteúdo), exploração do material (codificação e categorização dos dados) e, por fim, o tratamento dos resultados, com inferência e interpretação para construir uma argumentação coesa sobre o estado da arte da enfermagem na área da imunoterapia CAR-T.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos estudos revelou que a prática de enfermagem na terapia CAR-T é altamente especializada e crucial para a segurança e eficácia do tratamento. O papel do enfermeiro evoluiu para uma função de vigilância imunológica intensiva, onde a avaliação precisa e a intervenção rápida são determinantes para os desfechos clínicos.

Protocolos de Avaliação e Detecção Precoce

A detecção precoce é a base do manejo seguro, e a enfermagem é a principal responsável por essa vigilância. Diretrizes de sociedades como a EBMT e a ASCO recomendam monitoramento rigoroso, incluindo a verificação de sinais vitais a cada 4 horas e o acompanhamento de exames laboratoriais diários (Ellard et al., 2022; Kröger et al., 2022; Santomasso et al., 2021). Um avanço significativo foi a adoção de ferramentas padronizadas para a avaliação neurológica, com destaque para o escore de Encefalopatia Associada a Células Efetoras Imunes (ICE), recomendado pela ASTCT (Lee et al., 2019). O escore ICE é uma avaliação de 10 pontos que testa orientação, atenção, nomeação de objetos e escrita, sendo que

a disgrafia é frequentemente um dos primeiros sinais de ICANS (Ellard et al., 2022; Erdal et al., 2024). A aplicação seriada dessa ferramenta transforma uma avaliação subjetiva em um dado quantificável que serve como gatilho para ações clínicas predefinidas, como a administração de corticosteroides, ligando diretamente a avaliação de enfermagem a uma resposta terapêutica imediata (Lee et al., 2019; Santomasso et al., 2021).

Intervenções de Enfermagem

O manejo das toxicidades abrange um contínuo de cuidados, desde o suporte agressivo até terapias farmacológicas (Brudno; Kochenderfer, 2016). Para a febre, administra-se antipiréticos; para a hipotensão, a primeira linha é a reposição volêmica (Ellard et al., 2022); e para a hipóxia, utiliza-se oxigênio suplementar (Santomasso et al., 2021). Quando o suporte não é suficiente, a enfermagem administra terapias farmacológicas específicas (Rankin et al., 2024). Para a CRS de grau moderado a grave, o tratamento de primeira linha é o Tocilizumabe (Frey; Porter, 2019; Morris et al., 2021). Para a ICANS e CRS refratária, a base do tratamento são os corticosteroides, como a Dexametasona (Brudno; Kochenderfer, 2016; Santomasso et al., 2021). Uma responsabilidade crítica da enfermagem é reconhecer os gatilhos para o escalonamento do cuidado, indicando a necessidade de transferência para a Unidade de Terapia Intensiva (UTI) (Fitzgerald et al., 2017; Browne et al., 2021).

Gestão de Complicações Tardias e Sobrevida

O cuidado de enfermagem não termina após a fase aguda (Montoro-Lorite et al., 2024). A complicação tardia mais comum é a aplasia de células B, que leva à hipogamaglobulinemia, aumentando drasticamente o risco de infecções (Cordeiro et al., 2018; Stewart; Henden, 2021). O manejo desse risco inclui o monitoramento mensal dos níveis de imunoglobulina (IgG) e, se necessário, a terapia de reposição (Mahadeo et al., 2019; Kampouri et al., 2022). Além disso, a enfermagem coordena um cronograma de revacinação, que deve começar de 6 a 12 meses após a infusão (Hill; Seo, 2020; Buitrago et al., 2019). Esse cuidado de longo prazo, que pode se estender por até 15 anos (Yakoub-Agha et al., 2020), exige a criação de um plano de sobrevida abrangente, destacando o papel essencial do enfermeiro de práticas avançadas (Kisielewski; Naegele, 2024).

CONCLUSÃO

Infere-se das evidências que a enfermagem especializada é um pilar indispensável da terapia com células CAR-T. O manejo seguro e eficaz das toxicidades associadas a este tratamento depende criticamente da vigilância, da avaliação precisa e da intervenção proativa da equipe de enfermagem. A enfermagem atua como o principal agente na detecção precoce, na administração de terapias de resgate na fase aguda e na liderança do cuidado de sobrevida, gerenciando a imunodeficiência crônica e coordenando planos de acompanhamento de longo prazo. O sucesso contínuo da terapia CAR-T está intrinsecamente ligado ao fortalecimento da

prática de enfermagem avançada, capacitando e reconhecendo o enfermeiro como um especialista em imunoterapia celular para garantir a máxima segurança ao paciente.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 1. ed. Lisboa: Edições 70, 2016.
- BROWNE, E. K. et al. Evidence-based recommendations for nurse monitoring and management of immunotherapy-induced cytokine release syndrome: A systematic review from the children's oncology group. **Journal of Pediatric Oncology Nursing**, v. 38, n. 6, p. 399-409, 2021.
- BRUDNO, J. N.; KOCHENDERFER, J. N. Toxicities of chimeric antigen receptor T cells: recognition and management. **Blood**, v. 127, n. 26, p. 3321-3330, 2016.
- BUITRAGO, J. et al. Adult survivorship: Considerations following CAR T-cell therapy. **Clinical Journal of Oncology Nursing**, v. 23, n. 2, p. 42-48, 2019.
- CAMPBELL, Mhairi et al. Synthesis without meta-analysis (SWiM) in systematic reviews: reporting guideline. **BMJ (Clinical research ed.)**, v. 368, p. l6890, 2020.
- CORDEIRO, A. et al. Late effects of CD19-targeted CAR-T cell therapy. **Blood**, v. 132, n. Supplement 1, p. 223-223, 2018.
- ELLARD, R. et al. The EBMT immune effector cell nursing guidelines on CAR-T therapy: A framework for patient care and managing common toxicities. **Clinical Hematology International**, v. 4, n. 3, p. 75-88, 2022.
- ELMARASI, M. et al. CAR-T cell therapy: Efficacy in management of cancers, adverse effects, dose-limiting toxicities and long-term follow up. **International Immunopharmacology**, v. 135, p. 112312, 2024.
- ERDAL, S. et al. Evaluation of toxicity associated with CAR-T cell therapy and nursing interventions. **Bezmialem Science**, v. 12, n. 4, p. 470-478, 2024.
- ERIKSEN, M. B.; FRANDSEN, T. F. The impact of patient, intervention, comparison, outcome (PICO) as a search strategy tool on literature search quality: a systematic review. **Journal of the Medical Library Association**, v. 106, n. 4, p. 420-431, 2018.
- FITZGERALD, J. C. et al. Cytokine release syndrome after chimeric antigen receptor T cell therapy for acute lymphoblastic leukemia. **Critical Care Medicine**, v. 45, n. 2, p. e124-e131, 2017.
- FREY, N.; PORTER, D. Cytokine release syndrome with chimeric antigen receptor T cell therapy. **Biology of Blood and Marrow Transplantation**, v. 25, n. 4, p. e123-e127, 2019.

GUPTA, A. et al. CAR T-cell therapy in cancer: Integrating nursing perspectives for enhanced patient care. **Asia-Pacific Journal of Oncology Nursing**, v. 11, n. 10, p. 100579, 2024.

GUST, J.; TARASEVICIUTE, A.; TURTLE, C. J. Neurotoxicity associated with CD19-targeted CAR-T cell therapies. **CNS Drugs**, v. 32, n. 12, p. 1091-1101, 2018.

HILL, J. A.; SEO, S. K. How I prevent infections in patients receiving CD19-targeted chimeric antigen receptor T cells for B-cell malignancies. **Blood**, v. 136, n. 8, p. 925-935, 2020.

KAMPOURI, E. et al. Managing hypogammaglobulinemia in patients treated with CAR-T-cell therapy: key points for clinicians. **Expert Review of Hematology**, v. 15, n. 4, p. 305-320, 2022.

KISIELEWSKI, D.; NAEGELE, M. Advanced practice nursing and CAR-T cell therapy: Opportunities, challenges and future directions. **Seminars in Oncology Nursing**, v. 40, n. 3, p. 151628, 2024.

KRÖGER, N. et al. (Org.). The EBMT/EHA CAR-T cell handbook. **Springer Nature**, 2022.

LEÃO, L. M. O fármaco vivo a saga da imunoterapia car e a revolução da medicina programável. **Amazon Direct Publishing**, 2025.

LEÃO, L. M. et al. Imunoterapia por Receptores de Antígenos Químéricos (CARs) para células Assassinas Naturais (NK), abordagens terapêuticas e perspectivas futuras na área oncológica: uma revisão sistemática de Síntese Sem Metanálise (SWIM). **Research, Society and Development**, v. 14, n. 8, p. e0514849317, 2025a.

LEÃO, L. M. et al. Imunoterapia por receptores de antígenos químéricos no tratamento oncológico: uma revisão integrativa. **Revista FT**, 2025b.

LEÃO, L. M. et al. Fatores de risco para desenvolvimento de síndromes neurotóxicas por uso de células CAR-T: Uma revisão integrativa. **Research, Society and Development**, v. 14, n. 6, p. e6514649076, 2025c.

LEE, D. W. et al. Current concepts in the diagnosis and management of cytokine release syndrome. **Blood**, v. 124, n. 2, p. 188-195, 2014.

LEE, D. W. et al. ASTCT consensus grading for cytokine release syndrome and neurologic toxicity associated with immune effector cells. **Biology of Blood and Marrow Transplantation**, v. 25, n. 4, p. 625-638, 2019.

MAHADEO, K. M. et al. Management guidelines for paediatric patients receiving chimeric antigen receptor T cell therapy. **Nature Reviews Clinical Oncology**, v. 16, n. 1, p. 45-63, 2019.

MONTORO-LORITE, M. et al. Nursing care for chimeric antigen receptor T cell therapy survivors: A literature review. **Asia-Pacific Journal of Oncology Nursing**, v. 11, n. 6, p. 100495, 2024.

MORRIS, E. C. et al. Cytokine release syndrome and associated neurotoxicity in cancer immunotherapy. **Nature Reviews Immunology**, v. 22, n. 2, p. 85-96, 2021.

NEELAPU, S. S. et al. Axicabtagene ciloleucel CAR T-cell therapy in refractory large B-cell lymphoma. **The New England Journal of Medicine**, v. 377, n. 26, p. 2531-2544, 2017.

OUZZANI, M. et al. Rayyan a web and mobile app for systematic reviews. **Systematic Reviews**, v. 5, n. 1, p. 210, 2016.

PAGE, M. J. et al. The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews. **BMJ**, v. 372, n71, 2021.

PEREIRA, A. S. et al. **Metodologia da pesquisa científica**. Santa Maria: UAB/NTE/UFSCM, 2018.

PICANÇO-CASTRO, V. et al. Associação Brasileira de Hematologia, Hemoterapia e Terapia Celular Consensus on genetically modified cells. VIII: CAR-T cells: preclinical development Safety and efficacy evaluation. **Hematology, Transfusion and Cell Therapy**, v. 43, suppl. 2, p. S54-S63, 2021.

RANKIN, A. W. et al. Evolving strategies for addressing CAR T-cell toxicities. **Cancer Metastasis Reviews**, v. 44, n. 1, p. 17, 2024.

ROTHER, E. T. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 20, n. 2, p. v-vi, 2007.

SANTOMASSO, B. D. et al. Management of immune-related adverse events in patients treated with chimeric antigen receptor T-cell therapy: ASCO guideline. **Journal of Clinical Oncology**, v. 39, n. 35, p. 3978-3992, 2021.

SCHUSTER, S. J. et al. Tisagenlecleucel in adult relapsed or refractory diffuse large B-cell lymphoma. **The New England Journal of Medicine**, v. 380, n. 1, p. 45-56, 2019.

SNYDER, H. Literature review as a research methodology: An overview and guidelines. **Journal of Business Research**, v. 104, p. 333-339, 2019.

STEWART, A. G.; HENDEN, A. S. Infectious complications of CAR T-cell therapy: a clinical update. **Therapeutic Advances in Infectious Disease**, v. 8, 2021.

YAKOUB-AGHA, I. et al. Management of adults and children undergoing chimeric antigen receptor T-cell therapy: best practice recommendations of the European Society for Blood and Marrow Transplantation (EBMT) and the Joint Accreditation Committee of ISCT and EBMT (JACIE). **Haematologica**, v. 105, n. 2, p. 297-316, 2020.

RESIDÊNCIA MULTIPROFISSIONAL EM SAÚDE: EFEITOS NO DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS COLABORATIVAS E NO TRABALHO EM EQUIPE NO SUS

Eixo: Educação e saúde em rede

Cleiton Charles da Silva

Mestre em Saúde da Família pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, João Pessoa PB

Emanuele Borges Halinski

Bacharel em Biomedicina pelo Centro Universitário de Adamantina – FAI, Adamantina SP

Beatriz Peres Vidal

Doutoranda em Biotecnologia pela Universidade Federal da Bahia - UFBA, Salvador, BA

Vanessa Mayra Bispo da Paz

Graduanda em Medicina pela Universidade Maria Auxiliadora – UMAX, Assunção- PY

Carlos Henrique da Silva Xavier

Pós-graduando em Higiene e Inspeção de Produtos de Origem Animal pela Faculeste, Rio de Janeiro RJ

RESUMO

Introdução: O trabalho em equipe é um pilar para a integralidade do cuidado no Sistema Único de Saúde (SUS). As Residências Multiprofissionais em Saúde (RMS) surgem como estratégia central para desenvolver competências colaborativas. **Objetivo:** Analisar os efeitos da residência multiprofissional no desenvolvimento de competências colaborativas e no fortalecimento do trabalho em equipe no SUS. **Método:** Revisão narrativa da literatura a partir de 7 artigos selecionados da base de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO). A análise crítico-interpretativa dos estudos foi organizada em eixos temáticos. **Resultados e Discussão:** A estrutura da RMS favorece a interprofissionalidade e o desenvolvimento de uma visão integral do cuidado. Contudo, a fragilidade da preceptoria e a precarização dos serviços de saúde são barreiras significativas que limitam o potencial colaborativo. **Considerações Finais:** A RMS tem efeito positivo no desenvolvimento de competências colaborativas, mas sua consolidação depende de investimentos na formação de preceptores e na melhoria das condições de trabalho nos serviços.

Palavras-chave: Equipe de Assistência ao Paciente; Programas de Pós-Graduação em Saúde; Relações Interprofissionais.

INTRODUÇÃO

A consolidação do Sistema Único de Saúde (SUS) no Brasil impôs uma profunda revisão nos modelos de formação dos profissionais da área. A superação de uma lógica fragmentada, centrada no modelo biomédico e organizada em silos disciplinares, tornou-se um imperativo para a construção de um cuidado verdadeiramente integral e equânime. Nesse contexto, o trabalho em equipe e a colaboração interprofissional deixaram de ser um ideal para se tornarem uma competência essencial, um pilar para a efetivação dos princípios do SUS na prática cotidiana dos serviços (Onocko-Campos; Emerich; Ricci, 2019).

É justamente nesse cenário de transformação que os Programas de Residência Multiprofissional em Saúde (PRMS) surgem como uma das mais potentes estratégias de educação em serviço. Instituídos legalmente em 2005, os PRMS foram concebidos para reorientar a formação a partir da realidade do trabalho, promovendo uma imersão supervisionada dos profissionais em cenários práticos do SUS. A premissa fundamental dessa modalidade é que a aprendizagem significativa ocorre na interação, no encontro entre diferentes núcleos de saber e na problematização conjunta dos desafios do território (Souza; Ferreira, 2019).

A literatura acadêmica tem se debruçado sobre os efeitos dessa modalidade formativa, e um dos eixos de análise mais recorrentes é justamente seu impacto nas dinâmicas colaborativas. Estudos apontam que a própria estrutura dos PRMS, ao reunir profissionais de diversas áreas para atuarem juntos, já fomenta um ambiente propício ao desenvolvimento de competências para o trabalho em equipe (Flor et al., 2023). A vivência compartilhada no serviço de saúde, com suas tensões e potências, parece estimular o reconhecimento da importância do saber do outro e a necessidade de construir projetos terapêuticos de forma conjunta e negociada (Carneiro; Teixeira; Pedrosa, 2021).

Contudo, a simples coexistência de diferentes profissões em um mesmo espaço não garante, por si só, a construção de uma prática colaborativa. A superação do que se convencionou chamar de "tribalismo das profissões" enfrenta barreiras culturais e institucionais profundas, que também se manifestam no âmbito das residências (Flor et al., 2023). Diante disso, torna-se crucial analisar o que as pesquisas mostram sobre os resultados concretos dessa estratégia. Esta revisão narrativa, portanto, busca responder à seguinte questão: Quais são os efeitos da residência multiprofissional no desenvolvimento de competências colaborativas e no fortalecimento do trabalho em equipe no SUS?

OBJETIVO

Analizar os efeitos da residência multiprofissional no desenvolvimento de competências colaborativas e no fortalecimento do trabalho em equipe no SUS.

MÉTODO

Para explorar os efeitos da residência multiprofissional no desenvolvimento de competências colaborativas, este estudo optou por uma revisão narrativa. Tal escolha metodológica permitiu tecer um diálogo contextualizado com a literatura, indo além de uma simples catalogação de resultados. Este tipo de revisão oferece a liberdade de interpretar e conectar ideias, construindo uma argumentação coesa sobre o estado da arte do tema, em vez de nos atermos à rigidez protocolar de uma revisão sistemática (Souza; Silva; Carvalho, 2010).

A busca pelos artigos foi realizada durante os meses de agosto e setembro de 2024, com foco na base de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO), dada a sua proeminência na divulgação da produção científica brasileira e latino-americana na área da saúde. O universo de análise foi constituído pelos 7 artigos previamente selecionados para este projeto, todos abordando a temática da Residência Multiprofissional em Saúde no Brasil.

O critério de inclusão para a análise aprofundada nesta revisão foi a presença de discussões, resultados ou reflexões que abordassem diretamente a dinâmica do trabalho em equipe e o desenvolvimento de competências colaborativas ou interprofissionais no contexto dos Programas de Residência. Foram priorizados estudos que explorassem as interações entre

residentes de diferentes núcleos profissionais, a relação com as equipes dos serviços e o papel da preceptoria na mediação dessas práticas.

Não houve exclusão de artigos da amostra inicial de 7 trabalhos, pois todos, em maior ou menor grau, tangenciavam o tema do trabalho multiprofissional, sendo este um pilar central da própria concepção das Residências. A análise do material consistiu em uma leitura crítico-interpretativa, buscando identificar nos textos os efeitos diretos e indiretos da experiência da residência sobre a prática colaborativa. Os achados foram categorizados em eixos temáticos que refletem as potencialidades e os desafios para a consolidação do trabalho em equipe, permitindo uma discussão integrada e coesa que responde à questão norteadora deste estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos artigos selecionados revela que a RMS funciona como um potente dispositivo para o desenvolvimento de competências colaborativas, embora esse processo não seja isento de tensões e desafios. Os efeitos dessa modalidade formativa podem ser compreendidos a partir de três eixos interligados: (1) a estrutura da residência como promotora da interprofissionalidade; (2) o papel das práticas pedagógicas e da preceptoria; e (3) os desafios e contradições encontrados no cotidiano dos serviços.

A própria concepção da RMS, ao reunir profissionais de diferentes núcleos de saber em um mesmo espaço de formação em serviço, cria um ambiente fértil para a colaboração. Os estudos mostram que essa convivência estimula o reconhecimento da importância e dos limites de cada área, fomentando uma visão mais integral do cuidado (Flor et al., 2023). A experiência de atuar em equipe, desde o início da formação, é apontada pelos residentes como uma das maiores potencialidades do programa, pois os força a negociar, a compartilhar saberes e a construir projetos terapêuticos de forma conjunta, superando a lógica uniprofissional (Carneiro; Teixeira; Pedrosa, 2021). Essa vivência é vista como uma das maiores potencialidades dos programas, pois alinha a formação diretamente com a lógica de trabalho em rede preconizada pelo SUS (Bernardo et al., 2020).

As estratégias pedagógicas adotadas são cruciais para catalisar essa colaboração. A utilização de metodologias ativas, como a discussão de casos clínicos e seminários, cria espaços formais para a troca e a construção coletiva do conhecimento (Onocko-Campos; Emerich; Ricci, 2019). Nesse contexto, a figura do preceptor é central. Um preceptor que atua como mediador, que valoriza o diálogo e que promove a reflexão sobre a prática, contribui decisivamente para que a experiência multiprofissional se transforme em uma aprendizagem colaborativa efetiva (Souza; Ferreira, 2019; Rodrigues; Witt, 2022).

Contudo, a literatura também expõe as barreiras que dificultam o pleno desenvolvimento do trabalho em equipe. A cultura de fragmentação e a hierarquia entre as profissões, ainda muito

presentes nos serviços de saúde, representam um obstáculo significativo. Residentes relatam que, muitas vezes, a colaboração não acontece de forma fluida, havendo disputas de poder e uma tendência ao isolamento nos núcleos profissionais (Carneiro; Teixeira; Pedrosa, 2021). A precarização das condições de trabalho e a sobrecarga assistencial também impactam negativamente, pois reduzem o tempo disponível para discussões e planejamentos conjuntos (Silva; Moreira, 2019).

Além disso, a falta de uma definição institucional clara sobre o papel do preceptor e a ausência de formação pedagógica específica para essa função comprometem seu potencial como articulador da equipe (Souza; Ferreira, 2019). Sem um preceptor preparado para mediar conflitos e estimular a colaboração, a residência corre o risco de reproduzir a mesma lógica fragmentada do serviço. A pesquisa de Flor et al. (2023) evidencia essa fragilidade, mostrando que, embora a formação seja bem avaliada em seus aspectos gerais, a preceptoria ainda é um ponto de vulnerabilidade.

Em síntese, os resultados indicam que a Residência Multiprofissional tem um efeito inegavelmente positivo no desenvolvimento de competências colaborativas, simplesmente por sua estrutura e proposta inovadora. Ela expõe os profissionais a uma realidade interprofissional que a graduação tradicional raramente oferece. No entanto, para que esse potencial se converta plenamente em um fortalecimento do trabalho em equipe no SUS, é preciso superar as barreiras estruturais e culturais. Isso exige um investimento contínuo na formação de preceptores e na criação de uma cultura institucional que valorize e sustente, na prática, o discurso da interprofissionalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta revisão narrativa, ao debruçar-se sobre a literatura recente, confirma que os Programas de Residência Multiprofissional em Saúde (PRMS) são, em sua essência, um dos mais potentes dispositivos para o desenvolvimento de competências colaborativas e para o fortalecimento do trabalho em equipe no SUS. A própria arquitetura do programa, que promove a imersão conjunta de diferentes categorias profissionais nos cenários de prática, funciona como um catalisador para a quebra de silos disciplinares e para a construção de uma visão mais integral e compartilhada do cuidado.

Os efeitos positivos são evidentes: os residentes aprendem a dialogar, a negociar e a valorizar os saberes de outras profissões, desenvolvendo uma cultura de colaboração que é fundamental para a lógica da atenção em rede. A residência, portanto, não apenas especializa o profissional em sua área, mas o educa para a complexa dinâmica do trabalho interprofissional, respondendo diretamente a uma das principais diretrizes do SUS e a uma necessidade premente dos serviços de saúde.

Contudo, seria ingênuo concluir que o potencial se traduz automaticamente em prática consolidada. Os estudos analisados também iluminam as profundas contradições que permeiam essa experiência. A fragilidade da preceptoria, a sobrecarga de trabalho e a persistência de culturas profissionais hierarquizadas nos serviços de saúde atuam como barreiras significativas, que podem limitar ou até mesmo minar o desenvolvimento de uma prática verdadeiramente colaborativa. A residência, muitas vezes, acontece apesar da estrutura, e não por causa dela.

Portanto, a principal conclusão deste trabalho é que, embora a Residência Multiprofissional tenha um efeito intrinsecamente positivo na promoção de competências colaborativas, sua sustentabilidade e aprofundamento dependem de um investimento mais robusto em seus pilares pedagógicos e estruturais. É crucial e urgente fortalecer a figura do preceptor, oferecendo-lhe formação, tempo e reconhecimento institucional. Sem preceptores preparados para mediar as relações e facilitar os processos de grupo, o potencial interprofissional da residência corre o risco de se esvaziar.

O fortalecimento do trabalho em equipe no SUS, portanto, passa necessariamente pelo fortalecimento dos PRMS, e este, por sua vez, passa pelo fortalecimento da preceptoria. Este é o desafio que se impõe para que essa inovadora estratégia de formação cumpra plenamente sua promessa de transformar o cuidado em saúde no Brasil.

REFERÊNCIAS

- BERNARDO, M. da S. et al. A formação e o processo de trabalho na Residência Multiprofissional em Saúde como estratégia inovadora. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 73, n. 6, e20190635, 2020.
- CARNEIRO, E. M.; TEIXEIRA, L. M. S.; PEDROSA, J. I. dos S. A Residência Multiprofissional em Saúde: expectativas de ingressantes e percepções de egressos. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 31, n. 3, e310314, 2021.
- FLOR, T. B. M. et al. Análise da formação em Programas de Residência Multiprofissional em Saúde no Brasil: perspectiva dos egressos. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 28, n. 1, p. 281-290, 2023.
- ONOCKO-CAMPOS, R.; EMERICH, B. F.; RICCI, E. C. Residência Multiprofissional em Saúde Mental: suporte teórico para o percurso formativo. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 23, e170813, 2019.
- RODRIGUES, C. D. S.; WITT, R. R. Mobilização e estruturação de competências para a preceptoria na residência multiprofissional em saúde. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 20, e00295186, 2022.

SILVA, R. M. B. da; MOREIRA, S. da N. T. Estresse e Residência Multiprofissional em Saúde: Compreendendo Significados no Processo de Formação. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 43, n. 4, p. 157-166, 2019.

SOUZA, M. T. de; SILVA, M. D. da; CARVALHO, R. de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein** (São Paulo), v. 8, n. 1, p. 102–106, mar. 2010.

SOUZA, S. V. de; FERREIRA, B. J. Preceptoria: perspectivas e desafios na Residência Multiprofissional em Saúde. **ABCS Health Sciences**, v. 44, n. 1, p. 15-21, 2019.

SENSIBILIZAÇÃO COMUNITÁRIA PARA O MANEJO DA PARADA CARDIORRESPIRATÓRIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Eixo: Inovação em Saúde Pública e Educação Comunitária

Ana Carolina Guadalupe de Melo

Estudante de Enfermagem na Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Priscila Leticia Vejar da Silva

Enfermeira. Mestranda em Ciências na Universidade Federal do Rio Grande - FURG

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo relatar a experiência no Dia Nacional da Reanimação Cardiopulmonar. Trata-se de um relato de experiência, com abordagem qualitativa e natureza descritiva. O evento foi realizado no Shopping Praça Rio Grande, promovido pela Liga Acadêmica do Trauma da Universidade Federal do Rio Grande, no âmbito do projeto nacional Salvando Vidas. O público-alvo foi composto por frequentadores do shopping que participaram de forma espontânea. A ação contou com 34 acadêmicos e registrou 120 participantes. Observou-se maior interesse da população em aprender sobre a Obstrução de Vias Aéreas por Corpo Estranho. Identificou-se também desconhecimento quanto à sequência correta das manobras de desobstrução e da Reanimação Cardiopulmonar, com insegurança e erros técnicos. Conclui-se que a atividade ampliou o acesso ao conhecimento sobre emergências, especialmente às tempo-dependentes, estimulou o protagonismo comunitário e reafirmou a extensão universitária como instrumento de promoção da saúde.

Palavras-chave: Educação em Saúde; Extensão; Parada Cardiorrespiratória.

INTRODUÇÃO

No Brasil, as doenças cardiovasculares são responsáveis por cerca de um terço dos óbitos anuais, configurando-se como a principal causa de mortalidade no país (COFEN, 2024). Em 2023, mais de 388 mil mortes foram atribuídas a doenças do aparelho circulatório, entre as quais se destaca a Parada Cardiorrespiratória (PCR) (Brasil, 2024). Segundo Panchal et al. (2020), essa emergência clínica caracteriza-se pela ausência de atividade mecânica cardíaca eficaz, interrompendo abruptamente o fluxo sanguíneo para órgãos vitais. Embora possa ocorrer de forma súbita, em alguns casos é precedida por sinais de deterioração clínica. A interrupção da perfusão ocasiona hipóxia cerebral e colapso das funções vitais em poucos minutos, de modo que, quando não revertida prontamente, a PCR evolui para óbito.

Por esse motivo, a PCR é considerada uma emergência tempo-dependente. Cada minuto sem atendimento reduz em aproximadamente 10% as chances de sobrevivência, enquanto a intervenção imediata por meio da Reanimação Cardiopulmonar (RCP) e do uso do Desfibrilador Externo Automático (DEA) pode dobrar ou até triplicar a probabilidade de sobrevida. Estima-se ainda que cerca de 70% das PCRs extra-hospitalares ocorram em ambiente domiciliar, geralmente na presença de testemunhas leigas (Panchal et al., 2020). Nesse contexto, a capacitação da população para iniciar manobras de Suporte Básico de Vida (SBV) antes da chegada do atendimento especializado é determinante para o prognóstico (Brasil, 2016).

A efetividade dessas intervenções depende não apenas da disponibilidade de recursos tecnológicos, mas também da prontidão de pessoas leigas em reconhecer a emergência e agir com rapidez e precisão. Nesse cenário, a educação em saúde assume papel estratégico ao fortalecer o protagonismo comunitário em situações críticas que exigem resposta imediata.

Com esse propósito, iniciativas como o projeto nacional Salvando Vidas, desenvolvido pelo Comitê Brasileiro das Ligas Acadêmicas do Trauma (CoBraLT), ganham destaque ao promover, anualmente, o Dia Nacional da Reanimação Cardiopulmonar. O evento, realizado em espaços públicos e voltado a leigos, busca difundir conhecimentos sobre o reconhecimento e manejo precoce da PCR, alinhando-se aos princípios extensionistas e ao Plano Nacional de Enfrentamento das Doenças Crônicas Não Transmissíveis, que tem entre suas metas a redução da mortalidade prematura por doenças cardiovasculares por meio da prevenção, promoção da saúde e qualificação da atenção (CoBraLT, s.d.; Brasil, 2021).

OBJETIVO

Relatar a experiência no Dia da Reanimação Cardiopulmonar.

METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência, de abordagem qualitativa e natureza descritiva, fundamentado na vivência extensionista realizada em 14 de setembro de 2024, no Praça Rio Grande Shopping Center, em Rio Grande (RS). A ação foi promovida pela Liga Acadêmica do Trauma da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), em parceria com o CoBraLT, no âmbito do projeto Salvando Vidas. Embora a campanha ocorra tradicionalmente em agosto, em 2024 a data foi adiada em razão de eventos climáticos extremos que atingiram a região.

A atividade foi organizada em oito estações temáticas, estruturadas em formato teórico-prático e conduzidas por integrantes da liga. Os conteúdos abordaram o reconhecimento e manejo da PCR e da Obstrução de Vias Aéreas por Corpo Estranho (OVACE), contemplando diferentes faixas etárias: lactentes, crianças e adultos.

No caso da PCR, os participantes foram instruídos sobre avaliação da segurança do local, identificação do socorrista, verificação de responsividade e respiração, acionamento do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU), início imediato da RCP, utilização do DEA e cuidados pós-reversão.

No manejo da OVACE, destacou-se o reconhecimento dos sinais de obstrução, a identificação do socorrista e a execução das manobras de desobstrução. Ressaltou-se que casos de obstrução completa não revertida podem evoluir para PCR, exigindo o início imediato do protocolo de SBV.

O público-alvo foi composto por frequentadores do shopping, que participaram de forma espontânea. As atividades ocorreram nos três turnos (manhã, tarde e noite). No período da tarde, de maior fluxo, duas equipes atuaram em horários alternados, sempre supervisionadas por coordenadores. Para ampliar o alcance, os acadêmicos revezaram-se entre a condução das estações e a circulação pelo local, distribuindo folhetos informativos e convidando a comunidade a participar.

Foram utilizados tatames de Etileno-Vinil-Acetato (EVA), simuladores de RCP e OVACE, DEA e delimitadores de espaço, todos pertencentes à liga. Além disso, camisetas alusivas à data e folhetos informativos foram disponibilizados por instituições parceiras, sem custos aos integrantes. Por se tratar de um relato de experiência, não houve necessidade de apreciação ética pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A ação contou com a participação de 34 integrantes da Liga Acadêmica do Trauma, entre coordenadores, ligantes e suplentes. Foram registrados formalmente 120 participantes na lista de presença; contudo, o número real foi superior, pois diversas pessoas participaram sem efetuar o registro. Esse achado demonstra o interesse da comunidade e confirma o potencial de atividades em espaços públicos para difundir conhecimentos capazes de salvar vidas, contribuindo para a redução de sequelas e óbitos evitáveis.

Na estação em que a autora deste relato atuou, observou-se maior interesse da população em aprender sobre o manejo da OVACE, possivelmente pela frequência desses episódios no cotidiano, sobretudo em crianças. Segundo a Sociedade Brasileira de Pediatria (2023), cerca de 84% dos casos de OVACE acometem menores de cinco anos, faixa etária em que o risco é elevado pelo comportamento exploratório característico.

Outro aspecto relevante foi o desconhecimento da maioria dos participantes quanto à sequência correta das manobras de OVACE e RCP. Embora alguns apresentassem noções teóricas, a prática revelou insegurança e erros técnicos. Esse achado corrobora estudos como o de Carvalho et al. (2020), que apontam que mais de 60% dos entrevistados não se sentem preparados para agir em uma emergência e que 67% afirmam não saber o que é SBV. Esses resultados demonstram que lacunas persistem e reforçam a necessidade de treinamentos práticos regulares.

No cenário internacional, em 2003 o International Liaison Committee on Resuscitation (ILCOR) recomendou a inclusão do ensino de RCP nos currículos escolares, e, em 2004, a American Heart Association (AHA) propôs a capacitação de professores e estudantes nos Estados Unidos (Chamberlain; Hazinski, 2003). Esses exemplos evidenciam a importância de difundir o treinamento em SBV de maneira sistemática, precoce e universal, servindo de referência para políticas semelhantes no Brasil.

Destaca-se o papel do preparo prévio dos acadêmicos para o êxito do evento. Oficinas teórico-práticas de SBV e simulações clínicas realizadas anteriormente favoreceram a revisão de conteúdos, o aprimoramento técnico e o desenvolvimento da didática. Esse preparo possibilitou transmitir orientações de forma clara, objetiva e acessível ao público leigo, aspecto indispensável em atividades de extensão. Além disso, a experiência contribuiu para o desenvolvimento de competências técnicas, comunicacionais e éticas, fundamentais à formação dos futuros profissionais de saúde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente relato buscou compartilhar a experiência no Dia Nacional da Reanimação Cardiopulmonar, ressaltando a importância da capacitação da população leiga em SBV frente a episódios de PCR e OVACE. A ação demonstrou que atividades em espaços públicos são capazes de mobilizar a comunidade, ampliar o acesso ao conhecimento sobre emergências e promover aprendizado prático, fortalecendo a autonomia das pessoas para agir em situações críticas.

Por fim, ressalta-se o papel da extensão universitária como instrumento de promoção da saúde. Ao promover a conscientização sobre emergências tempo-dependentes e ao estimular o protagonismo comunitário no cuidado à vida, a experiência reafirma a relevância das iniciativas extensionistas como estratégias de educação em saúde, democratização do conhecimento e fortalecimento da cidadania, em alinhamento às políticas nacionais de saúde.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Ministério da Saúde**. Plano de Ações Estratégicas para o Enfrentamento das Doenças Crônicas e Agravos Não Transmissíveis no Brasil 2021-2030. Brasília: MS, 2021.

BRASIL. **Ministério da Saúde**. DATASUS – Sistema de Informações sobre Mortalidade. Brasília: MS, 2025.

BRASIL. **Ministério da Saúde**. Secretaria de Atenção Especializada à Saúde. Protocolo de Suporte Básico de Vida. Brasília: MS, 2016.

CARVALHO, L. M. M. de et al. Conhecimento da população leiga sobre manobras de ressuscitação cardiopulmonar. **Revista Medicina**, San José, v. 26, n. 1, p. 1-11, 2020.

CHAMBERLAIN, Douglas A.; HAZINSKI, Mary Fran. Education in Resuscitation. **Circulation**, v. 108, n. 20, p. 2575–2594, nov. 2003.

COMITÊ BRASILEIRO DAS LIGAS DO TRAUMA. Projeto Nacional Salvando Vidas. [S.I.], [s.d.].

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. Doenças cardiovasculares persistem como principais causas de morte no Brasil e no mundo. Brasília: COFEN, 2024.

PANCHAL, A. R. et al. Part 3: Adult Basic and Advanced Life Support: 2020 American Heart Association Guidelines for Cardiopulmonary Resuscitation and Emergency Cardiovascular Care. **Circulation**, v. 142, n. 16, p. 366-468, 2020.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. Aspiração de corpo estranho. Rio de Janeiro: SBP, 2023.